UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RAFAEL PRADO ENGELHARDT

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIRIGIDO A PESCADORES ARTESANAIS. PONTAL DO PARANÁ (PR)

CURITIBA
2008

UFPR - Centro de Estudos do Mar
BIBLIOTECA

RAFAEL PRADO ENGELHARDT

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIRIGIDO A PESCADORES ARTESANAIS. PONTAL DO PARANÁ (PR)

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Oceanografia, com ênfase em Gestão Ambiental Costeira, Centro de Estudos do Mar, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Naína Pierri Estades

CURITIBA
2008

TERMO DE APROVAÇÃO

Rafael Engelhardt

"PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL DIRIGIDO A PESCADORES ARTESANAIS. PONTALDO PARANÁ (PR)."

Monografia aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Oceanografia, da Universidade Federal do Paraná, pela Comissão formada pelos professores:

Profª. Dra.Lilian Mello (UFPR/DTPEN)

Profª. Dra.Cristina Teixeira (Departamento de Educação/UFPR)

Profª. Dra. Naína Pierri (UFPR/CEM)
Presidente

Pontal do Paraná, 05 de dezembro de 2008

Dedico este trabalho aos meus pais, Horst e Cristina, à minha irmã, Carolinne e à minha namorada, Raquel, pelo imenso apoio e companheirismo. Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais, Horst (Zé) e Cristina, pela paciência, carinho e imenso apoio em todos os momentos. Sou muito grato por tudo o que vocês fizeram e continuam fazendo por mim.

Agradeço a minha irmã, Carol, também pelo apoio e por ter agüentado os meus momentos de mau-humor durante essa trajetória. Ao meu primo Alexandre, pela grande parceria e momentos de descontração.

Agradeço a minha namorada Raquel, pelo imenso companheirismo. Você foi muito importante para que eu conseguisse chegar até aqui. Eu te amo muito!

Agradeço aos meus colegas de casa, Guilherme, Renan e Ricardo. Nesses 5 anos convivendo juntos vocês já se tornaram irmãos. Muito obrigado por proporcionarem momentos muito felizes na minha vida!!

Agradeço a toda GRR2004, minha querida turma de oceano. Vocês são todos muitos especiais.

Agradeço a minha querida orientadora Naína que, mesmo tendo passado por momentos muito difíceis nesse ano, nunca me negou apoio e orientação. Hoje você é mais do que uma professora e orientadora. Você é uma grande amiga!

Agradeço a Ana, Carol e Paula pela enorme ajuda na aplicação do curso. Sem vocês certamente esse trabalho não seria possível. Podem contar com minha ajuda para o que precisarem!

Agradeço ao Seu Jacó, por gentilmente ceder o espaço da EMATER para a realização do curso. Agradeço também a todos os pescadores que participaram do curso: Alysson, Ariel, Cleonice, Deverson, Douglas, Edinal, Gilmar, Jacir, Joaquim, Léo, Pedro e Sidney. Vocês são grandes pessoas. Não percam as esperanças de um futuro melhor para a pesca.

Deixo também meu agradecimento a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse concluir esse trabalho e assim me formar.

Tudo o que um sonho precisa para ser realizado é alguém que acredite que ele possa ser realizado.

Roberto Shinyashiki

RESUMO

O presente trabalho se trata da elaboração, execução e avaliação de um projeto de educação ambiental dirigido a pescadores artesanais do Litoral do Paraná, cujo tema é a crise dos recursos marinhos pesqueiros e como enfrentá-la. A pesca marinha vem passando por uma grave crise a nível mundial e muitos recursos têm apresentado diminuição nas suas capturas. As medidas de gestão pesqueira aplicadas até o momento no Brasil e no litoral paranaense não tiveram os resultados esperados no sentido de deter ou reverter dita crise na região. Diversos autores apontam que a falta de participação dos pescadores no processo de gestão pesqueira é uma das causas para essa situação. Por isso, o objetivo geral deste trabalho é o de contribuir para ampliar e qualificar a participação dos pescadores artesanais na gestão dos recursos pesqueiros, através de uma atividade de educação sócio-ambiental, enquadrada na concepção da EA crítica. Para isso foi elaborado um curso intensivo dirigido a pescadores artesanais, visando aportar informações consideradas relevantes e que viriam a problematizar a questão da gestão e a participação dos pescadores nela. Os temas escolhidas para serem tratados no curso foram: A situação dos recursos marinhos pesqueiros no mundo e no Brasil; A situação da pesca artesanal; O código de conduta para a pesca responsável (FAO, 1995), e a Gestão Pesqueira. O curso foi ministrado a pescadores artesanais do município de Pontal do Paraná (PR), com uma duração de 12 horas, distribuídas em três dias, em novembro de 2008. A sua execução esteve a cargo de uma equipe de estudantes de graduação e pós-graduação do Laboratório Sócio-ambiental do Centro de Estudos do Mar/UFPR, do qual o autor fez parte. Os recursos pedagógicos utilizados para transmitir as informações escolhidas foram aulas expositivas e uma oficina onde os participantes tiveram a oportunidade de discutir, intercambiar e elaborar propostas, com o objetivo de refletir sobre a realidade da gestão da pesca local e a possibilidade de melhorá-la. O curso foi avaliado tomando como base diferentes indicadores, mediante as técnicas de observação e um questionário respondido pelos participantes. Os resultados do curso permitem concluir que foram cumpridos os objetivos definidos. Destacam-se vários aspectos positivos, tais como o grande interesse e receptividade dos participantes, boas condições de replicabilidade, e o estreitamento dos laços de colaboração entre a Universidade e a comunidade, representada pelos pescadores.

Palavras chave: educação ambiental; recursos pesqueiros; pescadores artesanais; gestão pesqueira; litoral do Paraná.

ABSTRACT

The present study is about the elaboration, execution and evaluation of an environmental education project directed to artisan fishermen of Parana Coast, whose subject is the crisis of the fishing marine resources and how to confront it. The marine fisheries are passing through a serious worldwide crisis and many resources have presented decreasing in their catches. The measures of fishing administration applied up to the moment in Brazil and in the Parana Coast have not the expected results in the sense of stop or revert this crisis in the area. Several authors point that the lack of fishermen participation in the administration fishing process is one of the causes for this situation. Therefore, the general objective of this work is to contribute to enlarge and to qualify the participation of the artisan fishermen in the fishing resources administration, through an activity of social-environmental education, framed in its critical conception. For that, an intensive course was elaborated specially directed to artisan fishermen, seeking to contribute with information considered relevant to discuss the subject of the resources administration and the participation of fishermen in it. The themes chosen to be treated in the course are: The situation of the fishing sea resources in the world and in Brazil; The situation of the artisan fishing; the *Code of conduct for the responsible fishing* (FAO, 1995), and the Fishing Administration. The course was administered to artisan fishermen of the municipal district of Pontal do Parana (PR), with duration of twelve hours, distributed in three days, in November of 2008. The execution was under the responsibility of a group of graduation and master degree students of the Social-environmental Laboratory of the Marine Studies Centre of the Federal Universty of Parana, from which the author is part. The pedagogic resources used to transmit the chosen information were expositive classes and a dynamic activity where the participants had the opportunity to discuss, to exchange and to elaborate proposals, with the objective of reflect about the reality of the local fishing administration and the possibility of improving it. The course was evaluated through different indicators, taken by observation techniques and a questionnaire answered by the participants. The results of the course allow concluding that the defined objectives were accomplished. Several positive aspects can be outstanding, such as the great interest and receptivity of the participants, good replicate conditions, and the proximity between the University and the community, acted by fishermen participants.

Key-words: Environmental Education; Fishing Resources; Artisan Fishermen; Fishing Administration; Parana Coast.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

QUADRO 1 - COMPARAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL CONVENCIONAL E EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA/EMANCIPATÓRIA/POPULAR....26

QUADRO 2 - PASSOS PARA ELABORAÇÃO DE UM PEA, OBJETIVOS ESPECIFICOS DO PROJETO E TECNICAS UTILIZADAS....33

MAPA 1 - LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PONTAL DO PARANÁ....44

QUADRO 3 - O CRONOGRAMA PRETENDIDO PARA O CURSO....60

FOTOGRAFIA 1 - PROCEDIMENTO DE APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS NO PRIMEIRO DIA DE CURSO....76

FOTOGRAFIA 2 - PROGRAMAÇÃO, "VIVEIRO DE IDÉIAS" E "ACORDOS DE CONVIVÊNCIA" FIXADOS NA PAREDE....78

FOTOGRAFIA 3 - APRESENTAÇÃO DA APOSTILA....79

FOTOGRAFIA 4 - CAFE OFERECIDO AOS PARTICIPANTES NOS INTERVALOS DAS AULAS....80

FOTOGRAFIA 5 - APRESENTAÇÃO DA AULA 1....81

FOTOGRAFIA 6 - APRESENTAÇÃO DA AULA 2....82

FOTOGRAFIA 7 - DISCUSSÃO AO FINAL DA AULA 3....83

QUADRO 4 - CONCEITOS DE "PARTICIPAÇÃO" E "GESTÃO" 84

FOTOGRAFIA 8 - GRUPOS TRABALHANDO NA PRIMEIRA PARTE DA OFICINA....85

FOTOGRAFIA 9 - MONTAGEM DO PAINEL E EXPLICAÇÃO DOS CONCEITOS DA LITERATURA NA PRIMEIRA OFICINA....85

FOTOGRAFIA 10-MONTAGEM DO PAINEL DA SEGUNDA PARTE DA OFICINA: AS INSTITUIÇÕES E ATORES CITADOS PELOS PARTICIPANTES....86

FOTOGRAFIA 11-GRUPO 1 TRABALHANDO DURANTE A SEGUNDA PARTE DA OFICINA....87

FOTOGRAFIA 12-GRUPO 2 TRABALHANDO DURANTE A SEGUNDA PARTE DA OFICINA....87

QUADRO 5 - MAPEAMENTO E ANÁLISE DOS ATORES DA PESCA NO PARANÁ....88

FOTOGRAFIA 13-APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA SEGUNDA PARTE DA OFICINA....89

QUADRO 6 -RESULTADO DA PARTE 3 DA OFICINA....90

FOTOGRAFIA 14-PARTICIPANTE DURANTE A APRESENTAÇÃO DA TERCEIRA PARTE DA OFICINA....91

FOTOGRAFIA 15-PARTICIPANTE FIXA SUA "FOLHA" NA "ÁRVORE DOS SONHOS"....91

FOTOGRAFIA 16-PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO FINAL PELOS PARTICIPANTES....93

FOTOGRAFIA 17-PROCEDIMENTO DE ENTREGA DOS CERTIFICADOS AOS PARTICIPANTES DO CURSO....94

FOTOGRAFIA 18-EQUIPE E PARTICIPANTES DO CURSO APÓS A ENTREGA DOS CERTIFICADOS....94

QUADRO 7 -CRONOGRAMA CUMPRIDO....96

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 -PRODUÇÃO PESQUEIRA, POR MODALIDADE, SEGUNDO REGIÕES E ESTADOS DA REGIÃO SUL. BRASIL, 2006.....39

TABELA 2 -PRODUÇÃO ESTIMADA EM TONELADAS E PARTICIPAÇÃO RELATIVA DA PESCA EXTRATIVISTA TOTAL INDUSTRIAL E ARTESANAL POR REGIÕES, BRASIL, 2006.....40

TABELA 3 -NÚMERO DE PARTICIPANTES POR FAIXA DE IDADE.....68

TABELA 4 -NÚMERO DE PARTICIPANTES POR BAIRROS DO MUNICÍPIO.....68

TABELA 5 -NÚMERO DE PARTICIPANTES POR FAIXA DE ESCOLARIDADE....68

TABELA 6 -ATIVIDADES RELACIONADAS À PESCA REALIZADAS PELOS PARTICIPANTES.....69

TABELA 7 -TEMPO DE TRABALHO NA PESCA DOS PARTICIPANTES DO CURSO.....69

TABELA 8 -NÚMERO DE CURSOS JÁ REALIZADOS PELOS PARTICIPANTES.....70

TABELA 9 -TEMAS DOS CURSOS JÁ REALIZADOS PELOS PARTICIPANTES.....71

TABELA 10- NÍVEL DECLARADO DE CONHECIMENTO DOS PARTICIPANTES SOBRE A SITUAÇÃO DOS RECURSOS PESQUEIROS NO MUNDO, NO BRASIL E NO PARANÁ.....72

TABELA 11- NÍVEL DECLARADO DE CONHECIMENTO DOS PARTICIPANTES SOBRE A SITUAÇÃO DA PESCA ARTESANAL....73

TABELA 12- NÍVEL DECLARADO DE CONHECIMENTO DOS PARTICIPANTES SOBRE O CÓDIGO DE CONDUTA PARA A PESCA RESPONSÁVEL.....73

TABELA 13- NÍVEL DECLARADO DE CONHECIMENTO DOS PARTICIPANTES SOBRE O CONVÊNIO SOBRE O TRABALHO NO SETOR PESQUEIRO.....74

TABELA 14- NÍVEL DECLARADO DE CONHECIMENTO DOS PARTICIPANTES SOBRE A GESTÃO PESQUEIRA.....74

TABELA 15- MOTIVO DO INTERESSE DOS PARTICIPANTES PARA PARTICIPAR DO CURSO.....75

TABELA 16- EXPECTATIVAS DOS PARTICIPANTES EM RELAÇÃO AO CURSO.....75

TABELA 17- PRESENÇA DE CADA PARTICIPANTE PARA CADA DIA DE CURSO.....97

TABELA 18- GRAU DECLARADO DE INTERESSE DOS PARTICIPANTES PELAS AULAS SOBRE A SITUAÇÃO DOS RECURSOS PESQUEIROS NO MUNDO, NO BRASIL E NO PARANÁ.....98

TABELA 19- GRAU DECLARADO DE INTERESSE DOS PARTICIPANTES SOBRE O TEMA SITUAÇÃO DA PESCA ARTESANAL.....99

TABELA 20- GRAU DECLARADO DE INTERESSE DOS PARTICIPANTES SOBRE O TEMA CÓDIGO DE CONDUTA PARA A PESCA RESPONSÁVEL.....99

TABELA 21- GRAU DECLARADO DE INTERESSE DOS PARTICIPANTES SOBRE O TEMA GESTÃO PESQUEIRA.....100

TABELA 22- QUANTIDADE E QUALIDADE DAS INTERVENÇÕES DOS PARTICIPANTES DURANTE A AULA SITUAÇÃO DOS RECURSOS PESQUEIROS MARINHOS.....101

TABELA 23- QUANTIDADE E QUALIDADE DAS INTERVENÇÕES DOS PARTICIPANTES DURANTE A AULA SITUAÇÃO DA PESCA ARTESANAL.....102

TABELA 24- QUANTIDADE E QUALIDADE DAS INTERVENÇÕES DOS PARTICIPANTES DURANTE A AULA SOBRE O CÓDIGO DE CONDUTA PARA A PESCA RESPONSÁVEL.....103

TABELA 25- QUANTIDADE E QUALIDADE DAS INTERVENÇÕES DOS PARTICIPANTES DURANTE A AULA GESTÃO PESQUEIRA.....104

TABELA 26- AVALIAÇÃO DOS PARTICIPANTES PARA DIFERENTES ASPECTOS DO CURSO.....107

TABELA 27- SUGESTÕES DOS PARTICIPANTES PARA MELHORAR O CURSO.....108

TABELA 28- TABELA DE GASTOS DO CURSO.....114

LISTA DE SIGLAS

APA	- Área de Proteção Ambiental
CEM	– Centro de Estudos do Mar
EA	– Educação Ambiental
EMATER	– Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Rural
FAO	– Food And Agriculture Organization
GIA	- Grupo Integrado de Aqüicultura e Estudos Ambientais
IAP	– Instituto Ambiental do Paraná
IBAMA	– Instituto Brasileiro De Meio Ambiente E Recursos Naturais Renováveis
IBGE	– Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística
IPE	– Instituto de Pesquisas Ecológicas
LABSOC.	– Laboratório Sócio Ambiental do Centro de Estudos do Mar
OIT	– Organização Internacional do Trabalho
ONG	– Organização não Governamental
ONU	– Organização das Nações Unidas
PEA	– Projeto de Educação Ambiental
SEAP	– Secretaria do Estado Para Aqüicultura e Pesca
REA	- Rede de Educação Ambiental
SPVS	- Sociedade de Preservação da Vida Silvestre
UFPR	–Universidade Federal do Paraná
UNESCO	–Organização das Nações Unidas Para a Educação, Ciência e Tecnologia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....15
1.1 DEFINIÇÃO DO TEMA.....15
1.2 JUSTIFICATIVA.....17
1.3 DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS.....19
1.3.1 Objetivo geral.....19
1.3.2 Objetivos específicos.....19
2 MARCO TEÓRICO: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO INSTRUMENTO PARA A GESTÃO PESQUEIRA.....20
2.1 AS CONCEPÇÕES ALTERNATIVAS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....20
2.1.1 Origem e evolução do conceito de educação ambiental no contexto da atual crise ambiental.....20
2.1.2 Especificidades da concepção e a pratica da educação ambiental na América Latina. O conceito adotado por Brasil na Lei de E.A.....23
2.1.3 As grandes alternativas: educação ambiental naturalista e educação ambiental crítica.....24
2.2 A GESTÃO PESQUEIRA: CONCEITO, OBJETIVO E O PAPEL DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....27
3 METODOLOGIA.....29
4 ANALISE DE CONTEXTO.....34
4.1 A SITUAÇÃO DA PESCA MARINHA NO MUNDO.....34
4.2 A SITUAÇÃO DA PESCA NO BRASIL.....38
4.3 ÁREA DE ESTUDO: LITORAL DO PARANÁ.....43
4.4 A SITUAÇÃO DA PESCA NO LITORAL PARANAENSE.....47
4.5 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO LITORAL DO PARANÁ: A NECESSIDADE DE UM MODELO DE E.A. PARA PESCADORES ARTESANAIS DA REGIÃO.....50
5 DESCRIÇÃO DO PROJETO ELABORADO, APLICAÇÃO E AVALIAÇÃO.....53
5.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO ELABORADO.....53
5.1.1 Denominação, caráter e objetivos.....53
5.1.2 Conteúdo temático e bibliografia.....56
5.1.3 Recursos pedagógicos.....58
5.1.4 Instrumentos didáticos elaborados: apresentações em Power Point, apostila e oficina.....58
5.1.5 Instrumentos para o conhecimento dos participantes e suas expectativas.....59
5.1.6 Instrumentos de avaliação desenhados.....59
5.1.7 O cronograma idealizado.....60
5.1.8 Equipe técnica responsável pela elaboração e execução do curso.....61
5.1.9 Planejamento detalhado por etapas (prévia ao curso, execução do mesmo e posterior).....61
5.2 DESCRIÇÃO DA APLICAÇÃO DO CURSO.....62
5.2.1 Relato do realizado previamente: convite aos pescadores, problemas, decisão do local, data e hora, preparação de materiais didáticos, obtenção de equipamentos e outros elementos.....62
5.2.2 Características dos participantes.....67
5.2.3 Informação prévia sobre os temas do curso e expectativas dos participantes.72
5.2.4 Relato do realizado no curso.....75

5.2.4.1 Aplicação das enquêtes e demais procedimentos e atividades previstas.... 75
5.2.4.2 Desenvolvimento das aulas expositivas e da oficina.....81
5.2.4.3 Procedimentos Posteriores a finalização do curso.....92
5.3 AVALIAÇÃO DO CURSO.....95
5.3.1 Cumprimento ou não do planejado por etapas: causas, resultados positivos ou negativos.....95
5.3.2 Nível de presença dos participantes e continuidade.....97
5.3.3 Grau de interesse dos participantes: interesse gerado por tema, quantidade e qualidade das intervenções e atitudes..... 98
5.3.4 Grau de compreensão: qualidade das intervenções e das respostas às perguntas..... 105
5.3.5 Avaliação do curso por parte dos participantes.....106
5.3.6 Avaliação do curso por parte da equipe de execução.....109
5. 4 CONCLUSÕES.....110
5.4.1 Nível em que se atingiram os objetivos do curso..... 110
5.4.2 Avaliação da replicabilidade..... 112
5.4.3 Melhoras necessárias à luz desta experiência.....115
5.4.4 Caminhos para a continuidade.....116
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....117
REFERÊNCIAS.....119
APÊNDICES.....126

1 INTRODUÇÃO

1.1 DEFINIÇÃO DO TEMA

O litoral paranaense se localiza entre os paralelos 25° e 26° de latitude sul e 48° e 49° de longitude oeste. A zona costeira é recortada pelas baías de Paranaguá e Guaratuba. Enquanto a costa oceânica tem em torno de 100 km de longitude, as costas estuarinas têm, aproximadamente, 1.300 km (ANGULO, 1993). A Baía de Paranaguá faz parte de um grande complexo estuarino, denominado complexo estuarino da Baía de Paranaguá. Ele está situado ao norte da planície litorânea do Estado do Paraná e possui uma superfície de 601 km². Nele também são encontradas algumas enseadas como as do Benito, Itaquí e Medeiros e muitas ilhas. A Baía de Guaratuba, no extremo sul da zona costeira paranaense, é independente e consideravelmente menor e mais rasa do que a de Paranaguá. Portanto, o litoral do Paraná é bastante recortado, o que lhe confere grande diversidade biológica e de ambientes. Tais ambientes propiciam e favorecem o estabelecimento e manutenção de populações humanas que os utilizam para diversas atividades econômicas, como a portuária, a turística, e a pesca, sendo esta última uma das atividades mais tradicionalmente praticadas (MESSERLI & EHLERS, 1998; CALLIARI *et* al., 2000).

De um modo geral, a pesca sediada no estado é de pequena escala ou "artesanal". Segundo Paiva (1997), entre 1980 e 1994, esta modalidade foi responsável por 92,2 % da produção desembarcada na região. A pesca artesanal ou de pequena escala é aquela que possui finalidade comercial, utiliza embarcações de pequeno a médio porte, com propulsão motorizada ou não. Essa atividade possui pouca sofisticação nos apetrechos e insumos utilizados, com capacidade de produzir volumes pequenos ou médios de pesca e o trabalho é realizado em regime de economia familiar (SEAP, 2003).[1] As pescarias artesanais fornecem quantidade suficiente de proteína animal para as populações de baixa renda e, geralmente, são menos impactantes sobre os recursos pesqueiros do que as industriais, as quais

[1] A pesca artesanal é definida de forma diversa dependendo de diferentes concepções teóricas, de diferentes critérios técnicos e das diferentes realidades locais. Em outro capitulo se trata este tema mais em profundidade.

empregam um esforço muito maior (WELCOMME, 1985; BAYLEY & PETRERE, 1989; PAIVA, 1997).

A pesca artesanal disputa, hoje, recursos com grandes empresas de pesca industrial, que possuem infra-estrutura muito desenvolvida referente aos barcos e recursos de pesca. Mesmo assim, a pesca artesanal continua sendo responsável por um elevado número de empregos nas comunidades pesqueiras (MARQUES, 2001).

Atualmente, a pesca encontra-se sob grave crise em nível mundial, regional e local. Muitos dos principais recursos marinhos pesqueiros já se encontram em estado de sobre-exploração. O avanço tecnológico vem contribuindo para o desenvolvimento de instrumentos e técnicas de pesca cada vez mais eficientes e depredadoras, que tentam compensar a queda do rendimento. Esse cenário tem colocado em risco, principalmente, à pesca artesanal, que é praticada pela grande maioria dos pescadores a escala mundial, e da qual depende a sobrevivência econômica, social e cultural de inúmeras comunidades litorâneas. O Brasil e o litoral de Paraná não são alheios a essa situação geral.

Para enfrentar a crise dos recursos pesqueiros, aparece o instrumento denominado manejo ou gerenciamento da pesca, com o grande objetivo de assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos pesqueiros. O manejo é capitaneado pelo poder público estadual e implica estabelecer regras valendo-se de medidas de ordenamento (petrechos permitidos, estabelecimentos de tamanhos mínimos de captura, épocas de defeso, etc), que visem disciplinar a atividade pesqueira.

Entretanto, a gestão pesqueira tem enfrentado grande dificuldade em alcançar resultados satisfatórios em termos de controle da crise. As causas da ineficácia das políticas de gestão são múltiplas e é matéria de discussão. A literatura destaca a falta de conhecimento cientifico por parte dos tomadores de decisão para embasar corretamente as medidas, e a falta de recursos técnicos (materiais e humanos) apropriados e suficientes, resultando na falta de uma fiscalização eficiente. Vem-se colocando também a falta de participação dos pescadores nos processos de decisão sobre as medidas de gestão como uma das causas dessa ineficácia, porque não se aproveita o conhecimento acumulado que eles possuem dos recursos e do meio, e se ignora as formas de regulação instrumentadas pelos

pescadores que, muitas vezes, mostrou-se sustentável (POMEROY & RIVERA-GUIEB, 2006; BERKES et al. 2001).

Assim, a crise da atividade pesqueira, que já é muito grave, tem tendência de piorar a curto e médio prazo, pois as medidas de regulamentação até agora, conseguiram, no máximo, adiar o agravamento da sobre-pesca ou o colapso de algumas pescarias, sem, contudo, ter revertido a situação satisfatoriamente (DIAS NETO & DORNELLES, 1996).

Segundo Catella (2006), o modelo de gestão pesqueira atualmente em vigor no Brasil encontra-se vinculado a um governo central e paternalista que assume a responsabilidade de criar as leis e de exigir o seu cumprimento. Entretanto, muitos autores debatem sobre a necessidade de redefinir os papéis dos atores da pesca numa nova visão de manejo pesqueiro, na qual os pescadores também são agentes gestores da pesca. Por sua vez, isto requer que os atores estejam bem informados sobre temas relacionados à pesca, além da estarem unidos, organizados e com disposição a se comprometer na gestão. Essa situação os capacitaria para criar mecanismos para negociar entre si e com outros grupos. Um novo sistema, portanto, precisa ser configurado e para isso é necessário capacitar e incorporar esses atores no desempenho de um papel diferente na gestão pesqueira, visando sua maior eficácia (CATELLA, 2006).

1.2 JUSTIFICATIVA

O estado dos recursos pesqueiros marinhos do litoral paranaense ainda não foi corretamente avaliado, entretanto diversas fontes apontam elementos que indicam a diminuição dos estoques. Segundo Vasconcellos *et. al.* (2005), cerca de 58% das principais pescarias da região sul já não apresentam potencial para incrementarem suas capturas. Essa situação foi alcançada, principalmente, devido à pressão do esforço de pesca, a qual reflete a ineficácia das medidas de gestão que estão atualmente em vigor no Brasil.

Essa situação é problemática do ponto de vista ecológico, mas, sobretudo, do ponto de vista sócio-econômico, visto a grande quantidade de pessoas que dependem da pesca para sobreviver.

No litoral paranaense também é grande o número de pessoas que dependem direta ou indiretamente da atividade pesqueira para conseguirem seus meios de vida (estima-se entre 12 e 15.000 entre pescadores e seus familiares) (PIERRI & SILVA, 2008). Por isso, existe o desafio de capacitar a população de pescadores artesanais para enfrentarem a crise no setor pesqueiro participando mais ativamente dos processos de gestão da pesca que ali acontecem. Esse desafio cria um interesse especial em desenvolver um projeto educativo que contribua a atender as necessidades de informação e formação dos pescadores locais, e que, uma vez sistematizado, avaliado e melhorado, possa servir como modelo para ser replicado em outras comunidades litorâneas do estado e do país. Esse interesse, e as carências presentes no litoral do Paraná em matéria de educação sócio-ambiental concebida especificamente para pescadores artesanais, e com um enfoque social crítico, justificam a escolha por esse tema para elaborar a presente monografia dentro da especialização de Gestão Costeira do Curso de Graduação em Oceanografia do Centro de Estudos do Mar (CGO/CEM/UFPR).

Este projeto será desenvolvido no marco do Laboratório Sócio-ambiental do CEM que, desde 2003, desenvolve atividades de pesquisa e de extensão relativas à situação da atividade pesqueira e dos/as pescadores/as que dela dependem. Assim, além da orientação da responsável do Laboratório e sua estrutura, o projeto contará com a participação de mais três membros do mesmo, estudantes de graduação e de pós-graduação atuantes em pesquisa e em gestão costeira.

O presente trabalho se enquadra, especificamente, em dois projetos desenvolvidos pelo Laboratório Sócio-ambiental. Desde 2004, este desenvolve as atividades de pesquisa e extensão sobre pesca/pescadores com enfoque de gênero, como parte do Women/Youth and the Sea Programme do International Ocean Institute[2], do qual o CEM é a sede operacional da região Sudoeste do Oceano Atlântico. É assim que este trabalho conta com financiamento de dita instituição. Em segundo lugar, desde início de 2008, o Laboratório desenvolve o projeto *Produção de materiais para contribuir com a consciência política e de gênero das mulheres na pesca no Brasi*, junto com uma equipe de pesquisadores e ONGs de outras regiões

[2] O IOI é uma ONG internacional, com sede central em Malta, e que conta com 25 centros operacionais distribuídos no mundo todo. Opera desde 1972 na defesa do uso pacífico dos mares, na elaboração das leis internacionais que regulam o uso dos oceanos, e na defesa das populações costeiras. Ver: http://www.ioinst.org.

do país[3], que conta com apoio financeiro do ICSF- International Collective In Support of Fish Workers[4]. Desta forma, a experiência educativa gerada neste trabalho e os materiais didáticos produzidos poderão ser aproveitados para desenvolver processos similares em outras regiões do Brasil.

1.3 DEFINIÇÃO DE OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho é o de contribuir à ampliação e qualificação da participação dos pescadores artesanais do município de Pontal do Paraná (PR) na gestão dos recursos pesqueiros mediante uma atividade de educação sócio-ambiental dirigida a um grupo de pescadores interessados, se possível, lideranças.

1.3.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos desse trabalho são:

i. Determinar a situação ambiental que uma intervenção educativa dirigida aos pescadores deveria atender;
ii. Delinear, em termos gerais, dita intervenção educativa;
iii. Elaborar um projeto concreto inserido nessa proposta geral, suscetível de ser aplicado pelo autor, com apoio da equipe do Laboratório Sócio-ambiental e nos prazos impostos pelo CGO para elaborar esta monografia;
iv. Aplicar o projeto idealizado com um grupo de pescadores de Pontal do Paraná; e
v. Avaliar o cumprimento dos objetivos da proposta educativa aplicada extraindo algumas conclusões que sirvam para aprimorar futuras edições e para elaborar propostas novas que lhe dêem continuidade.

---

[3] Os parceiros desse projeto são: a Profa. Dra. Maria Cristina Maneschy (UFPA-PA), o Instituto Terra Mar (Fortaleza, CE) e o Conselho Pastoral da Pesca (Olinda, PE).

[4] O ICSF é uma ONG internacional, com sede em Chennai (Índia) e em Bruxelas (Bélgica) especializada em apoiar aos pescadores de pequena escala. É membro do Conselho Econômico e Social da ONU e está na lista especial de Organizações Internacionais não Governamentais da OIT. Também está vinculada à FAO. Ver: http://www.icsf.net.

2 MARCO TEÓRICO: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO INSTRUMENTO PARA A GESTÃO PESQUEIRA

Neste capítulo se apresentam os elementos teóricos da educação ambiental que são importantes no contexto deste trabalho, sendo estes: a origem e evolução do conceito de educação ambiental, as especificidades da concepção e a prática da EA na América Latina, o conceito adotado pelo Brasil, as diferentes concepções de educação ambiental (naturalista e crítica), e como a Educação Ambiental pode ser uma importante ferramenta para a gestão pesqueira. Por último é definida a concepção de EA adotada para o presente trabalho.

2.1 AS CONCEPÇÕES ALTERNATIVAS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

2.1.1 Origem e evolução do conceito de educação ambiental no contexto da atual crise ambiental

A questão ambiental vem sendo considerada de grande importância e urgência, pois o futuro da humanidade depende da relação existente com a natureza e do uso dos recursos naturais. Essa questão começou a ser mais fortemente discutida no início da década dos anos 60 do século XX, quando a sociedade começou a perceber o grau de degradação ambiental produzida e começou a temer o possível esgotamento de recursos. Os modelos de desenvolvimento econômico-sociais dominantes começaram a ser questionados e eram anunciadas catástrofes ambientais, caso nada fosse feito de imediato em relação a esse problema. Neste contexto, o movimento ambientalista ganha forças e atinge a sociedade em geral. Sendo assim, vários setores se mobilizam para cobrar dos governos atitudes que objetivassem a diminuição da degradação ambiental. Com o crescimento das organizações ambientalistas e a ampliação das suas ações, nasce a Educação Ambiental, com o objetivo de conscientizar à sociedade sobre a necessidade de

preservação do meio ambiente e o uso racional dos recursos naturais (BRASIL, 2005).

Segundo Novo (1995), o nascimento da EA ocorre em 1968, como movimento inovador que vai alcançar as instituições e estabelecer mudanças. Nesse ano, acontecimentos importantes dão o ponto de partida para o desenvolvimento da EA no mundo, sendo eles:

- Conferências preparatórias para o ano europeu da conservação, a celebrar-se em 1970 no Reino Unido. Nessa conferência preparatória foi criado o conselho para a educação ambiental;
- Os países nórdicos revisão seus programas de estudo, métodos e materiais educativos e estabelecem importantes aspectos quanto o desenvolvimento da EA;
- A abertura da escola de vida da França;
- Estudo comparativo sobre o meio ambiente na escola, realizado em 79 países pela UNESCO e que deveria ser o ponto de partida para iniciar uma campanha de EA.

Sendo assim, foi a partir de 1968 que o movimento da EA cresce em abrangência e importância. Após esse ano, diversos encontros, congressos e reuniões são realizados por todo o planeta, para discutir os seus objetivos, modalidades e metodologias. Três destas reuniões merecem destaque pela importância na definição de conceitos fundamentais de EA (GAUDIANO, 1999).

Em primeiro lugar, se destaca a Conferência das Nações Unidas sobre o meio humano (CNUMAD), que aconteceu em 1972 em Estocolmo. Nas reflexões e documentos produzidos nessa reunião já se opera uma evidente incorporação das dimensões ética, social e econômica na interpretação dos problemas ambientais, superando a mera visão conservacionista. Importantes documentos derivados dessa Conferência reconhecem a EA como sendo essencial para solucionar a crise ambiental atual. Nestes documentos se recomenda que a EA ultrapasse os âmbitos escolares, para ser dirigida a jovens e adultos. Também se recomenda que os agentes transmissores não devam ser somente os professores e sim todos os que tenham responsabilidades em difundir mensagens (NOVO, 1995).

Em 1975, ocorre na Yugoslávia o Seminário Internacional de Educação Ambiental de Belgrado (UNESCO). Deste seminário surgiu a *Carta de Belgrado*, que preconiza uma nova ética mundial para promover a erradicação da pobreza,

analfabetismo, fome, poluição, exploração e dominação humanas (OLIVEIRA, 2003). Nesse documento estão alguns conceitos relacionados à EA que são importantes referências até hoje. Esta carta coloca como meta da EA...

> Garantir que a população mundial tenha consciência do meio ambiente e se interesse por ele e por seus problemas conexos e que conte com os conhecimentos, aptidões, atitudes, motivações e desejos necessários para trabalhar individual e coletivamente na busca de soluções aos problemas atuais e para prevenir os que puderem aparecer em sucessivo (*Carta de Belgrado*, apud NOVO, 1995, p. 43).

Dois anos mais tarde celebrou-se em Tbilisi (ex-União Soviética), a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, organizada pela UNESCO e o PNUMA. Esse é considerado o evento mais importante da história da Educação Ambiental, pois nele foram estabelecidos os critérios e diretrizes que orientaram todo o desenvolvimento posterior da EA (NOVO, 1995). Nesse evento a EA foi definida como:

> ...um processo de reconhecimento de valores e clarificação de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A Educação Ambiental também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida.

Nessa reunião também se recomendou que a EA deveria atingir a pessoas de todas as idades em todos os níveis, estando presente tanto no âmbito da educação formal quanto informal, e, deveria incentivar a participação da população na resolução dos problemas ambientais de seu cotidiano. Estabeleceu-se também, nessa conferência, que a EA deveria ter enfoque global, ser permanente, e com base interdisciplinar (NOVO, 1995).

Quanto ao conceito de EA, nessa reunião, se aceitou que este também havia estado associado à mesma noção de meio ambiente prevalecendo então o modo como era percebido em seus aspectos físicos e biológicos, transitando agora a uma concepção mais ampla, com ênfase em seus aspectos econômicos e socioculturais e na correlação entre todos os aspectos (GAUDIANO, 1999).

2.1.2 Especificidades da concepção e a pratica da educação ambiental na América Latina. O conceito adotado por Brasil na Lei de E.A

Na América Latina a EA chegou atrasada devido aos processos históricos determinados pelos problemas sócio-políticos nas décadas de 70, 80 e 90 (ditaduras, neoliberalismo, incremento da pobreza). Entretanto, foi justamente devido a esses problemas que a EA que chegou nessa região se desenvolveu com especificidades próprias.

A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Humano realizada em Estocolmo em 1972 não representou um evento de grande interesse para a região (GAUDIANO, 1999). Dois anos mais tarde, o PNUMA e a UNESCO realizam em Cocoyoc (México), o Seminário sobre Modelos de Utilização de Recursos Naturais, Meio Ambiente e Estratégias de Desenvolvimento. Nesse evento, a problemática ambiental foi vista mais como sócio-econômica, cultural e política do que como ecológica (GAUDIANO, 1999).

Para Gaudiano (1999) a história da EA na América Latina é singular respeito ao ocorrido em outras regiões do mundo. Segundo esse mesmo autor, isso se deve a um conjunto de fatores, entre eles, fatores culturais, políticos, sociais, econômicos e pedagógicos. Gaudiano ainda afirma que um bom indicador destas diferenças regionais é o uso de determinados conceitos associados à EA que não são empregados com o mesmo significado em distintas regiões. Para ele, a especificidade mais destacada é que a EA no contexto latino-americano está comprometida politicamente com as lutas sociais.

No contexto brasileiro, a educação ambiental não traçou um caminho linear, passando por muitos percalços para sua implantação e desenvolvimento, tanto no ensino formal, quanto nos âmbitos não-formal e informal (PEDRINI, 2002). Existem registros de projetos e programas de EA no Brasil desde a década de 70, entretanto foi efetivamente em meados da década de 1980 que ela começou a ganhar dimensões públicas de grande relevância (LOUREIRO *et. al.,* 2003). Assim como no contexto latino-americano, no Brasil, a EA se desenvolveu sob influencia de fatores políticos e econômicos, e por isso também apresentou especificidades próprias.

Segundo Pedrini, (1997), a EA foi formalmente instituída no Brasil, pela lei federal de nº 6.938, sancionada em 31 de agosto de 1981, quando foi criada a

Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA). Entretanto, Loureiro *et. al.,* (2003), afirma que, em termos oficiais e de destaque para o conjunto da sociedade, a EA aparece somente em 1988 com a Constituição Federal. No Capítulo sobre Meio Ambiente da Constituição, se lê que compete ao poder público "promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente".

Em 1999, é publicada a Lei 9.795/99, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Essa Lei federal definiu EA da seguinte maneira:

> Art. 1º. Entende-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

Loureiro *et. al.,* (2003) destaca o artigo 2º da lei, em que se reforça:

> A educação ambiental é um componente permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em seu caráter formal e não-formal.

Cabe ainda destacar o artigo 4º desta lei que aborda os princípios básicos da educação ambiental. Nele se afirma que o meio ambiente deve ser interpretado considerando a interdependência entre os meios natural, sócio-econômico e cultural.

2.1.3 As grandes alternativas: educação ambiental naturalista e educação ambiental crítica

De acordo com Dias (2003), os conceitos de Educação Ambiental evoluíram em conjunto com a evolução dos conceitos de meio ambiente, e dependem das concepções éticas e políticas com que se interpreta a questão ambiental contemporânea.

Em um primeiro momento, a EA, sob influência do movimento ambientalista, procurava envolver a sociedade em ações ambientalmente corretas, visando, de preferência, a conservação da natureza. Ou seja, considerando, principalmente, os

aspectos de ordem ecológica. Atualmente, ainda existem muitas atividades de EA com essência conservacionista, entretanto, avançou muito a consciência da necessidade de se incluir as questões sociais, econômicas, históricas, culturais e outras que influenciem diretamente as inter-relações das sociedades com o meio (MADUREIRA & TAGLIANI, 1997).

É nesse sentido que Medeiros (2005) e Pierri (2007) afirmam que a EA pode ser vista através de duas grandes abordagens. A primeira é a abordagem ecológico-conservacionista, centrada na defesa da natureza (ecocentrista), que procura incentivar valores e condutas individuais que visem o cuidado ambiental. A outra é a abordagem sócio-ambiental (antropocentrista) que procura incentivar as mudanças sociais necessárias para possibilitar a satisfação das necessidades da maioria, com responsabilidade ambiental. É muito difícil que um projeto ou atividade de EA seja totalmente voltado para a abordagem ecológico-conservacionista ou para abordagem sócio-ambiental. Normalmente a EA é uma combinação dessas duas diferentes percepções, dada a presença de vários atores envolvidos, sendo que em alguns casos predomina a essência ecológico-conservacionista e em outras a sócio-ambiental.

Diversos autores apontam para a existência de duas concepções principais da Educação Ambiental: a EA convencional ou naturalista e a EA crítica/emancipatória/popular [5].

A EA convencional aponta a espécie humana como causadora e vítima da crise ambiental, enquanto a EA crítica identifica sujeitos sociais específicos, com diferentes níveis de responsabilidade e de exposição aos problemas ambientais (LAYRARGUES, 2002) (Quadro 1). Para Layrargues (2002), a EA convencional aponta a falta de conhecimento dos sistemas ecológicos como causador da crise ambiental, e por isso insiste em que a prática pedagógica deve estar voltada ao ensino da ecologia; já a EA crítica aponta que a crise ambiental é causada pelos processos de desdobramento da apropriação privada dos recursos humanos e

[5] Indicações Bibliográficas de EA crítica: LAYRARGUES, P. P. (org.) Identidades da Educação Ambiental Brasileira. Brasília: MMA, 2004. LOUREIRO, C. F. B. O Movimento Ambientalista e o Pensamento Crítico: uma abordagem política. 2a edição. Rio de Janeiro: Quartet, 2006. LOUREIRO, C. F. B.; AZAZIEL, M. e FRANCA, N. Educação Ambiental e Gestão Participativa em Unidades de Conservação. 2a edição. Rio de Janeiro: Ibase/Ibama, 2005. LOUREIRO, C.F.B., LAYRARGUES, P.P. & CASTRO, R. S. (orgs.). Educação Ambiental: repensando o espaço da cidadania. 3a edição. São Paulo: Cortez, 2005. OLIVEIRA, E. M. de Cidadania e Educação Ambiental: uma proposta de Educação no processo de gestão ambiental. Brasília: edições Ibama, 2003.

naturais, e por isso, as práticas pedagógicas devem estar voltadas não só aos sistemas ecológicos, mas também ao funcionamento dos sistemas sociais. Outra diferença entre as duas concepções está nas soluções propostas por cada uma para superar a crise ambiental: a EA convencional aposta na mudança da postura individual para solucionar a crise, enquanto a EA crítica aponta que a solução só se dará com a mudança de postura no âmbito coletivo, ou seja, com mudanças sociais.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Convencional	**Crítica/Emancipatória/Popular**
Localiza as raízes da crise ambiental na perda da capacidade de "leitura do livro da natureza"	Localiza as raízes da crise ambiental na estruturação do capitalismo e respectivos valores
Prioriza a ação pedagógica voltada ao ensino do funcionamento dos sistemas ecológicos	Prioriza a ação pedagógica voltada à reflexão do funcionamento dos sistemas sociais
Abordagem global dos problemas ecológicos	Abordagem local dos problemas ecológicos
Aponta soluções de ordem moral e técnica	Aponta soluções de ordem política
Aponta soluções no âmbito do indivíduo	Aponta soluções no âmbito coletivo
Promove mudanças de comportamento	Promove uma leitura crítica da realidade
Foco voltado à conservação da natureza, entendida como "recurso natural"	Foco voltado à eliminação dos riscos ambientais e tecnológicos
Concepção reducionista da problemática sócio-ambiental (separa o social do natural)	Concepção complexa da problemática sócio-ambiental (une o social com o natural)
Conceitos: ecologia, natureza, população, comunidade, ecossistema, bioma, biosfera, habitat, nicho ecológico, níveis de organização, espécie biológica, fauna e flora, fatores ecológicos, fatores bióticos e abióticos, relações ecológicas, ciclo da matéria, fluxo de energia, poluição, eutrofização, biodiversidade, etc.	Conceitos: Estado, mercado, sociedade, governo, poder, política, ideologia, alienação, classe, democracia, autoritarismo, tecnocracia, justiça social, distribuição de renda, exclusão social, mobilidade, cidadania, participação, público e privado, indivíduo e coletivo, sociedade e comunidade, produção e consumo, etc.

QUADRO 1- COMPARAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL CONVENCIONAL E EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA/ EMANCIPATÓRIA/POPULAR
FONTE: extraído e adaptado de LAYRARGUES (2002).

Para autores como Layrargues (2002), a Educação Ambiental crítica é um processo educativo de caráter político, que objetiva desenvolver nos educandos a habilidade de avaliar a incompatibilidade do atual sistema, baseado no lucro e no individualismo, com a equidade social; o desenvolvimento de cidadãos com consciência crítica, referente às instituições, grupos e atores sociais geradores de riscos e conflitos sócio-ambientais; e a busca do enfrentamento destes conflitos a

partir de meios coletivos de exercício da cidadania, dentro da criação de políticas públicas participativas, na perspectiva da gestão ambiental democrática.

2.2. A GESTÃO PESQUEIRA: CONCEITO, OBJETIVOS E O PAPEL DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A FAO (1997, p.7) define gestão de uma pescaria como sendo...

> ...o processo integrado de agrupamento de informações, análise, planejamento, consulta, tomada de decisões, alocação de recursos e implementação das regulamentações ou normas que governam as atividades pesqueiras, de modo a assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos e o alcance de outros objetivos das pescarias.

Portanto, o objetivo da gestão pesqueira é promover a sustentabilidade da atividade através da adoção de medidas de regulamentação.

A gestão pesqueira é um processo muito importante que deve estar inserido na gestão ambiental dos municípios litorâneos. O objetivo maior da gestão pesqueira, que é a sustentabilidade das capturas, está diretamente relacionado ao objetivo da gestão ambiental costeira, que busca soluções para os problemas costeiros e a melhora na qualidade de vida das populações locais. A educação ambiental é fundamental na obtenção dos objetivos e metas estabelecidas para uma adequada gestão ambiental, em qualquer localidade, rural ou urbana (PHILIPPI Jr. *et. al.*, 2004).

Para Philippi Jr. *et. al.* (2004), a participação da sociedade civil possibilitará uma interferência positiva na gestão pública, constituindo-se num fator determinante na escolha de prioridades e na tomada de decisões. Para os mesmos autores, essa participação, que é um direito social, deve ter um caráter processual, coletivo e ser transformadora, gerar uma intervenção consciente, feita por cidadãos críticos, sobre situações que lhes dizem respeito e dizem respeito à comunidade de que fazem parte e que representam.

Os processos de gestão ambiental adotam, no fundamental, dois enfoques distintos: o técnico, que se coloca a serviço da conservação, e Concepção complexa da problemática sócio-ambiental (une o social com o natural) que convoca a EA naturalista; e o enfoque sócio-ambiental, que se coloca a serviço de satisfazer as

necessidades da maioria da população e especialmente dos menos favorecidos, com responsabilidade ambiental, que convoca a EA crítica.

A concepção de EA escolhida para elaborar a proposta educativa para pescadores artesanais do litoral paranaense é a EA crítica/emancipatória/popular, pois o que se pretende com essa proposta é ultrapassar a visão meramente conservacionista, propondo aos pescadores uma leitura crítica da realidade, mostrando aos mesmos que a resolução dos problemas ambientais não se limita somente a conservação do meio ambiente e sim na união dos objetivos sociais e naturais. Acredita-se que essa tipologia é a mais adequada para atender a essa proposta educativa para pescadores, pois o a pretensão maior desse projeto é promover nos pescadores a visão de que a melhoria do meio ambiente local é necessária para melhoria em suas qualidades de vida, e que para isso eles devem participar coletivamente dos processos políticos de gerenciamento das pescarias. A EA convencional não atenderia a esses objetivos dessa proposta educativa, já que essa tipologia faz uma abordagem global dos problemas ecológicos, aponta soluções somente no âmbito individual e tem foco voltado à conservação da natureza, que é entendida como "recurso natural".

Por isso, o que se pretende com essa proposta educativa é mostrar que um projeto de EA com essência crítica para pescadores é viável, apontando um caminho diferente daquele sugerido por grande parte da iniciativas de EA formal, ou mesmo propostas por ONGs ambientalistas, identificadas com a visão ecologista.

3 METODOLOGIA

A metodologia do presente trabalho segue os passos definidos na literatura especializada para elaborar e aplicar Projetos de Educação Ambiental.

Essa metodologia parte do modelo geral de metodologias de elaboração de projetos; segue pela adaptação desta ao caso de projetos educativos; e culmina na adequação à especificidade da educação ambiental, em termos de tema, características da EA, modalidades e públicos diversos (WOOD & WOOD, 2008).

A literatura é bastante homogênea quando descreve os passos que devem ser seguidos para elaborar um PEA. Pegando o modelo mais exaustivo dos encontrados na revisão realizada (MELLO, 2006), estes seriam:

i. **Análise do Contexto**: quais são as características e problemas que apresenta o meio físico e o entorno sociocultural em que a atividade educativa vai se desenvolver;

ii. **Seleção e Análise do Perfil do público-alvo**: idade média ou faixas etárias; características socioculturais; expectativas; nível médio de informação/formação geral e ambiental; principais centros de interesse; relação dos participantes com a instituição que gere os programas; etc.;

iii. **Planejamento curricular**:
   - estabelecer quais serão os critérios educativos e as metodologias que irão orientar à equipe responsável do curso;
   - estabelecer os seguintes aspectos: objetivos, conteúdos do programa, recursos didáticos e materiais, atividades, técnicas e instrumentos de avaliação;
   - realizar o plano geral de ações para a instrumentação do curso;

iv. **Execução do projeto**;

v. **Avaliação**: análise dos processos e resultados: pontos positivos e negativos do curso e determinação de causas; medida em que foram atingidos os objetivos; e

vi. **Conclusões**: mudanças a serem efetuadas ao projeto para novas edições.

WOOD & WOOD (2008), por exemplo, definem basicamente os mesmos passos, nem que com denominações diferentes:

i. **Identificação dos problemas ambientais** específicos a serem encarados pelo programa educativo, e a determinação das soluções técnicas dos problemas;
ii. **Identificação e conhecimento do público** que se tem em mente para o programa;
iii. **Elaboração da mensagem** a ser levada a este público;
iv. **Seleção dos meios** para fazer chegar a mensagem desejada; e
v. **Avaliação e mudanças** a serem introduzidas no programa, sempre que necessário.

As diferenças com Mello (2006) são que o primeiro passo, em vez de prever uma análise geral do contexto físico e sócio-cultural, se formula mais concretamente como identificação do problema ambiental a ser problematizado pelo PEA, e colocam que se devem determinar as "soluções técnicas" destes, que interessam como parte da compreensão dos problemas e dos conteúdos a serem repassados. Nesta lista não aparece a execução, que resulta sobre-entendida e a avaliação e as conclusões (eventuais mudanças) estão juntas no último passo.

Já Dos Santos (2008), coloca um passo anterior que seria escolher o local onde seria efetivado o programa, sendo os seguintes passos os mesmos colocados pelos outros autores citados. Obviamente que, dependendo da situação de partida de quem se propõe um PEA, as primeiras etapas exigirão ou não definir o local e o público, já que podem estar definidos de antemão, por diversas razões. Outras vezes, o estudo dos problemas ambientais presentes e do público alvo também podem ser dispensáveis, pois podem já estar feitos. Já as seguintes fases, que constituem a definição do projeto em si, são absolutamente necessárias.

O presente trabalho não necessitou começar por uma análise de contexto geral para ver quais problemas ambientais e sócio-culturais haviam na região escolhida e que necessitavam de intervenção, senão que partiu de definir o problema que seria abordado no PEA, do qual já tinha um conhecimento geral prévio. E não o definiu apenas como "problema ambiental" senão como sócio-ambiental, no caso, a crise dos recursos pesqueiros, não resolvida eficazmente pela gestão da pesca existente, e na qual os pescadores pouco participam. Também se definiu previamente o local, no caso, o litoral do Paraná, por ser o local de ação da

equipe responsável do PEA (Laboratório Sócio-ambiental do CEM). Definiu-se também previamente o público alvo como sendo os pescadores artesanais desse litoral. Para o curso ser executado de imediato, pois é o objeto desta monografia, se limitou a um grupo de pescadores artesanais do Município de Pontal do Paraná.

Os objetivos específicos definidos neste trabalho seguem, pois, os passos que a literatura recomenda para a elaboração e aplicação de PEAs, como mostra o Quadro 2.

As técnicas utilizadas para cumprir cada objetivo foram :

i. Em relação ao primeiro passo (análise de contexto) e ao primeiro objetivo da monografia (determinar a situação a atender), se realizou revisão bibliográfica da literatura sobre recursos pesqueiros e gestão costeira, o que se complementou com o conhecimento já existente dos membros do Laboratório Sócio-ambiental sobre a realidade da pesca e os pescadores do Litoral do Paraná;

ii. Em relação ao segundo passo da elaboração de um PEA (seleção do público alvo e estudo do seu perfil), não foi definido um objetivo específico da monografia, mas foi incluído no desenvolvimento de outros. Para dar conta deste aspecto, também se realizou revisão bibliográfica sobre a pesca artesanal e os pescadores do Litoral do Paraná, o que se complementou com o conhecimento já existente do tema na equipe executora. Também foi desenhada e aplicada uma enquête aos participantes do curso, antes do seu início, para levantar os seus dados básicos e informações sobre o conhecimento prévio dos temas a serem abordados e as suas expectativas. As informações obtidas foram ingressadas numa base de dados, agrupadas, tabuladas e interpretadas;

iii. O terceiro passo de elaboração de um PEA (planejamento curricular) foi instrumentado através de dois objetivos da monografia (delinear a intervenção educativa geral necessária, e elaborar o projeto concreto aplicável no imediato). As técnicas utilizadas foram: definição de objetivos, conteúdos temáticos e formas de implementação pedagógica do curso; elaboração de materiais didáticos; definição de formas, técnicas e instrumentos de avaliação; determinação dos recursos necessários (materiais e humanos); e um planejamento detalhado por fase, organizado numa planilha.

iv. O quarto passo e objetivo referem à execução do PEA. Esta se realizou mediante convite aos participantes através dos representantes e lideranças dos pescadores, definindo conjuntamente local, dias e horas do curso. E este se realizou mediante aulas expositivas e uma oficina;

v. O quinto passo e objetivo (avaliação do PEA e conclusões) foi instrumentado através de: registro da presença dos participantes; disposição de um relator permanente ao longo de curso, levantando o uso do tempo/atividades, quantidade e qualidade da participação e atitudes dos participantes, do qual se elaborou em seguida um informe; registros fotográficos permanentes, dos quais se realizou uma seleção; aplicação de uma enquête de avaliação preenchida pelos participantes cujas informações foram inseridas numa base de dados, a partir do qual se agruparam e tabularam, para serem analisadas; e, por último, realizou-se uma reunião de avaliação da equipe da qual se elaborou em seguida um relato (Quadro 2).

Finalmente, a partir de todos estes elementos, se redigiu a presente monografia.

UFPR - Centro de Estudos do Mar
BIBLIOTECA

PASSOS PARA ELABORAÇÃO DE UM PEA (*)	OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA MONOGRAFIA	TECNICAS UTILIZADAS
1. Análise do Contexto de intervenção Identificação do problema sócio-ambiental	1. Determinar a situação sócio-ambiental que uma intervenção educativa dirigida a pescadores deveria atender	- Revisão bibliográfica - Conhecimento dos membros do Labsoc do Cem sobre a pesca e a gestão pesqueira no Litoral do PR e a participação dos pescadores nesta.
2. Seleção e estudo do perfil do público alvo	Não foi definido como objetivo independente	- Revisão bibliográfica - Conhecimento dos membros do Labsoc do Cem dos pescadores do Litoral do PR - Enquête inicial aplicada aos participantes do curso - Processamento de dados da enquête, tabulação e análise
3.Planejamento curricular/ Definição da mensagem a ser passada/ Seleção dos meios para fazer chegar essa mensagem	2. Delinear, em termos gerais, dita intervenção educativa; 3. Elaborar um projeto concreto inserido nessa proposta geral, suscetível de ser aplicado pela equipe no prazo estabelecido.	- Definição de objetivos, conteúdos temáticos e formas de implementação pedagógica - Elaboração de materiais didáticos - Definição de formas e técnicas de avaliação - Recursos necessários (materiais e humanos) - Planejamento detalhado por fase
4. Execução do PEA	4. Aplicar o projeto idealizado com um grupo de pescadores de Pontal do Paraná	- Convite aos pescadores; definição conjunta de local, data e horários - Aulas expositivas e oficina realizadas entre o 11 e 14 de novembro de 2008
5. Avaliação e Conclusões	5. Avaliar o cumprimento dos objetivos da proposta educativa aplicada extraindo algumas conclusões que sirvam para aprimorar futuras edições e para elaborar propostas novas que lhe dêem continuidade.	- Lista de presença - Disposição de um relator permanente ao longo de curso, levantando o uso do tempo/atividades, quantidade e qualidade da participação e atitudes dos participantes - Informe do relato - Registros fotográficos, seleção. - Enquête de avaliação preenchida pelos participantes - Processamento de dados da enquête, tabulação e análise - Reunião de avaliação da equipe e elaboração do relato

QUADRO 2- PASSOS PARA ELABORAÇÃO DE UM PEA, OBJETIVOS ESPECIFICOS DO PROJETO E TECNICAS UTILIZADAS

(*) FONTE: Mello (2006); Wood & Wood (2008).

4 ANÁLISE DO CONTEXTO

4.1 A SITUAÇÃO DA PESCA MARINHA NO MUNDO

A pesca de captura marinha é a principal contribuinte para a produção pesqueira mundial. Segundo a FAO (2005), em 1950, as capturas marinhas somaram 16,7 milhões de toneladas, representando 86% do total mundial de produção pesqueira. Em 1980, esse número foi de 62 milhões de toneladas, também representando 86% do total. Contudo, nas últimas décadas tem havido uma expansão mais rápida da aqüicultura marinha e continental, e a contribuição relativa da pesca de captura marinha ao total da produção pesqueira mundial tem diminuído. Por outro lado, o total das capturas continua aumentando, embora em um ritmo inferior ao da aqüicultura.

Em 2004, de uma produção pesqueira mundial de 140,5 milhões de toneladas, aproximadamente 61% (85,8 milhões de toneladas) aconteceu mediante a exploração de recursos pesqueiros silvestres do oceano. A aqüicultura marinha e continental representou, aproximadamente, 32%, e a pesca de captura em águas continentais correspondeu a 7% do restante (FAO, 2007).

Depois de alcançar 80 milhões de toneladas ao final dos anos oitenta, as capturas marinhas mundiais flutuaram entre 77 e perto de 87 milhões de toneladas, com um máximo de 86,7 milhões em 2000, uma queda para 84,4 milhões em 2002, e um aumento para 85,8 milhões de toneladas em 2004 (FAO, 2007).

As áreas marinhas com maior produção de pescado correspondem à do Pacífico Noroeste, que, em 2004, produziu 21,6 milhões de toneladas de pescado, seguida pelo Pacífico Sudeste, com produção de 15,5 milhões de toneladas, e pelo Pacífico centro-oeste que produziu 11 milhões de toneladas no mesmo ano (FAO, 2007).

Quanto aos países, os maiores produtores mundiais de pescado marinho, no ano de 2004, foram a China (16,6 milhões de toneladas), seguida por Peru (8,8 milhões de toneladas), EUA (4,9 milhões de toneladas), Indonésia (4,5 milhões de toneladas), Japão (4,4 milhões de toneladas), Chile (4,3 milhões de toneladas), Índia (3,8 milhões de toneladas), Rússia (3,2 milhões de toneladas), Tailândia (2,9

milhões de toneladas) e Noruega (2,7 milhões de toneladas) (FAO, 2007). A pesca extrativa marinha brasileira, em 2006, produziu 527.871,5 toneladas de pescado (IBAMA, 2008).

As principais espécies marinhas capturadas no mundo para o ano de 2004 foram a anchoveta (*Engraulis ringens*), principal recurso do Peru, com 10,7 milhões de toneladas capturadas, seguida pelo Colín do Alaska (*Pleuronectes quadrituberculatus*) com 2,7 milhões de toneladas, e o verdinho (*Micromesistius poutassou*) com 2,4 milhões de toneladas (FAO, 2007).

Em 2002, existiam cerca de 38 milhões de pessoas que se dedicavam ao setor primário da atividade pesqueira em todo o mundo, sendo que 85 % desses estão concentrados na Ásia. Calcula-se que outras 100 milhões de pessoas participam em outras ocupações relacionadas com a pesca. O total estimado de pessoas empregadas direta ou indiretamente na pesca e aqüicultura no mundo para o ano de 2002 foi estimado em cerca de 135 milhões (FAO, 2006).

Uma avaliação da FAO, realizada em 2004, sobre o estado de exploração das principais espécies capturadas, demonstrou que 16% encontram-se sobre-exploradas, 7% esgotadas e 1% estão em estado de recuperação. Essas espécies não apresentam potencial para crescimento de suas capturas. A avaliação ainda demonstrou que 52% das principais espécies capturadas estão em estado de plenamente exploradas, produzindo capturas muito próximas ao limite máximo sustentável, e também não apresentam margem para crescimento. As espécies que apresentam potencial para aumento correspondem a 24%, sendo que 21% dessas encontram-se moderadamente exploradas, e 3% sub-exploradas (FAO, 2005).

Segundo a FAO (2005), existe ainda uma tendência constante, que acontece desde 1974, de diminuição da porcentagem de pescarias que apresentam potencial para expansão e o aumento da porcentagem de pescarias sobre-exploradas e esgotadas. Todo esse panorama alerta sobre a necessidade de um planejamento mais rigoroso para repor as populações esgotadas e evitar que ocorra o mesmo com outras populações de recursos marinhos que são exploradas.

Diversos fatores confirmam essa situação agravante. Dentre eles, a substituição de recursos valiosos do ponto de vista econômico e tradicionalmente capturados, por espécies até então consideradas de pouco valor. Outro indicador dessa situação de sobre-pesca é a diminuição do tamanho médio do pescado capturado e alterações nos ciclos biológicos dessas espécies.

Dentre as várias causas apontadas como responsáveis pelo agravamento da situação dos principais recursos, citam-se o excesso de esforço de pesca, o desenvolvimento tecnológico e os subsídios.

Diversos autores apontam o excesso de capacidade de pesca como a causa mais visível e ameaçadora da viabilidade da exploração dos recursos pesqueiros. Mace (1997) constatou que, entre 1970 e 1992, a quantidade de esforço de pesca dobrou. O número de embarcações com convés, nesse período, passou de 580.980 para 1.178.160, enquanto o número de barcos de pequeno porte, sem convés, passou de 1,5 milhão para 2,3 milhões. Outro estudo concluiu que a qualidade do esforço de pesca praticamente quadriplicou entre 1965 e 1995 (FITZPATRICK, 1995, apud. MACE, Op. cit.). O aumento de qualidade deveu-se ao desenvolvimento tecnológico dos apetrechos, das técnicas de pesca, dos equipamentos de navegação por satélite e de localização de cardumes, entre outros. Em 1992, a FAO, chega a conclusão de que a frota pesqueira mundial sobrepassava em pelo menos 30% a capacidade necessária para capturar todos os estoques comerciais do mundo. Esse crescimento da capacidade de pesca mascara uma diminuição de 25% do rendimento mundial em espécies de alto valor. Mundialmente, o custo e o esforço necessários para capturar o pescado são cada vez maiores (McGINN, 1998).

Diversos fatores contribuíram para que se chegasse a esse excesso de capacidade de pesca. Um deles foi a modificação dos navios bélicos, após o fim da Segunda Guerra Mundial, para serem aproveitados na pesca. Ao mesmo tempo, diversas entidades de ajuda financeira internacional começaram a oferecer créditos aos países do Terceiro Mundo para melhorarem o desenvolvimento de suas pescarias, com o objetivo de combater a pobreza. O resultado dessa oferta de crédito foi o rápido crescimento das frotas pesqueiras dos países em desenvolvimento e por conseqüência, o aumento da contribuição desses países nas capturas mundiais de pescado. Enquanto no começo da década de 50, quase todo o pescado era capturado por países industrializados, atualmente, os países em desenvolvimento são os maiores contribuintes na produção mundial.

Estima-se, ainda, que a frota pesqueira mundial custa, anualmente, aos seus países, mais de 50 bilhões de dólares em subsídios diretos e indiretos (FAO, 1995a). Esses subsídios contribuem para a manutenção do excesso de capacidade de pesca, sendo, portanto, um dos fatores responsáveis diretos pelos problemas de sobre-pesca, degradação ambiental e decadência social associada.

Muitas pescarias que atualmente encontram-se estagnadas continuam existindo devido a esses incentivos. Alguns pescadores permanecem em pescarias ineficazes economicamente pelo fato de alguns governos subsidiarem essa situação. Essa medida acaba agravando ainda mais a situação de algumas espécies.

A comunidade internacional reconhece agora que o excesso de capacidade de pesca e de investimentos afetam negativamente os esforços de conservação e ordenamento da pesca e ameaçam a sustentabilidade no longo prazo das pescarias, impedindo, por sua vez, uma contribuição maior da pesca para a segurança alimentar (FAO, 1995b).

Diversas medidas foram criadas ao longo dos anos para controlar as pescarias. Essas medidas fazem parte da gestão pesqueira. As principais delas são os licenciamentos para embarcações, limitações de esforço, períodos de defeso, áreas de exclusão, restrições em artes de pesca, cotas de captura, cotas de indústrias, cotas transferíveis individuais, limites de tamanho e impostos ou tarifas (BERKES, et al., 2006).

Em resposta à crise do setor pesqueiro os pescadores e tomadores de decisão devem trabalhar juntos na gestão pesqueira, avaliando a real situação dos estoques da região à que pertencem, e entrando em consenso sobre as medidas que devem ser aplicadas. Essas medidas devem procurar com que os impactos sociais, econômicos e culturais negativos sejam os menores possíveis.

Muito ainda deve ser avançado no sentido de amenizar a crise do setor pesqueiro. Diversas medidas devem ser tomadas, como a proteção de *habitats* e alevinos através da criação de áreas marinhas de proteção, adoção de políticas que determinem a punição daqueles que poluem e degradam ecossistemas de relevância ecológica, o investimento em pesquisa científica, a elaboração de equipamentos mais seletivos de pesca, entre outras (McGINN, 1998).

4.2 A SITUAÇÃO DA PESCA NO BRASIL

Mesmo com seus aproximados 8.500 km de extensão real de litoral, a plataforma continental brasileira, em comparação com outras plataformas tropicais, pode ser definida como pouco produtiva (DIAS NETO, 2003). A produção brasileira total de pescado estimada para o ano de 2006 foi de 1.050.808 toneladas. Esse valor corresponde a aproximadamente 0,75% da produção mundial de recursos pesqueiros (IBAMA, 2008).

Segundo Dias Neto (2003), entre os anos de 1960 e 1985, a produção brasileira total de pescado apresentou uma tendência de crescimento. Em 1985, a produção foi de aproximadamente 971.500 toneladas. A partir deste ano, registrou-se um contínuo decréscimo e, em 1990, a produção foi de somente 640.300 toneladas. Os dados mais recentes apontam para uma aparente recuperação.

Das 1.050.808 toneladas de pescado produzidas no Brasil em 2006, 779.112,5 toneladas (74%) originaram-se da pesca extrativa, e 271.695,5 toneladas (26%) da aqüicultura. Na produção da pesca extrativa, 527.871,5 toneladas (68%) são de origem marinha e 251.241 toneladas (32%) são de origem continental (IBAMA, 2008).

As regiões brasileiras que mais contribuíram com a produção da pesca extrativa marinha em 2006, por ordem decrescente, foram: o Sul, com 168.249,5 toneladas (32%); o Nordeste, com 155.162 toneladas (29%); o Sudeste, com 118.857 toneladas (23%); e o Norte, com 85.603 toneladas (16%). Na região Sul, o estado que mais contribuiu com a pesca extrativa marinha nacional foi Santa Catarina, com produção de 127.164 toneladas (24%). Rio Grande do Sul produziu 39.092,5 toneladas (7%) e o Paraná apenas 1.993 toneladas (0,4%) (IBAMA, 2008) (Tabela 1).

TABELA 1- PRODUÇÃO PESQUEIRA, POR MODALIDADE, SEGUNDO REGIÕES E ESTADOS DA REGIÃO SUL. BRASIL, 2006.

Região	TOTAL		PESCA EXTRATIVA				AQUICULTURA			
			MARINHA		CONTINENTAL		MARINHA		CONTINENTAL	
	T	%	T	%	T	%	T	%	T	%
Norte	255.884	24,4	85.603	16,2	147.931	58,9	250	0,31	22.100	11,6
Nordeste	322.470,5	30,7	155.162	29,4	67.509	26,9	63.750,5	79,18	36.049	18,9
Sudeste	178.198,5	17,0	118.857	22,5	22.424	8,9	638,5	0,79	36.279	19,0
Centro-oeste	44.267,5	4,2	0,0	0,0	10.335,5	4,1	0	0,00	33.932	17,7
Sul	249.987,5	23,8	168.249,5	31,9	3.041,5	1,2	15.873	19,72	62.823,5	32,9
PR	20.052	1,9	1.993	0,4	756	0,3	616	0,77	16.687	8,7
SC	164.873,5	15,7	127.164	24,1	581	0,2	15.237	18,93	21.891,5	11,5
RS	65.062	6,2	39.092,5	7,4	1.704,5	0,7	20	0,02	24.245	12,7
Brasil	1.050.808	100,0	527.871,5	100,0	251.241	100,0	80.512	100,00	191.183,5	100,0

FONTE: adaptado de IBAMA, 2008.

As atividades pesqueiras, dependendo de seu objetivo, podem ser divididas em 3 categorias: subsistência, artesanal e industrial (de média e grande escala). A primeira destina-se ao consumo próprio e/ou familiar, enquanto as demais têm finalidade comercial (RIOS, 1976; DIEGUES,1983).

A grande diversidade de formas de organização e produção nas várias partes do mundo dificulta uma definição formal de pesca artesanal, pois é difícil haver elementos comuns a tudo o que tem sido chamado por este nome. Por isso outras expressões são usadas, como pesca costeira, ribeirinha, tradicional e de pequena escala (ANDRIGUETTO, 1999). A maioria das definições da literatura é operacional ou "de trabalho" e ligadas ao contexto (CHAUVEAU E WEBER, 1991). Essa é uma das causas dos problemas com a interpretação de dados de pesca. As diferenças nas definições de pesca artesanal e industrial são normalmente baseadas no tamanho e potencial das embarcações e nas relações de produção prevalecentes.

Segundo SEAP (2003) a pesca artesanal ou de pequena escala é aquela que possui finalidade comercial, utiliza embarcações de pequeno a médio porte, com propulsão motorizada ou não. Essa atividade possui pouca sofisticação nos apetrechos e insumos utilizados, com capacidade de produzir volumes pequenos ou médios de pesca e o trabalho é realizado em regime de economia familiar. Já a pesca industrial é definida, também pela SEAP (2003), como sendo aquela que é realizada por embarcações maiores e de maior autonomia, efetuando a exploração

de recursos pesqueiros que se apresentam relativamente concentrados geograficamente. Apresenta mecanização a bordo, potência mais elevada, equipamento eletrônico de navegação e detecção de cardumes. Na pesca industrial, o regime de trabalho não é baseado na economia familiar, os proprietários das embarcações não saem necessariamente a pescar, sendo que são empregados contratados que pescam.

A pesca artesanal ocorre em toda a costa brasileira e forma a maior parte da frota nacional. Segundo o IBAMA, das 779.112,5 toneladas de pescado produzidas pela pesca extrativa (marinha e continental) no Brasil em 2006, a pesca artesanal foi responsável por 527.871,5 toneladas (68%). A maior parte desta produção artesanal ocorreu na Região Nordeste (42%), seguida pela Região Norte (40%), e Sudeste (12%). A Região Sul contribuiu com apenas 4% da produção extrativa artesanal do Brasil (Tabela 2).

Já a pesca industrial foi responsável por 271.410 toneladas (32%). Cabe destacar a produção industrial na região sul brasileira, que representou, em 2006, 55% dos desembarques industriais de pescado no país. O estado de Santa Catarina é o que mais contribui para a produção industrial no país (IBAMA, 2008) (Tabela 2).

TABELA 2- PRODUÇÃO ESTIMADA EM TONELADAS E PARTICIPAÇÃO RELATIVA DA PESCA EXTRATIVISTA TOTAL INDUSTRIAL E ARTESANAL POR REGIÕES, BRASIL, 2006.

Região	Pesca Industrial		Pesca Artesanal	
	T	%	T	%
Norte	32.927	12	200.607	40
Nordeste	9.142,5	3	213.528,5	42
Sudeste	80.685,5	30	60.595,5	12
Centro-oeste	0	0	10.335,5	2
Sul	148.655	55	22.636	4
PR	0	0	2.749	1
SC	117.681	43	10.064	2
RS	30.974	11	9.823	2
Brasil	271.410	100	507.702,5	100

FONTE: adaptado de IBAMA, 2008.

Quase sempre no passado, e muitas vezes até hoje, os pescadores artesanais são considerados ineficientes e improdutivos (VASCONCELLOS *et. al.*, 2005). Talvez por esse motivo, na maioria das vezes, a pesca artesanal não tenha seu papel econômico e social devidamente reconhecido. A pesca artesanal disputa recursos, hoje, com grandes empresas de pesca industrial, que possuem infra-estrutura muito desenvolvida referente aos barcos e recursos de pesca (MARQUES,

2001). Mesmo assim, a pesca artesanal continua sendo responsável por um elevado número de empregos nas comunidades pesqueiras, além de contribuir com mais de 50% da produção brasileira de pescado (VASCONCELLOS *et. al.,* 2005).

Do total de produção de recursos pesqueiros marinhos no Brasil em 2006, os peixes representaram 87% das capturas, os crustáceos 10,5% e os moluscos 2,5%. A Região Nordeste foi a que mais contribui com a produção nacional de crustáceos e moluscos. A Região Sul foi a que mais contribui para a produção nacional de peixes marinhos, representando 34% da produção nacional desse tipo de recurso. Nessa região o predomínio de captura foi de peixes (93,5% das capturas da região), seguido pela produção de crustáceos (6%) e moluscos (0,5%) (IBAMA, 2008). Mesmo com a baixa contribuição dos crustáceos na produção pesqueira da Região Sul, esses recursos movimentam importantes parcelas do setor pesqueiro, principalmente os camarões, visto seu elevado preço no mercado (VASCONCELLOS, 2005).

Assim como no panorama mundial, a pesca brasileira também enfrenta uma crise. Entre as décadas de 60 e 80 do século XX, as políticas governamentais orientadas ao setor pesqueiro foram baseadas, principalmente, em pagamentos de incentivos ficais. Essas medidas são responsáveis em grande parte pela atual situação de sobre-capacidade de pesca e, por conseqüência, da redução dos estoques pesqueiros (DIAS NETO, 2003).

Quase todas as espécies-alvo das pescarias consideradas de grande escala apresentam sinais de sobre-exploração (ISSAC *et al.,* 2006). Para os recursos-alvo da pesca artesanal a situação não é muito diferente. Na Região Sul as principais espécies capturadas apresentaram claros sinais de diminuição da produção ao longo do tempo (VASCONCELLOS *et. al.*, 2005).

Essas informações apontam para a constatação de crise da pesca marinha brasileira. Infelizmente, as perspectivas também não são animadoras. Segundo SEAP (2003), os níveis de esforço continuam a crescer, tanto para a pesca de frota industrial como para a artesanal. Isso indica que a pressão sobre os recursos tende a crescer ainda mais. A situação atual dos estoques pesqueiros e a tendência constante de diminuição de capturas das principais pescarias nacionais são alvo de constantes reclamações dos pescadores, principalmente os artesanais, que dependem, na maioria das vezes, exclusivamente da pesca para sustentarem seus meios de vida.

Segundo Dias Neto (2003), a situação crítica atual dos principais estoques é resultado do fracasso das medidas de gestão pesqueira promovidas pelo Estado. Para esse mesmo autor, as possíveis causas desse fracasso são: gestão pesqueira centrada no Estado, insuficiência no conhecimento biológico-pesqueiro por parte dos tomadores de decisão, insuficiente e inadequada participação dos segmentos sociais envolvidos na gestão da pesca, consideração dos recursos pesqueiros como recursos econômicos na elaboração das políticas, e a inadequação dos arranjos institucionais.

As medidas de regulamentação promovidas pelo Estado, até agora, conseguiram, no máximo, adiar o agravamento da sobre-pesca ou o colapso de algumas pescarias, sem, contudo, ter revertido a situação satisfatoriamente (DIAS NETO & DORNELLES, 1996).

Um ponto que certamente interferiu negativamente na gestão da pesca brasileira é a constante mudança dos órgãos responsáveis pelo controle da atividade pesqueira. Desde 1919, quando o controle da pesca era feito pela Diretoria de Pesca e Saneamento do Litoral, no âmbito da Marinha nacional, até os dias atuais em que o controle é responsabilidade do IBAMA e SEAP, mais de 5 órgãos tiveram como responsabilidade o controle das pescarias (DIAS NETO, 2003).

A questão da falta de participação na gestão pesqueira por parte dos segmentos sociais envolvidos, principalmente os pescadores artesanais, deve-se ao fato do Estado excluir esses autores nos processos de gestão, mas também, em grande parte, pela falta de representatividade forte desse setor. Segundo Dias Neto (2003) é freqüente que a presidência de muitas colônias de pesca seja exercida por indivíduos que não são pescadores, ligados a políticos locais, e que não representam os reais interesses da classe. Na medida em que as colônias não representam os interesses dos pescadores, a participação destes é, em geral, reduzida, apesar de compulsória (DIEGUES, 1983).

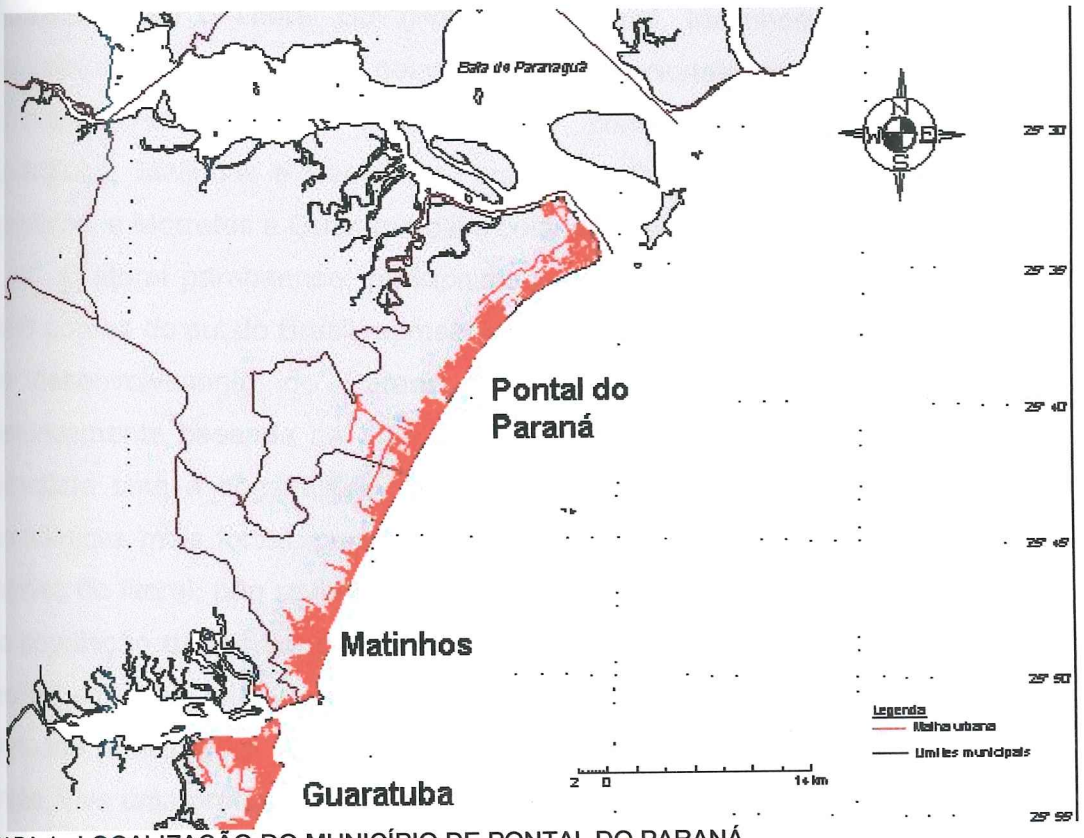
Para Diegues (1995), essa estrutura autoritária e pouco representativa começou a ser questionada pelos próprios pescadores, ainda no começo de 1960, entretanto, isso só começou a ser mudado com a criação do Conselho Pastoral de Pescadores (CPP), entre 1979 e 1980, e de movimentos como o MONAPE-Movimento Nacional de Pescadores, em 1988. O apoio do CPP e do MONAPE permitiu a melhor organização dos pescadores e a ampliação das lutas da classe. Entretanto elas são mais presentes no norte e nordeste do Brasil.

Muito ainda deve se avançar no sentido de incluir os pescadores nas discussões das políticas de gestão. Cada vez mais se sabe da necessidade desses atores participarem ativamente da gestão pesqueira. É muito importante que os pescadores sejam ouvidos nos processos de gestão pesqueira, pois eles são detentores de um rico conhecimento sobre a pesca. O conhecimento científico dos pesquisadores somado a esse conhecimento tradicional dos pescadores é um recurso muito importante nos processos de tomada de decisão. Outro motivo para inclusão dos pescadores na gestão pesqueira é que as medidas de gestão criadas com a participação dos mesmos têm uma maior aceitação desses atores e por isso, uma maior chance de ser eficaz. Ou seja, quando os pescadores participam diretamente da elaboração das medidas de gestão adotadas, se sentem mais obrigados a respeitá-las.

É por esses motivos que propostas educativas que visem a ampliação dos conhecimentos dos pescadores para questões da gestão da pesca podem ser de grande importância, principalmente em regiões em que os pescadores não estão mobilizados e não contam com o apoio de organizações como o CPP ou o MONAPE.

4.3 ÁREA DE ESTUDO: LITORAL DO PARANÁ

O Paraná possui um dos menores litorais entre os estados brasileiros, de, aproximadamente, 105 Km de extensão. Está situado entre os paralelos 25° e 26° de latitude sul, e 48° e 49° de longitude oeste. Tem uma superfície total de cerca de 6.000 km², entre o oceano Atlântico e a Serra do Mar (Mapa 1).



MAPA 1– LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PONTAL DO PARANÁ
FONTE: Laboratório de Oceanografia Costeira e Geoprocessamento-CEM/UFPR

A zona costeira paranaense é recortada pelas baías de Paranaguá e Guaratuba. A Baía de Guaratuba, no extremo sul da costa, é independente e consideravelmente menor e mais rasa do que a de Paranaguá, com extensão de aproximadamente 15 km. A Baía de Paranaguá constitui um amplo complexo estuarino e compõe-se das baías de Antonina e Paranaguá, na direção leste-oeste, com 50 km de extensão e 260km² de área; e das baías de Guaraqueçaba, Laranjeiras e Pinheiros, com orientação norte-sul, com cerca de 30 km de comprimento, e 200 km² de área (LANA *et. al.*, 2004).

A costa recortada, característica de sistemas costeiros estuarinos, confere ao litoral do estado uma grande variedade biológica e de ambientes. Nesse espaço terrestre e marinho, estão algumas das áreas naturais mais ricas de todo o planeta, que favorecem o estabelecimento de populações humanas que os utilizam para diversos fins.

O litoral paranaense é constituído por sete municípios: Antonina, Guaraqueçaba, Guaratuba, Matinhos, Morretes, Paranaguá e Pontal do Paraná. Divide-se, geograficamente, em Litoral Norte (Paranaguá, Morretes, Antonia e

Guaraqueçaba) e Litoral Sul (Pontal do Paraná, Matinhos e Guaratuba). Estes municípios são diferenciados pelas realidades funcionais construídas historicamente. Enquanto Paranaguá e Antonina são considerados municípios portuários, Guaratuba, Matinhos e Pontal do Paraná são definidos como municípios praiano-turísticos, e Morretes e Guaraqueçaba como municípios rurais (PIERRI, 2003).

O litoral paranaense, principalmente o norte, é considerado uma das áreas mais pobres do sul do Brasil, apresentando, atualmente, um dos índices mais baixos de desenvolvimento do Paraná. Isso se deve ao fato de sua economia, historicamente baseada na agricultura, ter perdido competitividade, e isto ter sido reforçado com a constituição da região em área de conservação. As atividades econômicas mais fortes, portuária e turismo-praiano sazonal, praticadas nas outras regiões do litoral, não revertem significativamente a riqueza produzida em benefício da população da região, porém os municípios envolvidos são os que desfrutam de melhor situação relativa, a exceção de Antonina, que perdeu seu lugar de local portuário principal na década de 70 do século XX a favor de Paranaguá e, desde então, vive uma profunda crise (PIERRI 2003; PIERRI *et al.*, 2006).

O litoral do estado possui uma população residente de 245.845 habitantes (IBGE, 2007), distribuídos de forma muito desigual, estimando-se que atingirá 264.443 habitantes em 2010 (DESCHAMPS, 2008).

O Município de Pontal do Paraná está inserido na planície costeira de Paranaguá e apresenta uma área total de 207km². Pontal está distanciado cerca de 94 km de Curitiba, pela rodovia BR-277. Está delimitado, a nordeste, pelo estuário da baía de Paranaguá, ao noroeste, pelo Município de Paranaguá, ao sudoeste, pelo Município de Matinhos e ao sudeste pelo Oceano Atlântico (MAPA 1). As características geográficas, climáticas e de beleza naturais identificam Pontal do Paraná como um dos municípios de vocação predominantemtne turística (PROJETO ORLA, 2004).

Emancipado de Paranaguá há 11 anos, o município possui 16.625 habitantes permanentes (IBGE, 2007) e nos momentos pico da temporada de verão recebe aproximadamente 560.000 mil veranistas, distribuídos pelos 48 balneários, que subdividem os 22 quilômetros de praias que compõem a região (dados de 2005 de SETU, 2006[6], apud DESCHAMPS, 2008).

---

[6] SETU - Secretaria de Estado do Turismo. 2006. Estudo de demanda turística do Litoral. Passageiros. Estatísticas do Turismo. Disponível em: <www.pr.gov.br/turismo/estatisticas.shtml>.

O município de Pontal do Paraná apresentou uma taxa anual média de crescimento populacional de 10,93% ao ano, entre os anos de 1991 e 2000, com uma taxa de urbanização de 99% (PIERRI, 2003). Entre 2000 e 2010 está previsto um ritmo de crescimento inferior, mas ainda elevado, chegando a 2010, com 20,5 mil habitantes, o que corresponde a uma taxa média de crescimento anual de 3,66% (DESCHAMPS, 2008).

O setor terciário é a base da economia no município de Pontal do Paraná, tendo como principais atividades o comércio e o atendimento de veranistas. Em 2007, segundo dados do Cadastro de estabelecimentos comerciais da Prefeitura Municipal[7], havia 2.202 estabelecimentos registrados no município. Destes, o comércio contava com 1 673 estabelecimentos, que representavam 75,98% do total. No setor serviços, atuavam 435 estabelecimentos (19,75%), e no setor industrial, somente 94 estabelecimentos (4,27%). Por sua parte, a atividade agrícola está basicamente localizada na Colônia Pereira, e se dedica ao cultivo da mandioca. Enquanto à atividade de pesca, esta se desenvolve, principalmente, na modalidade artesanal, sendo meio de vida direto e indireto de uma parte importante da população permanente (DESCHAMPS & PIERRI, 2008).

Os indicadores de educação mostram, em sua maioria, um bom desempenho em Pontal do Paraná. Em 2000, a taxa de alfabetização do município era de 92,9%. Também é baixo o percentual de pessoas adultas analfabetas, somente 7,68%. Já enquanto à proporção de adultos analfabetos funcionais, ou seja, com menos de quatro anos de estudo, é de 21,29%. Em relação à taxa bruta de freqüência escolar[8], Pontal do Paraná não apresenta um bom desempenho: sua taxa foi de 79,16% enquanto a média estadual foi de 82,88% (PNUD, 2003[9] apud DESCHAMPS, 2008).

Em termos de anos de estudo, 55% dos responsáveis de domicílios particulares, no ano 2000, tinham estudado entre 1 e 7 anos, se concentrando no grupo entre 4 e 7 anos, com 40,2%. Não tinham instrução 7,3% dos responsáveis de

---

[7] Este cadastro não compreende a pesca nem a agricultura.

[8] A taxa bruta de freqüência escolar é a proporção entre o número total de pessoas em todas as faixas etárias que freqüentam os três níveis de ensino em relação ao total de pessoas na faixa etária de 7 a 22 anos (DESCHAMPS, 2008).

[9] PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. 2003. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2003. Brasília: PNUD: IPEA, Fundação João Pinheiro. Disponível em http://www.ipea.gov.br.

domicílios particulares, e 37,3% estudaram 8 anos ou mais (18,7% 8 a 10 anos; 14,9% 11 a 14 anos; e 3,7% 15 anos ou mais) (IBGE, 2000).

O serviço de energia elétrica atende quase 100% da população e a rede de abastecimento de água abrange 79% de lares pontalenses (PROJETO ORLA, 2004). A rede de esgoto na região começou a ser implantada nesse ano. Não existe coleta seletiva de lixo a cargo do município, mas há muitos coletores que trabalham nela de forma particular.

O município sofre com diversos problemas ambientais. Os principais são ocupações irregulares em unidades de conservação, o desmatamento de áreas de mangue e restinga ocasionados pela pressão imobiliária, e a poluição de rios e canais devido à inexistência da rede de esgoto (PROJETO ORLA, 2004).

4.4 A SITUAÇÃO DA PESCA NO LITORAL PARANAENSE

Segundo Andriguetto *et. al.* (2006), nos municípios litorâneos do Paraná existem cerca de 60 vilas de pescadores, rurais ou urbanas, no interior das baías e na frente oceânica. Essas vilas podem se apresentar de várias formas, desde pequenos povoados exclusivamente pesqueiros até bairros urbanos. Para esse mesmo autor, essas vilas têm apresentando uma tendência de diminuição da sua população, sendo que muitas destas desapareceram nas últimas décadas, fenômeno que acontece em todos os municípios do litoral.

Para Vasconcellos *et. al.* (2005), as estatísticas sobre o número de pescadores artesanais no Brasil são falhas e contraditórias, e as vezes estão organizadas segundo critérios diferentes de cada fonte. Para o litoral paranaense a situação não é diferente. As estatísticas para esta região, na maioria dos casos, são desatualizadas e os dados oferecidos pelas diferentes fontes apresentam discrepâncias muito grandes. Até 2003, existiam 4.227 pescadores profissionais registrados na Secretaria Especial de Aqüicultura e Pesca/PR. Destes, 1.096 (25%) estavam concentrados em Guaraqueçaba, 1.001 em Paranaguá (23,4%) e 900 (21%) em Guaratuba. Antonina concentrava 700 pescadores (16,5%), Pontal do Paraná 365 (8,6%) e Matinhos 215 (8,6%) (ANDRIGUETTO *et al.*, 2006). A

população dependente da pesca (pescadores e famílias) está estimada em umas 13.000 pessoas.

O litoral do Paraná apresenta uma grande diversidade de modalidades de pesca. De um modo geral, a pesca sediada no estado é de pequena escala ou artesanal (ANDRIGUETTO *et. al.*, 2006). Segundo Paiva (1997), entre 1980 e 1994, esta modalidade foi responsável por 92,2% da produção desembarcada na região. Já o IBAMA (2008) considera em suas estatísticas que 100% do segmento pesqueiro desenvolvido no litoral do Estado é artesanal. Entretanto faz isso considerando o contexto nacional. Muitos autores que caracterizam a pesca no litoral paranaense apontam a existência de um setor que pode ser considerado empresarial, representado principalmente pela frota sub-industrial especializada na pesca de arrasto de camarão. Essa frota arrasteira está instalada principalmente em Guaratuba, mas com portos também em Paranaguá e Pontal do Paraná (ANDRIGUETTO & MACHIORO, 2002; ANDRIGUETTO *et. al.*, 2006).

A pesca do camarão-sete-barbas e do camarão-branco é a mais importante em volume e valor na região. Esta é praticada, principalmente, na plataforma interna pelos barcos arrasteiros. Dentre as pescarias de peixe, o fundeio para cienídeos e cações é a mais importante e difundida. Além dessas, existem outras práticas que são mais localizadas, como a pesca do irico e a pesca de cerco fixo de taquaras (ambas ocorrendo no interior das baías), e o arrasto de praia para tainha e robalo, ocorrendo ao longo da costa de mar aberto. As atividades de coleta de moluscos (ostra e sururu) e crustáceos (siri e caranguejo) são também significativas (ANDRIGUETTO *et. al.,* 2006).

A produção total de pescado registrada no Paraná tem oscilado entre 500 e 2500 toneladas por ano (ANDRIGUETTO *et al.,* 2006). No ano de 2006, a pesca extrativa marinha paranaense produziu 1.993 toneladas de pescado (IBAMA, 2008). Esse valor é muito baixo comparado a outros estados, representando em torno de 1% da produção pesqueira marinha extrativa da Região Sul e 0,4% da nacional. É por esse motivo que Andriguetto *et. al.* (2006) afirmam que a pesca sediada no estado apresenta importância local, sendo de menor expressão no cenário nacional. É assim que a nível local, a atividade pesqueira no litoral paranaense é o meio de produção de alimentos e de geração de renda de uma significativa parte da população, além de ser uma das únicas atividades que tem como beneficiários

principais as pessoas que vivem no litoral o ano todo (ANDRIGUETTO, 1999; PIERRI *et al.*, 2006).

Em 2006, no litoral paranaense, 56,3% dos recursos capturados foram peixes, 43,3% crustáceos e 0,4% moluscos. Dentre os peixes, as espécies mais importantes em volume foram a sardinha-verdadeira (21,9%), a sardinha cascuda (9,2%), a palombeta (8,2%), e a corvina (4,5%). Dentre os crustáceos, o mais capturado foi o camarão-sete-barbas, representando 33% do total de recursos capturados no litoral do estado. O camarão barba-ruça representou 4,6% do total de recursos capturados em 2006 e o camarão-branco 4,5% (IBAMA, 2008).

Mesmo existindo diversos estudos relacionados aos recursos biológicos da zona costeira paranaense, o real estado dos estoques pesqueiros da região ainda é desconhecido. Entretanto, diversas fontes apontam elementos que indicam a diminuição dos estoques da região. Como já foi dito, para Dias Neto & Dornelles (1996), cerca de 80% dos recursos que suportam as principais pescarias nacionais encontram-se plenamente explorados, sobre-pescados, esgotados ou em processo de recuperação. Entre essas categorias estão pescarias importantes para o Paraná, como a sardinha, o camarão-rosa e o sete-barbas.

Vários outros estudos têm apontado para a diminuição de muitas das principais pescarias da Região Sul do Brasil. Segundo Vasconcellos *et. al.* (2005), os principais recursos pesqueiros artesanais dessa região mostraram claros sinais de diminuição na produção ao longo do tempo. Uma avaliação feita sobre o estágio de desenvolvimento das principais pescarias artesanais da Região Sul indicou que 22% encontra-se em estágio de desenvolvimento, 12% em estágio maturo, 25% em estágio senescente (maturo, mas sem capacidade de reprodução), 8% em recuperação e 32% colapsado. Estas são pescarias que não são capazes de suportar incrementos na produção, a não ser através de medidas eficazes de redução do esforço de pesca. O 42% restante encontra-se em estágio de desenvolvimento, maturo, ou em recuperação, e pode possivelmente sustentar maiores capturas, se manejadas sustentavelmente (Vasconcellos, *et. al.*, 2005).

Recursos como a corvina, a pescadinha e a sardinha-verdadeira já se encontram em estado de sobre-exploração. Os desembarques do camarão-sete-barbas e camarão-rosa têm apresentado uma tendência de diminuição nessa região. Tendo em conta que essas espécies representam as principais pescarias do Paraná, em termos de volume, a situação se torna ainda mais crítica para os pescadores

artesanais do litoral paranaense. Vasconcellos *et. al.* (2005) ainda afirmam que outros estoques importantes para a pesca artesanal do sul do Brasil, como o bagre, a miragaia e a viola encontram-se colapsados, com rendimentos muito abaixo dos seus máximos históricos.

Todo esse panorama da pesca no Brasil e no Paraná chama a atenção para a necessidade de criação de medidas de gestão que objetivem a recuperação dos estoques pesqueiros nacionais e regionais, visto o grande número de pessoas que dependem da pesca para garantirem seus meios de vida.

As medidas de gestão pesqueira que têm tido repercussão no Paraná são: o defeso do camarão, o licenciamento de embarcações para a pesca do camarão-sete-barbas e camarão rosa, e a delimitação de faixas de mar a certa distância da costa onde a pesca é proibida ou reservada às embarcações de pequeno porte. Essas normas de manejo também são aquelas convencionalmente utilizadas no país.

Para Franco (2007), essas três medidas vigentes no litoral do Paraná apresentam problemas de origens diversas e não alcançaram resultados satisfatórios. Muitos autores apontam a falta de fiscalização e a pouca participação dos pescadores nos processos de gestão como principais causas do fracasso do manejo dos recursos pesqueiros nacionais. A falta de participação dos pescadores nos processos de gestão é diretamente responsável pela baixa aceitação das medidas de gestão entre esse grupo. Portanto, quando os pescadores não são ouvidos no processo de elaboração de medidas de gestão, existe uma maior probabilidade desses atores não cumprirem as normas determinadas. Por esse motivo, cresce a necessidade de capacitação destes atores para que sejam inseridos nos processos de gestão pesqueira do estado.

4.5 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO LITORAL DO PARANÁ: A NECESSIDADE DE UM MODELO DE E.A. PARA PESCADORES ARTESANAIS DA REGIÃO

Não existem estudos sistemáticos sobre a EA que acontece no litoral do Paraná. Existem estudos pontuais, como o trabalho de MATZENBACHER (2006) que refere à EA no ensino médio de Matinhos, mas não um levantamento exaustivo

das iniciativas existentes na matéria, sejam passadas ou presentes, sejam a nível formal, não formal ou informal.

O Labsoc, pelo fato de estar inserido no litoral e participar de vários conselhos de gestão de unidades de conservação tem acumulado certo conhecimento da EA que se desenvolve na região, mas, obviamente, não exaustivo.

Dentre as atividades de EA conhecidas, as mais regulares são as que realiza o IAP todos os anos no contexto da Operação Verão, principalmente dirigidas a sensibilizar aos turistas a manter limpas as praias da orla costeira continental, e que tem um ponto de ação específico nas embarcações que fazem a travessia à Ilha do Mel, para motivar aos turistas a não deixar o seu lixo na Ilha. A ONG SPVS desenvolve regularmente atividades de EA na sua sede de Guaraqueçaba, relacionadas com a conservação da floresta e da biodiversidade, e realiza cursos para formação de condutores (guias) em comunidades inseridas em unidades de conservação. Seguramente, outras ONGs ambientalistas atuantes na região (como o IPE, Fundação Boticário, Mater Natura, MarBrasil, etc.) realizem também atividades regulares de EA.

Conhece-se também diversos projetos desenvolvidos pela UFPR. Por exemplo, um grupo de estudantes do CEM tem desenvolvido um projeto de EA ao longo de vários anos na Vila Nova (Pontal do Paraná), trabalhando com as crianças da escola conteúdos relativos aos recursos naturais e ecologia. Outros alunos do CEM têm desenvolvido atividades de EA com usuários da praia de Pontal do Sul (Pontal do Paraná) com o fim de proteger a restinga.

Quanto a iniciativas realizadas em vilas de pescadores, se conhece o trabalho do grupo GIA da UFPR, com o Projeto Cultimar que, se bem trabalha para a consolidação da maricultura em alguns locais da baia de Paranaguá e da Baia de Guaratuba, desenvolve outras atividades nas comunidades, como o resgate da cultura local e EA com crianças. Por outro lado, o Labsoc do CEM/UFPR vem trabalhando desde 2005 num projeto sobre formas alternativas de saneamento na Vila das Peças (Guaraqueçaba), que contêm atividades de EA relativas à coleta seletiva do lixo e, em menor grau, ao tema da água e do tratamento de esgoto, dirigidas tanto a crianças quanto a adultos.

Já quanto a atividades de EA dirigidas especificamente a pescadores, não se tem conhecimento. Conhece-se cursos com esse público alvo de outros assuntos, como um curso de Maricultura em mar aberto oferecido a pescadores pela ONG

MarBrasil e cursos oferecidos pela FUNDACENTRO em matéria de saúde e segurança no trabalho. Trata-se, pois, de cursos com outros fins que a educação ambiental.

Em síntese, se pode constatar que no Litoral do Paraná existem múltiplas iniciativas de EA, regulares ou pontuais, no âmbito formal e não formal. Algumas delas acontecem em vilas de pescadores, mas, pelo menos as experiências que se conhecem, não estão dirigidas aos pescadores. Por último, os cursos dirigidos a pescadores que se conhecem, não são de EA.

Do anterior, se pode concluir, que EA dirigida especificamente a pescadores pode não existir no litoral paranaense ou, se existe, deve ser em escassa medida, mostrando carência na matéria. Entende-se que isto é outro elemento que justifica a presente proposta que é duplamente dirigida a pescadores: enquanto público e, mais importante, enquanto aos temas a ser discutidos, que são os problemas sócio-ambientais de incumbência direta da categoria.

5 DESCRIÇÃO DO PROJETO ELABORADO, APLICAÇÃO E AVALIAÇÃO

5.1 DESCRIÇÃO DO PROJETO ELABORADO

5.1.1 Denominação, caráter e objetivos

a) A idéia geral

A proposta geral emergente do diagnóstico realizado é a de desenvolver um programa de educação ambiental, que combine informação atualizada de aspectos relevantes da pesca (ambientais, legais, políticos, etc.) com elementos formativos que venham a problematizar a questão da gestão dos recursos e a participação dos pescadores nela, visando ampliar e qualificar dita participação. A concepção de Educação Ambiental adotada supõe transcender o enfoque naturalista e conservacionista tradicional, colocando o foco na sustentabilidade social, no caso, da pesca artesanal, sendo que para atingi-la são imprescindíveis as sustentabilidades ecológica e econômica. Por isso, como já explicado anteriormente esse programa de EA terá essência crítica quanto a sua tipologia.

Esse programa viria a ser desenvolvido nos próximos anos pelo Laboratório Sócio-ambiental do CEM, com eventuais parcerias com outras instituições (ex. EMATER), e estaria dirigido aos pescadores artesanais do Litoral do Paraná, começando pelo município de Pontal do Paraná onde temos maior conhecimento e vínculo com a categoria. Haveria atividades dirigidas ao conjunto de pescadores e outras mais focadas na formação de lideranças.

O projeto que é objeto desta monografia se enquadra nesse programa geral, constituindo sua primeira atividade. O mesmo foi concebido como um curso intensivo, dirigido a um grupo de aproximadamente 15 pescadores artesanais interessados, a ser oferecido no Município de Pontal do Paraná.

b) O nome do curso

A denominação escolhida para o curso foi: "Crise dos recursos pesqueiros: ferramentas para enfrentá-la".

c) Objetivos do projeto

i. Objetivo geral

Desenvolver o senso crítico dos pescadores artesanais através de uma experiência educativa que aporte informação considerada relevante e incentive a discussão sobre as possibilidades de sua participação na gestão pesqueira.

ii. Objetivos específicos

- Mostrar a crítica situação atual dos estoques pesqueiros em nível mundial e nacional, e os fatos que a geram;
- Mostrar a situação da pesca artesanal em nível mundial, nacional e local, sua importância e as ameaças a sua sobrevivência;
- Informar sobre alguns documentos de referência internacional de importância para a gestão pesqueira (Código de conduta para a pesca responsável, da FAO) e a defesa dos direitos dos trabalhadores da pesca (Orientações sobre o trabalho no setor pesqueiro, da OIT);
- Apresentar o conceito de gestão pesqueira, as formas praticadas atualmente no Brasil e no Paraná e seus problemas; e
- Incitar um processo de reflexão e discussão sobre o lugar e papel dos pescadores na gestão pesqueira.

Como é possível observar, o programa educativo tratará de questões sobre a pesca a nível global, mas terá enfoque voltado principalmente para as questões regionais. Será dada ênfase aos problemas ecológicos e sociais, relacionados com a pesca, que atingem a população local. Ao tratar com mais prioridade os problemas locais, o curso atende a mais uma das características da Educação Ambiental crítica.

O objetivo de incitar um processo de reflexão e discussão sobre o lugar e papel dos pescadores na gestão pesqueira também atende a mais um característica dessa tipologia de EA, pois ao estimular a classe de pescadores artesanais a participar da gestão pesqueira da região, o programa de EA proposto estará apontando que as soluções para os problemas pesqueiros locais devem ocorrer no âmbito coletivo.

d) Alcance do projeto

i. Alcance quantitativo

O alcance quantitativo direto seria um grupo de, no mínimo, 10, e, no máximo, 20 pescadores artesanais do município de Pontal do Paraná.

O alcance quantitativo indireto seria mais amplo e teria dois níveis: os pescadores artesanais da região não presentes no curso, na medida em que os presentes lhes repassem o conteúdo, e a população litorânea, na medida em que o curso incentive a participação na gestão pesqueira e costeira.

O curso terá duração de 12 horas, administradas em 4 dias.

ii. Alcance qualitativo

Trata-se de um curso destinado aos pescadores artesanais que mais possam estar interessados no debate sobre os problemas da pesca e que mais trabalhem no sentido de buscar soluções para estes problemas.

Em relação ao conteúdo, o curso é informativo sobre questões relativas à pesca e à gestão. E tem também caráter reflexivo sobre a crise no setor pesqueiro, a importância e direitos dos pescadores artesanais e as possíveis formas de participação na gestão.

e) Enfoque metodológico

O curso terá uma primeira parte de caráter principalmente expositivo onde se transmitirão as informações consideradas relevantes, porém abrindo espaço para perguntas e dúvidas, e troca e discussão coletivas.

Na segunda parte se organizará uma oficina onde os participantes terão oportunidade de discutir, intercambiar e elaborar propostas, com o objetivo de refletir sobre a realidade da gestão da pesca local e a possibilidade de melhorá-la.

Esta oficina consistirá em uma sucessão de exercícios previamente planejados, que adaptaram diversas dinâmicas participativas para o tema e o público específicos. No caso, tem por objetivos que eles descrevam a situação presente na gestão da pesca, e idealizem como poderia ser melhor e os caminhos necessários para chegar a isso. Assim, o curso supera o caráter mais dirigido e unilateral da primeira parte, que agora ganha um papel de motivadora, além de informativa, e a oficina se constitui no espaço onde os pescadores informam de seu saber e sua

visão de mundo, refletem sobre os aspectos problematizados, e idealizam um futuro diferente, que exigirá deles mesmos um papel diferente.

O curso, pelo fato de ser o primeiro, tem caráter experimental e pode servir como modelo para futuras replicações, seja com o mesmo conteúdo, como com outro.

Através da avaliação do curso será possível identificar quais os pontos fortes e fracos, o que servirá de base para melhorar os aspectos necessários.

5.1.2 Conteúdo temático e bibliografia

a) Situação dos Recursos Pesqueiros Marinhos

O conteúdo dado a este tema traz informações sobre a evolução da produção mundial de pescado, suas tendências, e a contribuição de cada modalidade de pesca (continental, marítima e aqüicultura) para a produção total. Também apresenta informação sobre os recursos mais capturados em todo o mundo, e quais as áreas e países do mundo nas quais mais se captura pescado. Informa também sobre a queda na captura de importantes recursos e sobre o início de novas pescarias que até o início da crise pesqueira não eram valorizadas. Também mostra as possíveis causas da crise da pesca. Após esse panorama mundial, é apresentada a evolução histórica da produção de pescado no Brasil, as espécies mais capturadas e o estado de exploração das principais pescarias nacionais.

A bibliografia consultada sobre este tema foi FAO (2005 e 2007) e Dias Neto (2003).

b) A Situação da Pesca Artesanal

A abordagem desse tema engloba diversas informações como a importância da pesca artesanal para a geração de empregos e para a produção pesqueira nacional, a contribuição da pesca artesanal para a produção de pescado em cada região brasileira, as principais dificuldades enfrentadas pela pesca artesanal. Também descreve a situação das principais pescarias que são alvo dos pescadores artesanais. Por último apresenta um resumo da situação da pesca artesanal no litoral do Paraná, como a produção pesqueira do estado, os principais tipos de pesca

exercidos na região, os recursos mais capturados, o números de pescadores artesanais e de colônias e os principais problemas que afetam a pesca no estado.

A bibliografia consultada sobre este tema foi Andriguetto Filho *et. al.* (2006)., Vasconcellos *et. al.* (2005) e IBAMA (2005 e 2007).

c) O Código de Conduta Para a Pesca Responsável e seu Incremento Para a Pesca em Pequena Escala (FAO)

A proposta é apresentar dois documentos importantes relativos à pesca, sendo eles: O código de conduta para a pesca responsável e as Orientações técnicas para a pesca responsável: Aumento da contribuição da pesca em pequena escala à mitigação da pobreza e a seguridade alimentar, ambos elaborados pela FAO. Trata-se de informar sobre a forma como esses documentos foram elaborados e aprovados, o motivo da elaboração dos mesmos, os objetivos, e os pontos mais importantes de cada um. Também se informa das iniciativas mais importantes desenvolvidas no Brasil para aplicação desses documentos.

A bibliografia consultada sobre este tema foi FAO (1995, 2001 e 2006) e Fundação Eroski (2005).

d) Convênio Sobre o Trabalho no Setor Pesqueiro (OIT)

Trata-se de apresentar o documento: Convênio sobre o trabalho no setor pesqueiro, elaborado pela OIT, descrevendo a forma como esse documento foi elaborado, o motivo da sua elaboração, os objetivos e os pontos mais importantes do mesmo. Também mostra-se a importância desse documento para a pesca artesanal e a forma como poderia ser aplicado no contexto da pesca de pequena escala.

A bibliografia consultada sobre este tema foi Mathew (2007) e OIT (2007a e 2007b)

e) A Gestão pesqueira

Este tema aborda os conceitos, objetivos e etapas da gestão pesqueira, e as ferramentas da gestão da pesca mais utilizadas no mundo e no Brasil. Também apresenta alguns exemplos de gestão pesqueira bem sucedida no Brasil. Por último aborda a gestão pesqueira no litoral paranaense, com os principais conflitos da

pesca na região e quais são as ferramentas mais utilizadas pelos gestores da pesca no estado para resolverem os problemas pesqueiros.

A bibliografia consultada sobre este tema foi Andriguetto Filho *et. al.* (2006), Franco (2007) e Vasconcellos *et. al.* (2005).

5.1.3 Recursos pedagógicos

Os recursos pedagógicos concebidos para apresentar o conteúdo informativo do curso são aulas expositivas apoiadas em apresentações de slides realizadas no programa Power Point.

Para as atividades dinâmicas da oficina, se concebe a utilização de cartões para a apresentação de certos conceitos, e a confecção de cartões por parte dos participantes que, juntados e classificados na parede, irão compor a sua visão sobre diferentes temas.

5.1.4 Instrumentos didáticos elaborados: apresentações em Power Point, apostila e oficina

a) As apresentações em Power Point

Elaboraram-se uma apresentação introdutória e 5 apresentações temáticas. Buscou-se apresentar pequenos textos e dados de forma simplificada, colocando palavras simples e cifras absolutas e percentuais, representando estes em gráficos, mapas, e tabelas. Também se ilustra com fotos e desenhos, para fazer a leitura mais atrativa. O detalhe das apresentações encontra-se no Apêndice 1.

b) A apostila

Foi elaborada uma apostila impressa para ser entregue a cada participante com síntese do conteúdo das apresentações em Power Point. Para a mesma se fez uma seleção dos dados mais importantes e de mais fácil compreensão. O detalhe da apostila encontra-se no Apêndice 2.

c) A oficina

Foi elaborado um plano das atividades da oficina, o uso do tempo, e os conteúdos dos cartões que seriam apresentados em cada parte. Foram preparados estes cartões e todos os materiais necessários. O detalhe desse planejamento e dos cartões encontra-se no Apêndice 3.

5.1.5. Instrumentos para o conhecimento dos participantes e suas expectativas

Propõe-se a aplicação de um questionário no primeiro dia de curso, antes do inicio, com o objetivo de levantar as informações básicas de cada participante que permitam verificar as necessidades de eventuais ajustes dos conteúdos ou dos instrumentos didáticos. Esse questionário também conta com questões para que os participantes manifestem o grau de interesse e o que sabem sobre cada tema (muito, pouco, mais ou menos e nada). Assim será possível verificar o quanto os temas definidos para o curso atenderão as necessidades de cada participante e eventualmente fazer alguma modificação do inicialmente planejado. O formulário da enquête aplicada encontra-se no Apêndice 4.

5.1.6 Instrumentos de avaliação desenhados

Um dos instrumentos utilizados para avaliação do curso será um questionário que será entregue aos participantes no último dia de curso para que eles o avaliem, colocando os pontos positivos e negativos e propondo mudanças e sugestões para uma próxima edição. O formulário desta enquête encontra-se no Apêndice 5.

Outra forma avaliação será em relação à participação efetiva dos pescadores no curso. Para isso, será passada uma lista de presença todos os dias do curso, a fim de verificar a freqüência e continuidade dos participantes como indicadores do comprometimento com o curso. O modelo de lista encontra-se no Apêndice 6.

Outra forma de avaliar a participação efetiva dos pescadores no curso será feita através de um relato. Em todas as sessões um integrante da equipe ficará

responsável por anotar todos os aspectos que possam informar o grau de interesse dos pescadores em relação ao curso, tais como pontualidade dos participantes, grau de atenção, participação (quem e quantos falam), pertinências das falas, compreensão, entre outros.

Ao final de cada aula será incitado um debate sobre o conteúdo recém apresentado. Todas as informações relevantes que permitam avaliar o nível de participação, interesse e compreensão dos participantes serão anotadas pelo responsável de relatar os acontecimentos.

5.17 O cronograma idealizado

Elaborou-se um cronograma para o curso com detalhe das atividades. Neste estavam previstos 4 dias de curso, de 3 horas cada, um intervalo no meio e um lanche no final. Os 3 primeiros dias seriam para apresentação dos conteúdos temáticos e o quarto dia para a oficina (Quadro 3).

Primeiro dia	Segundo dia	Terceiro dia	Quarto dia
Inscrição (Questionário inicial)	Aula 2. Situação da pesca artesanal no mundo, BR e PR	Aula 4. Convênio sobre o trabalho na pesca	Oficina. Parte 1: Os conceitos de "Participação" e "Gestão"
Apresentação da equipe e dos participantes	Discussão da Aula 2	Discussão da Aula 4	Intervalo para café
Apresentação do curso	Intervalo para café	Intervalo para café	Oficina. Parte 2: Instituições na gestão pesqueira. Responsabilidades. Aspectos positivos e negativos
Entrega e apresentação do material didático	Aula 3. Código de conduta para a pesca responsável	Aula 5. Gestão pesqueira	Oficina. Parte 3: A árvore dos sonhos
Intervalo para café	Discussão da Aula 3	Discussão da Aula 5	Avaliação do curso. (Questionário final)
Aula 1. Situação dos recursos pesqueiros no mundo e Brasil	Lanche	Lanche	Entrega dos certificados
Discussão Aula 1	X	X	Lanche
Lanche	X	X	X

QUADRO 3- O CRONOGRAMA PRETENDIDO PARA O CURSO.

5.1.8 Equipe técnica responsável pela elaboração e execução do curso

A equipe técnica responsável pela elaboração e aplicação do curso é composta por cinco membros: Naína Pierri, Rafael Prado Engelhardt, Carolina Mello, Paula Salge e Ana Paula Rainho. A primeira é a responsável pelo Laboratório Sócio Ambiental do Centro de Estudo do Mar da Universidade Federal do Paraná e os demais são integrantes e realizam diferentes atividades dentro do mesmo.

Naína Pierri é Socióloga, Mestra em Educação Ambiental (UNED) e Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR) e tem como responsabilidade a orientação do projeto elaborado. Rafael é acadêmico de Oceanografia da UFPR e o principal responsável pela elaboração do curso, sua organização e materiais. Sua atividade principal durante a execução do mesmo será ministrar as aulas. Paula e Carolina são graduadas em oceanografia na UFPR. Ambas têm realizado treinamentos em técnicas de gestão e também participam de Conselhos de gestão de unidades de conservação do litoral paranaense. Por isso estão mais capacitadas para idealizar e aplicar a oficina proposta para o curso, além de participar do planejamento e colaborar em diversos aspectos. Por fim, Ana Paula é acadêmica de Oceanografia da UFPR e bolsista da FUNDACENTRO, desenvolvendo uma pesquisa sobre saúde e segurança do trabalho das mulheres na pesca e, por isso, sua colaboração no curso é uma boa oportunidade para adquirir experiência e aprendizado. A principal responsabilidade dessa integrante será a realização do registro fotográfico, mas também prestará apoio em outras atividades como aplicação de questionário, processamento dos dados, organização do lanche, entre outros.

5.1.9 Planejamento detalhado por etapas (prévia ao curso, execução do mesmo e posterior)

O planejamento do curso, depois de idealizado em termos gerais pela equipe, se realizou detalhadamente num quadro com 5 colunas destinadas a definir a etapa/tarefa, os dias e horários em que seria realizada, sua descrição detalhada, a

UFPR - Centro de Estudos do Mar
BIBLIOTECA

definição dos responsáveis de executá-las, e os materiais necessários. Isto se elaborou para cada fase: prévia ao curso, implementação e fase posterior.

Estes quadros serviram de base para que cada membro da equipe tivesse claro suas responsabilidades, e especialmente como guia para a organização sincronizada da execução do curso, onde havia tarefas simultâneas e os tempos deviam ser respeitados para cumprir o planejado. Os quadros do planejamento do curso se apresentam no Apêndice 7.

5.2. DESCRIÇÃO DA APLICAÇÃO DO CURSO

5.2.1 Relato do realizado previamente: convite aos pescadores, problemas, decisão do local, data e hora, preparação de materiais didáticos, obtenção de equipamentos e outros elementos

a) O convite aos pescadores, a decisão do local, data e hora

O primeiro contato com os pescadores para informá-los sobre o curso foi realizado no dia 11 de setembro de 2008, através de telefone, antes mesmo da conclusão das aulas e materiais didáticos. A pessoa contatada foi uma pescadora, considerada uma das lideranças dos pescadores artesanais do município de Pontal do Paraná e que realizava trabalhos dentro da Colônia de Pescadores do Município. A proposta inicial era a de colocar nas mãos dessa líder a responsabilidade de divulgar o curso entre aqueles que ela julgasse como interessados, fechando um grupo de aproximadamente 15 pessoas. Essa líder ficou bem interessada pela proposta, entretanto pediu que o curso fosse ministrado após as eleições municipais, já que esta concorria ao cargo de vereadora e estava em fase de campanha. Portanto, ficou acordado que o curso seria realizado após as eleições, assim que todo o material didático estivesse concluído.

Na fase final de elaboração das aulas e materiais necessários para o curso, por volta do dia 20 de outubro, foi feito um novo contato com a mesma pessoa. As eleições já haviam passado, entretanto essa liderança agora estava comprometida com as eleições da Colônia de Pescadores a ser realizada em dezembro. Como ela

faz parte de uma chapa de oposição à atual gestão, preferiu não assumir a responsabilidade de convocar as pessoas para o curso, para que as autoridades presentes da Colônia não o identificassem com ela e isso pudesse gerar um boicote ou desinteresse. Sendo assim, foi feita uma visita à Colônia de Pescadores do município para oferecer o curso e saber se este poderia ser ministrado na própria Colônia. As secretárias presentes afirmaram que o curso poderia ser ministrado ali, mas que era preciso uma aprovação do atual presidente da Colônia, que não se encontrava neste dia. O contato com o presidente foi feito por volta do dia 27 de outubro. Este alegou que a Colônia passava por problemas de abastecimento de água e que nos próximos dias iriam se iniciar algumas obras no local, o que impossibilitaria a realização do curso nesse local. A alternativa foi proposta pelo próprio presidente: utilizar a sede do Parque Natural Municipal do Manguezal do Rio Perequê, localizado ao lado do Centro de Estudos do Mar, no Balneário de Pontal do Sul, para a realização do curso.

No dia 28 de outubro foi encaminhado um ofício aos administradores da sede do Parque para reservar o espaço destinado às palestras para a realização do curso. O Parque foi reservado para os dias 4, 5, 6 e 7 de novembro, das 14:00 horas as 18:00 horas. Neste mesmo dia foi feita uma nova visita à Colônia de pesca, na qual foi entregue o convite, o cronograma do curso e uma lista de inscrição com 15 vagas. Em um acordo firmado, as secretárias da Colônia ficaram responsáveis de apresentar o convite do curso e convocar àqueles pescadores que elas julgassem como interessados para participarem. O modelo de convite encontra-se no Apêndice 8.

Um novo contato foi feito no dia 30 de outubro com as secretárias da Colônia para obter informações sobre o processo de convocação dos interessados ao curso. Elas afirmaram que até aquele momento nenhuma pessoa havia sido convocada para o curso. O motivo alegado por elas foi que não tinham o conhecimento se haveria ou não condução nos dias de curso para o deslocamento dos participantes da Colônia (Balneário de Shangri-lá) até o local do curso (Balneário de Pontal do Sul). Como o dia 31 de outubro (sexta-feira) e durante o final de semana a Colônia estaria fechada, a equipe avaliou a situação e tomou a decisão de adiar o curso, pois o tempo disponível para convidar os interessados não seria o suficiente.

Novo consulta foi realizada com as secretárias da Colônia de Pesca e nessa oportunidade elas passaram os nomes e contatos dos possíveis interessados em

participar do curso. Assim, a nossa equipe passou a entrar diretamente em contato com os nomes fornecidos pela Colônia para convidá-los. Foi decidido, juntamente com os pescadores que aceitaram o convite, que o curso seria realizado nos dias 11, 12, 13 e 14 de novembro, das 16:00 as 19:00 horas na sede do Parque Natural Municipal do Manguezal do Rio Perequê. Como a maioria dos contatados teriam meios próprios para se locomoverem ao local, foi decidido que não haveria condução coletiva para os mesmos.

No dia 10 de novembro, foi encaminhado um novo ofício à Secretaria do Parque para reservar o local para a realização do curso. Entretanto, nessa ocasião, a equipe foi informada que a sede do Parque só poderia ser usada até as 17:00 horas, segundo ordens do próprio Prefeito do Município. A saída concebida para driblar essa situação foi utilizar o espaço do próprio Centro de Estudos do Mar para a realização do curso. Sendo assim foi reservado o anfiteatro deste campus da UFPR para os mesmos dias e horários que já tinham sido acordados com os pescadores.

Como não foi possível entrar em contato com os pescadores que participariam do curso para informá-los sobre a mudança de local, no dia 11 de novembro, dois integrantes de nossa equipe aguardaram os participantes na sede do Parque, local inicialmente acordado para a realização o curso. Estes aguardaram das 15:30 até as 17:00 horas sem que nenhum participante aparecesse ou ligasse para informar sobre o não comparecimento. Um pouco mais tarde, foi feito contato com um dos pescadores que participaria do curso. Assim ficou-se sabendo que a maioria dos convidados não compareceu, pois estavam participando de uma reunião realizada no balneário de Shangri-lá. Durante essa mesma conversa, a pessoa questionou se o curso não poderia ser realizado na sede da EMATER, no balneário de Shangri-lá. Como a Colônia de Pesca do Município está estabelecida nesse mesmo balneário, a maioria dos pescadores convocados a participar do curso também residia nesse local. Por isso, a reivindicação para o curso se realizar na EMATER não representou a vontade de apenas um participante, mas sim um consenso entre todos os que haviam sido convidados.

Para resolver essa situação entrou-se em contato, ainda no dia 11 de novembro, com o responsável pela Unidade Regional da EMATER localizada no balneário de Shangri-lá. Este, como trabalha diretamente com os pescadores locais, ficou também interessado pela proposta do curso e disponibilizou o espaço para a

UFPR - Centro de Estudos do Mar
BIBLIOTECA

realização do mesmo. O espaço cedido ficou reservado para as tardes dos dias 12, 13 e 14 de novembro. Novo contato foi estabelecido com alguns dos interessados em participar do curso para avisá-los da transferência de local.

No dia 12 de novembro pela manhã, um membro de nossa equipe se locomoveu até Shangri-lá para tentar contato com os pescadores que não haviam sido avisados sobre a transferência de local do curso. Para isso, foi procurada a Colônia de Pesca, e, juntamente com uma de suas secretárias, iniciou-se uma busca pelos interessados ao curso. Os possíveis interessados foram encontrados no mercado de pescadores e próximo ao mesmo, e foram avisados sobre a transferência de local do curso. Nessa mesma manhã, foi também realizada uma visita à EMATER pelo mesmo integrante da equipe, para se ter conhecimento sobre as condições do local. Nessa ocasião constatou-se que o local possuía um bom espaço para palestras, com quadro, um bom número de cadeiras e uma cozinha, que também poderia ser usada para o armazenamento dos utensílios utilizados durante os lanches.

b) A preparação do material didático

A fim de elaborar as apresentações em Power Point, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o conteúdo temático que seria apresentado durante o curso. Os meios utilizados para a revisão foram a internet e livros. Os materiais selecionados foram resumidos, traduzidos quando necessário, e transcritos para uma linguagem simples e acessível aos pescadores. Os conteúdos mais importantes de cada resumo foram selecionados para a elaboração das apresentações em Power Point.

A elaboração das apresentações em Power Point foi concluída por volta do dia 11 de outubro de 2008. Entretanto, necessitou-se realizar ajustes nas aulas, e as versões finais ficaram prontas por volta do dia 26 do mesmo mês.

A apostila foi elaborada com base nas apresentações em Power Point, colocando aquilo de mais importante que cada apresentação trazia. A conclusão da apostila ocorreu por volta do dia 31 de outubro.

Após a definição da data e local do curso as apostilas foram encaminhadas à gráfica para impressão e encadernação. As páginas foram impressas em preto, sendo que somente as páginas que necessitavam ser coloridas para o entendimento de gráficos foram impressas em cor. A impressão destas páginas foi feita previamente em casa, visto o custo dos xérox coloridos, e posteriormente

encaminhas à gráfica para encadernação junto com as demais. As apostilas impressas e encadernadas ficaram prontas no dia 8 de novembro. Foram feitas um total de 25 cópias deste material.

Para a elaboração da oficina foi feita uma reunião da equipe responsável do curso para discutir a forma como seria realizada. O seu desenho detalhado ficou de responsabilidade de dois integrantes da equipe. Foi feita uma lista de todo o material necessário para a sua aplicação e em seguida foi realizada a compra dos mesmos. Na manhã do dia em que seria executada a oficina, a equipe se reuniu no Labsoc. para preparar o material que seria utilizado.

c) A preparação do certificado e do material para avaliação do curso

O certificado foi criado nos moldes dos certificados tradicionais utilizados em muitos cursos. Ele foi impresso colorido e em papel específico. Após a sua impressão, ele foi assinado pelo responsável da elaboração do curso e por sua orientadora. Foram feitas 25 cópias deste material. O modelo do certificado encontra-se no Apêndice 9.

A preparação dos dois questionários que seriam aplicados no curso foi concluída por volta do dia 28 de outubro. Esse material foi encaminhado à gráfica para impressão juntamente com as apostilas, sendo feitas 25 cópias de cada questionário.

d) A obtenção de equipamentos

Os notebooks utilizados durante o curso para as apresentações das aulas pertenciam aos membros da equipe. O data-show foi obtido junto à UFPR e pertencia ao Centro Acadêmico de Oceanografia da própria Universidade. Ele foi reservado previamente para os dias em que o curso seria ministrado. Os cabos e no-breaks utilizados para ligar os equipamentos pertenciam ao Labsoc. A caneta a laser e as duas máquinas fotográficas utilizadas, assim como o recarregado de pilhas pertenciam ao responsável pela elaboração do curso.

e) O lanche e o material de limpeza

Foi contatado o responsável pela cantina do Centro de Estudo do Mar-UFPR para preparar os lanches que seriam oferecidos aos participantes do curso ao final de cada aula. Para o primeiro dia foram preparados um bolo, duas tortas salgadas,

uma térmica de 5 litros de café e outra de leite, além de duas térmicas de mesma capacidade de sucos de sabores diferentes. Como sobrou muito alimento após o primeiro dia, nos dias seguintes foram levados apenas meia térmica de café e meia de leite, uma térmica de suco, uma torta salgada e meio bolo. O açúcar e adoçante para o café também foram oferecidos pelos responsáveis da cantina. As colheres para misturar o café pertenciam ao próprio Labsoc. As canecas plásticas foram compradas previamente à elaboração do curso e eram lavadas após a utilização. No local do curso já existia um galão d'água de 5 litros com dosador. Este foi utilizado durante os dias de curso até que acabasse, sendo reposto no último dia.

Além do lanche preparado pelos responsáveis da cantina foram comprados 6 pacotes de biscoitos salgados e doces que eram oferecidos aos participantes no intervalo das aulas.

Foram levados dois panos de prato, detergentes e esponjas para lavar e secar o material utilizado durante os lanches, como canecas e colheres. Os demais materiais utilizados para a limpeza do espaço cedido para a realização do curso, como vassoura, pá e panos de chão, pertenciam a própria EMATER.

f) A preparação do local

Durante o primeiro dia os responsáveis pela execução do curso chegaram ao local de realização do mesmo com uma hora de antecedência para acomodar o local e checar o funcionamento de todo o material que seria utilizado. Nos demais dias, a equipe chegou ao local com 15 a 30 minutos de antecedência para a preparação e acomodação de todos os equipamentos.

5.2.2 Características dos participantes

O curso teve um total de 12 participantes, sendo que, destes, 11 eram homens e apenas uma, mulher. Quanto à idade dos participantes, 4 pertenciam a faixa de idade entre 20 e 30 anos, 3 pertenciam a faixa entre 31 e 40 anos, 2 pertenciam a faixa entre 41 e 50, e 3 deles possuíam mais de 50 anos (Tabela 3). A idade média dos participantes foi de 39 anos.

TABELA 3- NÚMERO DE PARTICIPANTES POR FAIXA DE IDADE

Representação dos participantes por idade		
	N	***(%)***
Entre 20 e 30 anos	4	33
Entre 31 e 40 anos	3	25
Entre 41 e 50 anos	2	17
Mais de 50 anos	3	25
Total	12	100

Os doze pescadores que participaram do curso residiam no município de Pontal do Paraná, sendo que oito destes residiam no balneário de Shangri-lá, dois em Ipanema, um em Barrancos e um em Pontal do Sul (Tabela 4).

TABELA 4- NÚMERO DE PARTICIPANTES POR BAIRROS DO MUNICÍPIO

Representação dos participantes por balneário		
	N	***(%)***
Barrancos	1	8
Ipanema	2	17
Pontal do Sul	1	8
Shangri-lá	8	67
Total	12	100

Quanto ao grau de escolaridade dos participantes, quatro não concluíram o ensino fundamental, três tinham o ensino fundamental completo, quatro possuíam o ensino médio completo e apenas um possuía o ensino superior completo (Tabela 5). O participante que possuía o ensino superior era formado em pedagogia.

TABELA 5- NÚMERO DE PARTICIPANTES POR FAIXA DE ESCOLARIDADE

Escolaridade		
Escolaridade	***N***	***(%)***
Fundamental incompleto	4	33
Fundamental completo	3	25
Ensino médio incompleto	0	0
Ensino médio completo	4	33
Superior incompleto	0	0
Superior completo	1	8
Total	12	100

NOTA: Ensino fundamental – do pré a oitava série do primeiro grau; Ensino Médio – do primeiro ao terceiro ano do segundo grau.

Dentre os doze participantes do curso, dez realizavam apenas uma atividade relacionada à pesca e dois realizavam duas atividades.

Onze participantes realizavam a pesca. Destes, dois realizavam outra atividade além da pesca, sendo que um trabalhava com a fabricação de barcos de fibra e outro cultivava marisco. O único participante que não realizava a pesca trabalhava com o beneficiamento do pescado. (Tabela 6).

TABELA 6- ATIVIDADES RELACIONADAS À PESCA REALIZADAS PELOS PARTICIPANTES

Atividades relacionadas à pesca realizadas pelos participantes	
Tipo de atividades desenvolvidas	***N***
Pesca	11
Fabricação de barcos de fibra	1
Cultivo de marisco	1
Beneficiamento de pescado	1

Apenas um dos participantes do curso exercia a pesca, ou outra atividade relacionada à mesma, a menos de 10 anos. Quatro participantes possuíam entre 10 e 20 anos de trabalho dedicados à pesca e outros quatro possuíam entre 21 e 30 anos dedicados à mesma. Os três restantes têm ainda mais anos dedicados à pesca: um entre 31 e 40 anos, outro entre 41 e 50 anos, e o terceiro mais de 50 anos (Tabela 7). Ou seja, a quase totalidade dos participantes tinha ampla experiência na pesca, o que os fazia pessoas aptas para o curso e confirmava a validez deste no sentido de dirigir-se efetivamente a pessoas envolvidas na atividade.

TABELA 7- TEMPO DE TRABALHO NA PESCA DOS PARTICIPANTES DO CURSO

Tempo de trabalho na pesca		
Tempo	***N***	***(%)***
Menos de 10 anos	1	8
Entre 10 e 20 anos	4	33
Entre 21 e 30 anos	4	33
Entre 31 e 40 anos	1	8
Entre 41 e 50 anos	1	8
Mais de 50 anos	1	8
Total	12	100

Dentre os participantes do curso, dez estavam filiados à Colônia de Pesca de Pontal do Paraná e apenas dois não eram filiados. Dois dos participantes têm exercido algum cargo na Colônia, sendo que ambos trabalharam como secretários. Interessante salientar que uma destas pessoas não estava filiada à Colônia. O outro secretário recentemente tinha assumido a função de presidente durante 90 dias, no período eleitoral, porque o presidente da Colônia concorria ao cargo de vice-prefeito do município. Esse mesmo secretário já havia trabalhado com tesoureiro durante quatro anos e como presidente interino durante seis meses na Colônia de Pesca de Foz do Iguaçu.

Nenhum outro participante havia ocupado algum cargo na Colônia de Pontal do Paraná, entretanto, um já havia ocupado o cargo de capataz na Colônia de Paranaguá, entre 1992 e 1996. Segundo o participante, esse cargo era comum

antigamente. A expressão utilizada pelo participante para descrever a função exercida por um capataz foi "braço direito do presidente".

Além da filiação à Colônia de pesca, existiam oito participantes que eram filiados a Associações de pescadores. Destes, cinco estavam filiados à Associação Comunitária dos Pescadores de Shangri-lá (ACOPS) e três estavam filiados à Associação Comunitária dos Pescadores Profissionais de Pontal do Paraná (ASCOMPES).

Dos filiados a essas Associações, dois ocupavam cargos em alguma delas, sendo um como secretário e outro como vice-presidente. Ainda existiam outros dois participantes que já haviam ocupado cargos anteriormente nessas associações, sendo ambos como conselheiros fiscais.

Todos os inscritos no curso já haviam participado de outros cursos que abordavam temas relativos à pesca. Três já haviam participado em um curso sobre pesca, cinco já haviam participado de outros dois cursos, dois já haviam participado em outros três cursos, um já havia participado de quatro cursos e um já havia participado em outros 5 cursos (Tabela 8).

TABELA 8- NÚMERO DE CURSOS JÁ REALIZADOS PELOS PARTICIPANTES

Número de cursos que já participou		
Quantidade de cursos já realizados	***Número de participantes***	***(%)***
1 curso	3	25
2 cursos	5	42
3 cursos	2	17
4 cursos	1	8
5 cursos	1	8
Total	12	100
Média do n de cursos já realizados	2,3 cursos por participante	

Os temas abordados nos cursos já realizados pelos participantes são variados (Tabela 9). Alguns são relativos à mesma formação técnica dos pescadores e que respondem a requisitos legais, que é o caso dos cursos de patrão de pesca e curso na marinha; outros apontam a apresentar novas fontes de renda associadas à pesca, tais como os cursos de pesca e turismo, pesca e aqüicultura, maricultura, e pesca e mergulho. Outros dos cursos assistidos pelos pescadores os ensinam a melhorar as condições de trabalho, tais como o de segurança no trabalho, e manutenção de embarcações. O curso de guarda-vida voluntário é uma capacitação também associada à segurança e eventualmente pode servir como preparação para

trabalhar. O curso de economia solidária aponta a incentivar a criação de cooperativas como meio dos pescadores se fortalecerem no mercado. Finalmente, o curso de recursos marinhos oferecido pelo IBAMA para os pescadores pode ser o único dos realizados pelos participantes que tenha tratado sobre a crise dos recursos pesqueiros.

TABELA 9- TEMAS DOS CURSOS JÁ REALIZADOS PELOS PARTICIPANTES

Cursos realizados pelos participantes		
Tema do curso	***Instituição responsável***	***Ano de realização***
Pesca e Turismo (Pesca e Guia)	EMATER e SEMA - PR	2006
Pesca e Aqüicultura	EMATER – SC	1988
Segurança no trabalho	FUNDACENTRO	2003,2004,2005 e 2007
Economia Solidária	Casa Brasil (Gov. Fed.)	2006
Maricultura	UFPR	2005
Pesca e Mergulho	UFPR	2004
Manutenção de embarcações	Não lembra	2007
Manutenção de embarcações	IEMAR	1979
Recursos Marinhos	IBAMA	2005
Guarda-vida voluntário	Bombeiro	2006
Curso da marinha (não lembra)	Marinha	Não lembra
Patrão de Pesca Regional	Marinha	1984

Observa-se que nenhum dos cursos citados abordava o Código de Conduta para a pesca responsável, da FAO, nem o Convênio sobre o trabalho no setor pesqueiro, da OIT. Apenas um dos cursos citados tinha como temática central os recursos marinhos, sendo este oferecido pelo IBAMA. Este último é o mais próximo ao conteúdo do curso proposto por nossa equipe, porém o enfoque do IBAMA possivelmente tenha sido desde uma visão naturalista e conservacionista e, aparentemente, não desenvolveu a questão da gestão pesqueira. Assim, o curso proposto não estaria repetindo conteúdos senão que viria a trazer outro enfoque, onde a crise dos recursos se coloca para problematizar a gestão, e o foco não é a conservação senão a participação dos pescadores na gestão. E, além disso, soma a apresentação de dois importantes documentos internacionais que devem ser conhecidos pelos pescadores para eles conceberem como aplicar o código de pesca responsável e para eles conhecerem melhor os seus direitos.

O curso oferecido pela FUNDACENTRO sobre a Segurança no Trabalho é um dos aspectos que aborda o Convênio sobre o Trabalho, de onde os pescadores poderão compreender melhor a questão da segurança como um direito dos trabalhadores.

5.2.3 Informação prévia sobre os temas do curso e expectativas

Quanto ao nível de conhecimento declarado pelos participantes sobre os temas que seriam abordados durante o curso, foi diferente segundo o tema. Em relação à situação dos recursos pesqueiros declararam conhecer pouco ou nada sete dos doze participantes sobre os recursos mundiais; seis sobre os recursos do Brasil; e três sobre os recursos no Paraná. Correspondentemente, declararam conhecer bastante, um participante sobre os recursos mundiais, dois sobre os recursos do Brasil, e quatro sobre os do Paraná. Os restantes quatro ou cinco participantes responderam que conheciam mais ou menos a situação dos recursos, sendo uma resposta um tanto indeterminada e que as pessoas costumam escolher para não se comprometer com algo positivo ou negativo mais definido. Assim, o que se desprende é que o conhecimento dos participantes sobre a situação dos recursos pesqueiros, como previsível, é maior sobre a realidade imediata, e menor sobre a mais mediata, indicando a oportunidade desses conteúdos para o curso proposto.(Tabela 10).

TABELA 10- NÍVEL DECLARADO DE CONHECIMENTO DOS PARTICIPANTES SOBRE A SITUAÇÃO DOS RECURSOS PESQUEIROS NO MUNDO, NO BRASIL E NO PARANÁ

	Situação dos Recursos Pesqueiros					
	No mundo		***No Brasil***		***No Paraná***	
Nível	***N***	***(%)***	***N***	***(%)***	***N***	***(%)***
Nada	2	17	2	17	0	0
Pouco	5	42	4	33	3	25
Mais ou menos	4	33	4	33	5	42
Bastante	1	8	2	17	4	33
Muito	0	0	0	0	0	0
Total	12	100	12	100	12	100

Em relação à temática da situação da pesca artesanal, a metade dos participantes declarou conhecer bastante e apenas dois declararam conhecer pouco, sendo que os quatro restantes responderam conhecer mais ou menos (Tabela 11). O conhecimento que os participantes possam ter sobre este tema deriva de sua experiência imediata, mas não invalida a sua abordagem no curso desde que estará complementando e problematizando aspectos de interesse dos participantes.

TABELA 11- NÍVEL DECLARADO DE CONHECIMENTO DOS PARTICIPANTES SOBRE A SITUAÇÃO DA PESCA ARTESANAL

Situação da Pesca Artesanal		
Nível de Conhecimento	***N***	***(%)***
Nada	0	0
Pouco	2	17
Mais ou menos	4	33
Bastante	6	50
Muito	0	0
Total	12	100

Quanto ao Código de conduta para a pesca responsável, onze dos doze participantes afirmaram não conhecer nada ou conhecer pouco sobre o documento da FAO (Tabela 12). A pessoa que respondeu bastante provavelmente não entendeu a pergunta, confundindo com o que ele sabia sobre a prática responsável da pesca e não sobre o documento, até porque quando foi questionado a eles após a apresentação desta aula, todos afirmaram não conhecer o documento da FAO. O desconhecimento dos pescadores de um documento tão importante, e que já tem mais de dez anos de aprovado, verifica o acerto deste conteúdo do curso.

TABELA 12- NÍVEL DECLARADO DE CONHECIMENTO DOS PARTICIPANTES SOBRE O CÓDIGO DE CONDUTA PARA A PESCA RESPONSÁVEL

Código de Conduta para Pesca Responsável		
Nível de Conhecimento	***N***	***(%)***
Nada	8	67
Pouco	3	25
Mais ou menos	0	0
Bastante	1	8
Muito	0	0
Total	12	100

Em relação ao documento do Convênio sobre o trabalho no setor pesqueiro da OIT, nove participantes afirmaram conhecer pouco ou não conhecer nada sobre o assunto, apenas um afirmou conhecer bastante e dois afirmaram conhecer mais ou menos (Tabela 13). As pessoas que afirmaram conhecer bastante ou mais ou menos novamente podem não ter entendido a pergunta. Isto porque o documento da OIT é muito recente (2007), sendo que possivelmente eles confundiram a pergunta com o que eles conheciam sobre a segurança no trabalho da pesca. Novamente, o desconhecimento dos participantes de um documento tão importante, justifica sua inclusão no conteúdo do curso.

TABELA 13- NÍVEL DECLARADO DE CONHECIMENTO DOS PARTICIPANTES SOBRE O CONVÊNIO SOBRE O TRABALHO NO SETOR PESQUEIRO

Convênio Sobre o trabalho no setor pesqueiro		
Nível de Conhecimento	***N***	***(%)***
Nada	4	33
Pouco	5	42
Mais ou menos	2	17
Bastante	1	8
Muito	0	0
Total	12	100

Em relação à temática da gestão pesqueira, os participantes do curso se dividiram em quantidade iguais entre os que afirmaram conhecer pouco sobre o assunto e os que afirmaram conhecer bastante, ambas as opções com cinco respostas, sendo que os restantes dois responderam que conheciam mais ou menos (Tabela 14). A oportunidade de abordar a questão da gestão pesqueira é independente do quanto já se conheça sobre o assunto, pois se trata de discutir e de propender a que os pescadores assumam um papel mais ativo nela. Porém, constatar que a metade, ou mais, dos participantes dizem conhecer pouco o tema, reafirma a pertinência do foco do curso.

TABELA 14- NÍVEL DECLARADO DE CONHECIMENTO DOS PARTICIPANTES SOBRE A GESTÃO PESQUEIRA

Gestão Pesqueira		
Nível de Conhecimento	***N***	***(%)***
Nada	0	0
Pouco	5	42
Mais ou menos	2	17
Bastante	5	42
Muito	0	0
Total	12	100

No conjunto das respostas, observa-se que nenhum participante afirmou ter muito conhecimento sobre os temas do curso.

Quando foi perguntado aos participantes o motivo do interesse em participar do curso, sete responderam querer aprender mais e estar mais informados, dois responderam querer aprender e repassar informações a outros pescadores, dois responderam gostar de participar de cursos, e uma pessoa respondeu se interessar devido à difícil situação dos pescadores (Tabela 15).

TABELA 15- MOTIVO DO INTERESSE DOS PARTICIPANTES PARA PARTICIPAR DO CURSO

Por que se interessou pelo curso?		
Tipo de interesse	***n***	***(%)***
Aprender mais e estar mais informado	7	58
Aprender e repassar a informação a outros pescadores	2	17
Aprender e gosto de participar	2	17
Pela situação difícil dos pescadores	1	8
TOTAL	12	100

Quando foi perguntado aos participantes o que esperavam do curso, nove dos doze responderam que o curso trouxesse mais conhecimento e informações novas, dois responderam esperar também que o curso estreitasse os laços de parceria entre os pescadores e a Universidade, e uma pessoa afirmou esperar que o curso somasse efetivamente conhecimento (Tabela 16).

TABELA 16- EXPECTATIVAS DOS PARTICIPANTES EM RELAÇÃO AO CURSO

Expectativas do curso		
Tipo de expectativa	***n***	***(%)***
Traga conhecimento e informações novas	9	75
Traga conhecimentos e estreite laços de parceria	2	17
Que some conhecimento (*'não traga e sim some!"*)	1	8
TOTAL	12	100

5.2.4 Relato do realizado no curso

5.2.4.1 Aplicação das enquêtes e demais procedimentos e atividades previstas

a) A aplicação do questionário inicial

No primeiro dia de curso (12 de novembro), os participantes foram recebidos pelo responsável do curso na entrada da EMATER, no balneário de Shangri-lá, e encaminhados ao local onde o questionário inicial seria aplicado (Fotografia 1). Os participantes eram informados que este era o procedimento para inscrição do curso. Dois representantes da equipe ficaram responsáveis pela aplicação do questionário, o que levou aproximadamente 40 minutos, com um tempo médio de 8 minutos por entrevistado. Dois novos participantes compareceram ao curso no segundo dia. Para estes, a aplicação do questionário ocorreu nesse dia. Um dos membros da equipe ficou responsável por guardar os formulários preenchidos e a lista de presença e por passar as informações para uma planilha do Excel ao final de cada dia, para que os

dados fossem processados mais rapidamente e interpretados logo após a realização do curso.



FOTOGRAFIA 1- PROCEDIMENTO DE APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS NO PRIMEIRO DIA DE CURSO

b) A apresentação da equipe e dos participantes

Assim que a aplicação do questionário inicial foi concluída, por volta das 17 horas, a equipe do curso deslocou-se até a parte do local onde as aulas seriam ministradas. Primeiro, o responsável pela elaboração do curso se apresentou, falando o nome e sua atividade dentro da Universidade. Os demais membros da equipe também se apresentaram passando as mesmas informações pessoais.

Após a apresentação da equipe, os participantes também a fizeram. Estes estavam sentados em roda e um por vez dizia o nome, o balneário onde reside, o trabalho que realiza na pesca ou relacionado à mesma, o tempo que faz que realiza dito trabalho e o que esperava em relação ao curso. Todo o procedimento de apresentação da equipe e dos participantes durou por volta de 15 minutos.

c) A apresentação do curso (objetivos, temas, mecânica e cronograma)

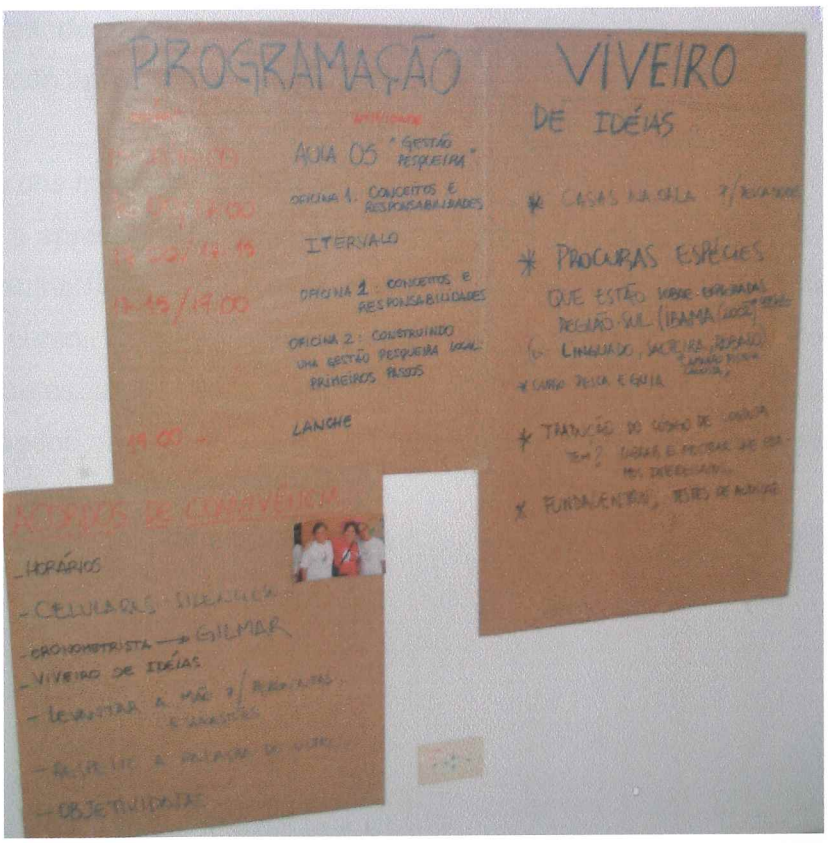
O curso foi descrito aos participantes com base em uma apresentação em Power Point. O responsável pela elaboração do curso explicou que este fazia parte de seu trabalho de monografia e que se interessava com os assuntos relacionados à

pesca e por isso havia escolhido esse tema. O responsável também afirmou que o curso deveria ser uma troca de informações entre a equipe e os participantes e que também esperava aprender com eles. Explicou que este se tratava de uma primeira experiência e que por isso poucas pessoas haviam sido convidadas, sendo que as que compareceram iriam avaliar o curso e propor mudanças para uma próxima aplicação. Os temas que seriam tratados e o cronograma proposto foram apresentados aos participantes.

O cronograma do dia era fixado na parede para que os participantes soubessem os horários que deveriam ser cumpridos (Fotografia 2). Foi proposto que um dos participantes ficasse responsável por orientar o cumprimento dos horários do cronograma. Este participante era chamado de "homem do relógio". Durante o curso ele auxiliava o cumprimento dos horários de várias formas: levantava a mão quando faltavam alguns minutos para encerrar o prazo para apresentação das aulas, limitava as discussões para que não se prolongassem, orientava aos participantes para que cumprissem o tempo proposto para o intervalo, entre outras.

Também foram apresentados aos participantes alguns instrumentos que auxiliariam na boa convivência entre eles e a equipe durante os dias de curso. Um dos instrumentos apresentados foi o chamado "Acordos de Convivência". Esse era um cartaz que foi fixado na parede e que era preenchido conforme os participantes sugeriam idéias para uma boa convivência. Os acordos sugeridos pelos participantes foram: colocar os celulares no silencioso, levantar a mão para falar, respeitar a fala e opinião do outro, e que as falas fossem breves e pertinentes (Fotografia 2).

Outro instrumento foi o chamado "Viveiro de Idéias". Como o tempo do curso era curto e algumas discussões não poderiam se prolongar, o objetivo deste instrumento era registrar as idéias e sugestões mais importantes levantadas pelos participantes para que fossem debatidas no próprio curso, se houvesse tempo, ou em uma próxima oportunidade. As idéias eram colocadas em um cartaz que ficou fixado em uma parede durante os dias de curso (Fotografia 2).



FOTOGRAFIA 2- PROGRAMAÇÃO, "VIVEIRO DE IDÉIAS" E "ACORDOS DE CONVIVÊNCIA" FIXADOS NA PAREDE

d) A discussão de um novo cronograma

Como o curso inicialmente estava previsto para ser aplicado em quatro dias (terça a sexta-feira) e um dia foi perdido (terça-feira) devido a motivos já explicados, foi preciso discutir com os participantes um novo cronograma. Nenhum dos participantes poderia comparecer no sábado para repor o dia perdido. Alguns participantes sugeriram que o dia perdido se repusesse na segunda feira 17 de novembro. Como essa alternativa não foi um consenso entre os participantes e o último dia de curso era muito importante já que estava programada a oficina, os integrantes da equipe do curso definiram que essa não seria uma boa opção. Assim, se ofereceu duas alternativas: que o curso fosse aplicado em três dias com 3 horas diárias e algumas aulas seriam cortadas; ou que se tentasse ministrar todas as aulas e para isso o segundo e terceiro dias o trabalho se iniciaria uma hora mais cedo. Os participantes se mostraram bem interessados nos temas propostos e decidiram por consenso que o curso se iniciaria as 15:00 horas nos dois dias seguintes e se estenderia até as 19:00 horas para tentar que todas as aulas fossem ministradas. Os

procedimentos de apresentação do curso e a discussão do novo cronograma tiveram duração aproximada de 25 minutos.

e) A entrega dos materiais didáticos:

Após a apresentação do curso e discussão do novo cronograma, foi entregue aos participantes uma pasta que continha um bloco de anotações, uma caneta e a apostila do curso. O responsável pela elaboração do curso apresentou a apostila aos participantes sugerindo a releitura e a discussão posterior em grupo sobre os temas abordados nela (Fotografia 3). Todo esse procedimento levou em torno de 5 minutos.



FOTOGRAFIA 3- APRESENTAÇÃO DA APOSTILA

f) A lista de presença

A lista de presença foi passada sempre na volta dos intervalos durante os três dias de curso para que os participantes colocassem seus nomes nela.

g) O café do intervalo e os lanches

No intervalo das aulas foram oferecidos aos participantes do curso café, leite e biscoitos (Fotografia 4). E ao final de cada dia foi oferecido um lanche com tortas salgadas, bolos, sucos, café e leite. O lanche e todos os utensílios utilizados para o mesmo eram mantidos na cozinha da EMATER. Um membro da equipe ficou responsável por levar os utensílios, o café e o lanche onde seriam servidos

momentos antes do início dos intervalos e antes da finalização da última aula ou tarefa do dia. Após a finalização do lanche do dia todos os utensílios utilizados eram lavados e guardados.



FOTOGRAFIA 4- CAFE OFERECIDO AOS PARTICIPANTES NOS INTERVALOS DAS AULAS

h) O registro fotográfico

Durante todos os dias, um membro da equipe do curso ficou responsável por realizar os registros fotográficos. Assim, todos os momentos do curso foram registrados, como as apresentações da equipe e dos participantes, as aulas expositivas, os intervalos e lanches, as oficinas, as discussões, a integração entre equipe e participantes do curso, entre outros momentos. Após a finalização de cada dia, a pessoa responsável pelo registro fotográfico também descarregava as fotos da câmera para o computador e carregava as pilhas.

i) A limpeza e organização do local

Ao final de cada dia de curso, os responsáveis pela execução do mesmo organizavam o espaço cedido pela EMATER e faziam a limpeza.

5.2.4.2 Desenvolvimento das aulas expositivas e da oficina

a) O desenvolvimento das aulas

A aula 1 (Situação dos recursos pesqueiros marinhos) começou a ser apresentada às 18h00min do primeiro dia de curso (quarta-feira, 12 de novembro) sendo finalizada às 18h50min (Fotografia 5). A apresentação contou com a participação ativa dos participantes que faziam perguntas e colocações durante todo o tempo. Entretanto, em alguns momentos, as discussões fugiram um pouco do conteúdo que era apresentado e alguns participantes intervinham demasiadamente. Por esses motivos, a equipe responsável pelo curso precisou controlar as falas dos participantes. Após a exposição da aula foi aberto um tempo para esclarecimento de dúvidas e discussões sobre o tema apresentado, que teve duração de 25 minutos.



FOTOGRAFIA 5- APRESENTAÇÃO DA AULA 1

A aula 2 (Situação da pesca artesanal) começou a ser apresentada às 15h15min. da quinta feira, dia 13, sendo finalizada às 16h15min (Fotografia 6). Durante essa apresentação os participantes também faziam comentários e levantavam questões. A maioria dessas intervenções tinha relação com o conteúdo que era apresentado. Uma discussão importante gerada nessa aula foi sobre os dados sobre a pesca no litoral do Paraná. Muitos pescadores questionaram a

confiabilidade e a discrepância dos dados apresentados. Mostrar esses dados desatualizados e de diferentes fontes foi uma atitude proposital para gerar essa discussão e mostrar um pouco da dificuldade em se obter dados realistas sobre a pesca no município, assim como refletir sobre a importância que dados atuais e confiáveis têm na elaboração das medidas de gestão. Ao final da aula novamente foi aberto um tempo para esclarecimento de dúvidas e discussões. Esse procedimento levou cerca de 30 minutos e o encerramento precisou ser feito pelos responsáveis do curso, pois já havia se prolongado muito.



FOTOGRAFIA 6- APRESENTAÇÃO DA AULA 2

A aula 3 (O código de conduta para a pesca responsável) se iniciou às 17h00minh do segundo dia de curso (13 de novembro) e se estendeu até as 18h15min. A apresentação dessa aula contou com poucas intervenções dos pescadores, provavelmente por se tratar de um assunto desconhecido. Entretanto, o tempo aberto para a discussão após a aula contou com grande interesse e participação da maioria dos pescadores. Esse momento teve duração de aproximadamente 35 minutos (Fotografia 7). Ao final dessa discussão foi questionado aos pescadores se estariam dispostos a assistir a mais uma apresentação para que todas as aulas propostas no cronograma inicial do curso fossem apresentadas. Alguns participantes manifestaram-se dispostos, mas a maioria preferiu encerrar o trabalho desse dia. Como para a elaboração das oficinas

era preciso que a aula de gestão pesqueira fosse apresentada, foi preciso cortar do cronograma a aula que apresentaria o Convênio sobre o trabalho no setor pesqueiro (OIT).



FOTOGRAFIA 7- DISCUSSÃO AO FINAL DA AULA 3

A aula 5 (Gestão pesqueira) foi ministrada no terceiro dia do curso (14 de novembro), e teve início às 15h20min. e encerramento às 16h30min. Durante essa aula os participantes intervinham em muitas oportunidades. Durante a apresentação das ferramentas de gestão pesqueira se iniciou uma discussão sobre a validade das mesmas que se prolongou demasiadamente. Nessa aula existiram muitos comentários nos quais os participantes criticavam os órgãos ambientais locais responsáveis pela aplicação das medidas de gestão em vigor no estado, o que não era oportuno nesse momento, mas que aconteceu por eles ter uma carga emocional e de preocupação grande com isso. Como a aula se estendeu além do tempo esperado e se deram muitas discussões durante a apresentação da mesma, no final da aula já tinha sido utilizado o tempo reservado para discussões.

b) O desenvolvimento da parte 1 da oficina

Logo após a apresentação da aula 4, foi realizada a primeira parte da oficina do curso. Às 16h35min um dos integrantes de equipe responsável pelo curso explicou o funcionamento para essa primeira atividade. Nesse momento, oito

participantes estavam presentes. Estes foram divididos em dois grupos: o Grupo 1 foi composto por Joaquim, Jacir, Douglas e Sidney; e o Grupo 2 foi composto por Léo, Alysson, Deverson e Ariel.

Os participantes receberam canetas e recortes de cartolinas para que escrevessem nestes o que entendiam por "participação" e "gestão" (Fotografia 8). Eles demoraram cerca de 15 minutos para finalizar essa etapa da atividade. Depois de finalizada, um participante de cada grupo se dirigia à frente dos demais para apresentar o que tinham elaborado (Quadro 4). O orador do Grupo 1 foi o participante Douglas e o orador do Grupo 2 foi o participante Léo. Após a explicação deles, os cartões preenchidos pelas equipes eram colados na parede, montando um painel.

Depois desse passo, um dos integrantes da equipe do curso mostrou e explicou os cartões com os conceitos de "gestão" e "participação" encontrados na literatura, comparando com os cartões elaborados pelos grupos e os colando no painel (Fotografia 9).

Durante as explicações e comparações os participantes discutiam sobre as formas em que os pescadores participam na gestão da pesca atualmente e quais seriam as formas ideais de participação dos pescadores nesse processo. Toda essa primeira atividade teve duração total de 1 hora, sendo encerrada às 17h35min.

O que é?	Grupo 1	Grupo 2
Participação	Adquirir conhecimento no dia a dia	Comunicação entre UFPR, IBAMA, pescadores, comunidades, governo, município. Fazer cursos, reuniões, palestras
Gestão	Administração Participativa; Gerenciamento	Deve cumprir a lei, fazer que seja cumprida. Elaboração de novas leis, seguir as normas, seguir o código de conduta.

QUADRO 4- CONCEITOS DE "PARTICIPAÇÃO" E "GESTÃO"



FOTOGRAFIA 8- GRUPOS TRABALHANDO NA PRIMEIRA PARTE DA OFICINA



FOTOGRAFIA 9- MONTAGEM DO PAINEL E EXPLICAÇÃO DOS CONCEITOS DA LITERATURA NA PRIMEIRA OFICINA

c) O desenvolvimento da parte 2 da oficina

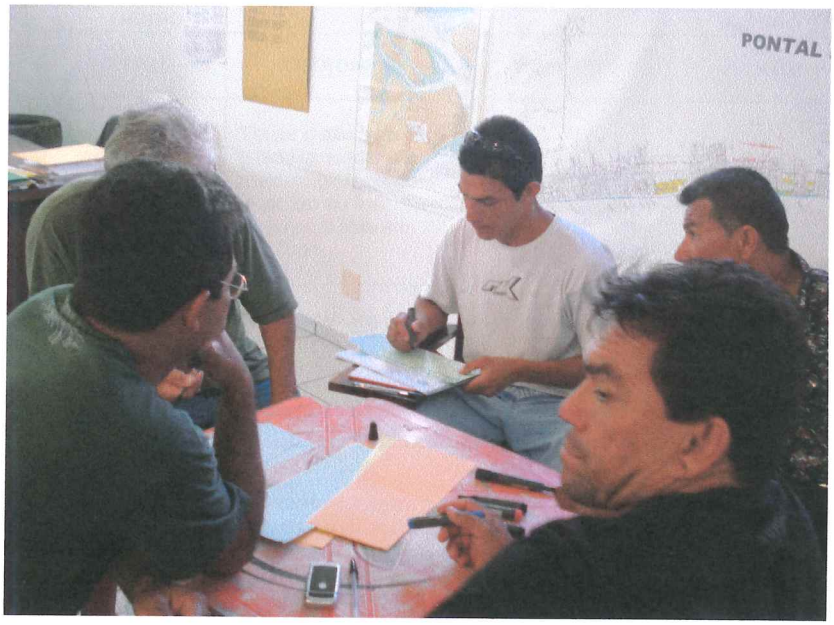
Logo após a realização da primeira parte da oficina, foi feito um intervalo de 15 minutos e, em seguida, os participantes voltaram a suas carteiras para a realização da segunda atividade. A segunda parte teve início às 17h45min. Um dos integrantes da equipe responsável pelo curso explicou o funcionamento da atividade.

No primeiro passo, os participantes listaram as instituições e atores que participam -ou deveriam participar- da gestão da pesca no Paraná. Rapidamente os pescadores citaram vários atores, os escreveram em cartões e estes foram colados na parede (Fotografia 10). Após essa listagem, os grupos voltaram a se reunir com a mesma formação da primeira parte da oficina, entretanto os participantes que estavam ausentes na primeira atividade, agora se encontravam presentes e se integraram aos grupos. Assim, o grupo 1 ficou composto pelos participantes Jacir, Joaquim, Douglas, Sidney, Gilmar e Pedro (este último fez-se presente apenas na metade dessa atividade em diante); e o grupo 2 ficou composto pelos participantes Léo, Alysson, Deverson, Ariel, Cleonice e Edinal.



FOTOGRAFIA 10- MONTAGEM DO PAINEL DA SEGUNDA PARTE DA OFICINA: AS INSTITUIÇÕES E ATORES CITADOS PELOS PARTICIPANTES

Os grupos receberam a instrução de que escrevessem as responsabilidades, os pontos positivos e pontos negativos de cada um dos atores ou instituições citados no passo anterior da atividade. Durante a atividade, as equipes foram auxiliadas pelos responsáveis do curso. De um modo geral, todos os membros da equipe trabalharam e opinaram durante a atividade (Fotografias 11 e 12). Assim que cada cartão era preenchido, era fixado na parede para a montagem de um painel. Os grupos levaram aproximadamente 50 minutos para escrever os aspectos positivos e negativos de todas as instituições listadas (Quadro 5). Sendo assim, essa etapa da atividade foi finalizada às 18h35min.



FOTOGRAFIA 11- GRUPO 1 TRABALHANDO DURANTE A SEGUNDA PARTE DA OFICINA



FOTOGRAFIA 12- GRUPO 2 TRABALHANDO DURANTE A SEGUNDA PARTE DA OFICINA

	GRUPO 1			GRUPO 2		
STITUIÇÃO LISTADA	PONTOS +	PONTOS -	RESPONSAB.	PONTOS +	PONTOS -	RESPOSAB.
cador	Preocupar-se com a despoluição e a depredação e sobrevivência sustentável	Falta de consciência com a preservação do mar (através de redes e aparelhos impróprios para a captura)	Trazer o alimento para a família, cuidar do meio ambiente, não jogar lixo no mar inclusive o óleo e o plástico	Produção, sustentabilidade	Descumprimento das leis	Cumprimento das leis, participação
lônia Pesca	Ficar aberta o dia todo, intermediar os benefícios do pescador, marcar reuniões freqüentes com os associados	Falta de atitude; Trabalha só meio expediente, Não repassa informação	Criar benefícios ao pescador, saúde, médico. Cuidar da documentação do pescador	Representatividade	Falta informação aos associados; cumprir o estatuto	Representar os pescadores; Cuidar e zelar pela imagem da classe
MA	Estão mais abertos, se convidados aparecem (mas não por iniciativa própria)	Perseguir o pescador sem dar esclarecimento e sem educação (abuso do poder); Não faz reuniões, não divulga informação	Agir com educação, sem abuso do poder; Fiscalização com inteligência; Criar normas; Bom senso; passar informações	Audiências Públicas, Elaboração das leis	Falta de informação	Criar leis; Fiscalizar
P	Estão tentando preservar	Abuso do Poder	Fazer cumprir as normas e leis da pesca; Buscar soluções para melhoria da pesca	Fiscalização	Falta de respeito ao abordar os pescadores	Monitoramento da costa
rpa Verde	Fiscalização	Má autuação, abuso do poder	Fiscalização dos barcos e autuação	Desconhecemos	Abuso do Poder	Preservar
olônia Portos	Cursos de aprendizado; resgates e aviso de mau tempo	Mau atendimento ao público	Documentação do pescador; carteira de navegação (CIR); Fiscalização	Regularização dos Documentos.	Normas rigorosas com os artesanais	Fiscalização das embarcações
AP	Manter os documentos em dia	Confiam muito na colônia; Falta de fiscalização na colônia	Emitir licenças e documentos de pesca; Permissões, recadastramento	Emissão de Documentos	Não há facilidade na emissão de documentos	Emitir documentos necessários; políticas públicas de desenvolvimento
feitura	Cedeu espaço da colônia	Descaso com o cuidado da orla	Manter o pescador na frente do mar ou rio; Cuidar da cidade; Fazer rampas e trapiches; Limpeza das praias e rios	Convênio EMATER; Sede própria	Falta apoio. Só é feito quando há interesse	Apoio
versidade	Aumento do diálogo e do Repasse de Informações	Ainda falta de divulgação dos trabalhos de pesquisa	Esclarecer aos pescadores de todos os assuntos sobre o mar e a orla; Informar; Trabalhar paralelo com a Colônia	Levantamento de dados - Apoio	Falta de parceria	Apoiar e informar
ATER	Apoio; traz cursos, esclarecimentos, financiamentos para o pescador	Ainda há a falta de diálogo e entrosamento com o pescador	Apoio técnico; Ser parceira; dar cursos; Fazer projetos	Acesso ao desenvolvimento	Não teve	Emitir projetos

QUADRO 5- MAPEAMENTO E ANÁLISE DOS ATORES DA PESCA NO PARANÁ

Após as duas equipem finalizarem esse passo, foi apresentado a eles as responsabilidades das instituições listadas na gestão pesqueira, segundo a literatura. Os cartões com as responsabilidades foram fixadas no painel e foi feita uma comparação entre as responsabilidades citadas pelos grupos e a função de cada instituição atribuída oficialmente ou na literatura (Fotografia 13). Também foi feita uma pequena discussão sobre os aspectos positivos e negativos listados pelos grupos para cada instituição. Essa etapa de apresentação e discussão das responsabilidades e aspectos das instituições teve duração de aproximadamente 1 hora. Assim, a segunda parte da oficina foi finalizada às 19h35min.



FOTOGRAFIA 13- APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA SEGUNDA PARTE DA OFICINA

d) O desenvolvimento da parte 3 da oficina

Após a finalização da segunda parte da oficina, foi feito um pequeno intervalo para o lanche. Na volta deste, que teve duração de aproximadamente 10 minutos, cada participante recebeu um recorte de papel em forma de uma folha de árvore, no qual deveria escrever qual o seu sonho para a pesca no litoral do Paraná (Quadro 6). Os participantes tiveram um tempo de 5 minutos para escreverem seus sonhos. Depois disso, um por um, os participantes se dirigiram à frente dos demais, para explicar o seu sonho para a pesca. Logo eles deviam expor a principal dificuldade para que o mesmo fosse concretizado, e o que cada um pensava que poderia fazer para isso (Fotografia 14). Após essa explicação, os participantes fixavam os seus

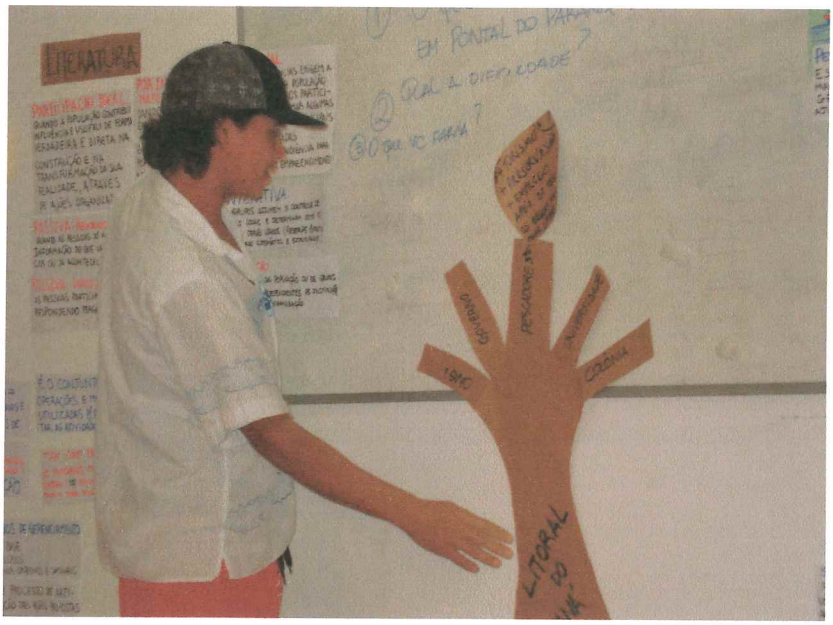
recortes na "árvore dos sonhos" (Fotografia 15). O tempo total das apresentações foi de aproximadamente 30 minutos. Sendo assim, essa atividade foi finalizada às 20h20min.

ALUNO	SONHO	DIFICULDADE	AÇÃO
Léo	Crescer o turismo, mais preservação, criar mais emprego, e ter apoio de todos os órgãos, federal, estadual, municipal, UFPR.	Turismo abandonado e preservação também. Pouco apoio	Maquiagem legal em Pontal pra atrair os turistas, infra-estrutura. Mais cursos pro pessoal daqui porque o pessoal daqui depende da região.
Jacir	Ficar na orla marítima para cuidar dos seus apetrechos e promover quem o pescador tem direito. Deixamos nossas embarcações e ranchos longes de onde agente mora e pesca. O pescador tem direito de ficar ali.	Não deixam à gente construir nada lá	Conversar com a prefeitura para que agente fique ali. O povo, o pescador tradicional tem esse direito.
Edinal	Repovoamento das espécies	Falta de fiscalização.	Conscientizar os pescadores. Usar os apetrechos adequados.
Sidney	Ter apoio dos governos e colônia. Conseguir os direitos dos pescadores. Que o estado participe de forma efetiva na gestão.	Falta ajuda do governo	Unir o pessoal. Articular. Comprometimento com a mobilização do pessoal. Aumentar a participação.
Alysson	Ver a união entre os pescadores, a unidade das entidades competentes e o aumento das espécies encontradas em nosso litoral.	Governo conhecer a realidade dos pescadores, mais participação.	Se conscientizar. Parar de usar apetrechos que danificam e ajudar na preservação.
Douglas	Manter-se na área da praia; Preservação; Melhorias nas espécies de peixes; Conscientização do pescador em depredar o mar; Estudos sobre a pesca e colaboração dos órgãos do governo; Cumprir as leis para ter um futuro digno.	Falta de apoio do governo e universidade. Falta de participação dos pescadores.	Lutar pelos direitos e cultura do pescador.
Cleonice	União da Classe, para fortalecimento das causas. Resgate da cultura local.	Ambição, desunião, Individualismo	Já faz. Participa de articulação e tenta mostrar para as pessoas a importância da nossa união.
Gilmar	Que todos os pescadores tivessem consciência que nossos recursos estão acabando.	Falta de união, saber mais das pesquisas	Está sendo participativo, concorrendo a nova chapa da colônia.
Joaquim	Poder morar na orla marinha, ao lado do meu barco. Para evitar o roubo e vandalismo.	Precisa de gente pra começar	Unir as forças, fazer um abaixo-assinado. Escolheria um líder da cada grupo pra conversarem.
Ariel	Desenvolvimento da pesca; Projetos com parceria da universidade; Respeitar o defeso; Mais trabalho; Cuidar do meio Ambiente; Pescador ter uma vida melhor.	Falta de interesse, não há participação nas reuniões	Participar mais, conhecer.
Deverson	Menos poluição no mar, trazer mais recursos para o pescador, para matar mais peixe, pra viver melhor. Diminuir o desemprego, pescador está acabando.	Falta de apoio dos pescadores	Trazer o lixo do mar.
Pedro	Ver a classe dos pescadores unidos.	Falta de união; Valorização; Poluição; falta de preservação	Procura participar, repassar informações, fazer campanha contra a poluição, recolher o lixo do mar.

QUADRO 6- RESULTADO DA PARTE 3 DA OFICINA



FOTOGRAFIA 14- PARTICIPANTE DURANTE A APRESENTAÇÃO DA TERCEIRA PARTE DA OFICINA



FOTOGRAFIA 15- PARTICIPANTE FIXA SUA "FOLHA" NA "ÁRVORE DOS SONHOS"

5.2.4.3 Procedimentos posteriores à finalização do curso

a) A aplicação do questionário final

A aplicação do questionário final foi realizada no último dia do curso (14 de novembro), após a realização das oficinas e antes da entrega dos certificados. Os questionários foram entregues aos participantes e os procedimentos para seu preenchimento foram explicados por um dos membros da equipe. Ao contrário do primeiro questionário, este foi preenchido pelos próprios participantes (Fotografia 16). Isto foi definido porque neste questionário os participantes opinavam sobre o curso, e se a equipe fizesse sua aplicação poderia coibir que demonstrassem suas opiniões verdadeiras. Assim, foi deixado claro durante a explicação que os participantes deveriam colocar suas opiniões verdadeiras e que não era necessário preencher o campo destinado ao nome. No entanto, alguns participantes pediram ajuda para interpretar algumas das questões e por isso foram auxiliados no seu preenchimento.

Um fato importante que deve ser afirmado é que os participantes começaram a preencher os formulários assim que os receberam, sem aguardar as instruções oferecidas pela equipe, o que pode ter interferido na qualidade das respostas.

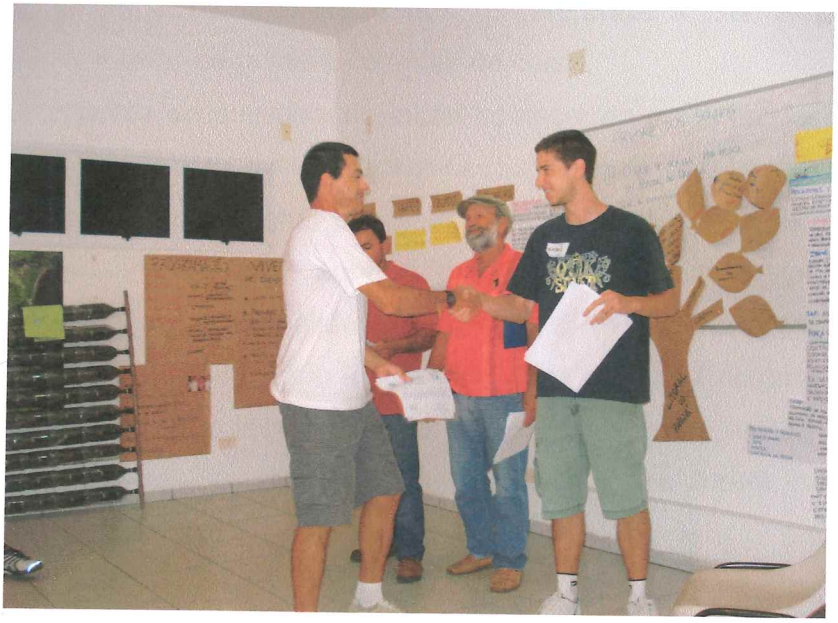
Os participantes levaram entre 5 e 10 minutos para o preenchimento, e assim que concluíam deixavam os formulários sobre a mesa e com as informações voltadas para baixo para não serem identificados. Entretanto, a maioria dos participantes não se importou com a identificação e preencheu o campo destinado ao nome.



FOTOGRAFIA 16- PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO FINAL PELOS PARTICIPANTES

b) A entrega dos certificados

No último dia de curso (14 de novembro, sexta-feira), após o preenchimento dos questionários de avaliação pelos participantes, foi realizada a entrega dos certificados. O responsável pela elaboração do curso se dirigiu à frente dos participantes chamando-os, um por vez, e lhes entregou os certificados, cumprimentando e parabenizando a cada um (Fotografia 17). No momento de receber o certificado cada participante recebeu aplausos de todos os presentes. Assim que receberam os certificados, se posicionaram para um registro fotográfico da equipe executora do curso com todos os participantes (Fotografia 18).



FOTOGRAFIA 17- PROCEDIMENTO DE ENTREGA DOS CERTIFICADOS AOS PARTICIPANTES DO CURSO



FOTOGRAFIA 18- EQUIPE E PARTICIPANTES DO CURSO APÓS A ENTREGA DOS CERTIFICADOS

c) Reunião de avaliação e processamento de dados

A equipe responsável pela aplicação do curso se reuniu no dia seguinte ao encerramento do mesmo e fez uma avaliação quanto ao cumprimento dos objetivos e do planejamento do curso. O responsável pela elaboração do curso fez um relato sobre essa reunião.

Em relação ao processamento dos dados, os referentes à lista de presença foram processados na manhã seguinte a cada dia de curso.

Os dados referentes ao questionário inicial começaram a ser processados já na manhã seguinte ao primeiro dia de curso. O responsável pela elaboração do curso verificou, nessa mesma manhã, o questionário de cada participante com o objetivo de conhecer um pouco mais sobre o grupo com que estava trabalhando, verificando as limitações e potencialidades dos membros. As tabelas com as informações desse primeiro questionário foram concluídas no dia 17 de novembro.

Os dados referentes ao questionário final foram processados no dia seguinte ao encerramento do curso. As tabelas com as informações foram concluídas também no dia 17 de novembro.

Após o encerramento do curso, foi possível elaborar, com base nos registros fotográficos, os quadros com as mesmas composições dos painéis gerados nas oficinas.

As observações relatadas foram processadas, selecionando as informações significativas. As intervenções dos participantes foram sistematizadas em quadros que informam a quantidade e qualidade das mesmas.

As fotos foram ordenadas por dia e atividade. As melhores foram selecionadas para serem utilizadas no presente trabalho.

5.3 AVALIAÇÃO DO CURSO

5.3.1 Cumprimento ou não do planejado, por etapas: causas, resultados positivos ou negativos

De um modo geral, a realização do curso ocorreu em conformidade com o seu planejamento. Quase todas as tarefas planejadas foram cumpridas. Na fase prévia ao curso, a única tarefa que não foi cumprida em conformidade com o planejamento foi a obtenção do local proposto para a realização do mesmo. Entretanto, o local conseguido também foi sugestão dos pescadores e é mais acessível que o anterior, por tanto, não comprometeu o desenvolvimento do curso.

Quanto à tarefa de coordenação geral do curso, um aspecto que em alguns momentos não foi devidamente seguido foi a supervisão do tempo. Em algumas aulas os participantes intervinham demasiadamente e nem sempre o controle do tempo dessas discussões foi bem feito. Entretanto, a não apresentação da aula sobre documento da OIT deve-se, principalmente, à perda do primeiro dia do curso por ausência dos pescadores, e não a falhas da própria supervisão do tempo.

Quanto à etapa de implementação do curso, essa perda de um dia foi o fato que mais comprometeu o cumprimento das atividades planejadas, mas, o aumento da carga horária nos segundo e terceiro dias resolverem, em parte, esse problema. Analisando o cronograma idealizado para o curso e o que foi cumprido, nota-se que mesmo com a perda de um dia quase todas as atividades previstas foram executadas (Quadro 7).

A etapa de processamento dos dados foi cumprida seguindo o planejado.

Expõe-se nos quadros do Apêndice 10 o cumprimento ou não das atividades, explicitando, na primeira coluna, as tarefas, na segunda, a situação (se a tarefa foi realizada, não realizada ou parcialmente realizada), e, na terceira coluna, uma descrição do feito.

Quarta-feira (12/11)	**Quinta-feira (13/11)**	**Sexta-feira (14/11)**
Inscrição (Questionário inicial)	Aula 2. Situação da pesca artesanal no mundo, BR e PR	Aula 4. Gestão pesqueira
Apresentação da equipe e dos participantes	Discussão da Aula 2	Oficina. Parte 1: Os conceitos de "Participação" e "Gestão"
Apresentação do curso	Intervalo para café	Intervalo para café
Entrega e apresentação do material didático	Aula 3. Código de conduta para a pesca responsável	Oficina. Parte 2: Instituições na gestão pesqueira. Responsabilidades. Aspectos positivos e negativos
Intervalo para café	Discussão da Aula 3	Lanche
Aula 1. Situação dos recursos pesqueiros no mundo e Brasil	Lanche	Oficina. Parte 3: A árvore dos sonhos
Discussão Aula 1	X	Avaliação do curso. (Questionário final)
Lanche	X	Entrega dos certificados

QUADRO 7- CRONOGRAMA CUMPRIDO

5.3.2 Nível de presença dos participantes e continuidade

Do total de doze pessoas que participaram do curso, o primeiro e segundo dias tiveram dez presentes, e apenas o último dia contou com a presença de todos os participantes. Os participantes Ariel e Jacir começaram o curso apenas no segundo dia. Estes afirmaram que ficaram sabendo da realização do curso somente esse dia através de outros participantes, e por isso não compareceram no primeiro. Os participantes Edinal e Joaquim faltaram o segundo dia de curso alegando compromissos pessoas, entretanto voltaram a comparecer no último dia. Nenhum participante faltou mais que um dia de curso (Tabela 17).

Os participantes Pedro, Cleonice e Gilmar concorriam nas eleições da Colônia de Pescadores do município através de uma chapa, e se ausentaram bastante nos segundo e terceiro dias de curso, pois estavam envolvidos nos processos de inscrição da chapa. Os participantes Cleonice, Edinal e Gilmar só chegaram na metade da primeira parte da oficina do último dia. O participante Pedro só chegou na segunda parte da oficina.

TABELA 17- PRESENÇA DE CADA PARTICIPANTE PARA CADA DIA DE CURSO

Nome dos Participantes	Data			Freqüência do Participante %
	12/11/2008	13/11/2008	14/11/2008	
Alysson Maia Neves	x	x	x	100
Ariel Tavares		x	x	67
Cleonice Silva do Nascimento	x	x	x	100
Deverson Tavares da Silva	x	x	x	100
Douglas Tavares da Silva	x	x	x	100
Edinal dos Santos Tavares	x		x	67
Gilmar da Silva Alves	x	x	x	100
Jacir Marcelino da Veiga		x	x	67
Joaquim Candido da Silva	x		x	67
Léo Jaime da Veiga Alves	x	x	x	100
Pedro da Silveira Alves	x	x	x	100
Sidney	x	x	x	100

5.3.3 Grau de interesse dos participantes: interesse gerado por tema, quantidade e qualidade das intervenções e atitudes

a) Interesse declarado dos participantes pelos temas abordados no curso (segundo a enquête final)

As tabelas abaixo apresentam o grau de interesse dos participantes sobre os temas abordados no curso que foi declarado na enquête final. Nessas tabelas só foram incluídas as opiniões das pessoas que estiveram presentes na maior parte da aula em que o respectivo assunto foi tratado.

Em relação à situação dos recursos pesqueiros, quatro participantes declararam ter tido muito ou muitíssimo interesse pela apresentação das três situações (do mundo, do Brasil e do Paraná). Manifestaram ter se interessado pouco três participantes no caso da situação dos recursos mundiais, dois pela situação dos recursos do Brasil, e apenas um pela situação dos recursos do Paraná. E declararam um interesse médio (mais ou menos), três, quatro e cinco participantes, respectivamente. Isto quer dizer que o interesse maior foi gerado pelo tema dos recursos pesqueiros do Paraná, independente de que fosse o tema mais conhecido, segundo o manifesto na enquête inicial (Tabela 18). Ou seja, o interesse dos participantes não é proporcional ao nível de desconhecimento do tema, senão que é maior quando refere à situação que os atinge mais diretamente[10].

TABELA 18- GRAU DECLARADO DE INTERESSE DOS PARTICIPANTES PELAS AULAS SOBRE A SITUAÇÃO DOS RECURSOS PESQUEIROS NO MUNDO, NO BRASIL E NO PARANÁ

	Situação dos Recursos Pesqueiros					
Grau de interesse	***No mundo***		***No Brasil***		***No Paraná***	
	N	***(%)***	***N***	***(%)***	***N***	***(%)***
Nada	0	0	0	0	0	0
Pouco	3	30	2	20	1	10
Mais ou menos	3	30	4	40	5	50
Muito	2	20	0	0	1	10
Muitíssimo	2	20	4	40	3	30
Não respondeu	0	0	0	0	0	0
Total	10	100	10	100	10	100

[10] Para a avaliação do grau de interesse sobre esses três temas, foram desconsideradas as respostas dos participantes Jacir e Ariel, pois ambos não compareceram o dia em que estes assuntos foram apresentados.

Quanto à "situação da pesca artesanal", cinco dos nove participantes afirmaram que o tema interessou muito ou muitíssimo e três participantes afirmaram que o tema interessou mais ou menos Existiu ainda um participante que não respondeu essa pergunta (Tabela 19). O grau de interesse por este tema também não se deve a desconhecimento, senão ao fato de abordar a situação da categoria de pesca à que pertencem os participantes[11].

TABELA 19- GRAU DECLARADO DE INTERESSE DOS PARTICIPANTES SOBRE O TEMA SITUAÇÃO DA PESCA ARTESANAL

	Situação da Pesca artesanal	
Grau de interesse	***N***	***(%)***
Nada	0	0
Pouco	0	0
Mais ou menos	3	33
Muito	2	22
Muitíssimo	3	33
Não respondeu	1	11
Total	9	100

Quanto ao Código de conduta para a pesca responsável, cinco dos oito participantes afirmaram que o tema interessou muito ou muitíssimo, e os três restantes afirmaram que o tema interessou mais ou menos (Tabela 20). Neste caso, interesse é diretamente proporcional ao desconhecimento manifesto na enquête inicial[12].

TABELA 20- GRAU DECLARADO DE INTERESSE DOS PARTICIPANTES SOBRE O TEMA CÓDIGO DE CONDUTA PARA A PESCA RESPONSÁVEL.

	Código de Conduta	
Grau de interesse	***N***	***(%)***
Nada	0	0
Pouco	0	0
Mais ou menos	3	38
Muito	1	13
Muitíssimo	4	50
Não respondeu	0	0
Total	8	100

[11] Neste caso, foram desconsideradas as respostas dos participantes Joaquim e Edinal, pois ambos não compareceram o dia em que este assunto foi apresentado, e também a resposta do participante Pedro, pois assistiu somente a uma pequena parte da apresentação.

[12] Para a avaliação do grau de interesse para esse tema, foram desconsideradas as respostas dos participantes Joaquim e Edinal, pois ambos não compareceram ao dia em que este assunto foi apresentado, e dos participantes Pedro e Cleonice, pois ambos se ausentaram durante a apresentação dessa aula.

Quanto à "gestão pesqueira", cinco participantes declararam ter se interessado muito ou muitíssimo, dois afirmaram que o tema interessou mais ou menos, e apenas um afirmou que o tema lhe interessou pouco (Tabela 21). Ainda existiram dois participantes que não responderam essa questão[13].

TABELA 21- GRAU DECLARADO DE INTERESSE DOS PARTICIPANTES SOBRE O TEMA GESTÃO PESQUEIRA

	Gestão Pesqueira	
Grau de interesse	***N***	***(%)***
Nada	0	0
Pouco	1	10
Mais ou menos	2	20
Muito	1	10
Muitíssimo	4	40
Não respondeu	2	20
Total	10	100

É importante salientar que, como a maioria dos participantes não aguardou a explicação sobre o preenchimento do questionário, alguns podem ter interpretado erroneamente a questão.

b) A participação dos pescadores durante o curso (quantidade e qualidade das intervenções)

Com base no relato do acontecido durante o curso feito por um dos integrantes da equipe, foi possível contabilizar o número de intervenções dos participantes durante as aulas. As intervenções foram classificadas em duas diferentes categorias: as dúvidas e os comentários. Os comentários, por sua vez, foram divididos em duas categorias segundo a sua qualidade: falas que vieram a somar; e falas fora do contexto ou irrelevantes. Os quadros abaixo sintetizam a quantidade e qualidade das intervenções dos participantes durante a exposição das quatro aulas. Importante salientar que não foi possível fazer o registro de todas as falas, pois em muitos momentos os participantes falavam rápido e junto, o que dificultava o trabalho do relator. Por isso os quadros trazem informações próximas ao ocorrido.

Durante a exposição da primeira aula foram contabilizadas 4 dúvidas e 28 comentários. Destes, 15 foram considerados comentários que vieram a somar e 13 considerados fora do contexto da aula (Tabela 22).

[13] Para a avaliação do grau de interesse sobre esse tema, foram desconsideradas as respostas dos participantes Pedro e Cleonice, pois ambos se ausentaram durante a apresentação.

Em alguns momentos, os participantes colocaram em pauta questões que não eram relevantes ou que não estavam inseridas no contexto da aula, o que desviava o foco do conteúdo que estava sendo apresentado e gerava um gasto de tempo além do programado. Em muitas ocasiões foi preciso chamar a atenção dos participantes para a real finalidade da aula, trazendo eles novamente ao contexto.

O tempo de 15 minutos aberto após o término da primeira aula tinha como objetivo a discussão de temas relativos à mesma, mas a discussão acabou fugindo do que acabara de ser apresentado. Entretanto, entende-se essa situação, pelo fato de ser o primeiro contato entre a equipe e os participantes, e muito destes sentiam muita necessidade de mostrar a realidade que enfrentam em seus cotidianos.

Mesmo existindo essas discussões fora do assunto da aula, observou-se também o debate de temas importantes que tinham relação com o conteúdo apresentado. Dos 10 participantes presentes nessa aula, 5 se mostraram mais participativos.

TABELA 22- QUANTIDADE E QUALIDADE DAS INTERVENÇÕES DOS PARTICIPANTES DURANTE A AULA SITUAÇÃO DOS RECURSOS PESQUEIROS MARINHOS

Aula 1. Situação Recursos Pesqueiros Marinhos					
				Comentários	
Participante	Número de intervenções/falas	%	Dúvidas	Que vieram a somar	Irrelevantes/fora do contexto
Joaquim	17	53	1	7	9
Gilmar	6	19	2	3	1
Pedro	4	13	1	2	1
Léo	3	9	0	3	0
Alysson	2	6	0	0	2
TOTAL	32	100	4 (12,5%)	15 (46,9%)	13 (40,6%)

Em relação à segunda aula do curso (situação da pesca artesanal), a participação dos pescadores durante e após a mesma, foi muito grande. Diversas questões foram levantadas e comentários importantes foram feitos pelos participantes sobre os temas apresentados. Foram registradas 38 intervenções dos participantes durante e após a exposição. Destas, 4 foram dúvidas, 26 foram colocações e comentários relevantes e que vieram a somar sobre o assunto, e apenas 8 falas fugiram do contexto da aula e foram consideradas irrelevantes (Tabela 23).

A participação durante essa aula envolveu um número maior de pessoas que na anterior. Se na primeira aula apenas 5 pessoas foram destacadas como

principais interventores, nessa segunda foram contabilizadas 8 pessoas que participaram ativamente.

Pode-se concluir que, na segunda aula, a participação e o interesse dos pescadores foram maiores, principalmente devido a que o tema foi a pesca artesanal e muitos dados apresentados referiam ao litoral paranaense. Outro motivo que levou a uma maior participação dos pescadores nas discussões foi o fato de que a equipe e os participantes do curso já estavam mais familiarizados e o clima de certa desconfiança inicial do primeiro dia, havia sido quebrado. Outro fato importante que pôde ser observado foi que as discussões que existiram durante a segunda aula também foram mais relevantes e se adequavam mais ao conteúdo apresentado do que no primeiro dia.

TABELA 23- QUANTIDADE E QUALIDADE DAS INTERVENÇÕES DOS PARTICIPANTES DURANTE A AULA SITUAÇÃO DA PESCA ARTESANAL

Aula 2. A Situação da Pesca Artesanal					
				Comentários	
Participante	Número de intervenções/falas	%	Dúvidas	Que vieram a somar	Irrelevantes/fora do contexto
Pedro	11	29	0	10	1
Jacir	10	26	1	5	4
Gilmar	5	13	3	1	1
Léo	3	8	0	2	1
Alysson	3	8	0	3	0
Cleonice	3	8	0	3	0
Ariel	2	5	0	1	1
Deverson	1	3	0	1	0
TOTAL	38	100	4 (10,5%)	26 (68,5%)	8 (21%)

Durante a exposição da terceira aula (Código de conduta da pesca responsável) os participantes se mostraram menos participativos. Entretanto isso ocorreu somente durante a apresentação, pois no momento destinado às discussões existiu um grande interesse por parte da maioria dos participantes. Durante e após a exposição foram contabilizadas 28 intervenções. Destas, 18 enquadraram-se em comentários importantes que vieram a somar, e apenas 10 falas estavam fora do contexto apresentado (Tabela 24).

Como já explicado anteriormente, durante a exposição dessa aula, dois participantes se ausentaram. Dos 8 pescadores restantes que presenciaram toda a aula, 5 se mostraram mais interessados e participativos.

Pode-se concluir que as discussões relativas à terceira aula contaram com a participação e o interesse da maioria dos pescadores. Nenhum dos pescadores presentes já conhecia, nem que superficialmente, o conteúdo que acabara de ser apresentado. Isso levantou ainda mais o interesse dos pescadores sobre o tema. Muitos pediram mais informações sobre o mesmo e inclusive se interessaram a ler todo o Código de Conduta para a Pesca Responsável e por isso pediram uma versão traduzida do mesmo. Um aspecto importante que deve ser citado foi o fato de que muitos pescadores levantaram a discussão sobre elaborar um código de conduta para a pesca responsável a nível local. Isso, certamente, comprovou o interesse dos participantes pelo assunto e era um dos objetivos ambicionados pela equipe responsável do curso, oferecendo uma ponte clara para novas instâncias do Programa de Educação Ambiental que venham ajudar eles em dita elaboração.

TABELA 24- QUANTIDADE E QUALIDADE DAS INTERVENÇÕES DOS PARTICIPANTES DURANTE A AULA SOBRE O CÓDIGO DE CONDUTA PARA A PESCA RESPONSÁVEL

Aula 3. O Código de Conduta para a Pesca Responsável					
				Comentários	
Participante	**Número de intervenções/falas**	**%**	**Dúvidas**	**Que vieram a somar**	**Irrelevantes/fora do contexto**
Alysson	9	32	0	7	2
Pedro	9	32	0	6	3
Gilmar	4	14	0	2	2
Léo	3	11	0	2	1
Jacir	3	11	0	1	2
TOTAL	28	100	0	18 (64%)	10 (36%)

Durante a exposição da aula sobre gestão pesqueira, foram contabilizadas 30 intervenções. Destas, 16 foram consideradas falas que vieram a somar e 14 foram consideradas fora do contexto (Tabela 25). De uma maneira geral os participantes se mostraram bem interessados pelo assunto, sendo que 7 deles foram responsáveis pela maioria das intervenções. Em relação às intervenções fora do contexto, como o tema abordado era sobre a gestão pesqueira, muitos pescadores se limitavam a reclamar dos órgãos ambientais responsáveis pela fiscalização e elaboração das medidas de gestão, sem, contudo, discutir o real conteúdo da aula. Isso acabou empobrecendo a discussão sobre o assunto apresentado. Mesmo assim, grande quantidade de intervenções vieram a somar.

TABELA 25- QUANTIDADE E QUALIDADE DAS INTERVENÇÕES DOS PARTICIPANTES DURANTE A AULA GESTÃO PESQUEIRA

Aula 4. A Gestão Pesqueira					
				Comentários	
Participante	Número de intervenções/falas	%	Dúvidas	Que vieram a somar	Irrelevantes/fora do contexto
Joaquim	13	43	0	5	8
Jacir	10	33	0	5	5
Léo	2	7	0	1	1
Joaquim	2	7	0	2	0
Deverson	1	3	0	1	0
Pedro	1	3	0	1	0
Sidney	1	3	0	1	0
TOTAL	30	100	0	16 (53%)	14 (47%)

De uma maneira geral, a participação durante as aulas foi ampla, entretanto nem sempre uniforme. É possível observar que alguns participantes se destacaram quanto ao número de intervenções enquanto outros falavam menos. Porém não podemos afirmar que os que falaram menos estariam menos interessados no curso, pois sempre estiveram atentos às aulas e também tiveram atitudes que demonstraram o interesse pelo curso. Não é possível verificar distinção no nível de participação quanto à idade dos participantes. Esse é um ponto positivo, pois mostra que os jovens pescadores estão tão interessados nas discussões sobre a pesca quanto os mais idosos.

c) A participação dos pescadores durante o curso (as atitudes)

Já no primeiro dia de curso, uma atitude que demonstrou o interesse dos participantes para os temas que seriam debatidos em aula, foi a discussão do cronograma. Todos manifestaram interesse em que todas as aulas fossem passadas e para isso alguns sugeriram até mesmo em ministrar o quarto dia de curso na segunda-feira, e finalmente escolheram pela opção de iniciar o curso uma hora mais cedo no segundo e terceiro dias.

Ainda no primeiro dia, durante o intervalo, houve grande interação entre os participantes e a equipe do curso. Os participantes se mostraram bastante ansiosos para o início da primeira aula e todos cumpriram o tempo que foi determinado para o intervalo, voltando pontualmente para o início da mesma.

Todos os dias, durante os intervalos e lanches, muitos participantes conversavam entre si e com os integrantes da equipe responsável pelo curso sobre os temas abordados em aula, mostrando que realmente estavam interessados.

Durante a exposição das aulas os participantes que estavam presentes mostraram-se atentos ao que era explicado e sempre que era feito alguma pergunta a eles, os mesmos se mostravam interessados em responder. Ao final de cada aula, os pescadores mostravam-se bem interessados nas discussões sobre os assuntos apresentados.

Ao final da terceira aula, uma atitude que chamou bastante a atenção foi a discussão gerada entre os pescadores pensando na elaboração de um código de conduta para a pesca responsável a nível local. Muitos pescadores pediram uma versão em Português do código.

Um aspecto positivo quanto ao interesse dos pescadores pelo curso foi a pontualidade dos mesmos. Durante todos os dias, a maioria dos pescadores chegava ao local de realização do curso exatamente no horário acordado. Os participantes também cumpriam o tempo estabelecido para os intervalos, voltando a suas carteiras assim que se passavam os 15 minutos estabelecidos. Os participantes se mostraram bem interessados durante a elaboração das oficinas. Durante essas atividades, os grupos trabalhavam de maneira bem interativa e todos opinavam e discutiam. Durante as apresentações dos grupos existiu também um grande interesse dos participantes em discutir o que era apresentado por cada grupo.

Um aspecto negativo na realização da primeira oficina foi a ausência de alguns participantes. Entretanto isso não pode ser atribuindo à falta de interesse, pois as pessoas que se ausentaram foram aquelas que estavam resolvendo algumas questões relativas à inscrição da chapa para as eleições da Colônia de Pesca. Assim que essas questões foram resolvidas, todos voltaram para a realização das oficinas e se integraram aos grupos que estavam trabalhando. A última oficina contou com a presença e participação de todos os pescadores.

5.3.4 Grau de compreensão: qualidade das intervenções e das respostas às perguntas

As tabelas utilizadas para avaliar o grau de participação dos pescadores em relação ao curso (tabelas 22 a 25), também podem ser utilizadas para avaliar o grau

UFPR - Centro de Estudos do Mar
BIBLIOTECA

de compreensão dos participantes quanto ao conteúdo abordado. A qualidade das intervenções pode traduzir a compreensão das aulas que foram ministradas.

Para a primeira aula (Situação dos recursos pesqueiros marinhos), dos 28 comentários, 15 estavam no contexto da aula e 13 fora do contexto (Tabela 22). Para a segunda aula (Situação da pesca artesanal), 26 comentários gerados estavam dentro do contexto e apenas 8 fora dele (Tabela 23). Na terceira aula (Código de conduta para a pesca responsável) 18 comentários foram dentro do contexto da aula e 10 deles fora (Tabela 24). Para a quarta aula (Gestão pesqueira) 16 comentários estavam no contexto da aula e 14 foram fora do contexto (Tabela 25). Em síntese, para todas as aulas, a maioria das intervenções sempre esteve no contexto da aula, o que indica que a maior parte do conteúdo apresentado foi compreendida.

Entretanto é importante ressaltar que a compreensão provavelmente não ocorreu de forma igual entre os participantes. A avaliação do grau de compreensão de cada participante é muito difícil de ser feita no caso do curso proposto, pois alguns participantes faziam poucos comentários.

Para uma avaliação mais objetiva do grau de compreensão dos participantes seria necessária a aplicação de um teste para cada tema abordado. Entretanto, optou-se por não realizá-lo por dois motivos principais: os pescadores poderiam sentir-se desconfortáveis ao serem avaliados dessa maneira; e o conhecimento do grau de compreensão dos participantes sobre o conteúdo abordado em aula não era o principal objetivo do projeto.

5.3.5 Avaliação do curso por parte dos participantes

A tabela 26 traz a avaliação dos doze participantes para cada aspecto do curso, realizada na enquête final.

Em todos os aspectos as opiniões se concentraram nas categorias "Bom" e "Ótimo", havendo apenas um participante que qualificou de regulares os slides e o esclarecimento de dúvidas. Assim:

- no quesito "slides", três participantes afirmaram que eram bons e oito participantes afirmaram que eram ótimos;

- no quesito "explicação dos slides", oito participantes afirmaram que este aspecto foi bom e quatro afirmaram que foi ótimo;
- no quesito "esclarecimento de dúvidas", cinco participantes afirmaram que foi bom e seis afirmaram que foi ótimo;
- no quesito "oficinas" dois participantes afirmaram que esse aspecto foi bom e dez participantes afirmaram que foi ótimo; e
- no quesito "apostila" dois participantes afirmaram que esse aspecto foi bom e oito afirmaram ser ótimo. Os outros dois não avaliaram esse aspecto (Tabela 26).

Comparando estas avaliações, os quesitos melhor qualificados foram os slides, a oficina e a apostila. Com um grau menor de aprovação foi avaliado o esclarecimento de dúvidas, e um pouco menor ainda foi a avaliação da explicação dos slides. Isto expressa, possivelmente, a percepção, por parte dos participantes, de certa inexperiência no responsável de ministrar as aulas.

TABELA 26- AVALIAÇÃO DOS PARTICIPANTES PARA DIFERENTES ASPECTOS DO CURSO

	Slides		***Explicação Slides***		***Esclarecer dúvidas***		***Oficina***		***Apostila***	
	N	***(%)***	***N***	***(%)***	***N***	***(%)***	***N***	***(%)***	***N***	***(%)***
Ruim	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Regular	1	8	0	0	1	8	0	0	0	0
Bom	3	25	8	67	5	42	2	17	2	17
Ótimo	8	67	4	33	6	50	8	67	8	67
Não respondeu	0	0	0	0	0	0	2	17	2	17
Total	12	100	12	100	12	100	12	100	12	100

No questionário final, as sugestões para melhorar o curso apontadas pelos participantes foram de diferente tipo:

- a maioria referem a oferecer o curso para mais pessoas (5 sugerem abrir mais vagas, e um outro sugere oferecê-lo a todos os balneários);
- outras referem a aumentar o tempo do curso (dois participantes propuseram carga horária estendida, e outro propôs carga horária melhor distribuída, com aumento do número de dias); e
- as restantes sugestões referem ao conteúdo do curso (um participante sugeriu incluir informações sobre pesquisas realizadas pela universidade, e outro sugeriu que traga informações mais recentes) (Tabela 27)[14].

[14] Cada participante podia dar quantas sugestões quisesse e por isso a soma do número de respostas é maior que o número total de participantes do curso.

A maior parte destas sugestões supõe uma ampla aprovação do curso, querendo que este se replique para todos os pescadores do município. Também o fato de querer mais tempo supõe disposição deles para estar mais presentes. Já as outras sugestões implicam percepção crítica em relação à distribuição do tempo, e a certas informações passadas para eles, desatualizadas ou erradas, sobre a pesca no Paraná, que pesquisas de nossa universidade supostamente poderiam corrigir e atualizar. Ou seja, trata-se de sugestões pertinentes e construtivas.

Dois pescadores não compreenderam a questões, confundindo com o que poderiam sugerir para melhorar a pesca, respostas que foram desconsideradas. E um participante não respondeu essa questão.

TABELA 27- SUGESTÕES DOS PARTICIPANTES PARA MELHORAR O CURSO

Sugestão para melhorar o curso	
Sugestões	N
Oferecer o curso para um grupo maior de pescadores	5
Aumentar a carga horária	2
Dividir melhor o tempo do curso (Mais dias e menos horas por dia)	1
Apresentar informações sobre as pesquisas da universidade	1
Apresentar informações mais recentes	1
Oferecer o curso em todos os balneários	1
Não respondeu	1
Confundiram a pergunta	2

Quando foi perguntado aos participantes no questionário final se o curso satisfez as suas expectativas onze responderam que sim e um respondeu "mais ou menos" A maioria dos participantes que responderam "sim" justificou a escolha da resposta afirmando que o curso trouxe informações importantes que contribuirão para seus trabalhos na pesca. O participante que respondeu mais ou menos justificou sua resposta afirmando que o responsável pelas apresentações das aulas se mostrou inseguro em alguns momentos das apresentações.

Todos os participantes responderam que é importante repassar o curso proposto para mais pescadores. A maioria justificou essa resposta afirmando que os assuntos tratados no curso são muito importantes e por isso todos os outros pescadores também deveriam ser informados sobre os mesmos.

Em conjunto, as respostas dos participantes ao questionário de avaliação parecem mostrar uma ampla satisfação com o curso e propõem a sua replicação. Estas opiniões são importantes ferramentas para a avaliação do curso, entretanto, não devem ser utilizadas de forma isolada. É necessário que sejam analisadas

objetivamente pela equipe responsável. Especialmente é preciso ter presente que as opiniões positivas dos participantes ou a falta de críticas maiores, podem provir de se sentir constrangidos de criticar e/ou do medo de magoar ou romper os laços criados entre eles e os universitários. E também, é necessário que se integrem outros elementos para compor a avaliação, que é o que se pretendeu fazer com os dados levantados e analisados de freqüência, continuidade e pontualidade dos participantes, a quantidade e qualidade das intervenções, e a apreciação de suas atitudes em aula.

5.3.6 A avaliação do curso por parte da equipe de execução

A reunião da equipe no dia seguinte ao término do curso teve como objetivo avaliar alguns aspectos do curso. Em muitos aspectos a avaliação dos participantes foi semelhante para a equipe. A equipe, assim como os participantes, reconheceu que o aspecto esclarecimento de dúvidas em alguns momentos pode não ter correspondido às exigências dos pescadores. Entretanto a equipe avaliou positivamente a apostila do curso e os slides da apresentação. O motivo principal para essa avaliação positiva para esses quesitos é que esses materiais estavam explicados de forma simples e durante o curso foi possível perceber que a maioria do conteúdo apresentado nesses materiais foi compreendido facilmente pelos pescadores.

A equipe foi mais crítica que os participantes ao analisar o aspecto oficina. A equipe reconhece que a oficina foi de grande importância para o curso sendo possivelmente seu "ponto alto". Entretanto o tempo das atividades não foi bem controlado, ultrapassando o tempo previsto para a atividade, o que pode ter deixado os pescadores cansados, comprometendo o nível de participação dos mesmos.

Assim como alguns participantes a equipe também reconheceu que é importante a atualização de alguns dados mostrados durante o curso. Entretanto, a informação com dados recentes nem sempre é de fácil aquisição.

No geral, a equipe defende que a satisfação dos participantes foi atendida, já que foi possível observar o grande interesse dos pescadores nas discussões sobre os temas que eram debatidos nas aulas e oficina. A equipe também defende a idéia

de reaplicação do curso, pois essa primeira experiência demonstrou diversos aspectos positivos.

A equipe também fez uma avaliação quanto a tipologia de EA que foi aplicada com esse curso. Certamente esse programa teve essência na tipologia de EA crítica. Vários fatores demonstraram isso durante o curso, entre eles:

- a ênfase dada aos problemas que afetam a pesca a nível local;
- Ao longo de todo o curso foi incentivada a participação dos pescadores nos processos de gestão pesqueira, apontando que solução para os problemas de escassez dos recursos pesqueiros são de ordem política;
- Ao incentivar a ampliação da classe de pescadores artesanais na participação dos processos de gestão pesqueira, o curso também está apontando que a solução para os problemas da pesca da região devem ocorrer no âmbito coletivo.

Ao verificar esses fatores a equipe pode concluir que a proposta inicial de elaboração de um programa de EA com essência crítica foi atendida. Isso foi avaliado como um ponto positivo pela equipe responsável pela execução, já que o curso conseguiu superar a essência meramente conservacionista da EA convencional, mostrando que também é possível a elaboração e execução de projetos de EA que tratem da problemática sócio-ambiental de uma maneira mais ampla, unindo os fatores social e natural.

5. 4 CONCLUSÕES

5.4.1. Nível em que se atingiram os objetivos do curso

Lembrando, o objetivo geral do curso foi desenvolver o senso crítico dos pescadores artesanais através de uma experiência educativa que aporte informação considerada relevante e incentive a discussão sobre as possibilidades de sua participação na gestão pesqueira. E os objetivos específicos do curso foram: (1) mostrar a situação atual dos estoques pesqueiros em nível mundial e nacional, e os fatos que a geram; (2) mostrar a situação da pesca artesanal em nível mundial, nacional e local, sua importância e as ameaças a sua sobrevivência; (3) informar

sobre alguns documentos de referência internacional de importância para a gestão pesqueira (Código de conduta para a pesca responsável, da FAO) e a defesa dos direitos dos trabalhadores da pesca (Convênio sobre o trabalho no setor pesqueiro, da OIT); (4) apresentar o conceito de gestão pesqueira, as formas praticadas atualmente no Brasil e no Paraná e seus problemas; e incitar um processo de reflexão e discussão sobre o lugar e papel dos pescadores na gestão pesqueira.

À luz do relatado, pode-se firmar que todos os objetivos específicos definidos se cumpriram. Apenas o terceiro deles se cumpriu parcialmente, já que, por diminuição do tempo previsto, não se informou aos pescadores sobre um dos documentos propostos, no caso, sobre o Convênio sobre o trabalho no setor pesqueiro, da OIT.

Assim, o curso alcançou claramente seu objetivo de aportar informações relevantes aos pescadores, incentivando a discussão sobre as possibilidades de participação dos mesmos na gestão pesqueira. As discussões geradas durante a exposição das aulas e nas oficinas foram pontos muito importantes que fizeram os pescadores refletirem sobre suas responsabilidades frente à crise no setor pesqueiro.

Em função do anterior, pode-se firmar também que o objetivo geral do curso, de desenvolver o senso crítico dos pescadores, foi atingido. Mas é um aspecto muito difícil de ser avaliado e por isso não se sabe o quanto o curso cumpriu com esse objetivo. Os comentários e discussões gerados e o processo de elaboração vivenciado na oficina, são indicadores de que a experiência do curso conseguiu despertar ou desenvolver o senso crítico. Interessa esclarecer que o traçado desse objetivo não supõe que se aspirasse ao desenvolvimento pleno do senso crítico apenas mediante a experiência deste curso, senão que se aspirava a incentivar esse desenvolvimento enquanto processo, contribuindo a avançar nele. Assim, ganhar as informações repassadas e a reflexão e discussão sobre a gestão pesqueira que este curso propiciou, são apenas um passo nesse processo. É, nesse sentido, que se interpreta que o objetivo geral foi atingido.

5.4.2. Avaliação da replicabilidade

Relacionado ao anterior, a replicabilidade do curso é um aspecto muito importante da avaliação, tanto para que o curso elaborado possa chegar a mais pessoas, como para que, sob um modelo semelhante, possa ganhar novos conteúdos, e assim continuar trabalhando com o objetivo de desenvolver o senso crítico dos pescadores e seu maior compromisso com a gestão.

Para avaliar a replicabilidade se consideram diversos elementos: o interesse e receptividade dos pescadores aos efeitos de ver se haveria público para cursos futuros; as informações a serem oferecidas, para ver se poderiam ter a pertinência e qualidade necessárias; a capacidade pedagógica dos responsáveis, para ver se conseguem transmitir os conteúdos e incentivar as reflexões satisfatoriamente; as condições materiais necessárias, para ver o grau de facilidade ou dificuldade de obtê-las; e os custos monetários, idem.

a) Interesse e receptividade dos pescadores

Os pescadores que participaram do curso se mostraram bem interessados sobre os temas tratados e também se mostraram bem receptivos à equipe responsável do curso. Durante todos os momentos houve grande interação entre os dois lados. No último dia os pescadores agradeceram muito pelo curso oferecido e ainda pediram para que os laços de parceria entre a Universidade e os pescadores do litoral paranaense se fortaleçam cada vez mais. Assim, entende-se que edições futuras com este e outros conteúdos, terão o público necessário.

b) Informações e capacidade pedagógica dos responsáveis

De um modo geral, os responsáveis pela elaboração e execução do curso detêm informações científicas e atualizadas sobre a problemática dos recursos pesqueiros, a pesca e a gestão, devido a sua formação enquanto oceanógrafos especializados em Gestão costeira. De maneira que estão capacitados para replicar este e outros conteúdos afins.

Quanto às capacidades pedagógicas, nenhum dos responsáveis pela execução do curso tem formação pedagógica, e esta experiência foi a primeira na qual enfrentaram o desafio de conduzir um processo educativo. Ainda com esses

limites, a equipe se mostrou bem capaz de passar as informações aos pescadores de uma maneira simples e compreensível, assim como de conduzir dinâmicas de grupo reflexivas. O fato de alguns integrantes da equipe de execução já trabalharem com pescadores do litoral paranaense certamente contribuiu para isso. A insegurança observada por um participante no responsável pela apresentação das aulas é real e pode ser compreendida nessa situação de partida, o que não impede que ele e toda a equipe se capacitem mais para que esse aspecto seja melhorado para próximas oportunidades. Neste aspecto, como em outros, o curso foi uma oportunidade de aprendizado e os limites e falhas constatadas, uma guia para a sua superação. Assim, entende-se que esta equipe teria condições de replicar este curso e outros similares.

c) Condições materiais

Não existe grande exigência quanto ao local para a realização do curso elaborado. O espaço necessário depende do número de participantes, Para o curso realizado, com 12 participantes, o espaço cedido pela EMATER atendeu muito bem a necessidade. Existem algumas exigências básicas para o local do curso, como luz, tomadas para os equipamentos, carteiras em quantidade suficiente para os participantes, e banheiro. No município de Pontal do Paraná há, pelo menos, 4 espaços que respondem a estas exigências e que são acessíveis aos envolvidos: a Colônia de pescadores, a EMATER, a sede do Parque do Perequê, e o próprio CEM. Desta forma, este aspecto resulta também favorável para a replicação.

Quanto aos equipamentos para a realização do curso, são necessários um computador e um data-show, já que as aulas são ministradas em Power Point. Estes são bem acessíveis no CEM/UFPR, de forma que não constituem problemas para novas edições.

Quanto ao gasto do curso, este foi de aproximadamente R$ 650,00 (Tabela 28). O material foi gerado para 25 participantes, para evitar que faltasse, caso fossem mais pescadores que o esperado. Calculando o material utilizado para 12 participantes, o valor gasto já diminuiria em 150,00 reais, ficando um total de R$ 500,00. Este valor pode ser ainda mais baixo, levando em conta que alguns gastos poderiam ser diminuídos, como os lanches, que podem ser menos elaborados e com isso o custo reduziria bastante. Já o gasto com combustível depende do local de realização do curso e se pode tanto incrementar como diminuir. Interpreta-se que, se

R$ 500 reais não é um custo que se possa gastar todos os dias, pode ser financiado pela própria UFPR, através do Fundo de Desenvolvimento Acadêmico que apóia projetos de extensão universitária, assim como outras instituições governamentais e não governamentais que apóiam projetos dirigidos a pescadores, como a SEAP, o IOI e o ICSF. Assim interpretado, este aspecto não constituirá um limite absoluto para replicar este curso ou outros semelhantes.

TABELA 28- TABELA DE GASTOS DO CURSO

MATERIAIS	DESCRIÇÃO	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO (R$)	VALOR TOTAL (R$)
Fita adesiva	Elaboração da oficina	2	3,5	7
Cartolinas coloridas	Elaboração da oficina	20	0,55	11
Pincel atômico	Elaboração da oficina	8	2,15	17,2
Canetas	Material para participantes	25	0,6	15
Bloco de anotações	Material para participantes	25	1,1	27,5
Pastas	Material para participantes	25	0,95	23,75
Apostilas	Material para participantes	25	6	150
Certificados	Material para participantes	25	1,3	32,5
Questionário Inicial	Avaliação curso	25	0,15	3,75
Questionário final	Avaliação curso	25	0,15	3,75
Lista de presença	Avaliação curso	5	0,15	0,75
Canecas	Material para o lanche	30	1	30
Lanche	Servido nos intervalos e no final	3 dias	95	285
Combustível	Deslocamento ao local do curso	20 lt	1,58	31,6
			Total	638,8

Conclui-se, portanto, que o grande interesse e receptividade dos participantes, as informações que possuem e que podem adquirir os responsáveis do curso, as capacidades pedagógicas que podem desenvolver, a disponibilidade de locais adequados e dos equipamentos necessários, assim como as possibilidade de redução dos gastos e de obtenção de financiamento, são indicadores positivos de que esta proposta de educação ambiental dirigida a pescadores apresenta boas condições de replicabilidade. Entretanto, é preciso considerar que possivelmente o grupo de pescadores que participaram dessa primeira experiência é uma parcela da população de pescadores mais interessada e politizada. Em outra ocasião pode ser que isso não se repita. Por isso, é muito importante que a convocação de diferentes pescadores para um próximo curso seja bem planejada e com bastante antecedência. Se em um próximo curso os pescadores convocados não forem tão interessados e politizados, o nível de participação pode não ser tão elevado como o dessa primeira experiência. Por isso é preciso que a equipe esteja preparada para

administrar situações como essa, promovendo mecanismos pedagógicos que ampliem a participação dos pescadores.

5.4.3 Melhoras necessárias à luz desta experiência

O principal aspecto que necessita alteração em relação ao curso elaborado é a modificação de sua carga horária. A sua execução em apenas três dias comprometeu o tratamento de todos os conteúdos preparados e o aumento da carga horária nos segundo e terceiro dias tornaram o curso, em alguns momentos, demasiado cansativo. Isso pode ter comprometido, em certo grau, a atenção e compreensão do conteúdo por parte dos participantes. Os momentos de discussões após as apresentações das aulas também se mostraram insuficientes e muitos assuntos não puderam ser completamente debatidos. O pouco tempo disponível para a oficina tornou a atividade corrida, e por isso, a última parte e a discussão final ficaram um tanto comprometidas. Por esses motivos, para futuras edições deste curso, propõe-se a ampliação da carga horária de 12 para 15 horas, divididas em 5 dias.

Com o aumento da carga horária é importante dar a devida importância para os momentos de discussões em grupo. São esses espaços de discussões que acabam sendo ricos na geração de idéias sobre o que é mais importante de ser tratado em cursos com os pescadores artesanais. Por isso, é importante que em uma próxima ocasião, o tempo destinado para as discussões seja ampliado para que novas idéias surjam e novos temas sejam debatidos.

Outro fator passível de melhora refere-se à capacidade pedagógica dos participantes. A oficina e outros recursos utilizados como o viveiro de idéias e os Acordos de Convivência foram muito importantes para ampliar a participação dos pescadores. Entretanto é aconselhável a existência de um pedagogo na equipe técnica do curso. A existência de um pedagogo pode enriquecer o conhecimento didático e pedagógico da equipe, que estará mais preparada para conduzir as discussões e estimular a participação de todos os pescadores, inclusive os mais "quietos".

5.4.4 Caminhos para a continuidade

A continuidade do Programa de EA dirigido a pescadores artesanais, passaria por oferecer o mesmo curso mais oportunidades e, de ser requerido pelos interessados, em diferentes balneários do município de Pontal do Paraná, para que as informações aportadas atinjam uma parcela maior da população de pescadores.

A partir do momento em que esse curso tenha alcançado uma parcela significativa de pescadores, seria possível organizar uma oficina de vários dias com o objetivo de apoiar aos pescadores no processo de elaboração de um código de conduta para a pesca responsável a nível local, na medida em que já teriam um primeiro conhecimento do documento da FAO e que já manifestaram a vontade de conhecê-lo melhor para tê-lo como base para elaborar o próprio.

Um dos princípios básicos da EA estabelecidos em Tbilisi em 1977 é a continuidade de suas ações. Por isso, outro caminho a percorrer é oferecer um curso diferente, com novos temas, para os pescadores que já participaram dessa primeira experiência. Dentre os assuntos interessantes para serem tratados, e dos que o Laboratório Sócio-ambiental tem pesquisa como para servir de base, poderia ser os processos de organização e luta dos pescadores artesanais a nível internacional e no Brasil. Isso, para tentar passar aos pescadores do litoral paranaense a importância da união e mobilização da classe na reivindicação de seus direitos e no cuidado do meio ambiente. O Convênio sobre o trabalho no setor pesqueiro, da OIT, poderia ser incluído nesse curso, já que é um documento muito importante na defesa dos direitos dos pescadores.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi o de contribuir à ampliação e qualificação da participação política dos pescadores artesanais do município de Pontal do Paraná (PR) na gestão dos recursos pesqueiros mediante uma atividade de educação sócio-ambiental dirigida a suas lideranças.

Partiu-se de analisar a situação sócio-ambiental em relação à qual se desejava intervir. No caso, a crise dos recursos pesqueiros, o relativo fracasso das medidas de gestão pesqueira implementadas.

Assim, se reuniram informações que constatam que a atual situação dos recursos pesqueiros marinhos chama a atenção para um melhor ordenamento das pescarias e que, apesar da participação dos pescadores nesse processo ser de grande importância, pois dessa forma esses atores assumem uma maior responsabilidade frente à crise do setor, ela não se efetiva na quantidade e qualidade necessárias.

Também se observou uma carência muito grande quanto a projetos de EA no litoral paranaense que tragam informações aos pescadores sobre a crise no setor pesqueiro e as formas como estes devem enfrentá-la, de um ponto de vista que transcenda o naturalismo e o conservacionismo que interpretam ao homem como inimigo da natureza ao qual há que excluir, vigiar e castigar.

É por esse conjunto de elementos que se concluiu na necessidade de um Programa de EA para pescadores artesanais que aporte informações e incentive reflexões para contribuir a desenvolver seu senso critico e seu compromisso em se transformar em protagonistas principais dos processos de gestão da pesca.

A aplicação do curso proposto demonstrou o grande interesse de um grupo de pescadores nas discussões sobre os temas abordados e foram visíveis carências informativas muito grandes sobre temas importantes, como, por exemplo, o total desconhecimento da existência do Código de conduta para a pesca responsável, da FAO, que foi assinado há mais de 10 anos, e cujo cumprimento pode contribuir de forma significativa para amenizar a crise no setor pesqueiro.

Aportar informações relativas à pesca, apresentar as ferramentas que podem ser utilizadas para enfrentar a crise no setor e incentivar a discussão sobre as formas de participação dos pescadores artesanais na gestão pesqueira, é um passo

importante na tentativa de reverter o quadro crítico em que se encontram os recursos pesqueiros e a pesca artesanal. A implementação do presente projeto de educação ambiental é um passo dado nesse sentido que pretende ser o primeiro de um programa a ser desenvolvido pelo Laboratório Sócio-ambiental do CEM/UFPR junto aos pescadores do litoral paranaense. O cumprimento dos objetivos propostos pelo curso e a avaliação positiva de sua replicabilidade, validam o esforço feito, tanto do ponto de vista acadêmico quanto político.

A replicação deste curso será importante para que mais pescadores conheçam e reflitam sobre a atual situação dos recursos pesqueiros e o que podem fazer para enfrentá-la. Mais adiante, poderão ser idealizados e implementados outros cursos que venham a servir para o mesmo objetivo geral.

Assim, a partir do momento em que os pescadores artesanais estejam mais informados, mais capacitados e mais organizados, saberão defender melhor seus interesses coletivos, e participarão de forma mais ativa e responsável na gestão pesqueira e na gestão costeira de suas regiões.

* * *

REFERÊNCIAS

ANDRIGUETTO-FILHO, J. M. **Sistemas técnicos de pesca e suas dinâmicas de transformação no Estado do Paraná, Brasil**. Curitiba. 242f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Federal do Paraná, 1999.

ANDRIGUETTO-FILHO, J. M. & MARCHIORO, N.P.X. Diagnóstico e problemática para pesquisa. In: **Desenvolvimento e Meio Ambiente: Em busca da interdisciplinaridade: pesquisas urbanas e rurais**/ Claude Raynaut...[et al.]. 296p. n.77. Curitiba: Ed. UFPR, 2002 p. 159-194.

ANDRIGUETTO FILHO, J. M.; CHAVES, P. T.; SANTOS, C. E LIBERATI S. A. Diagnóstico da Pesca no litoral do estado do Paraná. In: ISACC, V. J.; MARTINS, A. S.; HAIMOVICI, M.; ANDRIGUETTO FILHO, J. M (Org.). **A pesca marinha e estuarina do Brasil no início do século XXI: recursos, tecnologias, aspectos socioeconômicos e institucionais.** Belém: Universidade Federal do Pará, 2006. (p. 117-170).

ANGULO, R. A ocupação urbana do litoral paranaense e as variações da linha de costa. **Boletim Paranaense de Geociências**, v. 41, 1993. (p. 73-81).

BAYLEY, P.B. & M PETRERE Jr. **Amazon fisheries: assessment, methods, current status and management options**. Can. Spec. Publ. Fish. Aquatic Sci.1989. 106: 385-398.

BERKES, F.; MAHON, R.; Mc CONNEY, P. POLLNAC, R. & POMEROY, R. **Managing small-scale fisheries. Alternative Directions and Methods**. Ottawa/Canadá: IDRC, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação Geral de Educação Ambiental. **Programa nacional de educação ambiental – ProNEA.** 3. ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2005. 102p.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos.** Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm>. Acesso em: 6 de novembro de 2008.

CALLIARI, LJ, ML ASMUS, EG REIS & CRA TAGLIANI. **Gerenciamento Costeiro Integrado: trocas e inter-relações entre os sistemas continental e oceânico adjacente.** 14 a 24 de agosto de 2000; Rio de Janeiro – RJ. FURG, CIRM, DOALOS/ONU. 10ª ed., pasta com 6 módulos e 4 sub-módulos. (Programa Train-Sea-Coast Brasil).

CATELLA, A. C., **Uma nova visão do manejo pesqueiro.** EMBRAPA/CPAP, 2006. Disponível em <http://www.agroniine.com.br/artigos/artigos.php?id=329&pg=1&n=2> Acesso em: 12 de junho de 2008.

CENTRO ECOLOGICO DE SONORA, **Estrategias para la Educación Ambiental.** Curso-taller, Hermosillo, Sonora, 24 a 26 de octubre de 2001, 53 p.

DESCHAMPS, M. População. Aspectos demográficos e sócio-econômicos da Área de Influência Direta. In: ANGULO, R.; BRANDINI, F.; PIERRI. N. (coords.) **EIA Porto Pontal Paraná**, Curitiba: AMB Planejamento ambiental, 2008.

DESCHAMPS, M & PIERRI, N. Atividades produtivas da Área de Influência Direta In: ANGULO, R.; BRANDINI, F.; PIERRI. N. (coords.) **EIA Porto Pontal Paraná**, Curitiba: AMB Planejamento ambiental, 2008.

DIAS, G. F. **Educação ambiental:** princípios e práticas. 8. ed. São Paulo: Gaia, 2003.

DIAS NETO, J.; DORNELLES, L.D.C. **Diagnóstico da pesca marítima do Brasil.** Série Estudos Pesca, 20. Coleção Meio Ambiente. Brasília: IBAMA, 1996. 165p.

DIEGUES, A.C. **A Pesca Artesanal no Litoral Brasileiro: Cenários e Estratégias para sua Sobrevivência.** Instituto Oceanográfico. Cidade Universitária. São Paulo, 1988.

DOS SANTOS, A.S.R. **Como criar e desenvolver um programa de Educação Ambiental**, Programa Ambiental: A Última Arca de Noé. Disponível em: http://www.aultimaarcadenoe.com/educaprojetos.htm. Acesso em 15 de maio de 2008

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION (FAO). **Fisheries management: FAO Technical Guidelines for Responsible Fisheries**, v. 4. Rome: 1997, 82 p. Disponível em <http://www.fao.org.br>_Acesso em: 8 de maio de 2008.

___. **O estado mundial de la pesca y la acuicultura.** Roma: FAO, 1995a. 57p. Disponível em: http://www.fao.org/docrep/009/v5550e/v5550e00.htm. Acesso em: 3 de junho de 2008.

___. **Código de Conduta para a Pesca Responsável.** Roma: FAO, 1995b. 46p. Disponível em: http://www.fao.org/DOCREP/005/V9878S/V9878S00.HTM. Acesso em: 7 de maio de 2008.

___. **O que é o código de conduta para a pesca responsável?** Roma: FAO, 2001. Disponível em: http://www.fao.org/DOCREP/003/X9066S/X9066S00.HTM. Acesso em: 31 de outubro de 2008.

___. **Exame da situação dos recursos pesqueiros marinhos mundiais**. Roma: FAO, 2005. Disponível em: http://www.fao.org/docrep/009/y5852s/y5852s00.htm. Acesso em: 15 de junho de 2008.

___. **Aumento da contribuição da pesca em pequena para a mitigação da pobreza e seguridade alimentar.** Roma: FAO, 2006. Disponível em: http://www.fao.org/docrep/010/a0237s/a0237s00.htm. Acesso em: 3 de novembro de 2008.

___. **O estado mundial da pesca e aqüicultura em 2006.** Roma: FAO, 2007. Disponível em: http://www.fao.org/docrep/009/a0699s/a0699s00.htm. Acesso em: 3 de novembro de 2008.

FRANCO, A. C.N. P. **O defeso do camarão no litoral do Paraná: Histórico e percepção dos principais atores envolvidos.** Pontal do Paraná. Tese de mestrado. UFPR, 2007.

FUNDAÇÃO EROSKI, Los países se comprometem con el Código de Conducta para la pesca responsable de la FAO, **CONSUMER EROSKI**, Disponível em: www.consumaseguridad.com/2005/11/04/20917.php. Acesso em : 22 de outubro de 2008.

GAUDIANO, E. G. **Una nueva lectura a la historia de la educación ambiental en América Latina y el Caribe. Tópicos en Educación Ambiental**, México, n°1, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MEIO AMBIENTE E RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (IBAMA). **Estatística da pesca 2006: grandes regiões e unidades da federação**. Brasília: IBAMA, 2008. Disponível em:

http://www.ibama.gov.br/rec_pesqueiros/index.php?id_menu=100. Acesso em: 29 de outubro de 2008.

____. **Relatório técnico sobre o censo estrutural da pesca artesanal marítima e estuarina nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.** Itajaí: IBAMA, 2005. Disponível em: http://www.ibama.gov.br/rec_pesqueiros/index.php?id_menu=93. Acesso em 29 de outubro de 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2000.** Características da população e dos domicílios. Resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2001

_____. **Contagem populacional 2007**. Disponível em https:// www.ibge.gov.br. Acesso em 2 de setembro de 2008.

LANA, P. C.; MARONE, E.; LOPES. R. M. & MACHADO. E. The subtropical estuarine complex of Paranaguá Bay. Brazil. In Seeliger, U. e B. Kjerfre (eds.). **Costal marine ecosystems of Latin America**. Springer – Verlag, Berlin. 2001 (p. 131-145.).

LAYRARGUES, P. P. A crise ambiental e suas implicações na educação. In: QUINTAS J. S. (Org.). **Pensando e praticando a educação ambiental na gestão do meio ambiente**. 2. ed. rev. e ampl. Brasília : IBAMA, 2002. p. 161 – 193.

LOUREIRO, C. F. B.; AZAZIEL, M., FRANCA, N. **Educação ambiental e gestão participativa em unidades de conservação.** Rio de Janeiro: Ibase: IBAMA, 2003.

MACE, P. M. Developing and sustaining world fisheries resources: The state of science and management. In: HANCORK, D. A. et. al. (Ed.), **Developing and sustaining world fisheries resources: the state of the science and management.** Collingwood: CSIRO, 1997. p. 1-35.

MADUREIRA, M. S. P.; TAGLIANI, P. R. A. **Educação ambiental em Unidades de Conservação Federais na Zona Costeira Brasileira: Uma análise crítica.** Brasília: IBAMA, 1997.

MARQUES, J. G. W. **Pescando Pescadores: Ciência e Etnociência em uma Perspectiva Ecológica.** São Paulo: NUPAUB-USP, 2001.

MATHEW, S. **Convenio sobre el trabajo en el sector pesquero**, In: Samudra No. 47, Julio 2007. CIAPA, p. 42-45.

MATZENBACHER, L. **Educação ambiental no ensino médio de Matinhos (PR): o caso do Colégio Estadual Gabriel de Lara,** Monografia. Curso de Graduação em Oceanografia, CEM/UFPR, 2006.

MEDEIROS, P. C. **Educação para a gestão social das águas.** Curitiba, 2005. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná.

MELLO, L. Pautas para a elaboração de projetos e programas de educação ambiental. PPT. Disciplina Elementos de Educação ambiental. CGO/CEM/UFPR, Pontal do Paraná, 2006.

MESSERLI, B. & E. EHLERS. The coastal zones. In: VELLEGA, A., AUGUSTINUS, P. G. E. F. & Smith, H. D. (eds.) **Geography, oceans and coasts towards sustainable development**, 1998. p. 9-15.

McGINN, A. P. La promoción de uma pesca sostenible. In: BROWN, L. R.; FLAVIN, C.; FRENCH, H. F. **La situación del mundo.** Barcelona: Informe del Worldwatch Institute: Icaria Editirial, 1998. p. 119-152.

NOVO, M. **La educación ambiental:** bases éticas, conceptuales e metodológicas. Madrid: Universitas, S. A., 1995.

OLIVEIRA, E. M. de. **Cidadania e educação ambiental:** uma proposta de educação no processo de gestão ambiental. Brasília: IBAMA, 2003. 232p.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Convenio sobre el trabajo en la pesca.** Ginebra, 2007. Disponível em: http://www.ilo.org/public/spanish/dialogue/sector/sectors/mariti/fishing-iloact.htm. Acesso em 30 de outubro de 2008.

____. **Recomendación sobre el trabajo en la pesca.** Ginebra, 2007. Disponível em: http://www.ilo.org/public/spanish/dialogue/sector/sectors/mariti/fishing-iloact.htm. Acesso em 30 de outubro de 2008.

PAIVA, M. P. **Recursos pesqueiros estuarinos e marinhos do Brasil.** Fortaleza: EUFC, 1997. 278p e 286p.

PEDRINI, A. de G. Trajetórias da Educação Ambiental. In:_____(Org.). **Educação ambiental: reflexões e práticas contemporâneas.** Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Informação, pela internet, para capacitação em educação ambiental. In:_____. (Org.). **O contrato social da ciência: unindo saberes na educação ambiental.** Petrópolis: Vozes, 2002. p. 31 – 44.

PHILIPPI Jr., A.; ROMÉRO, M. A. e BRUNA, G. C. **Curso de gestão ambiental.** Núcleo de Informações em Saúde Ambiental da USP. Barueri, SP: Manole, 2004. – (coleção ambiental)

PIERRI, N. **O litoral do Paraná: entre a riqueza natural e a pobreza social.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, n. 8, Editora UFPR, 2003 (p.25-41).

PIERRI, N.; ANGULO, R. J.; SOUZA, M. C. de; KIM, M. K. **A ocupação e o uso do solo no litoral paranaense: condicionantes, conflitos e tendências.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, n 13, jan./jun. 2006 (p.137-167).

PIERRI, N. As concepções da educação ambiental. PPT. Disciplina de Elementos da Educação Ambiental. CGO/CEM/UFPR, Pontal do Paraná, 2007.

PIERRI, N. & SILVA, Pescadores da AID. Diagnóstico do meio sócio-econômico. In: ÂNGULO, R.; BRANDINI, F.; PIERRI, N. (coords.) **EIA- Porto Pontal**, Curitiba: AMB Planejamento ambiental, 2008.

POMEROY, R. & RIVERA-GUIEB, R. **Fishery co-management: a practical handbook**, Oxfordshire-UK/Cambridge-USA: IDRC/Cabi Publishing, 2006.

PROJETO DE GESTÃO INTEGRADA DA ORLA MARÍTIMA: Plano de Intervenção na orla marítima de Pontal do Paraná. Prefeitura Municipal de Pontal do Paraná, 2004.

SECRETARIA ESPECIAL DE AQÜICULTURA E PESCA (SEAP). **Propostas paranaenses para o plano estratégico nacional de desenvolvimento sustentável da aqüicultura e pesca. Conferência Estadual de Aqüicultura e Pesca no Estado do Paraná**, Curitiba, 2003.

VASCONCELLOS, M., DIEGUES, A. C., SALES, R. R. de. **Relatório integrado: diagnóstico da pesca artesanal no Brasil como subsídio para o fortalecimento institucional da secretaria especial de aqüicultura e pesca.** Versão preliminar, 2005. Relatório Técnico.

WELCOMME, R. L. **River fisheries. Fisheries Technical Paper.** FAO, Rome, Italy, 1985, 330p.

WOOD, D.S. & WOOD, S.W. **Como planejar um Programa de Educação Ambiental**, Brasil: Centro para o desenvolvimento internacional e meio ambiente; Instituto de Recursos Mundiais; Serviço de Pesca e Vida Silvestre dos Estados Unidos de América. 2008. 53 p. Disponível em: http://www.fws.gov/internacional/DIC/pdf/HPCEP_portuguese.pdf. Acesso em 23 de maio de 2008.

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – SLIDES DAS APRESENTAÇÕES EM POWER POINT UTILIZADAS NAS AULAS.....127

APÊNDICE 2 – APOSTILA ENTREGUE AOS PARTICIPANTES.....165

APÊNDICE 3 – METODOLOGIA E MATERIAIS ELABORADOS DA OFICINA.....187

APÊNDICE 4 – FORMULÁRIO DA ENQUÊTE INCICIAL.....194

APÊNDICE 5 – FORMULÁRIO DA ENQUÊTE FINAL.....195

APÊNDICE 6 – MODELO DE LISTA DE PRESENÇA UTILIZADA.....196

APÊNDICE 7 – PLANEJAMENTO DO CURSO DETALHADO POR FASES.....197

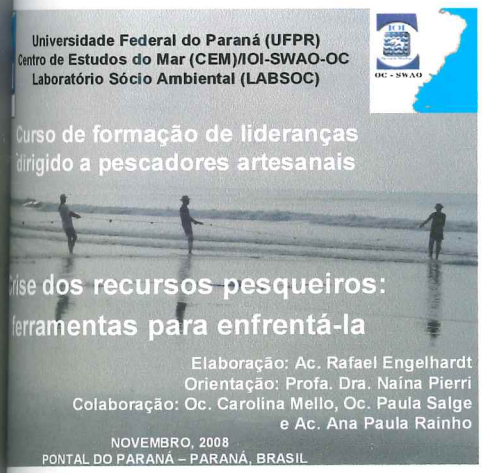
APÊNDICE 8 – MODELO DE CONVITE UTILIZADO PARA CONVOCAR OS PARTICIPANTES.....208

APÊNDICE 9 – MODELO DO CERTEFICIADO ENTREGUE AOS PARTICIPANTES DO CURSO.....210

APÊNDICE 10 – AVALIAÇÃO DO CUMPRIMENTO DO PLANEJADO, POR FASE E TAREFAS.....211

CE 1- SLIDES DAS APRESENTAÇÕES EM POWER POINT UTILIZADAS NAS AULAS

a Aula de número 1: Situação dos Recursos Pesqueiros Marinhos







Aula 1

Situação dos Recursos Pesqueiros Marinhos

Laboratório Sócio Ambiental (LABSOC)
Centro de Estudos do Mar (CEM). Universidade Federal do Paraná (UFPR)
OUTUBRO, 2008
PONTAL DO PARANÁ – PARANÁ, BRASIL

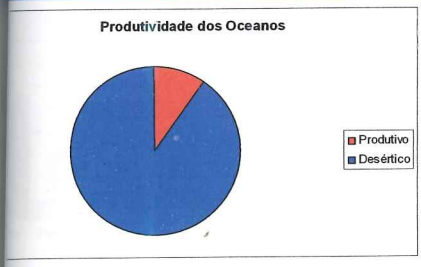
ue falaremos nessa aula??

- uação Mundial da Pesca
- mposição das capturas
- eas mais produtivas do mundo
- crise mundial da pesca
- incipais recursos da costa brasileira e suas uações
- odução da costa brasileira
- ise da pesca brasileira
- minhos a seguir

ntrodução

- Os recursos pesqueiros são infinitos?
- Estamos passando por uma crise?
- Ela é mundial ou nacional?
- Até quando teremos peixes para alimentar a humanidade??

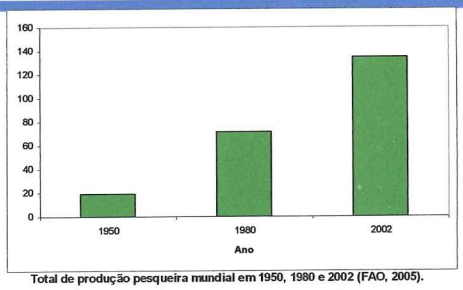
biente Marinho



Dos oceanos apenas 10 % são produtivos abrigam vida vegetal e animal)

Os 90% restantes são praticamente desérticos

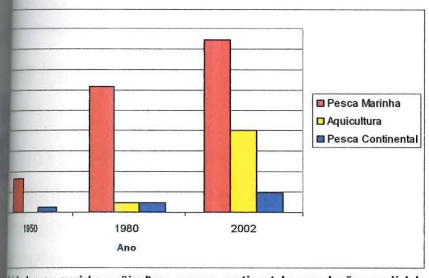
Produção Pesqueira Mundial



Total de produção pesqueira mundial em 1950, 1980 e 2002 (FAO, 2005).

- Total da produção pesqueira mundial – passou de 19,3 milhões de toneladas em 1950 para mais de 70 milhões em 1980 e para 134 milhões em 2002.

Produção Mundial



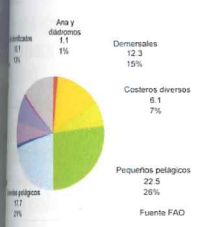
...ção da pesca marinha, aqüicultura e pesca continental na produção mundial de pescado nos anos de 1950, 1980 e 2002. (FAO, 2005).

...marinha maior contribuição.
...tribuição tem diminuído, cedendo espaço para o ...da aqüicultura.
...o da aqüicultura – sinal de redução de peixes?

Panorama Mundial

- Muitos estudiosos da pesca afirmam que não é possível aumentar o total das capturas mundiais.
- O que isso quer dizer?
- Não importa o quanto os esforços aumentem, o total das capturas já chegou ao seu limite!
- Entretanto as tendências são diferentes para cada região do mundo.
- Alguns recursos e áreas estão sobre-explorados e outros ainda podem aumentar sua produção.

...posição das Capturas



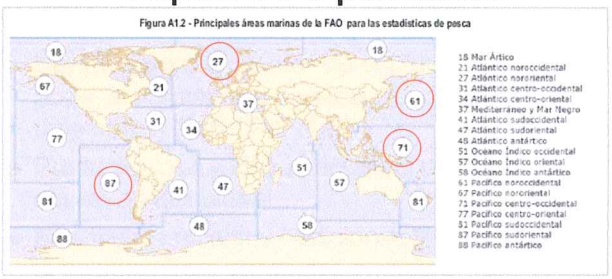
...marinha mundial para os diferentes ...recursos pesqueiros (FAO, 2005).

Pequenos Pelágicos (26%): anchovas, sardinhas e arenques

Grandes Pelágicos (21%): atuns, bonitos – representavam 13% das capturas em 1950 e hoje constituem 21%.

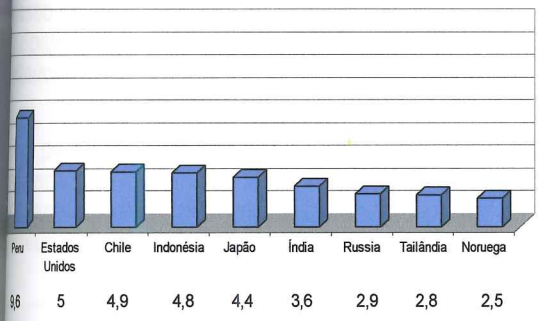
Demersais (15%): Bacalhaus, linguados, merluzas – Maior queda – representavam 26% das capturas nas décadas de 50 a 70 e hoje constituem 15% do total das capturas

Áreas do mundo com maior captura de pescados



- Área 61 – 1º lugar – composição mais ou menos igual dos peixes capturados
- Área 87 – 2º lugar – dominada por pequenas espécies (anchoveta)
- Área 27 – 3º lugar – peixes de fundo mais abundantes
- Área 71 – 4º lugar – grandes espécies

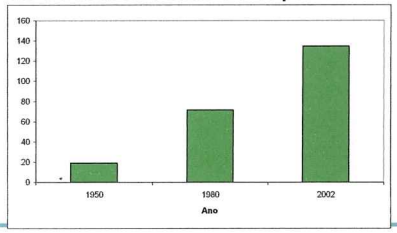
Países do mundo que mais capturam pescado



...marinha e continental em milhões de toneladas: os dez principais países produtores em 2004 (FAO 2005).

Diminuição das pescarias

- Muitas da principais pescarias mundiais estão diminuindo!
- Mas se algumas das principais pescarias mundiais estão em queda, como é possível o aumento do número total de capturas??



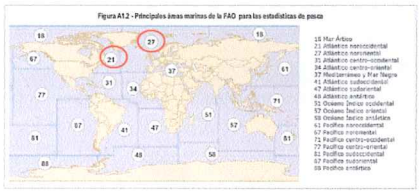
Total de produção pesqueira mundial em 1950, 1980 e 2002 (FAO, 2005)

s pescarias aumentam

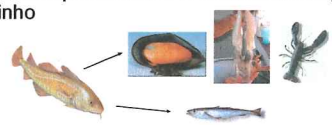
stituição!!!

cursos tradicionalmente capturados
diminuem são substituídos por
tras espécies anteriormente não
turadas por serem consideradas de
co valor.

Substituição das pescarias



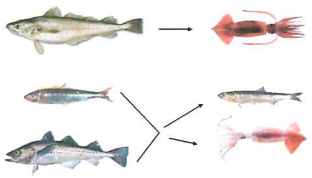
- Área 21 – queda na captura de peixes de fundo – aumento na captura de moluscos e crustáceos
- Área 27 – redução da captura de bacalhau – aumento da captura de espécies antes consideradas de pouco valor como o verdinho



ubstituição das pescarias



forte
merluza
–
nhada do
da pota
(Illex)
– queda
uras de
japonesa e
Alaska –
sada pelo
da
japonesa e



A crise da pesca no Mundo

A PESCA EXTRATIVA ENFRENTA UMA CRISE:

- Mesmo com o aumento das capturas totais pode-se afirmar que a pesca mundial passa por uma crise! SIM!!!!! Por que?
- Produção total vem aumentando, principalmente devido a aqüicultura!
- Mas muitos recursos tradicionalmente pescados já se encontram esgotados ou sobre-explorados.

se da pesca no Mundo

CA EXTRATIVA ENFRENTA UMA CRISE:

incipal fator responsável pela crise é o
cesso de capacidade de pesca criado
incipalmente entre 1970 e 1992
mbarcações e equipamentos).

sse período, o esforço de pesca duplicou,
m quantidade, e quase que quadriplicou, em
ualidade (desenvolvimento tecnológico dos
etrechos e técnicas de pesca)

Estado de Exploração



Estado das pescarias mundiais (FAO, 2005)

25% Pescarias que não podem aumentar e inclusive correm risco de diminuir se não forem colocadas em prática estratégias para recuperá-las. Tendência de aumento do número dessas pescarias

23% Pescarias que oferecem potencial para aumentar. Tendência de diminuição do número dessas pescarias

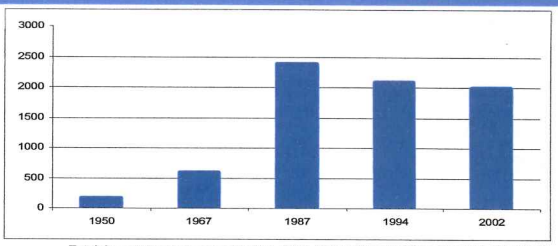
52% Capturas se encontram no limite de produção máxima, e também não podem aumentar, e correm o risco de diminuir caso nada seja feito.

41



- A situação da área 41, que envolve a costa brasileira.
- Área com grande variedade de recursos pesqueiros e também dos tipos de pescarias.

Produção Pesqueira da Área 41



Total de capturas nos anos de 1950, 1967, 1987, 1994 e 2002 na área 41 (FAO, 2005)

- 1950 – total de capturas de 172 000 toneladas. Poucas espécies eram exploradas.
- Desde então, novas pescarias têm se estabelecido e o total de capturas aumentou até 1987, passando a diminuir desde então.

pais pescarias da Área 41

écies dominantes no se refere ao volume de capturas são:

erluza argentina, a luza rosada, verdinho tal, dentre as espécies xes.



argentina (illex) e a inha brasileira, dentre equenas espécies.



Principais pescarias da Área 41

- Sardinha brasileira e anchoíta – grande importância. Dentre as pequenas espécies são as mais capturadas.
- Outra pescaria muito importante é a de lulas - pota argentina (illex)
- Aqüicultura marinha tem aumentado em um ritmo muito forte, entretanto sua contribuição ainda é fraca na área 41.





pais pescarias da Área 41

amarões, lagostas, aranguejos, e outros ustáceos sustentam portantes pescarias locais, nsiderando seu valor de ercado relativamente alto

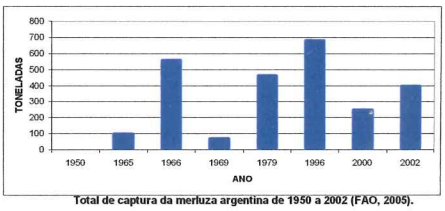




e têm produzido volumes portantes destes grupos e espécies

Estado das principais pescarias da Área 41

A merluza argentina:



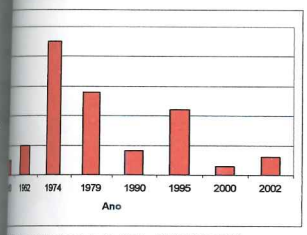
Total de captura da merluza argentina de 1950 a 2002 (FAO, 2005).



•Uma das pescarias mais importantes da área 41.
•Máximo de capturas no ano de 1996
•Diminuíram até o ano 2000
•Tiveram uma certa recuperação em 2002 – Resultado de medidas de gestão?

...ado das principais pescarias da Área 41

...nha brasileira:





...ção de sardinha brasileira de 1950 a 2002 (FAO, 2005).

...ção atual é preocupante! O que poderia ser feito para ...ar a produção?

Conclusão: a pesca na área 41

- Até o começo dos anos 80 - Área 41 se encontrava entre as poucas áreas do mundo que poderiam aumentar suas pescarias.
- Desde então, se tem estabelecido várias pescarias costeiras e de águas distantes, em sua maioria industrializadas.
- Atualmente, a situação é mais preocupante. Grande parte das populações pesqueiras já estão exploradas ao máximo ou até mesmo sobre-exploradas.

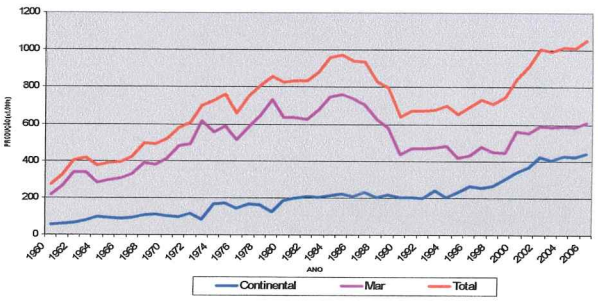
...uação da pesca no Brasil

...SCA BRASILEIRA TAMBÉM ...FRENTA UMA CRISE:

...resultados das avaliações mais ...entes apontam que cerca de 80% dos ...ursos que suportam as principais ...carias **encontram-se plenamente ...lorados, sobrepescados, esgotados ...em processo de recuperação.**

...as são pescarias que não apresentam ...encial para aumentarem suas capturas.

Produção brasileira de pecado



Produção brasileira de pescado de águas marinhas, continental e total de 1960 a 2006. Dados do IBGE e IBAMA.

...ção dos Principais Recursos ...hos brasileiros:

...so da Sardinha-verdadeira:
...scaria brasileira mais importante
...mo já dito anteriormente, a situação é preocupante

...so da Lagosta:
...mbém é preocupante.
...m diminuindo sua captura nos últimos anos.
...r que isso vem acontecendo?
- Excesso de medidas – deficiências da fiscalização;
- Elevada sobre-pesca em áreas isoladas;
- Situação deve continuar até que as partes interessadas ...entrem em um acordo.

Conclusões: a pesca no Brasil

- No Brasil, as partes interessadas ainda não chegaram a um consenso sobre as causas da crise e suas possíveis soluções – cada um tem uma opinião diferente.
- No campo científico, se tende a um consenso – excesso de capacidade de pesca como causa.

Questão:

A gestão dos recursos dirigida pelo Estado fracassou????

POR QUÊ?

- Por quê essa situação?
- Quais são os erros??
- Quem são os responsáveis?
- Culpa está nas leis?
- Falta de fiscalização?
- Falta de conhecimento?
- Falta de participação dos pescadores?

Vamos pensando nisso...

rências Bibliográficas

AO. **Exame da situação dos recursos pesqueiros arinhos mundiais**. Roma: FAO, 2005. Disponível n: tp://www.fao.org/docrep/009/y5852s/y5852s00.htm. esso em: 28 de outubro de 2008.

AO. **O Estado mundial da pesca e aqüicultura em 06.** Roma: FAO, 2007. Disponível em: tp://www.fao.org/docrep/009/a0699s/a0699s00.htm. esso em: 28 de outubro de 2008.

AS-NETO, J. **Gestão do uso dos recursos squeiros no Brasil**. Brasília: IBAMA 2003. sponível em: tp://www.ibama.gov.br/rec_pesqueiros/index.php?id menu=93. Acesso em: 28 de outubro de 2008.



ntatos:

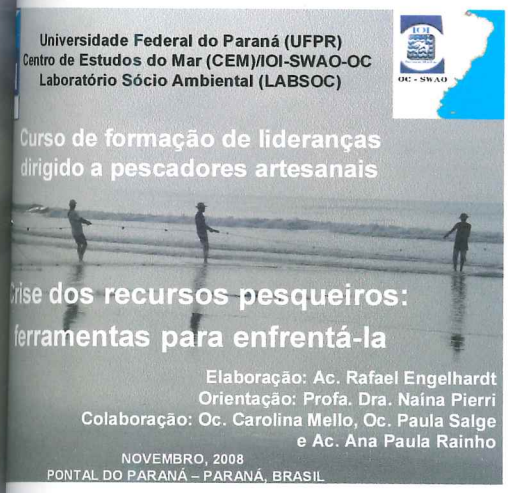
ratório Sócio Ambiental do Centro de dos do Mar: Sala 30. Pontal do Sul

efone: (41) 3455-1333, ramal 215

il: *socioambiental_cem@yahoogrupos.com.br*

. Responsável Naína Pierri: nainap@click21.com.br
Rafael Engelhardt: rafaelnapraia@hotmail.com

la Aula de número 2: A Situação da Pesca Artesanal







Aula 2

A Situação da Pesca Artesanal

Laboratório Sócio Ambiental (LABSOC)
Centro de Estudos do Mar (CEM). Universidade Federal do Paraná (UFPR)
OUTUBRO, 2008
PONTAL DO PARANÁ – PARANÁ, BRASIL

ue falaremos nessa aula?

- portância da pesca artesanal no mundo;
- ntribuição da pesca artesanal na produção queira do Brasil;
- tuação das pescarias artesanais no Brasil;
- tuação dos pescadores artesanais no Brasil;
- sca artesanal no litoral paranaense

Por quê?

- Para conhecer alguns dados atuais;
- Para ganhar uma maior compreensão da realidade local, conhecendo a situação da pesca artesanal no mundo e no resto do Brasil;
- Para melhorar a participação nas discussões sobre gestão da pesca.



portância da pesca no mundo

ma-se que 90% dos 38 milhões de pessoas, que, ndo a FAO, se dedicam à pesca e à piscicultura em classificar-se como produtores de pequena da;

ula-se que outras 100 milhões de pessoas ipam em outras ocupações relacionadas com a ca;

estimado de pessoas empregadas direta ou etamente na pesca e aqüicultura no mundo: 135 es em 2002;

A produção pesqueira artesanal

Quem produz mais no Brasil?
A pesca industrial ou artesanal?

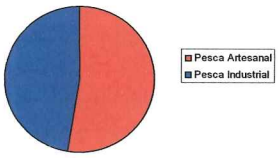
- Muitas vezes, os pescadores artesanais são considerados ineficientes e improdutivos;
- Essa afirmação é verdadeira?
  - Os números atuais das pescarias desmentem isso!
  - A participação da pesca artesanal é, hoje, maior que a da pesca industrial, em termos de volume de produção.

...dução pesqueira a nível ...onal

...artesanal - ...ável por 52,5% das ...0 toneladas de ...s pesqueiros ...os e marinhos ...arcados no Brasil ..., 2002);

...buição da pesca ...al para a produção ...ira nacional tem ...tado uma tendência ...ento desde 1980;

Pesca Artesanal X Pesca Industrial



Contribuição por tipo de pesca na produção brasileira total de pescado em 2002 (IBAMA e IBGE).

Produção pesqueira a nível nacional

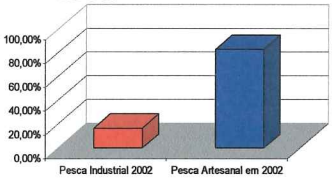
- **1980:** a pesca industrial produziu cerca de 64% do total e a artesanal foi responsável por 36% do total desembarcado (IBAMA);
- O aumento da produção artesanal é explicado, em parte, pela sobre-exploração e crise de importantes pescarias industriais (sardinha verdadeira).



...o de produção na região Norte



- A contribuição da pesca artesanal é bem maior que a industrial e vem se mantendo quase igual desde 1980.

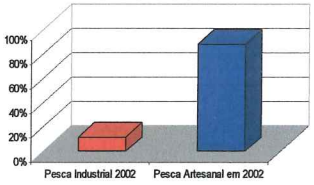


Contribuição da pesca artesanal e industrial na produção total da região norte em 2002 (IBAMA e IBGE).

Tipo de produção na região nordeste

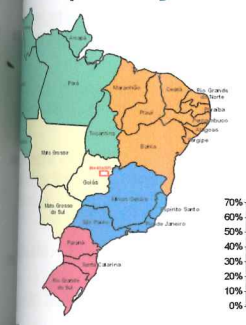


- A contribuição da pesca artesanal é muito maior que a industrial e vem aumentando muito nas últimas décadas!!

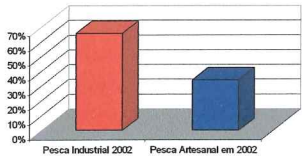


Contribuição da pesca artesanal e industrial na produção total da região nordeste em 2002 (IBGE e IBAMA).

...o de produção na região sudeste



- A contribuição da pesca artesanal é menor que a industrial, entretanto vem aumentando muito nas últimas décadas!!

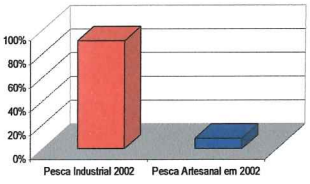


Contribuição da pesca artesanal e industrial na produção total da região sudeste em 2002 (IBGE e IBAMA).

Tipo de produção na região sul



- A contribuição da pesca artesanal é bem menor que a industrial e vem diminuindo nas últimas décadas!



Contribuição da pesca artesanal e industrial na produção total da região sul em 2002 (IBGE e IBAMA).

nclusão

Norte e no Nordeste, a pesca esanal é bem maior que a industrial e n crescendo.

Sudeste e no Sul a contribuição da sca artesanal é bem menor que a ustrial, mas enquanto no Sudeste sce, no Sul decresce.

ntanto, o Paraná está na região do país de a pesca artesanal decresce.

As estruturas de desembarque da pesca artesanal

- Na maioria das vezes, as estruturas de desembarque são precárias, para todos os tipos de pesca;
- Na maioria dos casos, o pescado desembarcado nas praias faz um longo caminho até chegar ao mercado.
- Aonde faltam estruturas de desembarque a situação dos pescadores é mais difícil.





os mais difíceis para mento da renda dos adores artesanais:



iculdade em agregar or ao pescado; e

cesso de rmediação.



Número de pescadores artesanais no Brasil

- Número total de pescadores artesanais continentais e marítimos filiados às Colônias- em torno de 270.000 (IBAMA, 2003);
- Maioria vivendo no Nordeste;
- Somando a este total o número de pescadores não filiados as Colônias, estimado em 288.500 pela Confederação Nacional dos Pescadores, chega-se a uma estimativa de aproximadamente 538.500 pescadores artesanais marítimos no Brasil (sem incluir os pescadores continentais e aqüicultores).

nero de colônias de pesca no sil

estados litorâneos cerca de 381 colônias de adores (SEAP, 2004);

ento de cerca de 80 colônias em relação a 1986 os da Confederação de Pescadores 1986);

este - região em que o aumento do número de rias foi mais expressivo (69 colônias nesse odo);

este - o número passou de 55 a 60 colônias;

ão Sul - de 32 para 43 colônias.

Número de pescadores artesanais na região **Sul**



Nº de pescadores:

- 23.658 (IBGE, 2000);
- 52.396 (IBAMA, 2004);
- Reunidos em 43 Colônias (SEAP, 2003).

ero de pescadores e Colônias estados do **sul**

atarina
escadores (IBGE, 2000)
escadores (IBAMA, 2003)
nias de pesca (SEAP, 2004)
nde do **Sul**
escadores (IBGE, 2000)
escadores (IBAMA, 2003)
nias (SEAP 1986)
escadores (IBGE, 2000)
escadores (IBAMA, 2003)
nias (SEAP, 2004)



Recursos pesqueiros artesanais da região **sul**



- Os principais recursos pesqueiros artesanais: corvina, manjuba, enchova, castanha, tainhas, camarão-sete-barbas, camarão-rosa;
- A importância dos moluscos é pequena e vem diminuindo ao longo do tempo;

→ **Todos os recursos mostram claros sinais de diminuição na produção, ao longo do tempo.**

tuação dos estoques pesqueiros egião **sul**

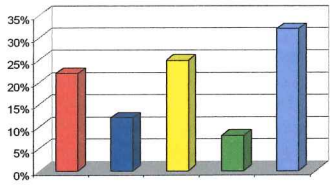
que estado estão as arias da região sul?

a com muito peixe?
s pescarias estão ando?





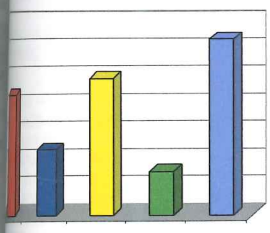
Estado das pescarias artesanais da região **Sul**



Estado das pescarias da região sul em 2002 (IBAMA).

- Em recuperação (8%) – as capturas já estiveram em estado mais crítico e agora estão se recuperando.
- Em desenvolvimento (22%) – as capturas podem aumentar, desde que estejam sendo aplicadas medidas de gestão.
- Maturo (12%) – as capturas já alcançaram quase seu máximo, podendo aumentar desde que estejam sendo aplicadas medidas de ordenamento.

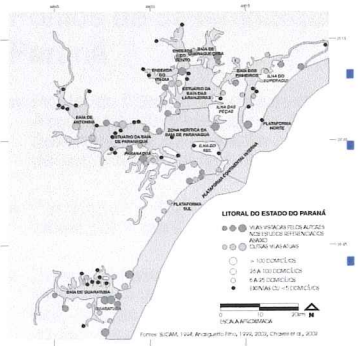
do das pescarias artesanais da ão **Sul**



escarias da região sul em 2002

- Pescarias que estão envelhecidas e não podem aumentar, com sério risco de diminuição (25%)
- Pescarias em estado crítico e que necessitam de medidas de recuperação, se não, podem acabar (32%).

A pesca artesanal no Litoral Paranaense



Vilas pesqueiras do litoral paranaense. Fontes: SUCAM/FUNASA, dados de 1999; Andriguetto Filho, 1999, 2002; Chaves., 2002.

Panorama geral da pesca

- 60 vilas de pescadores espalhadas por todo o litoral paranaense;
- Estas vilas vão desde pequenos povoados exclusivamente pesqueiros, até bairros urbanos;
- 43 vilas desapareceram ou sofreram forte redução da população nas últimas décadas.

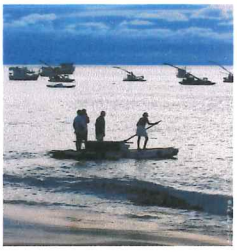
esca artesanal no Litoral Paranaense

l do Paraná apresenta
rande diversidade de
idades de pesca;

de pequena escala ou
anal";

uma produção de
ância local mas de menor
são no cenário regional;

1980 e 1994, esta
idade foi responsável por
da produção
barcada no Estado
A, 1997);



As embarcações utilizadas no litoral do PR

- canoas a remo (6 a 8 m);
- bateiras (até 12 m);
- botes (7 a 14 m); e
- barcos motorizados (acima de 12 m).



mbarcações utilizadas no litoral do PR

Número embarcações

Município	Bateira	Canoa a remo	Canoa a motor	Barcos	Total
ueraqueçaba	50	380	140	2	572
uaratuba	140	100	80	55	375
Matinhos	3	-	116	2	121
ranaguá	10	449	147	4	610
TOTAL	203	929	483	63	1.678

timado de embarcações de pesca no litoral do Paraná. Fonte: EMATER/PR (1995).

as a remo – restritas ao interior das baías – mais
osas em Guaraqueçaba e Paranaguá;

s - Usadas nas baías, mas ocorrem principalmente
ias abertas. Freqüentes em Guaratuba e Pontal do
;

s e barcos – Concentram-se maior parte em Guaratuba

Tipos de pescarias do litoral do PR

Tipos importantes de pescarias locais:

- Pesca de camarão com uso de redes de arrasto de fundo, caceio e pesca de gerival nos estuários.
- Fundeio, dirigida a cações;
- Pesca do irico com rede de filó, na Baía de Paranaguá;
- Pesca de cerco fixo de taquaras;
- Arrasto de praia para tainhas e robalos; e
- Coleta manual de caranguejo e ostras.

Pescarias de subsistência:

- Consumo próprio;
- Principalmente no interior das baías e estuários (uso de canoa a remo, linha e anzol, gerival, redes de emalhe para pesca de caceio);

os de desembarque no litoral do
ná

ados em todos os
pios;

atuba – desembarque
ntrado em 6 ou 7 empresas
scado em Piçarras
palmente camarão) +
do municipal
palmente peixe). Mercados
ntários em Brejatuba e
elos.

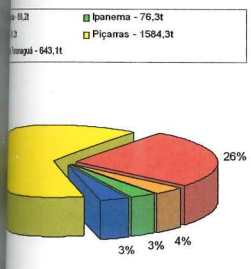
os – mercado da
iação de Pescadores



Pontos de desembarque no litoral do Paraná

- Pontal do Paraná – mercado em Shangri-lá da Associação de Pescadores. Concentração de desembarque de camarão no antigo embarque. Resto de desembarques espalhados ao longo da praia.
- Paranaguá – desembarque ocorre no mercado municipal + em 2 ou 3 grandes empresas ou peixarias.
- Guaraqueçaba – desembarque muito espalhado e a maior parte vai para Paranaguá. Uma parte do camarão-sete-barbas é desembarcado em Superagüi, aonde é cozido e salgado e escoado para São Paulo. O camarão capturado pelos pescadores de Vila das Peças vai para Paranaguá e para Guaratuba.

cipais pontos de desembarque toral do PR

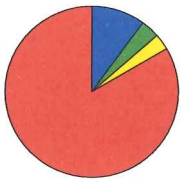


nual médio de pescado em toneladas no litoral 992 e 1994, segundo o local. Fonte: ranaguá.

- Paranaguá e Piçarras – principais portos de desembarque entre 1992 e 1994.

A produção pesqueira paranaense por modalidade

A produção pesqueira do estado:



Produção pesqueira paranaense estimada por modalidade para 2006 (IBAMA).

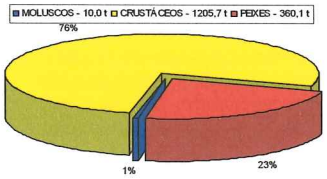
- Pesca Extrativa Marinha: 1.993 toneladas (10%)
- Pesca Extrativa Continental: 756 toneladas (4%)
- Aqüicultura marinha: 616 toneladas (3%)
- Aqüicultura continental: 16.687 toneladas (83%)

odução pesqueira marinha no aná

re 1975 e 2000 -produção total rinha de pescado oscilou entre e 2500 toneladas (SUDEP e AMA).

mero relativamente baixo mparado com outros estados.

Recursos mais capturados no litoral do PR



Desembarque anual médio de pescado em toneladas no litoral do Paraná entre 1997 e 2000, segundo a natureza – peixes, moluscos ou crustáceos. Fonte: RGP/IBAMA/Paranaguá.

- Moluscos (1%)
- Crustáceos (76%): Camarão-sete-barbas e camarão branco - Pescarias mais importantes em volume e valor:
- Peixes (23%): Principais representantes são a Sardinha verdadeira, a Pescadinha real e a corvina

mero de pescadores no litoral do aná

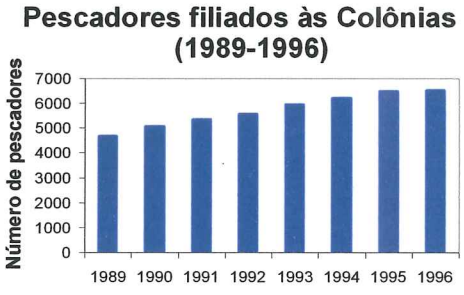
ro de pescadores registrados na SEAP em 2003

cípio	*Número de pescadores*
nna	700
tuba	900
nhos	215
Paraná	365
peçaba	1096
naguá	1001
TAL	4277

scadores registrados no DPA/MAPA-PR em 2003. Os números para Antonina e estimados (SEAP, 2003)

- Número pode ser maior – pescadores sem registro
- População dependente da pesca (pescadores e famílias)– bem maior (13.000 aprox);

Quantidade de pescadores filiados às Colônias

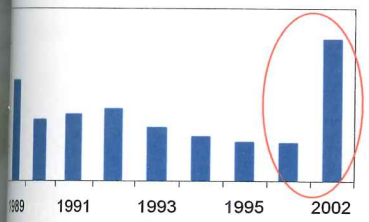


Número total de pescadores filiados às colônias de pesca no litoral do Paraná até março de 1996. Fonte: IBAMA.

Se em 2003 existiam 4.277 pescadores artesanais no estado, como é possível que em 1996 existiam cerca de 6.500 filiados às Colônias? Aonde foram parar esses 2000 pescadores?

sca artesanal no Litoral Paranaense

adores em dia com as Colônias (1989-2002)



Por que esse aumento tão rápido?

pescadores em dia com as colônias de pesca no litoral entre 1989 e março de 1996, e em fevereiro de 2002. Fonte:

A crise na pesca artesanal paranaense

- Recursos pesqueiros da região sul – situação crítica
- Se o Paraná produz pouco em relação aos estados vizinhos porque também sofremos com essa crise?
- Onde está o problema?
- Em parte por que o problema se reflete em regiões próximas
- O Paraná não produz tão pouco. Muitos barcos pesqueiros de estados vizinhos que pescam em águas paranaense realizam os desembarques em seus estados.
- Quem mais sofre com essa situação?

nclusões

recursos pesqueiros alvo da pesca artesanal ontram-se em situação crítica;

rsos deles já não podem sustentar aumento em s capturas;

ares de pessoas dependem da atividade pesqueira pequena escala para garantirem seus meios de vida;

e é o caso do litoral paranaense, na qual a pesca sanal é predominante;

Conclusões

- No litoral do estado, cerca de 13 mil pessoas dependem de forma direta ou indireta da pesca para sobreviverem;
- Toda essa situação chama a atenção da necessidade da existência de um planejamento mais rigoroso para repor as populações esgotadas e evitar que ocorra o mesmo com outras populações que são exploradas.
- Quando nos referimos a esse planejamento, estamos novamente falando da gestão pesqueira!!

eferências Bibliográficas

ORIGUETTO FILHO, J. M.; CHAVES, P. T.; SANTOS, C. E S. A. ERATI. 2004. **Diagnóstico da pesca no estado do Paraná.** licação Especial do Programa Instituo do Milênio, MCT, Projeto COS, Modelo Gerencial da Pesca. Revista Atlântica, Rio Grande, no o.

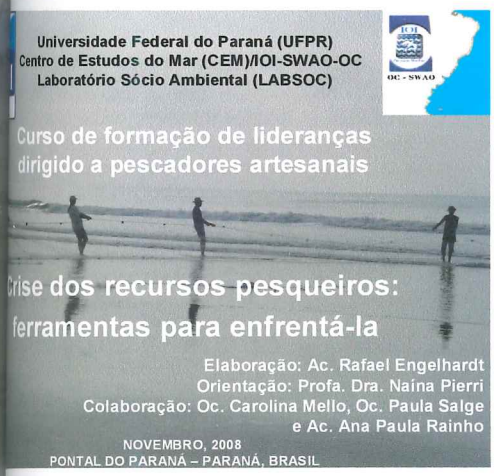
SCONCELLOS, M., DIEGUES, A. C., SALES, R. R. de. **Relatório egrado: diagnóstico da pesca artesanal no Brasil como bsídio para o fortalecimento institucional da secretaria especial aqüicultura e pesca.** Versão preliminar, 2005. Relatório Técnico.

AMA. **Estatística da pesca 2005: grandes regiões e unidades da eração.** Brasília: IBAMA, 2007. Disponível em: p://www.ibama.gov.br/rec_pesqueiros/index.php?id_menu=100. esso em 29 de outubro de 2008.

AMA. **Relatório técnico sobre o censo estrutural da pesca esanal marítima e estuarina nos estados do Espírito Santo, Rio Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.** Itajaí: AMA, 2005. Disponível em: p://www.ibama.gov.br/rec_pesqueiros/index.php?id_menu=93. esso em 29 de outubro de 2008.



da Aula de número 3: O código de conduta para a pesca responsável







Aula 3

Código de conduta para a Pesca Responsável

Laboratório Sócio Ambiental (LABSOC)
Centro de Estudos do Mar (CEM). Universidade Federal do Paraná (UFPR)
OUTUBRO, 2008
PONTAL DO PARANÁ – PARANÁ, BRASIL

que falaremos nessa aula?

alaremos de dois importantes ocumentos:

"*O código de conduta para a pesca responsável*" (46 paginas); e as

"*Orientações técnicas para a pesca responsável: Aumento da contribuição da pesca de pequena escala à mitigação da pobreza e a seguridade alimentar*" (89 páginas).

istes foram aprovados pela FAO.

O que é a FAO? (1)

É a Organização das Nações Unidas (ONU) para a Agricultura e a Alimentação.

O que é a Organização das Nações Unidas- ONU?

- Uma organização internacional que reúne todos os países do mundo.
- Foi fundada em 1945, no fim da II Guerra Mundial.
- Objetivos da ONU:
  - Manter a paz e a segurança internacionais;
  - Estabelecer relações amigáveis entre os países do mundo; e
  - Incentivar os países na resolução de problemas econômicos, sociais, e culturais, entre outros.

ue é a FAO? (2)

anismo da ONU responsável pelo setor de icultura, pesca e alimentação;

uta e propõe soluções dos problemas relacionados ses temas.

etivo principal:

nbater a fome e a pobreza no mundo.

mo?

movendo o desenvolvimento dos setores agrícola, stal e pesqueiro para aumentar a produtividade dial dos alimentos.

mesmo tempo em que promove a preservação dos ursos.

O que veremos desses documentos?

- **Como foram elaborados e aprovados**
- **Por que foram elaborados**
- **Para que servem**
- **O conteúdo geral de cada um**
- **Quais os pontos de maior interesse**
- **Como está sendo a sua aplicação**

UFPR - Centro de Estudos do Mar
BIBLIOTECA

...o foram elaborados e aprovados?

...0) elaborou uma proposta de Código.

...sentantes dos países membro da FAO, ...izações inter-governamentais, a indústria ...queira e organizações não governamentais ...ram a proposta e trabalharam para chegar a ...cordo sobre o Código.

...digo foi aprovado em 1995, por unanimidade.

...comendações para a pesca de pequena ...la (complementares ao Código) foram ...adas em 2006.

DOCUMENTO 1

"O código de conduta para a pesca responsável"

...ue fatos parte o Código de conduta ...a pesca responsável?

...ca e aqüicultura - importantes fontes de ...entos, emprego e renda;

...ões de pessoas dependem da pesca para ...subsistência;

...rave crise dos recursos pesqueiros;

...a que haja pescado para as gerações ...ras - todos os que participam da pesca ...em contribuir para a conservação e ...enação das pescarias mundiais.

O que é o Código?

- Coleção de princípios e normas internacionais para a aplicação de praticas pesqueiras responsáveis;
- Descreve como se deve ordenar a pesca e como se devem realizar as mesmas operações pesqueiras;
- Dirigido aos governos e a todos os que trabalham e participam na pesca e aqüicultura.
- Seu cumprimento não é obrigatório; é voluntário.

...mário do Código (1)

...âmbulo

...rodução

...t. 1. Natureza e âmbito de aplicação do ...digo

...t. 2. Objetivos do Código

...t. 3. Relação com outros instrumentos ...ernacionais

...t. 4. Aplicação, seguimento e atualização

...t. 5. Requerimentos especiais dos países em ...senvolvimento

...t. 6. Princípios gerais

...t. 7. Ordenamento pesqueiro

Sumário do Código (2)

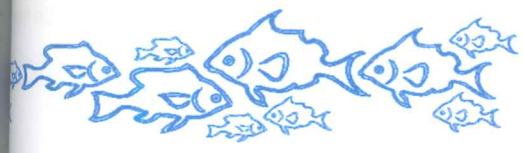
- Art. 8. Operações pesqueiras
- Art. 9. Desenvolvimento da aqüicultura
- Art. 10. Integração da pesca na ordenação da zona costeira
- Art. 11. Praticas pós-capturas e comércio
- Art. 12. Pesquisa pesqueira

- Anexo 1. Antecedentes relativos à origem e elaboração do Código
- Anexo 2. Resolução

jetivos do Código (1)

dar aos países a desenvolver e melhorar seus res de pesca e aqüicultura para alcançar o tivo de utilização sustentável dos recursos queiros;

mover a contribuição da pesca à segurança mentar e à qualidade da alimentação;



Objetivos do Código (2)

- Promover a proteção dos recursos pesqueiros, seus ambientes aquáticos e costeiros;
- Promover o comércio de pescado e produtos pesqueiros;
- Promover a pesquisa pesqueira;
- Oferecer normas de conduta para todas as pessoas envolvidas no setor.



denamento pesqueiro (1)

medidas de ordenamento pesqueiro vem procurar que:

Se evite o excesso de capacidade de pesca;

Se assegure que a exploração dos recursos continue sendo economicamente viável;

Se tenha em conta os interesses dos pescadores, incluindo a pesca de subsistência, artesanal e de pequena escala.

Ordenamento pesqueiro (2)

- (cont.):
  - Se protejam as espécies em perigo e se permita a recuperação das espécies esgotadas;
  - Se avalie e corrija o impacto ambiental negativo provocado por atividades humanas;
  - Se reduzam ao mínimo a contaminação, os desperdícios, os descartes, as capturas por artes de pesca perdidos ou abandonados; as capturas de espécies que não são objeto da pesca; e
  - Se mantenha a qualidade do pescado capturado.

denamento pesqueiro (3)

dos os países devem ter políticas squeiras claras e bem organizadas para ordenamento de suas pescarias;

s políticas devem ser elaboradas em operação de todos os grupos teressados na pesca;

s governos devem dar a devida blicidade das medidas de conservação gestão e fazer com que as leis sejam de mpreensão de todos os envolvidos.

Ordenamento pesqueiro (4)

- Os governos
  - devem criar leis que consigam cumprir;
  - com procedimentos para determinar e castigar àqueles que as violem; e
  - Prever a aplicação de multas e retirada de licenças de pesca.
- Deve-se levar em conta os custos e benefícios da pesca e os seus efeitos ambientais e sociais.



...enamento pesqueiro (5)

...eparar estas políticas:

...governos devem utilizar a melhor informação ...tífica disponível;

...ar em conta as práticas pesqueiras e os ...hecimentos tradicionais dos pescadores;

...ando não tenham uma informação adequada, ...em ter o maior cuidado ao estabelecer ...es de pesca.



Ordenamento pesqueiro (6)

- Deve-se dar atenção especial às necessidades da população local que depende da atividade pesqueira para sua subsistência;
- Os governos devem tratar de educar e formar aos pescadores e piscicultores para que possam participar na elaboração e aplicação de políticas.



...enamento pesqueiro (7)

...a evitar a pesca excessiva se ...e:

...dar do tamanho da frota pesqueira;

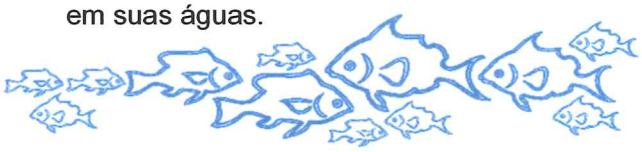
...liar os efeitos das artes de pesca ...re o meio ambiente;

...forma que os métodos e artes de ...ca devem ser seletivos.



Ordenamento pesqueiro (8)

- Para proteger os peixes, deve-se proibir, em todos os países, a utilização de dinamite, venenos e outras práticas pesqueiras destrutivas;
- Os governos devem assegurar que só os barcos pesqueiros autorizados pesquem em suas águas.



...nvolvimento da Aqüicultura (1)

...senvolvimento da aqüicultura deve:

...duzir ao mínimo os efeitos negativos ...s peixes cultivados sobre as ...pulações de peixes nativos;

...mesmo tempo aumentar a quantidade ...pescado para o consumo humano.



Desenvolvimento da Aqüicultura (2)

- A aqüicultura não deve influir negativamente nos meios de vida das comunidades locais;
- Deve-se acompanhar e avaliar os efeitos ambientais da aqüicultura;
- Vigiar os tipos de fertilizantes utilizados;
- Tomar medidas para assegurar a qualidade dos produtos da aqüicultura.



ticas Pós-captura e Comércio

overnos devem:

- ntivar suas populações a consumir pescado;
- abelecer normas sobre a qualidade do scado que o governo possa supervisionar e er cumprir;
- desperdícios depois da captura devem ser rimos;
- métodos de elaboração, transporte e nazenamento do pescado não devem judicar sua qualidade nem o meio ambiente.

nclusão

- recursos pesqueiros podem ser lorados desde que os governos e todos nvolvidos apliquem políticas corretas e m práticas responsáveis de pesca;
- icultura pode representar uma ortante contribuição social e econômica as comunidades, mas não deve judicar o meio ambiente.

Estudo das Pescarias

- Deve-se desenvolver estudos sobre os peixes, os ambientes, as pescarias e os efeitos das artes e técnicas de pesca para embasar o ordenamento;
- Os governos devem colocar a disposição instalações de estudos e incentivar a capacitação de jovens técnicos;
- Os pescadores devem colaborar nestes estudos.

DOCUMENTO 2

"Orientações técnicas para a pesca responsável: Aumento da contribuição da pesca de pequena escala à mitigação da pobreza e a seguridade alimentar"

mário do Documento (1)

Contribuição, função e importância da pesca pequena escala para a mitigação da pobreza eguridade alimentar

Incrementar a função da pesca de pequena cala para contribuir à mitigação da pobreza e eguridade alimentar

2.1 Visão de futuro para a pesca de pequena escala
2.2 O Código de Conduta
2.3 Política pesqueira em apoio aos pobres
2.4 Legislação em apoio aos pobres

Sumário do Documento (cont.)

- 2.5Problemas da aplicação
- 2.6 Considerações inter-setoriais
- 2.7 A contribuição da ordenação da pesca
- 2.8 Fazer que os mercados atuem em favor dos pobres
- 2.9 Financiamento da mitigação da pobreza
- 2.10 Informação, pesquisa e comunicação apropriadas

- 3. Conclusão

que fala esse documento?

orientações técnicas para
mentar a contribuição da pesca
pequena escala para o
mbate à pobreza e à fome,
recendo sugestões práticas de
mo fazer isso.

Por que essa atenção na pesca de pequena escala?

- Muitas pessoas tem essa atividade como forma de subsistência;
- Atividade geradora de empregos e distribuição de renda em proporções bem maiores que o ramo industrial;
- Produz grande quantidade de alimento de boa qualidade.

em está dirigido o Documento?

orientações estão destinadas aos
ponsáveis das decisões (governos) e a
as as pessoas que participam na
boração e aplicação de políticas para a
sca de pequena escala, incluindo os
scadores e trabalhadores do setor
squeiro.

Alguns pontos dessas orientações

→ Melhorar os processos de elaboração de políticas

- Avaliar quais são todas as partes interessadas na pesca de pequena escala que têm que participar na elaboração de políticas;
- Colaborar com organizações de pesca de pequena escala para aumentar a participação dos seus representantes no processo;
- Utilizar os conhecimentos e experiências dos pescadores e trabalhadores do setor pesqueiro de pequena escala.

apacitação das comunidades pesqueiras

eve-se desenvolver a capacitação das
munidades através da educação, serviços
ciais e melhora do bem-estar e saúde;

ão itens importantes para garantir o aumento
contribuição da pesca em pequena escala
ra o combate à pobreza e a fome.

→ Ampliação das estratégias de subsistência

- É importante apoiar e estimular aos pescadores e trabalhadores do setor pesqueiro para buscarem seus meios de subsistência também em outros setores;
- Isso como complemento da atividade pesqueira para reduzir os riscos.

ordenação pesqueira

elhores práticas de ordenação pesqueira udam no combate à pobreza e a fome;

crise dos recursos pesqueiros implica perda s benefícios nutricionais, econômicos e de mprego;

s sistemas participativos são mais eficazes – globam todas as questões sociais, conômicas, biológicas e ecológicas que devem -se em conta para um ordenamento eficaz da esca.

→ Zonas protegidas

- Recentemente defende-se o estabelecimento de reservas marinhas para a ordenação da pesca.
- Em longo prazo – recuperação dos recursos
- Em curto prazo – pode comprometer a situação de alguns grupos
- Por isso se deve tomar muito cuidado na hora do estabelecimento dessas zonas

conhecer a importância do setor posterior captura em pequena escala

vidades posteriores à captura em pequena cala tem recebido pouca atenção;

mero considerável de pessoas participam sse setor;

tor contribui em grande parte para a redução pobreza;

ve-se reconhecer a importância do setor das vidades posteriores a captura em pequena cala e elaborar políticas em favor da mpliação do setor.

Vejamos agora

- Quem é responsável de aplicar o Código
- Quem deve colaborar com a sua aplicação
- Como aplicá-lo de maneira eficaz
- O que tem acontecido desde que foi aprovado, no mundo, e no Brasil

em é responsável por aplicar Código?

plicação do Código – responsabilidade s governos, em cooperação com suas dústrias e comunidades pesqueiras;

AO – função de prestar apoio técnico e giar o seu cumprimento, entretanto, não m uma responsabilidade direta em sua plicação.

Quem deveria colaborar no cumprimento do Código?

- Países membros da FAO
- Países não membros da FAO
- Todos os setores e entidades pesqueiras
- Organizações governamentais
- Organizações não governamentais
- Todas as pessoas interessadas

aplicar o Código de maneira eficaz?

overnos devem:

porar os princípios e objetivos do Código nas cas e leis pesqueiras nacionais;

over a compreensão do Código entre aqueles vidos no setor pesqueiro;

r medidas para consultar à indústria pesqueira e s grupos a fim de promover seu apoio e rimento voluntário;

ular às comunidades e indústrias pesqueiras a rarem códigos de boas práticas compatíveis com jetivos e finalidades do Código de Conduta.

e está acontecendo com o igo no Brasil? Iniciativas (1):

am organizados dois Seminários rnacionais sobre pesca responsável:

e 5 a 7 de setembro de 1997, em Beberibe, Ceará, romovido pela ONG Terramar e patrocinado pelo oletivo Internacional de Apoio ao Pescador rtesanal-CIAPA.

e 25 a 27 de janeiro de 2006, em Fortaleza, Ceará, romovido por Terramar, e o Fórum dos Pescadores Pescadoras do Litoral do Ceará-FPPLC (II eminário, 2006).

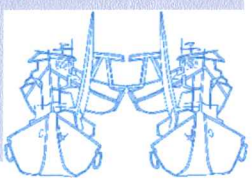
anizações de pescadores estão struindo seus Códigos de Conduta para a ca artesanal responsável (exemplo, FPPLC, rá).

mprimento do Código é um sonho?

ÃO!!! sua aplicação depende de todos is...

e maneira que quando conquistemos a efetiva aplicação, teremos:

mais recursos,
mais empregos,
menos pobreza,
e menos fome!!!!



O que aconteceu nos primeiros 10 anos de existência do Código?

Segundo informe da mesma FAO (2005), cada vez mais países o aplicam:

- 31% dos países membro da FAO tem conseguido que suas políticas pesqueiras e legislações nacionais sejam completamente conformes com o Código;
- 26% tem dado passos para atingir esse objetivo; e o
- 43% restante tem adotado, pelo menos de forma parcial, as normas contidas no texto.

Para facilitar sua aplicação a FAO elaborou o programa *FischCode* e oferece assistência técnica e assessoramento aos países em vias de desenvolvimento (FUNDAÇÃO EROSKI, 2005).

Iniciativas no Brasil (2):

- **O governo tem manifestado querer promover um pacto social entre todos os envolvidos na pesca para implementar a gestão compartilhada** dos recursos pesqueiros, incluindo a re-educação ambiental de todos para compartilhar poder e responsabilidades.

- **Existe um Grupo de Defesa da Pesca Responsável do Brasil** criado por um grupo de pesquisadores, pescadores e representantes de ONGs cujo objetivo é divulgar o Código e o conceito de precaução no ordenamento da pesca.

Divisão de Responsabilidades

Governantes:

• Ampliar a divulgação do Código de Conduta entre as partes interessadas;

•Promover a discussão de como seria aplicado no Brasil, como base para elaborar as políticas e normas que seguiriam suas recomendações;

•Fazer cumprir o código, já que é o maior responsável pela sua aplicação.

Pescadores e trabalhadores do setor:

•Exigir dos Governantes que o Código comece a ser aplicado no Brasil;
•Participar da elaboração do Código brasileiro ou das políticas e normas que o implementem;
•Promover a criação de códigos regionais e locais;
•Cumprir com os acordos estabelecidos.
•Denunciar os incumprimentos.

Pesquisadores:

•Exigir dos Governantes que o Código comece a ser aplicado no Brasil;

•Gerar dados para que os gestores possam tomar as decisões cabíveis.

eferências Bibliográficas

FAO. **Código de conduta para a pesca responsável.** Roma: FAO, 1995. Disponível em: http://www.fao.org/DOCREP/005/V9878S/V9878S00.HTM. Acesso em: 31 de outubro de 2008.

FAO. **O que é o código de conduta para a pesca responsável?** Roma: FAO, 2001. Disponível em: http://www.fao.org/DOCREP/003/X9066S/X9066S00.HTM. Acesso em: 31 de outubro de 2008.

FAO. **Aumento da contribuição da pesca em pequena escala para a mitigação da pobreza e a seguridade alimentar.** Roma: FAO, 2006. Disponível em: http://www.fao.org/docrep/010/a0237s/a0237s00.htm. Acesso em: 31 de outubro de 2008.

FUNDAÇÃO EROSKI, Los países se comprometem con el Código de Conducta para la pesca responsable de la FAO, **CONSUMER EROSKI**, Disponível em: www.consumaseguridad.com/2005/11/04/20917.php. Acesso em : 22 de outubro de 2008.



Contatos

atório Sócio Ambiental do Centro de udos do Mar: Sala 30. Pontal do Sul

one: (41) 3455-1333, ramal 215

socioambiental_cem@yahoogrupos.com.br

Responsável Naína Pierri:nainap@click21.com.br
fael Engelhardt: rafaelnapraia@hotmail.com

da Aula de número 4: Convênio sobre o trabalho no setor pesqueiro (OIT)







Aula 4

Convênio sobre o trabalho no setor pesqueiro (Organização Internacional do Trabalho-OIT), 2007.

Laboratório Sócio Ambiental (LABSOC)
Centro de Estudos do Mar (CEM). Universidade Federal do Paraná (UFPR)
OUTUBRO, 2008
PONTAL DO PARANÁ – PARANÁ, BRASIL

Do que falaremos nessa aula?

Do que falaremos nessa aula?

- Do Convênio dobre o trabalho no setor pesqueiro aprovado pela OIT em 2007;
- O que é e para que serve esse Convênio; e
- Alguns pontos importantes do mesmo.

O que é a OIT

Organização Internacional do Trabalho

- Sigla – Organização Internacional do Trabalho
- A OIT é outro organismo da ONU
- Foi criada em 1919, e passou a fazer parte da Organização das Nações Unidas em 1946
- Responsável pelo setor trabalhista tendo como objetivo geral promover condições de trabalho decentes.

Quem participa na elaboração das normas da OIT e como passam a ser aplicadas nos países?

- A OIT elabora um documento base;
- Depois consulta aos estados membros e aos setores envolvidos, do lado dos patrões e dos trabalhadores, visando o estabelecimento de Normas Internacionais do Trabalho;
- Uma vez ratificadas pelos estados, as normas devem ser aplicadas através de leis criadas nos próprios países;

Quando e por quem foi aprovado o Convênio sobre o Trabalho Pesqueiro?

- O Convênio sobre o Trabalho no Setor Pesqueiro foi aprovado em 14 de junho de 2007 na 96ª. reunião da OIT, em Genebra, com a participação dos governos, e representantes dos trabalhadores e empregadores;
- Constitui a revisão dos 4 Convênios da OIT vigentes para os pescadores, o último dos quais foi adotado faz mais de 40 anos (MATHEW, 2007).

Quando vai começar a reger?

O Código começará a reger 12 meses depois de que 10 países membro o tenham ratificado, dos quais 8 devem ser costeiros.

Segundo informações do próprio site da OIT, até o presente momento, nenhum país no mundo ratificou esse código.

Para ratificar o Código os países devem produzir um código próprio, em forma de lei, adotando as obrigações e recomendações segundo a sua realidade.

Nesses países entrará em vigor 12 meses depois da data em que tenham depositado seu instrumento de ratificação (a sua lei) na OIT.

Por que o Convênio sobre o trabalho no setor pesqueiro

- Toda ocupação deve seguir os princípios e direitos fundamentais do trabalho;
- Pesca – ocupação perigosa em comparação com outras ocupações (morrem 24.000 trabalhadores das pescarias de captura por ano, no mundo);
- Por tanto, existe uma necessidade especial de proteger e promover os direitos dos pescadores.



Objetivo do Convênio sobre o trabalho no setor pesqueiro

Garantir que os pescadores gozem de condições de trabalho decentes a bordo das embarcações pesqueiras, referidas a:

- Requisitos mínimos para o trabalho a bordo;
- condições de serviço;
- alojamento e comida;
- proteção em matéria de segurança e saúde no trabalho;
- atendimento médico;e
- previdência social

(p.12A/2).



Conteúdo do Convênio (1)

- **Parte I. Definições e âmbito de aplicação.** Arts. 1 a 5
- **Parte II. Princípios generais.**
  - Aplicação. Art.6
  - Autoridade competente e coordenação. Art. 7
  - Responsabilidade dos proprietários de navios pesqueiros, capitães, patrões e pescadores. Art. 8
- **Parte III. Requisitos mínimos para trabalhar a bordo de navios pesqueiros**
  - Idade mínima. Art. 9
  - Exame médico. Arts. 10 a 12

Conteúdo do Convênio (2)

- **Parte IV. Condições de serviço**
  - Dotação e horas de descanso. Art. 13 e 14
  - Lista de tripulantes. Art. 15
  - Acordo de trabalho do pescador. Art. 16 a 20
  - Repatriação. Art. 21
  - Contratação e colocação. Art.22
  - Remuneração dos pescadores. Art.23 e 24
- **Parte V. Alojamento e alimentação.** Arts. 25 a 28

Conteúdo do Convênio (3)

- **Parte VI. Atendimento médico, proteção à saúde e previdência social**
  - Atendimento médico. Art. 29 e 30
  - Segurança e saúde no trabalho e prevenção de acidentes laborais. Art. 31 a 33.
  - Previdência social. Art. 34 a 37
  - Proteção em caso de enfermidade, lesão ou morte, relacionadas com o trabalho. Art. 38 e 39
- **Parte VII. Cumprimento e controle da aplicação.** Arts. 40 a 44.
- **Parte VIII. Emendas aos Anexos I, II e III.**Art. 45.
- **Parte IX. Disposições finais.** Arts. 46 a 54.

Complementos do Convênio

- **Anexos**
  - Anexo I. Equivalência de medidas (das embarcações)
  - Anexo II. Acordo de trabalho do pescador (modelo)
  - Anexo III. Alojamento a bordo de embarcações pesqueiras (detalhe das exigências)
- **Recomendação sobre o trabalho no setor pesqueiro** (complementa o Convênio com sugestões mais detalhadas sobre como instrumentá-lo nos diferentes aspectos)

Parte I – Definições e Âmbito de Aplicação

Artigo 2.1 Âmbito de aplicação
(Esse código é destinado a quem?)

1. Salvo que no presente Convênio se disponha outra coisa, este se aplica a todos os pescadores e todas as embarcações pesqueiras que se dediquem a operações de pesca comercial.

Entendendo por pesca comercial...

Pesca comercial: "...todas as operações de pesca, inclusive a pesca em rios, lagos ou canais, com exceção da pesca de subsistência e esportiva" (Parte I, Definições, Artigo 1.a).

E entendendo por "pescador"?

- **Pescador**: "...toda pessoa empregada ou contratada, qualquer que seja o seu cargo, ou que exerça uma atividade profissional a bordo de uma embarcação pesqueira, incluídas as pessoas que trabalham a bordo e cuja remuneração se embase no reparto das capturas" (Parte I,Definições, Artigo 1.e).
- **Exclui** práticos, pessoal naval, pessoas ao serviço do governo, o pessoal de terra que realiza trabalhos a bordo de uma embarcação e os observadores pesqueiros.

Parte II – Princípios Gerais

Aplicação



rtigo 6

1. Todo país que tiver aceito o acordo deverá aplicar e fazer respeitar as leis e outras medidas que tenha adotado.

Parte II – Princípios Gerais

Responsabilidades dos proprietários dos barcos pesqueiros, dos capitães ou patrões e os pescadores

Artigo 8

1. O proprietário do barco pesqueiro tem a responsabilidade de assegurar que o capitão ou patrão disponha dos recursos e os meios necessários para cumprir as obrigações derivadas do Convênio.

2. O capitão ou patrão é responsável pela segurança dos pescadores embarcados e a segurança das operações do barco.

Parte II – Princípios Gerais

xemplos:

a) Deve garantir que os pescadores trabalhem em condições ótimas de segurança e saúde;

b) Dirigir aos pescadores em um clima de respeito à segurança e saúde, o que compreende a prevenção do cansaço;

c) Informar os pescadores sobre a importância da segurança e a saúde no trabalho.

Os pescadores deverão cumprir às ordens do capitão ou patrão em matéria de segurança e saúde.

Parte III – Requisitos mínimos para trabalhar a bordo de embarcações pesqueiras

2. A autoridade competente poderá autorizar a pessoas de 15 anos a efetuar trabalhos leves durante as férias escolares.

3. A idade mínima para desempenhar **atividades que possam ser perigosas** para a saúde e a segurança a bordo de barcos pesqueiros, não deverá ser inferior a 18 anos.

Parte IV – Condições de Serviço

Horas de descanso

igo 13

Todo país deverá adotar leis ou outras medidas pelas quais os proprietários das embarcações assegurem que:



Os pescadores tenham períodos de descanso regulares e de duração suficiente para preservar sua segurança e saúde.

Parte III – Requisitos mínimos para trabalhar a bordo de barcos pesqueiros

Idade mínima

Artigo 9



1. A idade mínima para trabalhar a bordo de um barco pesqueiro deverá ser de 16 anos.

Parte III – Requisitos mínimos para trabalhar a bordo de embarcações pesqueiras

Exame médico

Artigo 10

1. Não poderá trabalhar a bordo de um barco pesqueiro nenhum pescador que não disponha de um certificado médico válido que comprove sua aptidão para desempenhar suas tarefas.

2. A autoridade competente poderá autorizar exceções tomando em consideração a segurança e a saúde dos pescadores, o tamanho da embarcação, os meios de assistência médica, a duração da viagem etc.

3. As exceções não se aplicarão aos pescadores que trabalhem em barcos de comprimento igual ou superior a 24 metros ou que permaneçam mais de três dias no mar.

Parte IV – Condições de Serviços

Lista de tripulantes

Artigo 15



Toda embarcação pesqueira deverá levar a bordo uma lista de tripulantes; uma cópia desta lista deverá ser entregue às pessoas autorizadas em terra.

Parte IV – Condições de Serviços

Acordo de trabalho do pescador

Artigo 16

Todo membro deverá adotar leis ou outras medidas para:

a) Exigir que os pescadores estejam amparados por um acordo de trabalho, que seja compreensível para os pescadores e que tenha sido assinado em conformidade entre as partes.

Parte IV – Condições de Serviços

Remuneração dos pescadores

Artigo 23



Todo país membro, deverá adotar leis ou outras medidas para garantir que os pescadores recebam uma remuneração mensal ou de outra periodicidade.

Parte V – Alojamento e Alimentação

rtigo 25



Todo país membro deverá adotar leis ou outras medidas com respeito ao alojamento, os alimentos e a água potável a bordo das embarcações pesqueiras.

Parte V – Alojamento e Alimentação

Artigo 26

... para exigir que o alojamento das embarcações pesqueiras:

- Seja do tamanho e qualidades suficientes;
- Esteja equipado de maneira apropriada com o serviço e o período em que os pescadores tenham que ficar a bordo.

Parte V – Alojamento e Alimentação

xemplos:

Mantimento dos espaços destinados ao alojamento e a cozinha devem apresentar condições de higiene, segurança e saúde;

Ventilação, calefação, refrigeração do ambiente e iluminação;

Diminuição de ruídos e vibrações excessivas;

Instalações sanitárias, abastecimento de água quente e fria em quantidades suficientes; e

Procedimento para receber as queixas relativas às condições de alojamento.

Parte V – Alojamento e Alimentação

Artigo 27

Todo país membro deverá adotar leis ou outras medidas em que se determine que:

a) Nos barcos pesqueiros se levem e se sirvam alimentos de valor nutritivo, qualidade e quantidade suficientes;

b) Leve-se a bordo uma quantidade suficiente de água potável de qualidade adequada, e

c) Os alimentos e a água potável devem ser oferecidos pelo proprietário do barco aos pescadores sem custo para eles.

Parte VI – Atenção médica, proteção à saúde e previdência social

Atenção médica

tigo 29



Todo membro deverá ter leis ou outras medidas em que se determine que:

As embarcações pesqueiras levem equipamentos e abastecimentos médicos apropriados para o serviço, tendo em conta o número de pescadores a bordo, a zona de operações e a duração da viagem;

Parte VI – Atenção médica, proteção à saúde e previdência social

b) As embarcações pesqueiras deverão ter, pelo menos, um pescador qualificado em primeiros socorros e que possua os conhecimentos necessários para o uso dos equipamentos e material médico disponível;

c) As embarcações devem estar equipadas para fazer comunicações com pessoas ou serviços em terra que possam proporcionar assessoramento médico; e

d) Os pescadores terão direito a receber tratamento médico em terra e a ser desembarcados em caso de sofrer lesões ou enfermidades graves.

Parte VI – Atenção médica, proteção à saúde e previdência social

Segurança e saúde no trabalho e prevenção de acidentes de trabalho

rtigo 31

Todo membro deverá adotar leis ou outras medidas relativas a:

a) A prevenção de acidentes de trabalho, doenças profissionais e os riscos relacionados com o trabalho a bordo, incluindo a formação e a instrução dos pescadores dadas a bordo;

b) A formação dos pescadores para a manipulação dos tipos de artes de pesca que utilizarão e o conhecimento das operações de pesca em que participarão;

Parte VI – Atenção médica, proteção à saúde e previdência social

Artigo 33

A avaliação dos riscos em relação com a pesca deverá ser feita com a participação dos pescadores e seus representantes.



Parte VI – Atenção médica, proteção à saúde e previdência social

Previdência Social

rtigo 34

odo membro deverá arantir que os pescadores ue residem em seu erritório, tenham direito os benefícios da proteção a previdência social em ndições não menos voráveis que as que se plicam aos demais abalhadores assalariados u por conta própria.



Parte VI – Atenção médica, proteção à saúde e previdência social

Proteção em caso de enfermidade, lesão ou morte relacionadas com o trabalho

Artigo 38

1. Todo membro, deverá adotar medidas para oferecer proteção aos pescadores em caso de doenças, lesão ou morte relacionadas ao trabalho.
2. Em caso de uma lesão por acidente de trabalho ou de doença profissional, o pescador deverá ter acesso a:
   a) Uma atenção médica apropriada;e
   b) À indenização correspondente.

Parte VII – Cumprimento e Controle da Aplicação

Artigo 40

Todo Membro deverá exercer o controle sobre as embarcações que pesquem em suas águas.

Artigo 43

Se um Membro recebe uma queixa ou obtém provas de que uma embarcação pesqueira que pesque em suas águas não esteja em conformidade com os requisitos do Acordo:

- Adotar as medidas para acabar com todas as irregularidades detectadas.

Documento complementar com Recomendação sobre o trabalho na pesca

Recomendações - complementos do Acordo. Proporcionam diretrizes mais detalhadas de sua aplicação.



A seguir seguem alguns exemplos:

Parte I. Condições de trabalho a bordo dos barcos pesqueiros

Proteção aos jovens

4. Os pescadores menores de 18 anos não deveriam trabalhar mais de 8 horas diárias nem mais de 40 semanais, e não deveriam efetuar horas extras salvo quando isso seja inevitável por razões de segurança.
5. Deve-se garantir aos pescadores menores de 18 anos uma pausa suficiente para cada uma das refeições e uma pausa de pelo menos uma hora para a refeição principal do dia.

Parte I. Condições de trabalho a bordo dos barcos pesqueiros

Exame médico

6. Ao determinar a natureza do exame, os países membro deveriam tomar devidamente em consideração a idade da pessoa que será examinada e a natureza das tarefas que irá desempenhar.



Parte II. Condições de serviço

Medidas especiais

- 13. No caso dos pescadores excluídos do âmbito de aplicação do Convênio, a autoridade competente deveria adotar medidas encaminhadas a lhes proporcionar uma proteção adequada no relativo a suas condições de trabalho, assim como mecanismos de solução de conflitos.

Passando a limpo...

- A quem obriga este Convênio e a que pescadores beneficia?

Obriga, principalmente, aos proprietários de embarcações de 24 m de longitude ou mais, amparando os pescadores que trabalhem nelas.

A quem obriga e a que pescadores favorece este código

- Isto, porque algumas exigências colocadas aos barcos grandes não são exigidas aos menores e
- porque prevê um período de graça indeterminado para cumprir determinadas normas para as embarcações menores:
  - de 24 m de longitude,
  - que permaneçam menos de 7 dias no mar, e
  - que naveguem a distâncias menores a 200 milhas náuticas da linha de costa ou dentro dos limites da plataforma continental (Parte I – Âmbito de Aplicação, Art.4).

Mas, exigir as mesmas condições para os pescadores dos barcos menores depende da vontade dos governos

"Todo [país] Membro poderá estender, total ou parcialmente, **aos pescadores que trabalhem a bordo de embarcações menores** a proteção prevista no presente Convênio para os pescadores que trabalhem a bordo de embarcações de longitude igual ou superior a 24 metros" (Parte I. Âmbito de aplicação, Artigo 2.3).

Igual, em princípio, ficariam fora...

- Todos os pescadores que trabalham em terra, seja pescando, catando, ou fazendo trabalhos complementares. Muitos deles, mulheres e jovens.

E...Como se inserem os pescadores artesanais que são proprietários de pequenas embarcações, que trabalham por conta própria ou com familiares e onde não há relação patrão-empregado???

Como estender o Código a todos os trabalhadores da pesca

- Os governos, ao adotar este Convênio, devem adaptar suas disposições às características próprias do setor pesqueiro no seu território e garantir que todas as categorias de pescadores dependentes da pesca desfrutem da proteção conferida.
- O Estado deve prover aos pescadores autônomos ou em regime de economia familiar o que, no caso da pesca industrial, se exige ao armador ou proprietário da embarcação (o que seja cabível).Por exemplo: idade mínima, melhora das condições de saúde e segurança do trabalho, atendimento médico, previdência social.

O que os pescadores podem fazer para conquistar esses direitos?

- Devem se informar bem sobre o Código;
- Discutir sobre como poderia ser aplicado no Brasil;
- Exigir ao governo a adoção mais apropriada;
- Participar em todas as discussões e decisões das instâncias onde se elaborem as leis que aplicarão o Código no Brasil;
- Também vigiar sua correta implementação e denunciar as omissões.

Se organizar e lutar

- Ou seja, se informando, se organizando, pressionando, participando, o "Convênio sobre o trabalho no setor pesqueiro" poderá ser um instrumento para garantir os direitos e melhorar as condições de trabalho dos pescadores artesanais do Brasil.

Assim...

- O que seja aplicado a todos os pescadores, beneficiará a 30 milhões de trabalhadores que trabalham em 4 milhões de embarcações no mundo todo.
- O que seja aplicado aos pescadores que trabalham a jornada completa nas capturas marinhas beneficiará a 17 milhões de trabalhadores.
- O aplicado aos pescadores que trabalham em embarcações de 24 metros de longitude ou mais beneficiará a 340.000 trabalhadores (MATHEW, 2007).



Referências Bibliográficas

MATHEW, S. **Convenio sobre el trabajo en el sector pesquero**, In: Samudra No. 47, Julio 2007. CIAPA, p. 42-45.

OIT. **Convenio sobre el trabajo en la pesca.** Ginebra: OIT, 2007. Disponível em: http://www.ilo.org/public/spanish/dialogue/sector/sectors/mariti/fishing-iloact.htm. Acesso em 30 de outubro de 2008.

OIT. **Recomendación sobre el trabajo en la pesca.** Ginebra: OIT, 2007. Disponível em: http://www.ilo.org/public/spanish/dialogue/sector/sectors/mariti/fishing-iloact.htm. Acesso em 30 de outubro de 2008.

Contatos:

→ **Laboratório Sócio Ambiental do Centro de Estudos do Mar: Sala 30. Pontal do Sul**

→ **Telefone: (41) 3455-1333, ramal 215**

→ **E-Mail:** ***socioambiental_cem@yahoogrupos.com.br***

- **Profa. Naína Pierri (Responsável do Laboratório):** **nainap@click21.com.br**
- **Rafael Engelhardt (Responsável da apresentação):** **rafaelnapraia@hotmail.com**

da Aula de número 5: A Gestão da pesca







Aula 5
A gestão da pesca

Laboratório Sócio Ambiental (LABSOC)
Centro de Estudos do Mar (CEM). Universidade Federal do Paraná (UFPR)
OUTUBRO, 2008
PONTAL DO PARANÁ – PARANÁ, BRASIL

o que falaremos nessa aula?

O que é gestão pesqueira
Para que serve a gestão pesqueira
Ferramentas da gestão pesqueira
Exemplos da gestão da pesca

O que é gestão da pesca?

- Gestão da pesca = Gerenciamento pesqueiro = Administração pesqueira



- É o conjunto de operações/medidas para regular a atividade pesqueira em um país ou região.

uais são os objetivos da estão da pesca?

jetivo principal:
lhorar os resultados da pesca em termos de captura e renda, tando ao mesmo tempo a sobre-pesca
por soluções para a resolução de conflitos das pescarias
mo fazer isso??
tapas:
nitoramento (pesquisa)
gulamentação (medidas, leis)
calização das pescarias
pescadores devem colaborar em da uma dessas etapas.
eguir veremos como...



Primeira etapa: Monitoramento das pescarias

- É a obtenção de informações relativas à pesca.

Que informações seriam essas?
a. Informações da frota e dos pescadores:

- Nº de pescadores envolvidos em cada pescaria
- Nº de embarcações usadas/tipo
- Nº de artes de pesca/tipo
- Localização das frotas ou pescadores
- O tempo das operações de pesca
- Épocas das atividades



rimeira etapa: Monitoramento as pescarias

nformações dos meios em e a pesca é realizada



tipos e dimensões das artes pesca utilizadas;
dimensões, tipo de propulsão otência dos motores e das barcações

nformações dos resultados das pescarias

tal de pescado capturado/tipo. Descartes
nda gerada pela pesca

Primeira etapa: Monitoramento das pescarias

Por que saber essas informações?

- Essas informações permitem avaliar em que estado estão as pescarias...
- Para ver se podem continuar aumentando
- Decidir se necessitam medidas para controlar as pescarias (regulamentação)

Como os pescadores participam dessa etapa?

- Oferecendo e facilitando as informações sobre suas pescarias quando lhe são pedidas.

egunda etapa: egulamentação das pescarias

Criar normas que regulam a atividade pesqueira
As normas podem:
Fazer parte da tradição duma comunidade pesqueira (exemplo: Pesca da Tainha);
Assumir formas de leis e regulamentos num país (exemplo: proibições de certas pescarias); e
Assumir formas de convenções ou acordos (exemplo: Código de Conduta)
Como os pescadores participam dessa etapa?
Participando de reuniões da gestão da pesca, discutindo e propondo medidas que devem ser tomadas

Terceira etapa: Fiscalização das atividades pesqueiras

- É o controle da aplicação das normas adotadas para regular as pescarias num país ou região.



- Controle normalmente é exercido diretamente pela autoridade pesqueira através de fiscais.

Como os pescadores devem colaborar nessa etapa?

- Há casos em que o controle é feito diretamente pelos pescadores ou é compartilhado entre as autoridades pesqueiras e os pescadores (exemplo: Ceará na pesca de lagosta).

errамentas da Gestão pesqueira ara controlar as pescarias

Mais usadas:

Licenciamentos: controla o número de embarcações pesqueiras, e aquelas autorizadas para pescar determinados recursos (exemplo: licenças para a pesca de camarões).

Limitações de esforço: pode limitar as horas de pesca, o número de arrastos, entre outros.

Períodos de defeso: protege uma parte específica dos recursos, normalmente juvenis e época de desova.

Ferramentas da Gestão pesqueira para controlar as pescarias

4. Áreas de exclusão:

- Protegem uma parte específica dos recursos que ocorrem em determinado local.
- Também podem ser utilizadas para demarcar zonas em que são permitidos somente alguns tipos de práticas de pesca.
- Ex.: Delimitar zonas próximas à costa exclusivas para pesca artesanal.

Ferramentas da Gestão pesqueira para controlar as pescarias

Restrições das artes de pesca:

Visam controlar o tamanho ou as espécies capturadas.

Ex.: Regular o tamanho da malha das redes.

Cotas de captura:

Limita diretamente a quantidade capturada.

Monitoramento dos desembarques para fechar as pescarias quando a cota for alcançada.

Ferramentas da Gestão pesqueira para controlar as pescarias

7. Limites de tamanho:

- Limita diretamente o tamanho do pescado desembarcado para garantir que indivíduos muito jovens não sejam capturados

- Monitoramentos realizados em terra – peixes menores são descartados no mar.



Ferramentas da Gestão pesqueira para controlar as pescarias

Impostos ou tarifas

Taxação sobre o pescado desembarcado. Visa reduzir a quantidade de pescado capturado pois aumenta o custo da pescaria.

A gestão da pesca no Brasil

Medidas mais usadas no país:

- Permissões de pesca;
- Períodos de defeso;
- Restrições sobre os aparelhos;
- Limitações de comprimento e/ou peso dos peixes capturados;
- Mecanismos de escape (mecanismos que visam diminuir a captura de recursos que não são alvo das pescarias).

A gestão da pesca no Brasil

Na maioria das situações essas medidas não geraram os resultados esperados

Por quê?

Possíveis causas do fracasso da gestão pesqueira:

- ✓ **Centrado no Estado;**
- ✓ **Conhecimento (Bio-pesq.) insuficiente;**
- ✓ **Pouca participação dos pescadores ;**
- ✓ **Falta de gestão que contemple os diferentes interesses;**
- ✓ **Falta de fiscalização**

"INSUCESSO"



ovo caminho a seguir – Papel do stado:

Negociar – mediar conflitos;
Garantir o cumprimento dos acordos;
Fazer leis que possam ser cumpridas;
Fornecer assistência e serviços;
Produzir e difundir informações;
"Garantir o futuro".

E qual a responsabilidade dos outros autores?

Pescadores

- Exigir e pressionar o Estado para gerenciar a pesca de maneira efetiva
- Participar da gestão da pesca
- Cumprir as normas e tratados impostos

Pesquisadores

- Pressionar o Estado para incentivar a pesquisa científica
- Participar da gestão da pesca
- Realizar pesquisas para ampliar o conhecimento e dados relativos aos recursos pesqueiros

Consumidores

- Exigir e pressionar o Estado para gerenciar a pesca de maneira efetiva
- Consumir de maneira consciente

ejamos algumas boas experiências gestão de pesca no Brasil

Gestão participativa
Acordos de Pesca
Fóruns de pesca ou do litoral
Experiências com Reservas Extrativistas Marinhas

Experiências de gestão pesqueira e de resolução de conflitos

Gestão participativa

Principal objetivo:

- Envolver os principais usuários dos recursos pesqueiros no processo de resolução dos problemas que afetam a pesca na sua região
- Os usuários devem mostrar suas opiniões e também propor medidas



xperiências de gestão pesqueira e e resolução de conflitos

Acordos de Pesca

le instrumento tem o objetivo de finir as regras de acesso e de o dos recursos pesqueiros numa terminada região;

borados pela própria munidade e demais usuários scadores locais e de fora, esanais e industriais);



- Destaque - Região Amazônica;

Experiências de gestão pesqueira e de resolução de conflitos

Fóruns de pesca ou do litoral



- Surgem da própria organização da comunidade e sua necessidade de discutir seus problemas e buscar suas soluções;
- Podem ocorrer de várias formas, com variados participantes, desde a própria comunidade como também agentes de governos e/ou ONGs.

xperiências de gestão pesqueira e e resolução de conflitos

Experiências com Reservas Extrativistas Marinhas

Unidades de conservação que dão direito de uso exclusivo de uma área marinha a populações tradicionais que vivem da extração de recursos marinhos, impedindo a entrada e pesca de agentes externos.

As populações interessadas as solicitam e criam um plano de uso e de gestão da Reserva junto com o IBAMA.

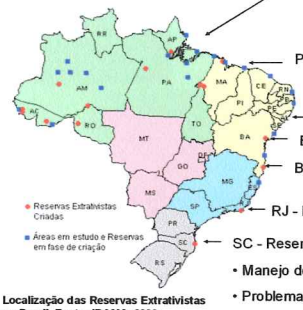
Objetivos:

Proteger os meios de vida dessas populações;

Assegurar o uso sustentável dos recursos da unidade.

Reservas Extrativistas Marinhas no Brasil

- No Pará são 5:
- Reserva extrativista de Araí-Peroba
- Reserva extrativista de Caeté-Taperaçu
- Reserva extrativista de Gurupi-Piriá
- Reserva extrativista de Soure
- Reserva extrativista de Tracuateua



PI -Reserva extrativista do delta do Parnaíba

AL - Reserva extrativista da Lagoa do Jequiá

BA - Reserva extrativista da baia do Iguape

BA - Reserva extrativista do Corumbau

RJ - Reserva extrativista do Arraial do Cabo

SC - Reserva extrativista do Pirajubaé

- Manejo do berbigão
- Problemas com expansão urbana

Localização das Reservas Extrativistas no Brasil. Fonte: IBAMA, 2008

onclusões

A gestão pesqueira no Brasil pouco conseguiu resolver os problemas que afetam o setor;

Entre os principais motivos está a falta de participação dos pescadores no processo de gestão;

Se fossem só vocês os responsáveis pela gestão da pesca, como fariam?

Continuemos a pensar nisso...

Referências Bibliográficas

- ANDRIGUETTO FILHO, J. M.; CHAVES, P. T.; SANTOS, C. E S. A. LIBERATI. 2004. **Diagnóstico da pesca no estado do Paraná.** Publicação Especial do Programa Instituo do Milênio, MCT, Projeto RECOS, Modelo Gerencial da Pesca. Revista Atlântica, Rio Grande, no prelo.
- FRANCO, A. C.N. P. **O defeso do camarão no litoral do Paraná: Histórico e percepção dos principais atores envolvidos.** Pontal do Paraná. Tese de mestrado. UFPR, 2007.
- VASCONCELLOS, M., DIEGUES, A. C., SALES, R. R. de. **Relatório integrado: diagnóstico da pesca artesanal no Brasil como subsídio para o fortalecimento institucional da secretaria especial de aqüicultura e pesca.** Versão preliminar, 2005. Relatório Técnico.



Contatos:

→ **Laboratório Sócio Ambiental do Centro de Estudos do Mar: Sala 30. Pontal do Sul**

→ **Telefone: (41) 3455-1333, ramal 215**

→ **E-Mail:** socioambiental_cem@yahoogrupos.com.br

- **Profa. Responsável Naína Pierri** nainap@click21.com.br
- **Ac. Rafael Engelhardt:** rafaelnapraia@hotmail.com

s da Aula de número 6: Conflitos e gestão da pesca no Paraná







Aula 6

Conflitos e gestão da pesca no Paraná

Laboratório Sócio Ambiental (LABSOC)
Centro de Estudos do Mar (CEM). Universidade Federal do Paraná (UFPR)
NOVEMBRO, 2008
PONTAL DO PARANÁ – PARANÁ, BRASIL

o que falaremos nessa aula?

- Principais conflitos pesqueiros do litoral do estado;
- As medidas de gestão da pesca no Paraná

Vocês lembram das ferramentas da gestão pesqueira?

- Licenciamentos;
- Limitações de esforço;
- Períodos de defeso;
- Áreas de exclusão;
- Restrições das artes de pesca;
- Cotas de captura;
- Limites de tamanho;
- Impostos ou tarifas.

AGORA PENSEMOS NO CASO DO PARANÁ

- Lembremos os problemas da pesca no Paraná
- Lembremos as medidas de gestão aqui aplicadas
- Para depois fazer um exercício e pensar nós qual gestão da pesca seria a melhor
- E como os pescadores poderiam participar dela.

Principais conflitos da pesca no Paraná:



- Pescadores paranaense X Grandes barcos de outros estados
- Barcos arrasteiros de camarão X Demais modalidades de pesca da Plataforma.
- As leis não explicam com clareza quais categorias devem respeitar o limite das 3 milhas

rincipais conflitos da pesca no Paraná:

Pesca do camarão nas baías X Pesca enquanto adultos na plataforma pelos arrasteiros

Proteção Ambiental X Subsistência

Principalmente no interior das baías em função das Unidades de Conservação

Pressão fundiária exercida sobre os pescadores em áreas urbanas pelo avanço do turismo e a especulação imobiliária

A gestão pesqueira no estado do Paraná

Medidas mais usadas no estado:

Licenciamento de embarcações

- Para a pesca do camarão-sete-barbas e do camarão-rosa

Zonas de exclusão

- Delimitação de faixas na costa aonde a pesca é proibida ou reservada a determinado tipo de embarcações

Períodos de defeso

- Camarão-sete-barbas – 1º de outubro a 31 de dezembro
- Camarão-rosa - 1º de março e 31 de maio

A gestão pesqueira no estado do Paraná

Essas medidas são importantes?

São eficazes?

São suficientes?

O que mais as medidas de gestão devem objetivar?

Mediação de conflitos, recuperação de estoques, recuperação de ambientes degradados, prevenção de diminuição dos estoques,etc.

Referências Bibliográficas

- ANDRIGUETTO FILHO, J. M.; CHAVES, P. T.; SANTOS, C. E S. A. LIBERATI. 2004. **Diagnóstico da pesca no estado do Paraná.** Publicação Especial do Programa Instituo do Milênio, MCT, Projeto RECOS, Modelo Gerencial da Pesca. Revista Atlântica, Rio Grande, no prelo.
- FRANCO, A. C.N. P. **O defeso do camarão no litoral do Paraná: Histórico e percepção dos principais atores envolvidos.** Pontal do Paraná. Tese de mestrado. UFPR, 2007.
- VASCONCELLOS, M., DIEGUES, A. C., SALES, R. R. de. **Relatório integrado: diagnóstico da pesca artesanal no Brasil como subsídio para o fortalecimento institucional da secretaria especial de aqüicultura e pesca.** Versão preliminar, 2005. Relatório Técnico.



Contatos:

→ **Laboratório Sócio Ambiental do Centro de Estudos do Mar: Sala 30. Pontal do Sul**

→ **Telefone: (41) 3455-1333, ramal 215**

→ **E-Mail:** socioambiental_cem@yahoogrupos.com.br

- **Profa. Responsável Naína Pierri** nainap@click21.com.br
- **Ac. Rafael Engelhardt:** rafaelnapraia@hotmail.com

Universidade Federal do Paraná
Centro de Estudos do Mar/IOI-SWAO-OC
Laboratório Sócio-ambiental

Curso de formação de lideranças dirigido a pescadores artesanais

CRISE DOS RECURSOS PESQUEIROS: FERRAMENTAS PARA ENFRENTÁ-LA

APOSTILA



Novembro de 2008
Pontal do Paraná - Paraná

Elaboração do Curso e Materiais:

- Ac. Rafael Prado Engelhardt

Orientação:

- Profa. Dra. Naína Pierri

Responsável das Aulas:

- Ac. Rafael Prado Engelhardt

Responsáveis das Oficinas:

- Oc. Carolina Mello
- Oc. Paula Salge

Colaboração em organização e execução:

- Oc. Carolina Mello
- Oc. Paula Salge
- Ac. Ana Paula Rainho

Contato:

- Laboratório Sócio Ambiental do Centro de Estudos do Mar. Sala 30. Pontal do Sul
- Telefone: (41) 3455 -1333 Ramal: 215
- E-mail: socioambiental_cem@yahoogrupos.com.br
- Profa. Responsável Naína Pierri: nainap@click21.com.br
- Ac. Rafael Prado Engelhardt: rafaelnapraia@hotmail.com

Páginas

1. Apresentação..... 1

2. Situação das pescarias no mundo e no Brasil..... 2

3. A situação da pesca artesanal..... 8

4. Código de conduta para a pesca responsável 14

5. Convênio sobre o trabalho na pesca (OIT)..... 21

6. A gestão da pesca..... 30

7. Referências Bibliográficas..... 38

Esta apostila é dirigida a cidadãos e cidadãs que trabalham na pesca artesanal. Ela apresenta informações sobre a situação dos estoques pesqueiros no mundo e no Brasil, e apresenta também a situação da pesca artesanal em nosso país, com atenção especial voltada ao estado do Paraná. Também são apresentados alguns instrumentos internacionais concebidos para superar a crise da pesca e para defender os direitos dos trabalhadores do setor pesqueiro. Ainda é abordada a gestão da pesca e seus principais instrumentos, levantando a importância da participação dos pescadores para aumentar sua eficácia.

O texto segue um esquema bem simples: há sempre uma leitura central referente a um tema, apresentado com auxílio de quadros, notas explicativas e ilustrações, seguida de debates com perguntas e respostas. No final de cada tema, algumas questões a serem pensadas são apontadas.

A apostila foi elaborada para o acompanhamento das aulas do presente curso. Ela pode ser relida, de preferência em grupo, para consultar dados e debater sobre seus principais temas. Bom aproveitamento!

Produtividade biológica dos Oceanos

- Do total da superfície dos oceanos apenas 10% é produtivo (abriga vida vegetal e animal);
- O 90% restante é praticamente desértico.

Produção Pesqueira Mundial

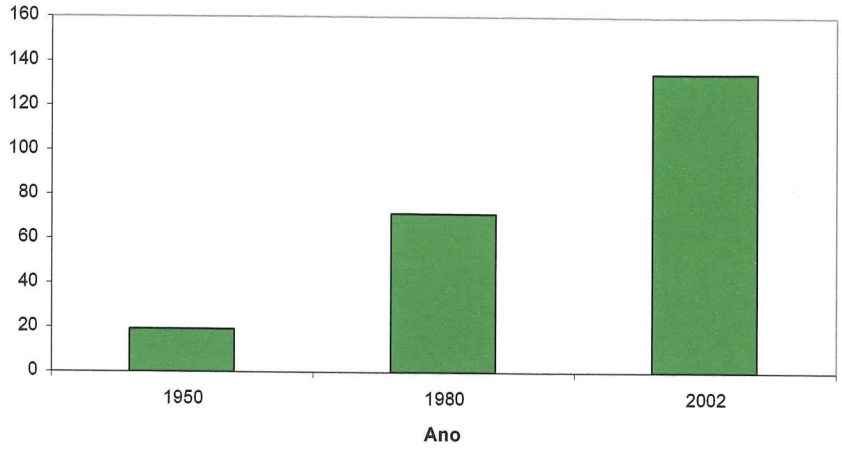


Figura 1. Total de produção pesqueira mundial em 1950, 1980 e 2002 em milhões de toneladas (FAO, 2005).

- A pesca marinha é a que apresenta a maior contribuição na produção pesqueira mundial;
- A aqüicultura vem aumentando sua contribuição;
- Aumento da aqüicultura pode ser um sinal de redução dos peixes.

Situação dos recursos pesqueiros

- Não se podem aumentar as capturas da maioria dos recursos, pois já chegaram a seu limite máximo de exploração;
- Entretanto, a situação é diferente para cada recurso e cada região do mundo;
- Alguns recursos estão sobre-explorados e outros ainda podem aumentar sua produção.

- Grandes espécies: atuns e bonitos – representavam 1[illegible] das capturas em 1950 e hoje constituem 21%;
- Espécies de fundo: Bacalhaus, linguados, merluzas Representavam 26% das capturas nas décadas de 50 a 7 e hoje constituem 15% do total das capturas.

Áreas do mundo com maior captura de recursos pesqueiros

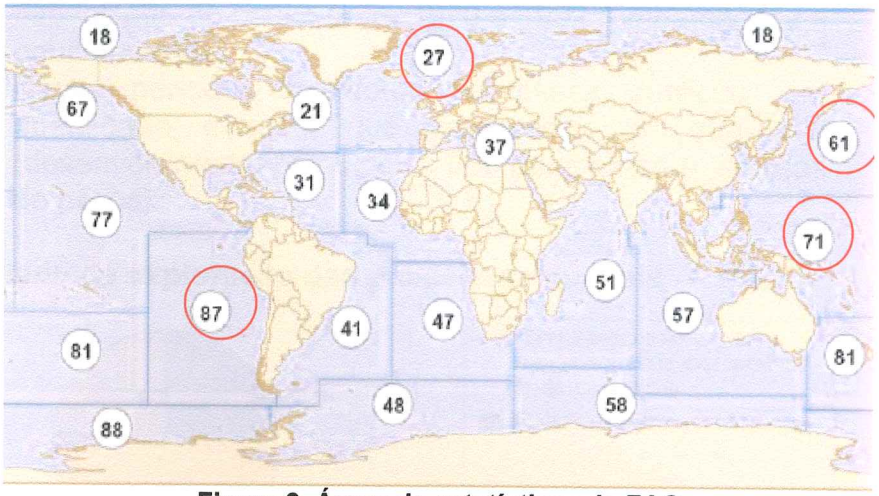


Figura 2. Áreas de estatísticas da FAO.

- Área 61 – Compreende a área do leste asiático engloba países como China, Rússia, Japão, Coréia d Sul e do Norte. É a área na qual mais se captur pescado no mundo. A composição dos peixe capturados é mais ou menos igual.

- Área 87 – Engloba 4 países (Colômbia, Equador, Peru Chile). É a 2ª área da qual mais se captura pescado n mundo. As capturas são dominadas por pequena espécies como a anchoveta.

europeu. É a 3ª área da qual mais se captura pescado no mundo. Os peixes de fundo são mais abundantes.

- Área 71 - Engloba países como Austrália e Indonésia. É a 4ª área da qual mais se captura pescado no mundo. As capturas são dominadas pelas grandes espécies.

Países do mundo que mais capturam recursos pesqueiros

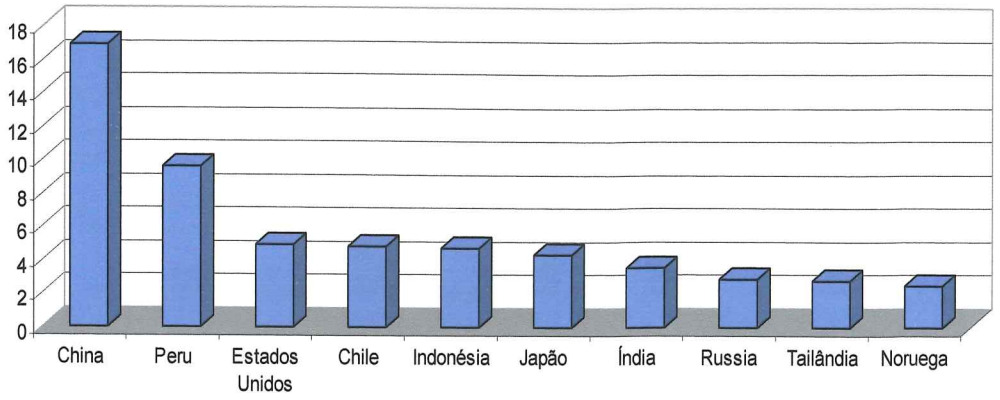


Figura 3. Pesca de captura marinha e continental em milhões de toneladas: os dez principais países produtores em 2004 (FAO, 2005).

Substituições das Pescarias

- Muitas das principais pescarias mundiais estão diminuindo!
- Mas se algumas das principais pescarias mundiais estão em queda, como é possível o aumento do número total de capturas?
- Substituição!
- Recursos tradicionalmente capturados que diminuem são substituídos por outras espécies anteriormente não capturadas por serem consideradas de pouco valor.

- Área 27 – redução da captura de bacalhau – aumento da captura de espécies antes consideradas de pouco valor como o verdinho;
- Área 41 – forte queda da merluza argentina – acompanhada do aumento da pota argentina (illex).

A crise da pesca extrativa

- Principal fator responsável pela crise é o excesso de capacidade de pesca entre 1970 e 1992 (embarcações e equipamentos).
- Nesse período, o esforço de pesca duplicou, em quantidade, e quase que quadriplicou, em qualidade (desenvolvimento tecnológico dos apetrechos e técnicas de pesca).

Estado de exploração das pescarias mundiais

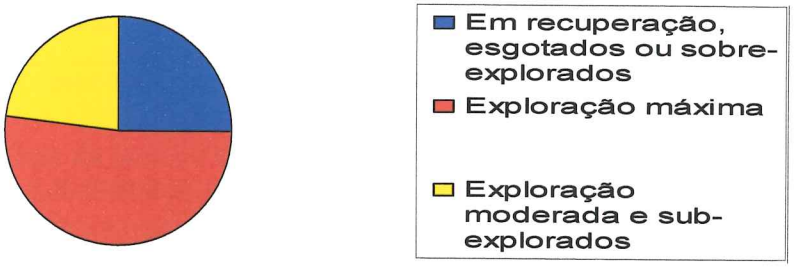


Figura 4. Estado das pescarias mundiais (FAO, 2005).

(25%) Pescarias que não podem aumentar e inclusive correm risco de diminuir se não forem colocadas em prática estratégias para recuperá-las. Tendência de aumento do número dessas pescarias

(23%) Pescarias que oferecem potencial para aumentar. Tendência de diminuição do número dessas pescarias

(52%) Capturas se encontram no limite de produção máxima, e também não podem aumentar, e correm o risco de diminuir caso nada seja feito.

- Apresenta grande variedade de recursos pesqueiros e também dos tipos de pescarias.

Produção da Área 41

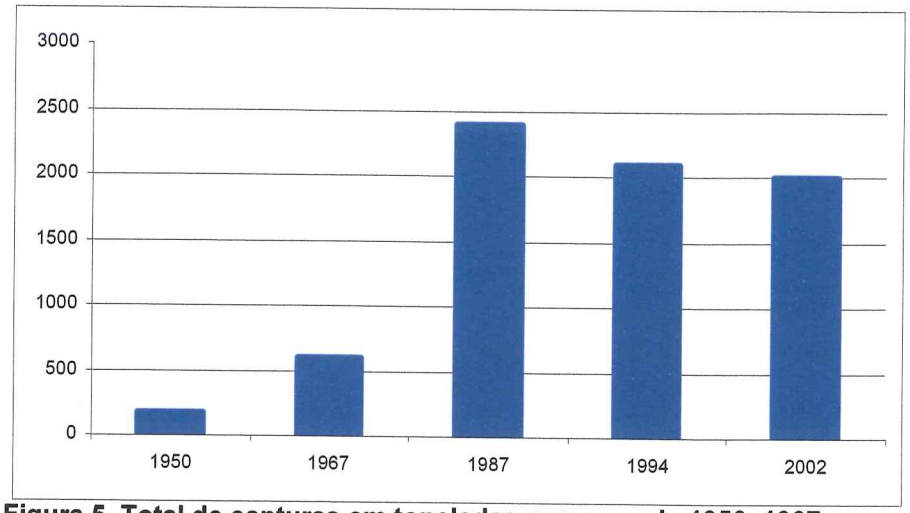


Figura 5. Total de capturas em toneladas nos anos de 1950, 1967, 1987, 1994 e 2002 na área 41 (FAO, 2005).

- 1950 – total de capturas de 172 000 toneladas. Poucas espécies eram exploradas.
- Desde então, novas pescarias têm se estabelecido e o total de capturas aumentou até 1987, passando a diminuir desde então.

As espécies dominantes no que se refere ao volume total de capturas são:

- A merluza argentina, a merluza rosada, verdinho austral, dentre as espécies maiores; e
- A Pota argentina (illex) e a sardinha brasileira, dentre as pequenas espécies.

área 41;
- Máximo de capturas no ano de 1996;
- Diminuíram até o ano 2000;
- Tiveram certa recuperação em 2002.





A sardinha brasileira:

- Situação atual é preocupante;
- Atualmente a produção não passa de 50 mil toneladas.

A produção de pescado no Brasil

Modalidade	Toneladas
Pesca extrativa marinha	527.817,5
Pesca extrativa continental	251.241,0
Maricultura	80.512,0
Aqüicultura continental	191.183,5
Total	1.050.808,0

Tabela 1. Produção pesqueira por modalidade (IBAMA, 2006).

A Crise da pesca brasileira

- Os resultados das avaliações mais recentes apontam que dentre as principais pescarias do país, cerca de 80% não apresentam potencial para aumentarem suas capturas.

As causas da crise

- No Brasil as partes interessadas ainda não chegaram a um consenso sobre as causas da crise e suas possíveis soluções – cada um tem uma versão para a causa.
- No campo científico, há tendência para consenso - excesso de capacidade de pesca como causa.
- A gestão dos recursos dirigida pelo Estado fracassou????

- Estima-se que 90% dos 38 milhões de pessoas, que, segundo a FAO, se dedicam à pesca e à piscicultura no mundo, podem classificar-se como produtores de pequena escala;

Produção Artesanal no Brasil

Quem produz mais no Brasil? A pesca industrial ou artesanal?

- Pesca artesanal - responsável por 52,5% das 535.403 toneladas de recursos pesqueiros estuarinos e marinhos desembarcados no Brasil (IBAMA, 2002);
- A contribuição da pesca artesanal para a produção pesqueira nacional tem apresentado uma tendência de aumento desde 1980;

Tipo de Produção por regiões no Brasil



Figura 6. Mapa Brasil – Regiões

Região Nordeste:

Pesca artesanal - responsável por 88% da produção total;
Pesca industrial - responsável por 12% da produção total.

Região Sudeste:

Pesca artesanal responsável por 34,3% da produção total;
Pesca industrial responsável por 65,7% da produção total.

Região Sul:

Pesca artesanal representa 8,6% da produção total;
Pesca industrial representa 91,4% do total de produção.

- No Norte e no Nordeste, a pesca artesanal é bem maior que a industrial e vem crescendo;
- No Sudeste e no Sul, a contribuição da pesca artesanal é bem menor que a industrial, mas enquanto no Sudeste cresce, no Sul diminui;
- Portanto, o Paraná está na região do país onde a pesca artesanal diminui.

As estruturas de desembarque da pesca artesanal

- Na maioria das vezes, as estruturas de desembarque são precárias para todos os tipos de pesca.



- O pescado desembarcado nas praias percorre um longo caminho até chegar ao mercado.

- Isso faz com que o pescado perca qualidade e tenha seu preço diminuído.

aproximadamente 538.500. Isso sem incluir os pescadores continentais e aqüicultores (Dados IBAMA, 2003 e Confederação Nacional dos Pescadores).

- Nos estados litorâneos existem aproximadamente 381 Colônias de pescadores (SEAP, 2004)

A Pesca artesanal na Região Sul

Nº de pescadores:

- 23.658 (IBGE, 2000);
- 52.396 (IBAMA, 2004);
- Reunidos em 43 Colônias (SEAP, 2003).

Principais Recursos da pesca artesanal na Região Sul:

- Corvina, manjuba, enchova, castanha, tainhas, camarão-sete-barbas, camarão-rosa;
- A importância dos moluscos é pequena e vem diminuindo ao longo do tempo;
- Todos esses recursos mostram claros sinais de diminuição na produção, ao longo do tempo.

Estado das pescarias artesanais da Região Sul:

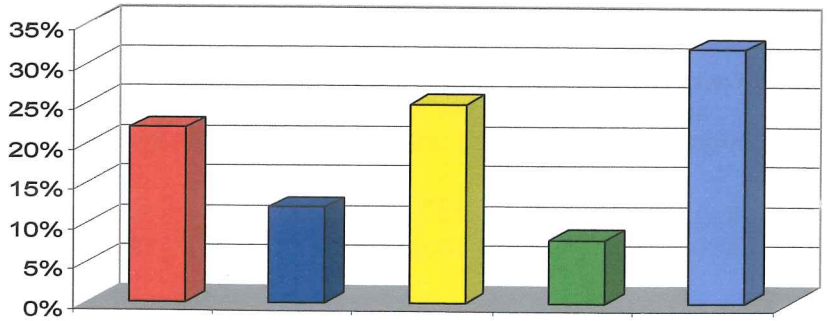


Figura 7. Estado das pescarias da Região Sul (IBAMA 2002)

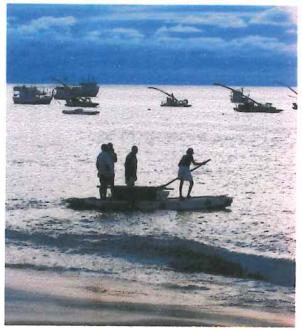
- **Pescarias em desenvolvimento** (22%) – as capturas podem aumentar desde que estejam sendo aplicadas medidas de gestão;

- **Pescarias em recuperação** (8%) – as capturas já estiveram em estado mais crítico e agora estão se recuperando;

- **Pescarias que estão envelhecidas** e não podem aumentar, com sério risco de diminuição (25%);

- **Pescarias em estado crítico** e que necessitam de medidas de recuperação, se não, podem acabar (32%).

A pesca artesanal no litoral do estado do Paraná



- Existem 4 277 pescadores registrados no DPA/MAPA-PR no litoral do estado (SEAP, 2003).

- Entretanto, existe um grande número de pescadores que não possuem esse registro.

- A população dependente da pesca é maior (pescadores e famílias).

- Existem cerca de 60 vilas de pescadores que estão espalhadas por todo o litoral paranaense;

- Nas últimas décadas -número de vilas sofreu forte redução

- O litoral do Paraná apresenta uma grande diversidade de modalidades de pesca.

- A pesca sediada no estado é principalmente de pequena escala ou "artesanal".

- A pescaria mais importante em valor e volume: Camarão-sete-barbas e Camarão branco.

Produção pesqueira marinha do estado do Paraná

- Entre 1975 e 2000, a produção total marinha de pescado oscilou entre 500 e 2 500 toneladas (SUDEP e IBAMA);
- Número relativamente baixo, se comparado com outros estados;
- Paranaguá e Piçarras foram os principais portos de desembarque entre 1992 e 1994.

Composição das capturas marinhas do estado do Paraná

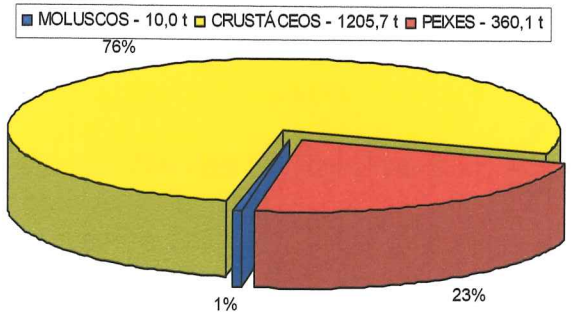


Figura 8. Desembarque de pescado em toneladas no litoral do Paraná entre 1997 e 2000, segundo a natureza – peixes, moluscos ou crustáceos. Fonte: RGP/IBAMA/Paranaguá.

- Crustáceos – Representaram 76% do total de desembarques entre 1997 e 2000. Principal capturado é o camarão-sete-barbas.

- Peixes: Representaram 23% das capturas. Principais capturados são: a sardinha verdadeira, a pescadinha real e a corvina.

- Moluscos: Representaram 1% das capturas.

encontram-se em estado crítico de exploração;



- Mas, se o Paraná produz pouco em relação aos estados vizinhos, porque também sofremos com essa crise?

- Em parte, porque a crise se reflete para regiões próximas. Exemplo: Se determinado peixe é explorado de forma intensa e irresponsável no litoral de São Paulo, é bem provável que ele tenha seu estoque diminuído na região do litoral paranaense também.

- Certamente o litoral paranaense não tem produzido somente 2.000 toneladas de pescado ao ano. Barcos de outros estados pescam no litoral do Paraná, mas têm seus desembarques efetuados em suas regiões.

- Quem mais acaba sofrendo com essa situação são os pescadores artesanais do Paraná que vêem os recursos da sua região diminuindo.

- Existe a necessidade de um planejamento mais rigoroso para repor os recursos esgotados e evitar que ocorra o mesmo com outros que são explorados.

- Quando nos referimos a esse planejamento, estamos falando da gestão pesqueira!!

(Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura - FAO)

ONU

- É a Organização das Nações Unidas;
- Foi fundada em 1945.

Objetivos da ONU:
- Manter a paz e a segurança internacionais;
- Estabelecer relações amigáveis entre os países do mundo;
- Incentivar os países na resolução de problemas econômicos, sociais, e culturais, entre outros.

FAO

- Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura;
- É um organismo da ONU;
- Responsável pelo setor de agricultura, pesca e alimentação;
- Discute e propõe soluções dos problemas relacionados a esses temas.

Objetivo principal:
- Combater a fome e a pobreza no mundo.

Como?
- Promovendo o desenvolvimento dos setores agrícola, florestal e pesqueiro para aumentar a produtividade mundial dos alimentos.
- Ao mesmo tempo em que se devem preservar os recursos naturais.

- É uma coleção de princípios que descreve como se deve ordenar a pesca de forma responsável e como se devem realizar as operações pesqueiras;

- Tem por finalidade ajudar aos países a desenvolver e melhorar seus setores de pesca e aqüicultura para utilizar os recursos pesqueiros de maneira correta.

A quem esse código é destinado?

- A todos os que trabalham na pesca e aqüicultura e também aos interessados na conservação dos recursos e ambientes pesqueiros.

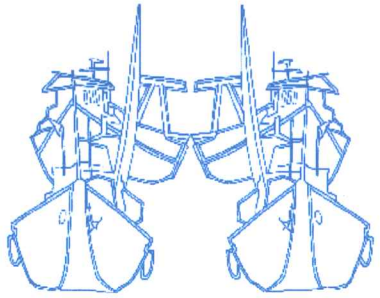
Como ele foi elaborado?

- Ele levou mais de dois anos para ser elaborado e contou com a colaboração de diversos interessados da pesca. Ou seja, ele representa as idéias de diferentes setores que trabalham na pesca.

Quem deve colaborar com a aplicação do código?

- A aplicação do código é de responsabilidade dos governos, em cooperação com suas indústrias e comunidades pesqueiras

O que o código fala sobre ordenação pesqueira?
- Ele pede para que todos os países tenham políticas pesqueiras claras e bem organizadas para a ordenação de suas pescarias;



- As políticas devem ser elaboradas em cooperação de todos os grupos interessados na pesca e devem levar em conta os conhecimentos das populações tradicionais;

- As pescarias não devem prejudicar o meio ambiente, os desperdícios de pescado devem ser mínimos e ainda o peixe capturado deve ser de qualidade.

Muito importante:

- Todas as pessoas e organizações interessadas devem compartilhar seus pontos de vista;

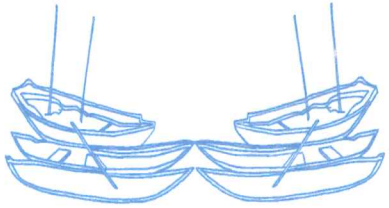
- Os países devem educar e formar aos pescadores e piscicultores para que possam participar na elaboração e aplicação de políticas.

Para evitar a sobrepesca (pesca em quantidade tal que as populações de peixes diminuem no futuro) os países devem:

- Cuidar do tamanho da frota pesqueira;
- Conhecer os efeitos das novas artes de pesca sobre o meio ambiente;
- Garantir que os métodos e artes de pesca sejam seletivos.

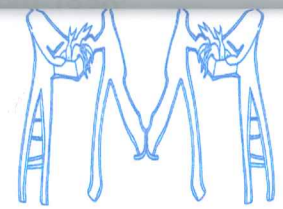
O que o código fala sobre aqüicultura?

- A aqüicultura deve aumentar a quantidade de pescado para o consumo humano;



- Mas, ao mesmo tempo, os efeitos sobre o meio ambiente devem ser mínimos;
- Os países devem vigiar os tipos de fertilizantes que são usados na aqüicultura e também assegurar a qualidade desses produtos.

- Os países devem incentivar suas populações a consumir pescado;



- Os desperdícios depois da captura devem ser mínimos: as capturas acidentais devem ser aproveitadas;

- Não deve existir comércio internacional de recursos esgotados. Para isso deve existir cooperação entre países.

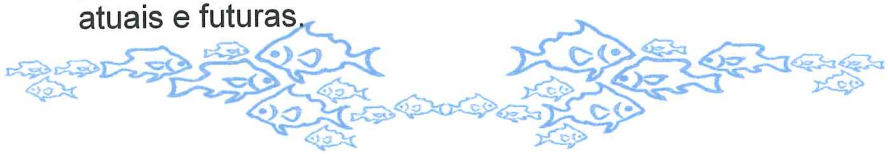
O que o código fala sobre o estudo das pescarias?

- Os países devem investir nos estudos sobre a situação das pescarias;
- Somente com bons estudos se podem criar medidas de gestão eficazes;
- Ex.: Estudos sobre os efeitos das artes de pesca sobre os peixes e sobre o meio ambiente, e elaboração de artes de pesca menos prejudiciais ao meio ambiente.

O que significa tudo isso?

Isso significa que os peixes podem ser explorados anos após anos desde que:

- Os países apliquem políticas corretas e sigam práticas responsáveis de pesca e utilização dos recursos;
- Se todas as pessoas aplicarem o Código de Conduta para a Pesca Responsável pode-se esperar que exista pescado e produtos pesqueiros para as gerações atuais e futuras.



O que é esse documento?

- Esse documento foi elaborado pela FAO em 2006. Ele amplia os princípios e normas do Código de conduta geral e conta com orientações específicas para a pesca em pequena escala.

Qual o seu objetivo?

- O principal objetivo dessas orientações é aumentar a contribuição da pesca de pequena escala no combate à pobreza e a fome.

A pesca de pequena escala pode contribuir mesmo com isso?

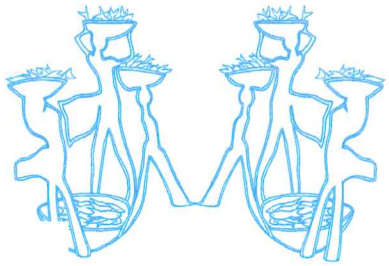
- Sim, pois é uma atividade praticada por muitas pessoas como forma de subsistência;
- Além disso, é uma atividade geradora de empregos em proporções bem maiores que a do ramo industrial.

A quem essas orientações estão destinadas?

- Aos responsáveis das decisões e todas as pessoas que participam na elaboração e aplicação de políticas da pesca de pequena escala, incluindo os pescadores e trabalhadores do setor pesqueiro.

O que essas recomendações falam sobre a elaboração de políticas de pesca?

- Nas recomendações fala-se da necessidade de melhorar os processos de elaboração dessas políticas. Alguns exemplos:



- Os conhecimentos e experiências dos pescadores e trabalhadores do setor pesqueiro de pequena escala devem ser utilizados na elaboração de políticas.

O que as recomendações falam sobre o financiamento da atividade de pequena escala?

- Nessas recomendações afirma-se que o dinheiro gerado dentro do setor pesqueiro deve ser usado preferencialmente dentro do setor.

- Ex.: Utilizar os impostos recolhidos do setor para investir em pesquisas pesqueiras.

Esse documento fala alguma coisa sobre a melhora nas condições de vida das comunidades pesqueiras?

- Sim. Ele afirma que deve existir a capacitação das comunidades através da educação, serviços sociais e melhora do bem-estar e saúde.

- Esses são itens importantes para garantir o aumento da contribuição da pesca de pequena escala para o combate à pobreza e a fome.

E o que o documento fala sobre outras atividades de subsistência, além da pesca?

- Ele afirma que é importante estimular os pescadores e trabalhadores do setor pesqueiro a desenvolverem outras atividades além da pesca para ampliarem suas rendas.

- Esse complemento da atividade pesqueira é importante para reduzir os riscos que a pesca oferece.



ampliar as atividades que vem depois da captura, porque empregam uma grande quantidade de pessoas.

- Exemplo: ampliação dos setores de processamento e comércio do pescado.

O que o documento fala sobre a tecnologia na pesca de pequena escala?

- Ele afirma que se devem desenvolver novas tecnologias de captura de pescado que sejam mais apropriadas.

- Além disso, devem-se criar tecnologias para melhorar a qualidade do pescado e diminuir os desperdícios depois da captura. Isso, certamente, aumentaria o preço do pescado e também a renda dos pescadores.

Como opera este Código no Brasil?

- No Brasil, ainda se conhece pouco este Código e, por tanto, as partes interessadas o tem discutido pouco;
- Entretanto, algumas recomendações do código estão sendo aplicadas:

Exemplos:

- Campanha de incentivo ao consumo de pescado;
- O IBAMA e as autoridades ambientais locais estão escutando mais aos pescadores.

Conclusão

- É necessária uma maior divulgação deste Código, uma amplia discussão de suas recomendações e um maior compromisso do governo e de todos os envolvidos para que a pesca no Brasil avance no sentido de se tornar, efetivamente, uma atividade ambiental e socialmente responsável.

O que é a OIT?

Organização Internacional do Trabalho

- Organização Internacional do Trabalho;
- É outro organismo da ONU;
- Responsável pelo setor trabalhista;
- Faz recomendações e exigências aos governos e patrões sobre as condições do trabalho (saúde e segurança no trabalho, horas de descanso, pagamento, entre outros).

Quem participa na elaboração das normas da OIT e como passam a ser aplicadas nos países?

- A OIT elabora um documento base;

- Depois, consulta aos estados membros e aos setores envolvidos, do lado dos patrões e dos trabalhadores, para negociar eventuais ajustes ao documento;

- Uma vez obtida a versão final, o convênio é aprovado pelos países membro, e deve ser aplicado através de leis criadas nos próprios países;

- Estes elaboram essas leis e ratificam os Convênios apresentando-as na OIT.

Quando foi aprovado o Convênio sobre o trabalho na pesca e quando entrará em vigência?

- Foi aprovado em junho de 2007;
- Começará a reger 12 meses depois de que 10 países membro o tenham ratificado;
- Por ser muito recente, ainda não foi ratificado por nenhum país, e por isso ainda não está sendo aplicado.

trabalho;



- A pesca é uma ocupação perigosa em comparação com outras ocupações (morrem 24.000 trabalhadores das pescarias de captura por ano, no mundo);

- Necessidade de proteger e promover os direitos dos pescadores.

Qual o objetivo desse convênio?
Garantir que os pescadores tenham condições de trabalho decentes a bordo, referidas a:

- Requisitos mínimos para o trabalho a bordo;
- Condições de serviço;
- Alojamento e comida;
- Proteção em matéria de segurança e saúde no trabalho;
- Atenção médica; e
- Seguridade social.

PARTE 1 DO CONVÊNIO - Definições e Âmbito de Aplicação

A quem está destinado esse convênio?

- "Salvo que no presente Convênio se disponha outra coisa, este se aplica a todos os pescadores e todas as embarcações pesqueiras que se dediquem a operações de pesca comercial."

Como o convênio define "pesca comercial"?

- "...todas as operações de pesca, inclusive a pesca em rios, lagos ou canais, com exceção da pesca de subsistência e esportiva" (Parte I, Definições, Artigo 1.a).

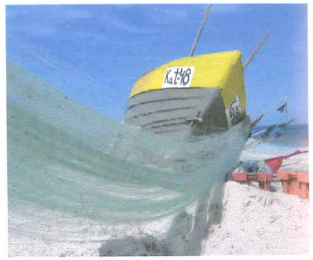
profissional a bordo de uma embarcação pesqueira, incluídas as pessoas que trabalham a bordo e cuja remuneração se embase no reparto das capturas" (Parte I, Definições, Artigo 1.e).

- Essa definição de pescador exclui práticos, pessoal naval, pessoas ao serviço do governo, o pessoal de terra que realiza trabalhos a bordo de uma embarcação, e os observadores pesqueiros.

PARTE 2 DO CONVÊNIO – Princípios Gerais

- Todo país que tiver aceitado o convênio deverá aplicar e fazer respeitar as leis e outras medidas que tenha adotado.

- O capitão ou patrão é responsável pela segurança dos pescadores embarcados e pela segurança das operações do barco.



Algumas responsabilidades do capitão ou patrão e dos pescadores:

- Garantir que os pescadores trabalhem em condições ótimas de segurança e saúde;

- Informar os pescadores sobre a importância da segurança e a saúde no trabalho;

- Os pescadores deverão cumprir às ordens do capitão ou patrão em matéria de segurança e saúde.

O que o documento fala sobre a idade no trabalho pesqueiro?



- A idade mínima para trabalhar a bordo de um barco pesqueiro deverá ser de 16 anos.

- A autoridade competente poderá autorizar a pessoas de 15 anos a efetuar trabalhos leves durante as férias escolares.

- A idade mínima para desempenhar a bordo de barcos pesqueiros atividades que possam ser perigosas para a saúde e a segurança, não deverá ser inferior a 18 anos.

O que o documento fala sobre exame médico?

- Não poderá trabalhar a bordo de um barco pesqueiro nenhum pescador que não disponha de um certificado médico válido que comprove sua aptidão para desempenhar suas tarefas.

- A autoridade competente poderá autorizar exceções levando em consideração a segurança e a saúde dos pescadores, o tamanho do barco, os meios de assistência médica, a duração da viagem etc.

- As exceções não se aplicarão aos pescadores que trabalhem em barcos de comprimento igual ou superior a 24 metros ou que permaneçam mais de três dias no mar.

pescadores?



- Todo país deverá adotar leis ou outras medidas pelas quais os proprietários das embarcações assegurem que os pescadores tenham períodos de descanso regulares e de duração suficiente para preservar sua segurança e saúde.

O que o documento fala sobre lista de tripulantes?

- Toda embarcação pesqueira deverá levar a bordo uma lista de tripulantes, e uma cópia desta deverá ser entregue a pessoas autorizadas em terra.

O que o documento fala sobre o acordo de trabalho?

- Todo membro deverá adotar leis ou outras medidas para exigir que os pescadores estejam amparados por um acordo de trabalho, que seja compreensível para os pescadores e que tenha sido assinado em conformidade entre as partes.

O que o documento fala sobre o pagamento dos pescadores?

- Todo país membro, deverá adotar leis ou outras medidas para garantir que os pescadores recebam uma remuneração mensal ou de outra periodicidade.

Alimentação a bordo?

- Todo país membro deverá adotar leis ou outras medidas com respeito ao alojamento, os alimentos e a água potável a bordo das embarcações pesqueiras.

Dependendo da quantidade de dias que a embarcação passe no mar, do número de pescadores e das condições de serviço, elas devem contar com:

- Alojamento de tamanho e qualidade suficientes e que esteja equipado de maneira apropriada;

- Alimentos de valor nutritivo, em qualidade e quantidades suficientes;

- Quantidade suficiente de água própria para o consumo;

- Os alimentos e a água potável devem ser oferecidos pelo proprietário do barco aos pescadores sem custo para eles.

PARTE 6. DO CONVÊNIO – Atenção médica, proteção à saúde e seguridade social

O que o documento fala sobre atenção médica?



Todo membro deverá ter leis ou outras medidas em que se determine que as embarcações pesqueiras, dependendo da quantidade de dias que passem no mar, do número de pescadores e dos serviços, devem contar com:

- Equipamentos e abastecimentos médicos apropriados para o serviço do barco;

médico em terra e a ser desembarcados corretamente, em caso de sofrer lesões graves.

O que o documento fala sobre prevenção de acidentes de trabalho?

Todo país deverá adotar leis para:

- Prevenir acidentes de trabalho, doenças profissionais e os riscos relacionados com o trabalho a bordo;
- Formar os pescadores para utilizarem corretamente os tipos de artes de pesca que utilizam e conhecerem as operações de pesca em que participam.

IMPORTANTE - A avaliação dos riscos em relação com a pesca deverá ser feita com a participação dos pescadores e seus representantes

O que o documento fala da seguridade social?

- Todo membro deverá garantir que os pescadores que residem em seu território, tenham direito aos benefícios da seguridade social em condições não menos favoráveis que as que se aplicam aos demais trabalhadores assalariados ou por conta própria.

PARTE 7 DO CONVÊNIO – Cumprimento e Controle da Aplicação

Como fazer cumprir esse convênio?

- Todo membro deverá exercer o controle sobre as embarcações que pesquem em suas águas.

- Se um membro recebe uma queixa ou obtém provas de que uma embarcação pesqueira que pesque em suas águas não esteja em conformidade com os requisitos do Convênio deve tomar as medidas necessárias para acabar com todas as irregularidades detectadas.

beneficiam?



- Obriga, principalmente, aos proprietários de embarcações de 24 m de longitude ou mais, beneficiando aos pescadores que trabalhem nelas.

- Isto, porque algumas exigências colocadas aos barcos grandes não são exigidas aos menores.

- Exigir as mesmas condições para os pescadores dos barcos menores depende da vontade dos governos.

Como se inserem os pescadores artesanais que são proprietários de pequenas embarcações, que trabalham por conta própria ou com familiares, e onde não há relação patrão-empregado???

- Os governos, ao adotar este Convênio, devem adaptar suas disposições às características próprias do setor pesqueiro no seu território e garantir que todas as categorias de pescadores dependentes da pesca desfrutem da proteção conferida.

- Os pescadores artesanais, por exemplo, devem ter direito à melhora das condições de saúde e segurança do trabalho, atendimento médico, segurança social, entre outros benefícios.

- Não havendo relação patrão-empregado, e para os benefícios que seja pertinente, o Estado deverá se fazer cargo de garantir boas condições de trabalho na pesca.

- Devem se informar bem sobre o Código;
- Discutir sobre como poderia ser aplicado no Brasil;
- Exigir ao governo a adoção mais apropriada;
- Participar em todas as discussões e decisões das instâncias onde se elaborem as leis que aplicarão o Código no Brasil; e
- Também vigiar sua correta implementação, assim como denunciar as omissões.

Conclusão

- O "Convênio sobre o trabalho no setor pesqueiro" poderá ser um instrumento muito importante para garantir os direitos e melhorar as condições de trabalho de todos os pescadores do Brasil, incluindo os artesanais.

O que é gestão da pesca?

- Gestão da pesca = Gerenciamento pesqueiro = Administração pesqueira



- É o conjunto de operações e medidas para regular a atividade pesqueira em um país ou região.

Quais são os objetivos da gestão da pesca?

- Melhorar os resultados da pesca em termos de captura e renda, evitando, ao mesmo tempo, a sobre-pesca; e

- Propor soluções para a resolução de conflitos das pescarias.

Como fazer isso?

A gestão é composta por 3 etapas:

1. Pesquisa e monitoramento (obtenção de dados sobre a pesca);
2. Regulamentação (criação de medidas, leis); e
3. Fiscalização.

Os pescadores devem colaborar em cada uma dessas etapas.

1. Primeira Etapa: Pesquisa e Monitoramento

- É a obtenção de informações relativas à pesca.
- Que informações seriam essas?



a) Informações da frota e dos pescadores

Exemplos:

- Nº de pescadores envolvidos em cada pescaria;
- Nº de embarcações usadas/tipo
- Nº de artes de pesca/tipo.

- Tipo de propulsão das embarcações e potência dos motores.

c) Informações dos resultados das pescarias

Exemplos:

- Total de pescado capturado/tipo. Descartes;
- Renda gerada pela pesca;

Por que saber essas informações?

- Essas informações permitem avaliar em que estado estão as pescarias e nos mostram se elas podem continuar aumentando ou se é preciso criar medidas para regular a pesca (regulamentação).

Como os pescadores participam dessa etapa?

- Oferecendo e facilitando as informações sobre suas pescarias quando lhe são pedidas.

2. Segunda Etapa: A Regulamentação

- É a criação de normas e leis que regulam a atividade pesqueira.

- As normas podem assumir diferentes formas:
  - Fazer parte da tradição de uma comunidade pesqueira.

  Exemplo: Pesca da tainha em que cada pescador tem uma faixa reservada para pescar.
  - Leis e regulamentos num país ou região.

  Exemplo: Proibições de certas pescarias e multas para quem não as cumpra.
  - Assumir formas de convenções ou acordos.

  Exemplo: Código de Conduta Para a Pesca Responsável

Como os pescadores participam dessa etapa?

- Participando de reuniões da gestão da pesca, discutindo e propondo medidas que devem ser tomadas.

- Normalmente é feito pela autoridade pesqueira através de fiscais.

Como os pescadores devem participar dessa etapa?

- Colaborando com as autoridades na fiscalização e denunciando às pessoas que não colaborarem com os acordos firmados.
- Há casos em que o controle é feito diretamente pelos pescadores ou é compartilhado entre as autoridades pesqueiras e os pescadores (exemplo: Ceará na pesca de lagosta).

Quais são as ferramentas usadas pela gestão pesqueira para controlar as pescarias?

As mais usadas são:

1. Licenciamentos:
- Controla o número de participantes da pescaria.

2. Limitações de esforço de pesca:
- Pode limitar as horas de pesca, o número de arrastos, entre outros.

3. Períodos de defeso:
- Protege uma parte específica dos recursos, normalmente juvenis e época de desova.



4. Áreas de exclusão
- Protegem uma parte específica dos recursos que ocorrem em determinado local.
- Também podem ser utilizadas para demarcar zonas em que são permitidos somente alguns tipos de práticas de pesca.
- Ex: delimitar zonas próximas à costa exclusivas para pesca artesanal.

6. Cotas de captura:
- Limita diretamente a quantidade capturada.
- Ex.: Monitoramento dos desembarques para fechar as pescarias quando a cota for alcançada

7. Limites de tamanho:
- Limita diretamente o tamanho do pescado desembarcado para garantir que indivíduos muito jovens não sejam capturados.
- Ex.: Monitoramentos realizados em terra: peixes menores são descartados no mar.



8. Impostos ou tarifas
- Taxação sobre o pescado desembarcado;
- Visa reduzir a quantidade de pescado capturado, pois aumenta o custo da pescaria.

A gestão da pesca no Brasil

Medidas mais usadas no país:

- Permissões de pesca;
- Períodos de defeso;
- Restrições sobre os aparelhos;
- Limitações de comprimento e/ou peso dos peixes capturados;
- Mecanismos de escape (mecanismos que visam diminuir a captura de recursos que não são alvo das pescarias).

Na maioria das situações essas medidas não geraram os resultados esperados. Por quê?

- Pouca participação dos pescadores;
- Falta de fiscalização;
- Falta de dados sobre a pesca;
- Falta de gestão que contemple os diferentes interesses.

Boas experiências na gestão de pesca no Brasil:

1. Gestão participativa

- Objetivo de envolver os principais usuários dos recursos pesqueiros no processo de resolução dos problemas que afetam a pesca na sua região.
- Os usuários devem mostrar suas opiniões e também propor medidas.

2. Acordos de Pesca

- Têm o objetivo de definir as regras de acesso e de uso dos recursos pesqueiros numa determinada região;
- Elaborados pela própria comunidade e demais usuários (pescadores locais e de fora, artesanais e industriais).

3. Fóruns de pesca ou do litoral

- Surgem da própria organização da comunidade e sua necessidade de discutir seus problemas e buscar suas soluções.

4. Reservas Extrativistas Marinhas



- São unidades de conservação que dão direito de uso exclusivo de uma área marinha a populações tradicionais que vivem da extração de recursos marinhos, impedindo a entrada e pesca de agentes externos.

- Seu objetivo é proteger os meios de vida dessas populações e assegurar o uso correto dos recursos.

A gestão pesqueira no Paraná

Principais conflitos da pesca no Paraná:



- Pescadores paranaenses X Grandes barcos de outros estados;

- Barcos arrasteiros de camarão X Demais modalidades de pesca da Plataforma. (As leis não explicam com clareza quais categorias devem respeitar o limite das 3 milhas);

- Pesca do camarão nas baías X Pesca enquanto adultos na plataforma pelos arrasteiros;

- Proteção Ambiental X Subsistência

Principalmente no interior das baías em função das Unidades de Conservação;

- Pressão fundiária

Exercida sobre os pescadores em áreas urbanas pelo avanço do turismo e a especulação imobiliária.

rosa.

Zonas de exclusão

- Delimitação de faixas na costa aonde a pesca é proibida ou reservada a determinado tipo de embarcações.

Períodos de defeso

- Camarão-sete-barbas – 1º de outubro a 31 de dezembro;
- Camarão-rosa - 1º de março e 31 de maio.

O que mais as medidas de gestão devem objetivar?

- Mediação de conflitos, recuperação de estoques, recuperação de ambientes degradados, prevenção de diminuição dos estoques etc.

Novos caminhos a seguir na gestão pesqueira:

Papel do Estado:

- Negociar – mediar conflitos;
- Garantir o cumprimento dos acordos;
- Fazer leis que possam ser cumpridas;
- Fornecer assistência e serviços;
- Produzir e difundir informações.

Papel dos pescadores:

- Exigir e pressionar ao Estado para gerenciar a pesca de maneira efetiva;
- Participar da gestão da pesca;
- Cumprir as normas e tratados impostos.

Papel dos pesquisadores:

- Pressionar o Estado para incentivar a pesquisa científica;
- Participar da gestão da pesca;
- Realizar pesquisas para ampliar o conhecimento e dados relativos à pesca.

Papel dos consumidores:

- Exigir e pressionar o Estado para gerenciar a pesca de maneira efetiva;
- Consumir de maneira consciente.



DIAS-NETO, J. **Gestão do uso dos recursos pesqueiros no Brasil**. Brasília: IBAMA 2003. Disponível em: http://www.ibama.gov.br/rec_pesqueiros/index.php?id_menu=93. Acesso em: 28 de outubro de 2008.

FAO. **Exame da situação dos recursos pesqueiros marinhos mundiais**. Roma: FAO, 2005. Disponível em: http://www.fao.org/docrep/009/y5852s/y5852s00.htm. Acesso em: 28 de outubro de 2008.

FAO. **O Estado mundial da pesca e aqüicultura em 2006.** Roma: FAO, 2007. Disponível em: http://www.fao.org/docrep/009/a0699s/a0699s00.htm. Acesso em: 28 de outubro de 2008.

2. A situação da pesca artesanal

ANDRIGUETTO FILHO, J. M.; CHAVES, P. T.; SANTOS, C. E S. A. LIBERATI. 2004. **Diagnóstico da pesca no estado do Paraná.** Publicação Especial do Programa Instituo do Milênio, MCT, Projeto RECOS, Modelo Gerencial da Pesca. Revista Atlântica, Rio Grande, no prelo.

IBAMA. **Estatística da pesca 2005: grandes regiões e unidades da federação**. Brasília: IBAMA, 2007. Disponível em: http://www.ibama.gov.br/rec_pesqueiros/index.php?id_menu=100. Acesso em 29 de outubro de 2008.

IBAMA. **Relatório técnico sobre o censo estrutural da pesca artesanal marítima e estuarina nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.** Itajaí: IBAMA, 2005. Disponível em: http://www.ibama.gov.br/rec_pesqueiros/index.php?id_menu=93. Acesso em 29 de outubro de 2008.

VASCONCELLOS, M., DIEGUES, A. C., SALES, R. R. de. **Relatório integrado: diagnóstico da pesca artesanal no Brasil como subsídio para o fortalecimento institucional da secretaria especial de aqüicultura e pesca.** Versão preliminar, 2005. Relatório Técnico.

31 de outubro de 2008.

FAO. **O que é o código de conduta para a pesca responsável?** Roma: FAO, 2001. Disponível em: http://www.fao.org/DOCREP/003/X9066S/X9066S00.HTM. Acesso em: 31 de outubro de 2008.

FAO. **Aumento da contribuição da pesca em pequena escala para a mitigação da pobreza e a seguridade alimentar.** Roma: FAO, 2006. Disponível em: http://www.fao.org/docrep/010/a0237s/a0237s00.htm. Acesso em: 31 de outubro de 2008.

4. Recomendações sobre o trabalho no setor pesqueiro

MATHEW, S. **Convenio sobre el trabajo en el sector pesquero**, In: Samudra No. 47, Julio 2007. CIAPA, p. 42-45.

OIT. **Convenio sobre el trabajo en la pesca.** Ginebra: OIT, 2007. Disponível em: http://www.ilo.org/public/spanish/dialogue/sector/sectors/mariti/fishing-iloact.htm. Acesso em 30 de outubro de 2008.

OIT. **Recomendación sobre el trabajo en la pesca.** Ginebra: OIT, 2007. Disponível em: http://www.ilo.org/public/spanish/dialogue/sector/sectors/mariti/fishing-iloact.htm. Acesso em 30 de outubro de 2008.

5. A gestão da pesca

ANDRIGUETTO FILHO, J. M.; CHAVES, P. T.; SANTOS, C. E S. A LIBERATI. 2004. **Diagnóstico da pesca no estado do Paraná** Publicação Especial do Programa Instituo do Milênio, MCT, Projeto RECOS, Modelo Gerencial da Pesca. Revista Atlântica, Rio Grande.

FRANCO, A. C.N. P. **O defeso do camarão no litoral do Paraná Histórico e percepção dos principais atores envolvidos.** Pontal do Paraná. Tese de mestrado. UFPR, 2007.

VASCONCELLOS, M., DIEGUES, A. C., SALES, R. R. de. **Relatório integrado: diagnóstico da pesca artesanal no Brasil como subsídio para o fortalecimento institucional da secretaria especial de aqüicultura e pesca.** Versão preliminar, 2005. Relatório Técnico.

APÊNDICE 3 – METODOLOGIA E MATERIAIS ELABORADOS DA OFICINA

Nome da oficina: "*Construindo a gestão da pesca em Pontal do Paraná*"
PARTE 1: TRABALHANDO CONCEITOS DE PARTICIPAÇÃO E GESTÃO

1.1 METODOLOGIA

- Separar as pessoas em grupos (4 a 6 pessoas por grupo);
- Entregar cartões (recortes de cartolinas);
- Pedir para que os participantes discutam um pouco e escrevam nos cartões o que eles entendem por participação e por gestão;
- Fiscalizar o tempo e auxiliar os grupos;
- Pedir para que cada grupo escolha uma pessoa para ler a todos o que o grupo escreveu;
- Ir colando os cartões na medida em que são lidos;
- Falar dos conceitos da literatura para participação (participação ideal e níveis de participação), sobre as definições de gestão e o que é um plano de gerenciamento;
- Ir colando os cartões simultaneamente à explicação;
- Discutir sobre as semelhanças e diferenças (ou aquilo que não foi contemplado) entre o que eles colocaram e o que informa a literatura;
- Discutir sobre a forma de participação dos pescadores nos processos de gestão pesqueira atualmente no Paraná e qual seria a forma ideal.

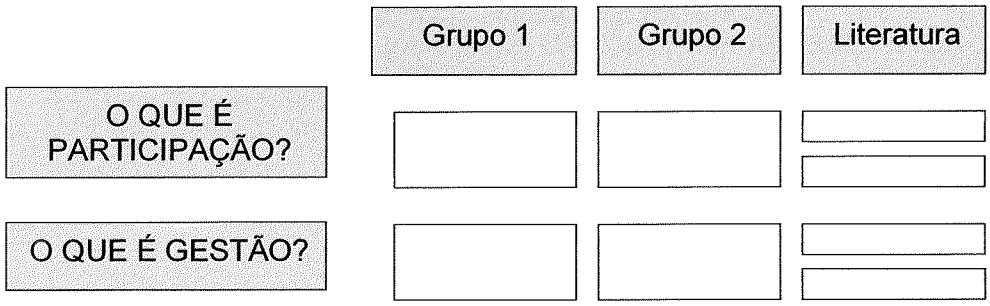
1.2 DIVISÃO DO TEMPO

- 5 minutos para explicação;
- 10 minutos para a discussão;
- 10 minutos para leitura dos cartões do grupo;
- 20 minutos para conceitos da literatura; e
- 10 minutos para discussão.
- TOTAL: 55 MINUTOS.

1.3 MATERIAL PRÉVIO NECESSÁRIO

- Cartões com as perguntas (participação e gestão);
- Cartões em branco para eles preencherem (10 cartões de 2 cores referentes à cor do cartão da pergunta);
- Cartões preenchidos com os conceitos da literatura;
- Fita adesiva para colar os cartões;
- Colar os cartões base na parede antes de começar a oficina;
- Arrumar as mesas para o trabalho em grupo.

1.4 ESQUEMA DE COLAGEM DOS CARTÕES



1.5 CARTÕES UTILIZADOS

1.5.1 Formas de participação social

PARTICIPAÇÃO IDEAL

- OCORRE QUANDO A POPULAÇÃO CONTRIBUI, INFLUENCIA E USUFRUI DE FORMA VERDADEIRA E DIRETA NA CONSTRUÇÃO E NA TRANSFORMAÇÃO DA SUA REALIDADE, ATRAVÉS DE AÇÕES ORGANIZADAS *(IBAMA, 1997).*

PARTICIPAÇÃO PASSIVA – RECEBENDO INFORMAÇÃO

- QUANDO AS PESSOAS PARTICIPAM RECEBENDO INFORMAÇÃO SOBRE O QUE VAI ACONTECER OU DO QUE JÁ ACONTECEU
- O ANÚNCIO VEM DE UM LADO (POR PARTE DA ADMINISTRAÇÃO OU DE QUEM GERENCIA UM PROJETO) E A INFORMAÇÃO PASSADA PERTENCE UNICAMENTE AOS PROFISSIONAIS DESSAS INSTITUIÇÕES E AS OPINIÕES OU RESPOSTAS DAS PESSOAS INFORMADAS NÃO SÃO LEVADAS EM CONSIDERAÇÃO, OU SEJA, ELAS NÃO TÊM PODER DE DECIDIR OU MUDAR NADA.

PARTICIPAÇÃO PASSIVA – DANDO INFORMAÇÃO

- AS PESSOAS PARTICIPAM RESPONDENDO PERGUNTAS QUE FAZEM OS ADMINISTRADORES DE PROJETOS;
- OS RESULTADOS DESSE LEVANTAMENTO NÃO SÃO DEVOLVIDOS AOS CONSULTADOS;
- AS PESSOAS NÃO TÊM OPORTUNIDADE DE INFLUENCIAR NO DEBATE DO TEMA.

PARTICIPAÇÃO POR CONSULTA - DANDO OPINIÃO

- AS PESSOAS PARTICIPAM DANDO SUAS OPINIÕES AO SEREM CONSULTADAS POR UM AGENTE EXTERNO;
- ESTE PROCESSO NÃO DA PARTICIPAÇÃO NA TOMADA DE DECISÕES
- OS AGENTES EXTERNOS NÃO TÊM NENHUMA OBRIGAÇÃO DE LEVAR EM CONTA AS OPINIÕES DOS CONSULTADOS;
- ELES DEFINEM OS PROBLEMAS E AS SOLUÇÕES E PODEM OU NÃO MODIFICAR O PROJETO DEPOIS DA CONSULTA.

PARTICIPAÇÃO POR INCENTIVOS MATERIAIS

- AS PESSOAS PARTICIPAM DANDO ALGUM RECURSO A TROCA DE OUTRA COISA: POR EXEMPLO, MÃO DE OBRA TROCADA POR COMIDA, DINHEIRO OU OUTROS INCENTIVOS MATERIAIS.
- AS PESSOAS NÃO TÊM INTERESSE EM CONTINUAR AS ATIVIDADES QUANDO ESSES INCENTIVOS TERMINAM

PARTICIPAÇÃO FUNCIONAL

- AS PESSOAS PARTICIPAM PARA CUMPRIR OBJETIVOS PRÉ-DETERMINADOS POR OUTROS;
- TENDE A SE DAR DEPOIS DE QUE ESSES OUTROS TOMARAM AS DECISÕES PRINCIPAIS;
- EXISTE A POSSIBILIDADE DE QUE AS PESSOAS, DEPOIS, CONTINUEM REALIZANDO AS ATIVIDADES POR INICIATIVA PRÓPRIA;
- QUANDO AS AGÊNCIAS EXTERNAS EXIGEM A PARTICIPAÇÃO DA POPULAÇÃO OU DE DETERMINADOS GRUPOS PARA DIFERENTES OBJETIVOS (EXEMPLO, O IBAMA PEDE A PARTICIPAÇÃO PARA LICENCIAR UM EMPREENDIMENTO);
- OS PARTICIPANTES PODEM, DE VEZ EM QUANDO, TOMAR PEQUENAS DECISÕES, MAS AS DECISÕES PRINCIPAIS JÁ FORAM DEFINIDAS.

PARTICIPAÇÃO INTERATIVA

- AS PESSOAS OU GRUPOS PARTICIPAM EM ANÁLISES REALIZADAS COLETIVAMENTE QUE CONDUZEM A DEFINIR PLANOS DE AÇÃO;
- HÁ PROCEDIMENTOS DE APRENDIZADO SISTEMÁTICOS E ESTRUTURADOS;
- OS GRUPOS ASSUMEM O CONTROLE DAS DECISÕES LOCAIS;
- PARTICIPAÇÃO CONJUNTA PARA ANALISAR E DESENVOLVER PLANOS DE AÇÃO;
- OS GRUPOS TÊM CONTROLE SOBRE AS DECISÕES LOCAIS, E DETERMINAM COMO OS RECURSOS (PEIXE, CARANGUEJO, BAÍA, MANGUE) SERÃO USADOS (POR EXEMPLO, RESERVAS EXTRATIVISTAS).

MOBILIZAÇÃO PRÓPRIA

- AS PESSOAS OU GRUPOS PARTICIPAM TOMANDO INICIATIVAS DE AÇÃO INDEPENDENTES DE INSTITUIÇÕES EXTERNAS PARA FAZER MUDANÇAS;
- INICIATIVAS DA POPULAÇÃO OU DE GRUPOS ORGANIZADOS INDEPENDENTES DE INSTITUIÇÕES EXTERNAS.
- AUTO-ORGANIZAÇÃO E MOBILIZAÇÃO;
- FORMA QUE PODE SE EXPANDIR EM FORMAS DE GOVERNO;
- ESSA PARTICIPAÇÃO PODE OU NÃO SE VIRAR UMA AMEAÇA PARA AS FORMAS DE PODER E RIQUEZA EXISTENTES (DEPENDENDO DO DIALOGO ENTRE AS PESSOAS E OS INTERESSADOS E DA FORÇA DOS GRUPOS)

1.5.2. Cartões de gestão

GESTÃO PESQUEIRA
=
GERENCIAR AS PESCARIAS E OS RECURSOS NATURAIS DOS QUAIS DEPENDE A ATIVIDADE (PEIXES,CAMARÃO, BAÍA, MANGUE)
=
ADMINISTRAÇÃO

É O CONJUNTO DE OPERAÇÕES E MEDIDAS UTILIZADAS PARA REGULAMENTAR AS ATIVIDADES DE PESCA EM UM PAÍS OU REGIÃO

TEM COMO OBJETIVO MELHORAR AS PESCARIAS EM TERMO DE CAPTURA E RENDA ($$) EVITANDO, AO MESMO TEMPO, A SOBRE-PESCA DAS ESPÉCIES

DEVE PROPOR A RESOLUÇÃO DE CONFLITOS DAS PESCARIAS

PLANOS DE GERENCIAMENTO

OS PLANOS DE GERENCIAMENTO PODEM SER ENTENDIDOS COMO UM PROCESSO DE ARTICULAÇÃO DAS AÇÕES PROPOSTAS PELOS DIFERENTES ATORES QUE INTERAGEM EM UM DETERMINADO ESPAÇO, COM OBJETIVO DE GARANTIR A ADEQUAÇÃO DOS MEIOS DE EXPLORAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS, ECONÔMICOS E SÓCIO- CULTURAIS ÀS ESPECIFICIDADES DO MEIO AMBIENTE, COM BASE EM PRINCÍPIOS E DIRETRIZES PREVIAMENTE DEFINIDOS.

Obs.: os quadros foram escritos de maneira mais simples e sintética.

PARTE 2: MAPEAMENTO E ANÁLISE DAS INSTITUIÇÕES GESTORAS DA PESCA NO PARANÁ

2.1 METODOLOGIA

- Todos os participantes fazem junto um levantamento das instituições e dos atores que participam ou deveriam participar da gestão pesqueira;
- Escrever o nome dos atores e instituições em cartões em branco e colá-los na parede para a montagem de um painel;
- Com os atores listados pedir para os grupos que se separarem novamente;
- Entregar os cartões em branco (3 cores) e pedir para que eles discutam em grupo e escrevam nos cartões o que eles acham que é a responsabilidade de cada ator/instituição citada e qual os pontos positivos e negativos de cada um na realidade da gestão do Paraná;
- Fiscalizar o tempo e auxiliar os grupos;
- Pedir para que cada grupo que escolha 1 pessoa para ler a todos o que o grupo escreveu;
- Ir colando os cartões na medida em que são lidos;
- Falar das responsabilidades ideais ou reais de cada instituição/ator que foi listado;
- Ir colando os cartões simultaneamente à explicação;
- Discutir sobre as semelhanças e diferenças (ou aquilo que não foi contemplado) entre o que eles colocaram e o real/ideal;
- Discutir os pontos apontados (o que é problema de todos, ou só de alguns, se eles sabiam das responsabilidades, etc.).

2.2 DIVISÃO DO TEMPO

- 5 minutos para explicação;
- 10 minutos para levantamento das instituições/atores;
- 5 minutos para separar os grupos e entregar os cartões;
- 30 minutos para discussão;
- 20 minutos para apresentação dos grupos;
- 20 minutos para apresentação dos papeis ideais/reais;
- 25 minutos para discussão final.
- TOTAL: 1 HORA E 55 MINUTOS.

2.3 MATERIAL PRÉVIO NECESSÁRIO

- Cartões com as perguntas (quem participa da gestão, responsabilidades e pontos positivos e negativos);
- Cartões em branco para preenchermos juntos as instituições e atores (15 cartões);

- ❖ Cartões em branco para eles preencherem 3 cores (15 responsabilidades, 30 pontos positivos e negativos);
- ❖ Cartões preenchidos com os conceitos da literatura sobre responsabilidades;
- ❖ Colar os cartões base (em cinza) na parede antes de começar a oficina;
- ❖ Preparar fita adesiva para ir colando os cartões.

2.4 ESQUEMA DE COLAGEM DOS CARTÕES

QUEM PARTICIPA DA GESTÃO PESQUEIRA NO NOSSO LITORAL?	QUAL O PAPEL DE CADA UM NA GESTÃO PESQUEIRA?						
	RESPONSABILIDADE		+		-		RESPONSABILIDADE
EX.: EMATER	G1	G2	G1	G2	G1	G2	
EX.: SEAP							
EX.: IBAMA							
COLÔNIA DE PESCADORES							
PESCADORES							

2.5 CARTÕES UTILIZADOS PARA RESPONSABILIDADES NA GESTÃO

PESCADORES

EXIGIR QUE O ESTADO GERENCIE A PESCA DE MANEIRA EFETIVA; PARTICIPAR DA GESTÃO DA PESCA; CUMPRIR AS NORMAS IMPOSTAS E AUXILIAR NA FISCALIZAÇÃO DAS MESMAS.

COLÔNIA DE PESCADORES

REPRESENTAÇÃO E DEFESA DOS DIREITOS DOS SEUS ASSOCIADOS; COLABORAR NOS PLANOS GERAIS; PROMOVER A ORGANIZAÇÃO; DEFENDER A EXECUÇÃO DE NORMAS.

IBAMA

EXERCER O PODER DE POLÍCIA AMBIENTAL; EXECUTAR AÇÕES DAS POLÍTICAS NACIONAIS DE MEIO AMBIENTE REFERENTES A LICENCIAMENTO, CONTROLE DE QUALIDADE, FISCALIZAÇÃO E MONITORAMENTO; APOIAR AS EMERGÊNCIAS AMBIENTAIS; EXECUTAR AÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL; ELABORAÇÃO DE SISTEMAS DE INFORMAÇÃO.

IAP

AS MESMAS ATRIBUIÇÕES DO IBAMA, MAS EM NÍVEL ESTADUAL.

FORÇA VERDE
PODER DE POLÍCIA COM AÇÃO REPRESIVA OU PREVENTIVA.

CAPITANIA DOS PORTOS
CONTRIBUIR PARA ORIENTAR, COORDENAR E CONTROLAR AS ATIVIDADES QUE ESTÃO RELACIONADAS COM O TRANSPORTE MARÍTIMO. EX.: SEGURANÇA DA NAVEGAÇÃO, DEFESA NACIONAL, SALVAGUARDA DA VIDA HUMANA E PREVENÇÃO DA POLUIÇÃO DO MAR.

SEAP
FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO PESQUEIRA E AQUICOLA; EXECUÇÃO E AVALIAÇÃO DE MEDIDAS, PROGRAMAS E PROJETOS; ORGANIZAR E MANTER O REGISTRO GERAL DA PESCA; ARTICULAR ENTRE OS DIFERENTES NÍVEIS DE GOVERNO (FED, EST. E MUN.); ORDENAR A ATIVIDADE.

PREFEITURA E GOVERNO
SEAP/ESTADUAL SEMA EMATER DIRETORIA DE PESCA

UNIVERSIDADE
CONSTRUIR E DISSEMINAR CONHECIMENTOS (PESQUISAR E GERAR DADOS); CONTRIBUIR PARA A FORMAÇÃO DO CIDADÃO E DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL; PARTICIPAR DA GESTÃO PESQUEIRA; ELABORAR PROJETOS DE EXTENSÃO JUNTO ÀS COMUNIDADES.

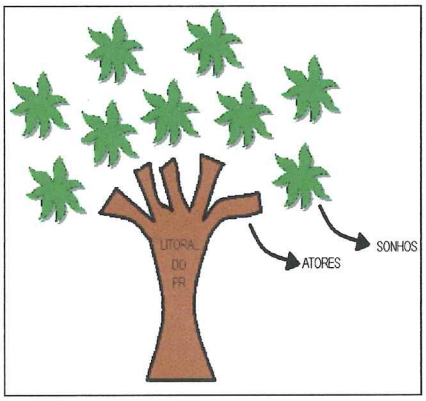
EMATER
CONTRIBUIR DE FORMA EDUCATIVA E PARTICIPATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO DA AQUICULTURA, PARA O DESENVOLVIMENTO PESQUEIRO SUSTENTÁVEL E PARA A PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA. PÚBLICO: AGRICULTOR FAMILIAR, TRABALHADOR RURAL, PESCADOR ARTESANAL,

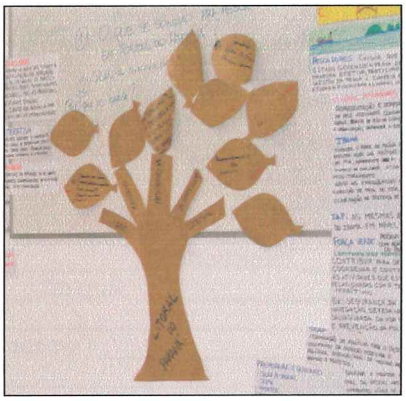
PARTE 3: CONSTRUINDO UMA GESTÃO PESQUEIRA MELHOR PARA TODOS

3.1 METODOLOGIA

- Explicar o que faremos. Apresentar a arvore e o que significa o tronco e os galhos: o tronco seria o litoral do Paraná e os galhos as instituições e atores envolvidos com a gestão da pesca (relatadas anteriormente);
- Entregar uma folha para cada participante e pedir para que eles sonhem em como seria a gestão ideal das pescarias (as parcerias, as informações, o papel de cada um, as ferramentas utilizadas) e que escrevam o sonho no papel. Pergunta: o que você sonha para a pesca em Pontal do Paraná ?;
- Pedir para que cada um vá a frente e fale sobre seu sonho, o porquê não conseguimos realizá-lo, quais são as dificuldades para alcançá-lo e qual o compromisso pessoal que a pessoa pode assumir para ajudar a ficar mais próxima à realização do sonho. Perguntas: Por que não conseguimos realizar o sonho, qual a dificuldade? O que posso fazer para mudar a realidade e fazer acontecer este sonho?
- Colar o sonho de cada pessoa e ir montando a árvore, aplaudir e frisar cada compromisso firmado pelos participantes.

ÁRVORE DOS SONHOS





3.2 DIVISÃO DO TEMPO

- 5 minutos para explicação e entrega das folhas;
- 10 minutos para preenchimento das folhas;
- 15 minutos para as apresentações.
- TOTAL: 30 minutos.

3.3 MATERIAL PRÉVIO NECESSÁRIO

- tronco e galhos da árvore (escrever litoral do Paraná no tronco e o nome das instituições e atores nos galhos);
- folhas da árvore para escrever os sonhos; e
- fita adesiva para colar as folhas.

APÊNDICE 4- FORMULÁRIO DA ENQUÊTE INCICIAL

Universidade Federal do Paraná **Centro de Estudos do Mar** **IOI-OC- SWAO** **Laboratório Sócio-ambiental** **Enquête inicial**	Curso de formação de lideranças dirigido a pescadores artesanais ***"A crise dos recursos pesqueiros: ferramentas para enfrentá-la"*** 11 a 14 de novembro de 2008 Local: Sede Parque Natural Municipal do Manguezal do Rio Perequê Responsável: Ac. Rafael Engelhardt Orientadora: Prof. Dra. Naína Pierri Colaboração: Oc. Carolina Mello, Oc. Paula Salge e Ac. Ana Rainho	**Formulário** **No. _____** **Data:** **_____**

1. Nome completo: _____2. Sexo: Masc. ( ); Fem.( )
3. Idade: _____ anos. 3. Telefone ou celular: _____
4. Localidade onde mora: _____5. Município: _____
6. Qual o último ano de ensino aprovado? Série: _____Do que: _____
7. Em caso de estudos terciários, do que?_____
8. Que trabalhos desenvolve na pesca ou vinculados à mesma? _____
_____
_____
9. Desde quando realiza esse/s trabalho/s? _____
10. Está afiliado à Colônia de Pescadores? Sim ( ); Não ( )
11. Desempenha ou desempenhou algum cargo na Colônia? Sim ( ); Não ( )
    Em caso positivo, qual/is cargo/s? _____
    _____
    Quando? _____
12. Está afiliado à Associação de Pescadores? Sim ( ); Não ( )
13. Desempenha ou desempenhou algum cargo na Associação? Sim ( ); Não ( )
    Em caso positivo, qual/is cargo/s? _____
    _____
    Quando? _____
    Qual associação? _____

14. Assinale com uma X o grau de informação ou conhecimento que o/a Sr/a tem sobre os seguintes temas

Temas	Nada	Pouco	Mais ou menos	Bastante	Muito
1. Situação dos recursos pesqueiros no mundo					
2. Situação dos recursos pesqueiros no Brasil					
3. Situação dos recursos pesqueiros no Paraná					
4. Situação da pesca artesanal					
5. Código de conduta para a pesca responsável					
6. Convênio da Organização Internacional do Trabalho sobre o trabalho na pesca					
7. Gestão pesqueira					

15. Em quais outros cursos sobre questões de pesca Vc participou? Quando?

Cursos	Quando (ano)

16. Por que está interessado neste curso? O que espera dele? _____
_____
_____
_____
_____

Observações:
_____
_____
_____

APÊNDICE 5- FORMULÁRIO DA ENQUÊTE FINAL

Universidade Federal do Paraná **Centro de Estudos do Mar** **IOI-OC- SWAO** **Laboratório Sócio-ambiental** **Enquête final: Avaliação**	Curso de formação de lideranças dirigido a pescadores artesanais ***"A crise dos recursos pesqueiros: ferramentas para enfrentá-la"*** 11 a 14 de novembro de 2008 Local: Sede Parque Natural Municipal do Manguezal do Rio Perequê Responsável: Ac. Rafael Engelhardt Orientadora: Prof. Dra. Naína Pierri Colaboração: Oc. Carolina Mello, Oc. Paula Salge e Ac. Ana Rainho	**Formulário No. _____** **Data:** _____

1. Nome completo: _____

2. Assinale com uma X o quanto interessaram ao/a Sr/a os temas do curso:

Temas	Nada	Pouco	Mais ou menos	Muito	Muitíssimo
a. Situação dos recursos pesqueiros no mundo					
b. Situação dos recursos pesqueiros no Brasil					
c. Situação dos recursos pesqueiros no Paraná					
d. Situação da pesca artesanal					
e. Código de conduta para a pesca responsável					
f. Convênio da Organização Internacional do Trabalho sobre o trabalho na pesca					
g. Gestão pesqueira					

3. Sobre quais desses temas gostaria ter mais informação ou discutir mais?

_____

_____

4. Que temas novos proporia para discutir num próximo curso? _____

_____

_____

5. Marque com uma X o que o/a Sr./Sra. acha dos seguintes aspectos do curso:

Aspectos	Ruim	Regular	Bom	Ótimo
a. Slides				
b. Explicação dos slides				
c. Esclarecimento de dúvidas				
d. Oficinas do último dia				
e. Apostila Entregue				

6. O curso satisfez as suas expectativas? Sim ( ); Não ( ), Por que? _____

_____

_____

7. Acha importante oferecer este curso para mais pescadores? Sim ( ); Não ( ), Por que?

_____

8. O que sugeriria para melhorá-lo?_____

_____

_____

_____

_____

Observações:

_____

_____

_____

APÊNDICE 6- MODELO DE LISTA DE PRESENÇA UTILIZADA

Universidade Federal do Paraná **Centro de Estudos do Mar** **IOI-OC- SWAO** **Laboratório Sócio-ambiental** **Lista de presença**	Curso de formação de lideranças dirigido a pescadores artesanais ***"A crise dos recursos pesqueiros: ferramentas para enfrentá-la"*** 11 a 14 de novembro de 2008 Local: Sede Parque Municipal Natural do Manguezal do Rio Perequê Responsável: Ac. Rafael Engelhardt Orientadora: Prof. Dra. Naína Pierri Colaboração: Oc. Carolina Mello, Oc. Paula Salge e Ac. Ana Rainho	**Data:** _____

NOMES
1.
2.
3.
4.
5.
6.
7.
8.
9.
10.
11.
12.
13.
14.
15.
16.
17.
18.
19.
20.

APÊNDICE 7- PLANEJAMENTO DO CURSO DETALHADO POR FASES

I. FASE PRÉVIA

ETAPA/TAREFA	DIAS E HORÁRIOS	DESCRIÇÃO	RESPONSÁVEIS	MATERIAL
1. ELABORAÇÃO DO CONTEUDO DAS AULAS E OFICINAS				
1.1 Desenho geral do curso: objetivos e definição de conteúdos	Prévio curso	• Revisão bibliográfica • Fichamento • Elaboração da proposta geral • Revisão e correção	• Elaboração: Rafael • Revisão: Carol e Naína	• Computadores
1.2. Preparação das apresentações Power Point	Prévio curso	• Revisão bibliográfica • Fichamento • Elaboração apresentações • Revisão e correção	• Elaboração: Rafael • Revisão: Carol e Naína	• Computadores

1.3 Preparação das oficinas do último dia do curso	Prévio curso	• Planejamento geral acima dos objetivos
		• Planejamento detalhado
		• Compra e preparação de materiais (cortar cartões das cartolinas segundo tarefas definidas)
			• Idéia geral: Rafael e Naína
			• Elaboração detalhada: Carol e Paula
			• Colaboração: Ana Paula
			• Compras: Rafael
				• Computadores
				• Comprar:
				  • 20 Cartolinas
				  • 8 Pincel atômico
				  • 5 Fitas adesivas

2. MATERIAL DIDATICO A SER ENTREGUE, ENQUETES, LISTA E COMPROVANTES				
2.1 Preparação da apostila a ser distribuída no curso Fazer cópias	Prévio curso	• Elaboração conteúdo • Revisão e correção do conteúdo • Folhas em cor, imprimir 25 cópias. • Mandar xerocar e encadernar.	• Elaboração: Rafael • Revisão: Carol e Naína • Impressão e Xérox: Naína	• Computadores • Impressora a cores • Comprar cartucho cor • Xérox e encadernação

2.2 Elaboração de:
- Convites (Programa),
- Enquête (inicial e final)
- Lista de presença
- Certificado
 	
Fazer cópias
	Prévio curso	• Elaboração
		• Revisão e correção
		• Imprimir originais de cada material (o Certificado, imprimir em cores)
		• Xerocar
			• Elaboração: Rafael
			• Revisão: Carol e Naína
			• Impressão e xerox: Naína
				• Computadores
				• Impressora
				• **Xérox:**
				  • Convites: 25
				  • Enquêtes: 25 cada
				  • Lista presença: 5
				  • Certificados: 25

3. EQUIPAMENTOS PARA O CURSO E MATERIAL PARA PARTICIPANTES				
3.1 Equipamentos p/ curso	Prévio curso	• Conseguir materiais para as aulas • Definir quem trará os laptops e as máquinas de fotos • Checar previamente que esteja tudo funcionando (especialmente multimídia)	• Responsáveis: Carol, Paula e Rafael	• 2 Lap tops • Multimídia • Tela para projetar • Caneta laser • 2 Máquinas de fotos • 12 pilhas alcalinas (máquinas fotos) • Extensões (cabos elétricos)
3.2 Material p/ participantes	Prévio curso	• Comprar cadernos de anotações • Canetas têm no Labsoc	• Responsável: Rafael	**Comprar:** • 25 cadernos de anotações • 25 pastas
4. CONVITE AOS PESCADORES				
4.1 Informação aos pescadores - Definição de participantes - Distribuição de convites	Prévio curso	• Contatos com lideranças (Cleonice, Vanda, Rubens) • Identificação de pescadores interessados • Convites diretos a pescadores • Distribuição do programa	• Responsáveis: Carol e Rafael • Apoio: Naína	• Telefone • Carro
5. OUTROS				
5.1 Previsão do lanche e bebidas	Prévio curso	• Contato com Ester (Cantina CEM) para pedir orçamento lanche para 20-5 pessoas, 4 dias • Encomendar em tempo • Comprar : Canecas plásticas, guardanapos, galões de água	• Responsáveis: Rafael, Carol e Paula • Colabora: Ana Paula	• **Comprar:** • Lanche 4 dias • Xícaras plásticas: 30 • Guardanapos: 8 pacotes • Galões de água
5.2. Conseguir Local (Sede do Parque do Perequê)	Prévio curso	• Contato com Seu Jair ou Secretária do Parque para conseguir o local • Coordenar como pegar e devolver chave	• Paula	----

II. TAREFAS PERMANENTES DOS MEMBROS DA EQUIPE DURANTE O CURSO

ETAPA/TAREFA	DIAS E HORÁRIOS	DESCRIÇÃO	RESPONSÁVEIS	MATERIAL
1. COORDENAÇÃO/SUPERVISÃO				
1.1 Coordenação geral	Permanente	• Trabalhar com o planejamento supervisionando todos os aspectos • Checar levada e trazida de materiais • Supervisionar o uso do tempo • Se relacionar com os participantes • Resolver ou encaminhar qualquer problema ou imprevisto	• Carol	• Plano escrito • Relógio
2. OBSERVAÇÃO E REGISTRO				
2.1 Observar tudo e anotar	Permanente	• Observar desde um canto e tomar nota do que acontece, de nosso lado e do lado dos participantes, as atitudes, intervenções (quem pergunta o que), se saem, etc. • Registrar o uso do tempo (as horas de inicio e finalização das partes) • Usar isso para ajustes da organização do curso quando se sai do planejado.	• Paula na terça, quarta e quinta feira • Rafael na sexta feira	• Caderno de anotações de espiral e capa dura (usar somente esse) • Canetas
2.2 Complementar e passar a limpo	Cada dia	• Complementar as notas no mesmo dia ou na manhã seguinte • Passar a limpo no computador	• Paula e Rafael	Computador
3. REGISTROS FOTOGRAFICOS				
3.1 Registrar tudo	Permanente	• Se familiarizar com o uso das maquinas de fotos • Ver qual tira as melhores fotos e usar, preferentemente, essa • Registrar todo e com as melhores fotos possíveis, cada dia, o nosso trabalho (de cada um) e os participantes, suas atividades, expressões, etc.	• Ana Paula é a responsável das fotos. • Sempre que possam, Carol e Paula tirarão também fotos	• 2 maquinas de fotos • Pilhas (levar sempre pilhas de recâmbio. Além das recarregáveis, algumas alcalinas)

3.2 Gravar as fotos no PC	Cada dia	• Cada dia gravar as fotos no computador. • Colocar em arquivos separados, um para cada dia e colocar data	• Ana Paula é a responsável	Maquinas de fotos Computadores
3.3. Recarregar pilhas	Cada dia	• Recarregar pilhas	• Ana Paula	Recarregador de pilhas (Rafael)

III. IMPLEMENTAÇÃO DO CURSO

ETAPA/TAREFA	DIAS E HORÁRIOS	DESCRIÇÃO	RESPONSÁVEIS	MATERIAL
1. PREPARAÇÃO DE EQUIPAMENTOS E MATERIAIS E TRANSLADO				
1.1 Preparação de equipamentos e materiais	**TERÇA 10: 00** RESTO DIAS 14:30 HS	• Checar ter tudo o necessário • Acondicionar para transladar, se possível em caixas • Datar e numerar a lista de presença e as enquêtes • Ajustar os relógios da equipe com a mesma hora	• Todos • Ana Paula • Todos	• Lista de materiais para checar
1.2 Translado de equipamentos e materiais	TERÇA 14:00 HS	• Traslado de todos os equipamentos e materiais no carro	• Todos	• Todos os equipamentos e materiais • Carro
2. INSTALAÇÃO DE EQUIPAMENTOS E ACONDICIONAMENTO DO LOCAL				
2.1 Instalação de equipamentos	**TERÇA 14:00** RESTO DIAS 15:00 HS	• Translado e instalação de computador e multimídia • Instalar tela e provar projeção • Provar funcionamento equipamentos	• Rafael	• 2 Computadores • Multimídia • Tela
2.2 Acondicionamento do local	TERÇA14:00 RESTO DOS DIAS 15:00	• Arrumar cadeiras • Arrumar mesas para comes e bebes	• Carol, Paula e Ana Paula	
2.3 Colocar galão de água, xícaras, açúcar e colheres	Todos os dias antes do inicio	• Colocar um garrafão de água numa mesa e as xícaras • Observar consumo e prever compra de outro/s galões. • Colocar açúcar e colheres na mesa onde será servido o café	• Carol, Paula e Ana Paula	• Galão de água com dosador • Xícaras • Açúcar, colheres
3. CAFÉ				
3.1 Receber o café da Ester	16:50 -17:00hs	• Receber o café da Ester	Ana Paula	
3.2 Servir o café	Pouco antes do intervalo	• Colocar o café junto com o açúcar e colheres	Ana Paula	
3.2 Colher materiais	Terminado intervalo	• Limpar, ordenar. • Lavar as xícaras	Ana Paula	• Pano de cozinha • Esponja pia e detergente

4. RECEBIMENTO DOS PARTICIPANTES PRIMEIRO DIA E ENQUETE INICIAL				
4.1 Recebimento	Terça 11 15: 30	• Esperar participantes na porta e dar boas vindas • Tirar fotos	• Rafael e Paula dão boas vindas • Encaminhar às pessoas às mesas onde Carol e Ana Paula farão a enquête • Paula fica na porta até que Rafael comece a aula • Paula tira fotos da chegada e aplicação de enquête • 16:20 Rafael vai para onde ministrará as aulas	Sorrisos... Máquina de fotos
4.2 Aplicar enquête	16:00 a 16:20	• Numerar os formulários no Labsoc antes de levá-los • Ana Paula os leva e cuida sempre • Ter uma pasta especial para estes • A medida que as pessoas chegam, fazer a enquête. • Não dar maiores explicações. Que seja como uma inscrição. • Se sentar em mesas perto da porta com os formulários • Preencher estes com lápis para poder apagar e corrigir • Se ficam participantes sem entrevistar antes do inicio do curso, entrevista-lo no intervalo, esse dia.	• Carol é responsável das enquêtes • Carol e Ana Paula são responsáveis de aplicá-la • Ana Paula é responsável da pasta com as enquêtes, checar que esteja tudo em ordem (numerar, pessoas entrevistadas em relação à lista, preenchimento completo, etc) e de levar e guardar no Labsoc.	• Pasta específica • Formulários da enquête • Lápis • Borrachas
5. INICIO DO CURSO- PRIMEIRO DIA				
5.1. Boas vindas e apresentação	16:20 a 16:50 **Meia hora**	• 16:20.Convocar às pessoas a se sentarem (Não demorar) • 16:25 Dar boas vindas • Apresentar primeiro nossa equipe • Pedir para eles se apresentarem, dizendo o nome, de onde são, e o que fazem na pesca ou relacionado	• Todos • Rafael dá boas vindas e conduz a apresentação da equipe • Solicitar e moderar a apresentação dos participantes: Rafael e Carol	

5.2 Apresentação do curso	16:50 a 17:10 **20 minutos**	• Explicar os objetivos, os temas, a mecânica, o cronograma • Se possível, mostrar este no PPoint • Anunciar que entregaremos para eles uma apostila, cadernos e certificado no último dia havendo assistido	• Rafael (Carol reforça, se necessário)	• Computador • Multimídia e tela • Caneta laser • Relógio bem visível
5.3 Reparto de apostila, cadernos e canetas	17:10 a 17: 15 **5 minutos**	• Repartir a apostila, cadernos e canetas (deixar uma com Rafael)	• Carol e Paula	• Apostilas, pastas • Cadernos • Canetas
5.4 Observar a apostila junto com eles	17:15 a 17: 25 **10 minutos**	• Apresentar a apostila (breve) e sugerir formas de uso	• Rafael	Apostila
5.5 Explicação o uso das xícaras	17:25 **1 minuto**	• Dar breve explicação do uso das xícaras: usar e deixar ali para ser lavada (melhor que os copinhos)	• Paula	
5.6 Convidar a um intervalo onde oferecemos o café	17:25 a 17:40 **15 minutos**	• Convidar a tomar um café dizendo que a aula vai começar em 15 minutos (17:15).	• Rafael e Paula	----
5.7 Passar lista de presença	17:40	• Uma vez sentadas as pessoas e antes de Rafael começar a aula, passar a lista aos participantes pedindo que coloquem o nome • Guardar a folha na pasta específica	• Carol pede colocar nomes • Ana Paula responsável de datar, trazer e guardar a lista em pasta	• Pasta específica para a lista
5.8 Ministrar a aula 1- Recursos pesqueiros	17:40 a 18:40 **1 hora**	• Esperar para começar que esteja circulando a lista de presença • Ministrar aula em base à apresentação Power Point • Cuidar tempo!!!	• Rafael	• Computador • Multimídia e tela • Caneta laser • Relógio bem visível
5.9 Perguntas e comentários	18:40 a 19:00 **20 minutos**	• Formular questão planejada e animar perguntas e comentários • Se eles não falam, meninas fazer alguma pergunta para estimular • Às 19:00 hs finalizar e convidar para o lanche	• Rafael	---
5.10 Servir lanche e bebidas	18:55 19:00	• Receber o lanche da Ester • Colocar lanche na mesa	• Carol e Ana Paula	Lanche e bebidas

		• Se integrar nas conversas com os pescadores	• Toda a equipe	
5.11 Acondicionar o local e levar coisas para o CEM	Finalizado o lanche	• Limpar e ordenar o local • Colher os nossos materiais • Desligar luzes e fechar devidamente • Levar coisas ao Labsoc	• Todos • Paula responsável da chave da Sede do Parque	• Pano de cozinha • Esponja pia • Detergente • Vassoura e pá
6. SEGUNDO E TERCEIRO DIAS – AULAS RAFAEL				
6.1 Analisar a enquête inicial	Pela manhã	• Analisar os dados colhidos, especialmente, grau de ensino formal, o que sabem dos temas e expectativas	• Todos, especialmente Rafael	• Enquête inicial
6.2 Ministrar Aula 2. A situação da pesca artesanal	16:00 - 17:00 **1 hora**	• Convocar às pessoas a se sentarem (Não demorar mais de 16:10 para começar) • Ministrar aula em base à apresentação Power Point	• Todos • Rafael	• Computador • Multimídia e Tela • Caneta laser
6.3 Perguntas e comentários	17:00 – 17:15 **15 minutos**	• Formular questão planejada e animar perguntas e comentários • Às 17:15 hs finalizar e convidar para o café anunciando que 17:30 começa a aula seguinte	• Rafael	---
6.4 Intervalo onde oferecemos o café	17:15- 17:30 **15 minutos**	• Seja qual for a hora de inicio do intervalo, a aula deve recomeçar às 17:30.	• Rafael	• Café
6.5 Passar lista de presença	17:30	• Colocar a data na folha • Antes de Rafael começar, passar a lista pedindo que coloquem o nome • Guardar a folha na pasta específica	• Carol pede colocar nomes • Ana Paula responsável de datar, trazer e guardar a lista em pasta	• Pasta específica para a lista
6.6 Ministrar Aula 3. O código de conduta para a pesca responsável	17:30 a 18:45 **1 hora e 15**	• Ministrar aula em base à apresentação Power Point	• Rafael	• Computador • Multimídia e tela • Caneta laser
6.7 Perguntas e comentários	18:45 a 19:00 **15 minutos**	• Formular questão planejada e animar perguntas e comentários • Às 19:00 hs finalizar convidar lanche	• Rafael	---
6.8 Servir lanche e bebidas	18:55	• Colocar lanche na mesa	• Carol e Ana Paula	• Lanche e bebidas

6.9 Acondicionar o local e levar coisas para o CEM	Finalizado o lanche	• Limpar e ordenar o local • Colher os nossos materiais • Desligar luzes e fechar devidamente • Levar coisas ao Labsoc	• Todos • Paula responsável da chave	• Pano de cozinha (do Labsoc) • Esponja e detergente (idem) • Vassoura e pá (idem)
7. QUARTO DIA- OFICINA – CAROL E PAULA				
7.1 Oficina Parte 1	16:00 – 16:50 **50 minutos**	• Anunciar, organizar e conduzir a a primeira parte da oficina • Cuidar de tirar fotos das composições que eles façam com os cartões • Recolher os cartões da oficina e guardar numa sacola com cartaz dizendo que são da primeira parte da oficina • Observar e tomar nota de tudo	• Todos • Carol e Paula (oficina) • Ana Paula (fotos) • Ana Paula (colher cartões) • Rafael (observador)	• Cartolinas (cartões) • Canetas atômicas • Fitas adesivas (testar que colem na parede mesmo) • Envelopes ou Sacolas plástico (guardar cartões)
7.2 Convidar a um intervalo onde oferecemos o café	16:50 a 17:00 **10 minutos**	• Convidar a tomar um café • A oficina deve re-começar às 17:00.	• Carol e Paula	----
7.3 Passar lista de presença	17:00	• Colocar a data na folha • Passar aos participantes pedindo que coloquem o nome • Guardar a folha numa pasta específica	• Ana Paula	• Pasta específica para a lista
7.4 Oficina Parte 2	17: 00 a 18:30 **1 hora e 30 minutos**	• Organizar e conduzir a segunda parte da oficina • Cuidar de tirar fotos das composições que eles façam com os cartões • Recolher os cartões da oficina e guardar numa sacola com cartaz dizendo que são da segunda parte • Observar e tomar nota de tudo	• Carol e Paula (oficina) • Ana Paula (fotos) • Ana Paula (colher cartões) • Rafael é observador	• Cartolinas (cartões) • Canetas atômicas • Fitas adesivas
7.5 Oficina Parte 3	18:30 a 19:00 **30 minutos**	• Organizar e conduzir a terceira parte da oficina • Cuidar de tirar fotos das composições que eles façam com os cartões	• Carol e Paula (oficina) • Ana Paula (fotos)	• Cartolinas (cartões) • Canetas atômicas • Fitas adesivas

		• Recolher os cartões da oficina e guardar numa sacola com cartaz dizendo que são da segunda parte • Observar e tomar nota de tudo • Anunciar que deverão preencher um formulário de avaliação explicando importância de sua opinião • Anunciar que depois de feito será entregue o certificado do curso	• Ana Paula (colher cartões) • Rafael é observador • Carol e Paula fazem o anúncio	
7.6 Enquête final de avaliação	19:00 a 19:15 **15 minutos**	• Repartir a enquête de avaliação (formulários numerados previamente) • Explicar cada item • Assistir eles para o preenchimento • Esperar 10 minutos • Colher e guardar em pasta específica (se assegurar que todos tenham feito a avaliação antes de convidar ao lanche)	• Ana Paula e Rafael • Explicação: Ana Paula • Colher Ana Paula	• Enquête final • Pasta específica
7.7 Entrega de certificados	19:15 a19:20 **5 minutos**	• Colocar nomes nos certificados o dia anterior • Entrega e aplausos!!!!	• Ana Paula coloca nomes nos certificados segundo lista • Rafael e Carol entregam	• Certificados
7.8 Servir lanche e bebidas	19:20	• Colocar lanche na mesa • Lanche	• Paula e Ana Paula	• Lanche e bebidas
7.9 Acondicionar o local e levar coisas para o CEM	Finalizado o lanche	• Limpar e ordenar o local • Colher os nossos materiais • Desligar luzes e fechar devidamente • Levar coisas ao Labsoc	• Todos • Paula responsável da chave	• Pano de cozinha (do Labsoc) • Esponja de pia e detergente • Vassoura e pá (idem)

IV. AVALIAÇÃO E PROCESSAMENTO DE DADOS

ETAPA/TAREFA	DIAS E HORÁRIOS	DESCRIÇÃO	RESPONSÁVEIS	MATERIAL
1. AVALIAÇÃO DO CURSO POR PARTE DA EQUIPE				
1.1 Discussão de avaliação	Dia seguinte ou o antes possível	• Reunião da equipe para avaliação • Em relação ao planejamento e aos objetivos gerais e específicos	• Todos	• Planejamento
1.2 Tomar nota do falado	Idem	• Tomar nota na hora do que se fala e depois elaborar um informe como base do que escreverá na monografia	• Rafael	• Computador
2. PROCESSAMENTO DE DADOS				
2.1 Da lista de presença	Dia seguinte	• Freqüência e continuidade	• Carol e Ana Paula	• Computador
2.2 Da enquête inicial	Manhã de quarta feira	• Começar processamento dos dados introduzindo na base do Excel • Tirar as listas e os dados agrupados, elaborando as tabelas • Categorizar as respostas às perguntas abertas • Leitura e interpretação	• Carol e Ana Paula • Rafael	• Computador
2.3. Enquête final: avaliação	Seguidamente	• Finalizado o processamento da enquête inicial, seguir com esta • Idem que o anterior • Leitura e interpretação	• Carol e Ana Paula • Rafael	• Computador
2.4 Cartões das oficinas	O antes possível	• Voltar aos cartões e composições com estes feitas nas oficinas • Fazer um informe inicial relatando e analisando o ali acontecido	• Carol e Paula • Rafael	• Cartões • Fotos • Computador
2.5. Observação	O antes possível	• Passar a limpo as observações, já selecionando as coisas significativas • Sistematizar a questão das intervenções dos participantes num quadro e informar a qualidade.	• Paula e Rafael	• Caderno de anotações • Computador
2.5. Seleção de fotos	O antes possível	• Ordenar as fotos por dia e atividade • Selecionar as melhores para integrar na monografia	• Ana Paula • Rafael	• Fotos • Computador

APÊNDICE 8- MODELO DE CONVITE UTILIZADO PARA CONVOCAR OS PARTICIPANTES

Curso para Pescadores

"A crise dos recursos pesqueiros: ferramentas para enfrentá-la"

DIAS: 11,12,13 e 14 de novembro de 2008
HORAS: das 16 hrs. às 19 hrs.
LOCAL: Sede Parque Municipal Natural do Manguezal do Rio Perequê

❖ Você sabe qual é a situação dos recursos pesqueiros no mundo e no Brasil?

❖ Você sabe qual é a situação da pesca artesanal no mundo, no Brasil e no Paraná?

❖ Você conhece o Código de Conduta da Pesca Responsável? E os acordos sobre o Trabalho na pesca?

❖ Você conhece as ferramentas utilizadas e o papel de cada um na gestão da atividade pesqueira?

❖ E quais são as instituições envolvidas com a gestão das pescarias e as ferramentas que estão sendo aplicadas no nosso litoral?

Se você têm curiosidade e vontade de entender melhor sobre as questões acima....
venha participar, aprender, ensinar, trocar idéias e conhecer mais.

Esses assuntos afetam a sua vida
PESCADOR E PESCADORA!

CRONOGRAMA DO CURSO

TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEITA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
Inscrição (Questionário inicial)	Aula 2. Situação da pesca artesanal no mundo, BR e PR	Aula 4. Convênio sobre o trabalho na pesca	Oficina. Parte 1: Os conceitos de "Participação" e "Gestão"
Apresentação da equipe e dos participantes	Discussão da Aula 2	Discussão da Aula 4	Intervalo para café
Apresentação do curso	Intervalo para café	Intervalo para café	Oficina. Parte 2: Instituições na gestão pesqueira. Responsabilidades. Aspectos positivos e negativos
Entrega e apresentação do material didático	Aula 3. Código de conduta para a pesca responsável	Aula 5. Gestão pesqueira	Oficina. Parte 3: A árvore dos sonhos
Intervalo para café	Discussão da Aula 3	Discussão da Aula 5	Avaliação do curso. (Questionário final)
Aula 1. Situação dos recursos pesqueiros no mundo e Brasil	Lanche	Lanche	Entrega dos certificados
Discussão Aula 1	X	X	Lanche
Lanche	X	X	X

Realização

Laboratório Sócio-ambiental (LABSOC)

Centro de Estudos do Mar (CEM)

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Apoio

Colônia de Pescadores Z-5 de Pontal do Paraná

Internacional Ocean Institute (IOI)

APÊNDICE 9- MODELO DO CERTEFICIADO ENTREGUE AOS PARTICIPANTES DO CURSO

CENTRO DE ESTUDOS DO MAR
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Universidade Federal do Paraná
Centro de Estudos do Mar/IOI-OC SWAO
Laboratório Sócio-ambiental

INTERNATIONAL OCEAN INSTITUTE
OPERATIONAL CENTER-SW ATLANTIC OCEAN

CERTIFICADO

Certifica-se, para os devidos fins, que o Senhor/a Senhora _____

_____ participou do Curso de formação de lideranças dirigido a pescadores artesanais do Litoral do Paraná, denominado "**Crise dos recursos pesqueiros: ferramentas para enfrentá-la**", oferecido pelo Laboratório Sócio-ambiental do CEM na Sede do Parque Natural Municipal do Manguezal do Rio Perequê, entre os dias 11 e 14 de novembro de 2008, de 16:00 a 19:00 horas, totalizando 12 horas.

Pontal do Sul, 14 de novembro de 2008.

Ac. Rafael Engelhardt
Responsável do Curso

Profa. Dra. Naína Pierri
Responsável do Laboratório Sócio-ambiental

APÊNDICE 10- AVALIAÇÃO DO CUMPRIMENTO DO PLANEJADO, POR FASE E TAREFAS

I. FASE PRÉVIA

ETAPA/TAREFA	SITUAÇÃO	DESCRIÇÃO
1. ELABORAÇÃO DO CONTEUDO DAS AULAS E OFICINAS		
1.1 Desenho geral do curso: objetivos e definição de conteúdos	Realizada	O desenho geral do curso foi concluído por volta do dia 10 de outubro de 2008.
1.2. Preparação das apresentações Power Point	Realizada	As versões finais das apresentações em Power Point ficaram prontas no dia 26 de outubro.
1.3 Preparação das oficinas do último dia do curso	Realizada	O planejamento detalhado das oficinas foi concluído na semana de realização do curso
2. MATERIAL DIDATICO A SER ENTREGUE, ENQUETES, LISTA E CERTIFICADOS		
2.1 Preparação e cópia da apostila a ser distribuída no curso	Realizada	A apostila foi concluída no dia 31 de outubro. As suas cópias ficaram prontas no dia 8 de novembro.
2.2 Elaboração e cópias dos convites, enquetes (inicial e final, lista de presença e certificados)	Realizada	Os convites foram concluídos e impressos por volta do dia 20 de outubro. As enquetes, lista de presença e certificados foram concluídos por volta do dia 28 de outubro. Suas cópias ficaram prontas no dia 8 de novembro.
3. EQUIPAMENTOS PARA O CURSO E MATERIAL PARA PARTICIPANTES		
3.1 Equipamentos p/ curso	Realizada	Os notebooks pertenciam aos integrantes da equipe de execução do curso. O data show utilizado pertencia Centro Acadêmico de Oceanografia da UFPR
3.2 Material p/ participantes	Realizada	As pastas e blocos de anotações foram comprados no dia 1 de novembro. As canetas que foram entregues aos participantes pertenciam ao Labsoc.
4. CONVITE AOS PESCADORES		
4.1 Informação aos pescadores - Definição de participantes - Distribuição de convites	Realizada	Mesmo com todos os problemas que surgiram no processo de convite aos pescadores, essa etapa foi realizada. Alguns pescadores só foram convidados somente no primeiro dia de curso pela manhã.
5. OUTROS		
5.1 Previsão do lanche e bebidas	Realizada	O pedido de lanche foi realizado com antecedência ao responsável pela cantina do Centro de Estudos do Mar.
5.2. Conseguir Local (Sede do Parque do Perequê)	Parcialmente Realizada	O local do curso foi conseguido, entretanto a idéia inicial era que fosse realizado no Parque Natural Municipal do Manguezal do Rio Perequê. Como não foi possível a realização nesse local, o curso foi transferido ao CEM. A mudança do local para EMATER foi uma solicitação dos participantes do curso. O uso desse local foi possível após a solicitação do uso do espaço ao responsável pelo mesmo.

II. TAREFAS PERMANENTES DOS MEMBROS DA EQUIPE DURANTE O CURSO

ETAPA/TAREFA	SITUAÇÃO	DESCRIÇÃO
1. COORDENAÇÃO/SUPERVISÃO		
1.1 Coordenação geral: • Trabalhar com o planejamento supervisionando todos os aspectos • Checar levada e trazida de materiais • Supervisionar o uso do tempo • Se relacionar com os participantes • Resolver ou encaminhar qualquer problema ou imprevisto	Realizada	O único aspecto da coordenação geral que não foi executado com eficácia foi a supervisão do uso do tempo. Em alguns momentos as aulas e discussões ultrapassaram o tempo previsto. No primeiro dia de curso o desenvolvimento das atividades praticamente seguiu o cronograma elaborado. Para o segundo dia as aulas e discussões ultrapassaram o tempo previsto. Nesse dia o atraso acumulado foi de aproximadamente uma hora e por isso a aula sobre o documento da OIT precisou se removida. No terceiro dia, as oficinas demandaram mais tempo do que o previsto e o atraso acumulado também foi de aproximadamente uma hora.
2. OBSERVAÇÃO E REGISTRO		
2.1 Observar tudo e anotar	Realizada	Durante todos os dias de realização do curso foi feito o relato de tudo o que aconteceu. Aspectos como atitudes, intervenções (quem pergunta o que), entre outros eram anotados. Também foi feito o registro do uso do tempo.
2.2 Complementar e passar a limpo	Realizada	Na manhã seguinte dos dias de curso, a pessoa que realizou o relato fazia a complementação e ajustes do mesmo.
3. REGISTROS FOTOGRAFICOS		
3.1 Registrar tudo	Realizada	As máquinas foram testadas previamente ao curso. Um dos integrantes da equipe registrou todos os momentos do curso, desde o trabalho da equipe responsável até os participantes, suas atividade, expressões, entre outros.
3.2 Gravar as fotos no PC	Realizada	As fotos eram descarregadas no computador ao final de cada dia de curso.
3.3. Recarregar pilhas	Realizada	As pilhas foram recarregadas ao final de cada de curso.

III. IMPLEMENTAÇÃO DO CURSO

ETAPA/TAREFA	SITUAÇÃO	DESCRIÇÃO
1. PREPARAÇÃO DE EQUIPAMENTOS E MATERIAIS E TRANSLADO		
1.2 Preparação de equipamentos e materiais	Realizada	Durante todos os dias de curso era feita a checagem de todos os equipamentos. Todo o material utilizado para realização do curso foi acondicionado em caixas e mochilas. A enquete inicial e a lista de presença foram datadas e numeradas previamente. Os relógios da equipe foram ajustados no mesmo horário.
1.2 Translado de equipamentos e materiais	Realizada	Durante todos os dias de curso todo equipamento e material necessário foram transladados do CEM a EMATER e depois levados novamente ao CEM.
2. INSTALAÇÃO DE EQUIPAMENTOS E ACONDICIONAMENTO DO LOCAL		
2.2 Instalação de equipamentos	Realizada	Durante todos os dias a equipe chegava com antecedência ao local do curso e checava o funcionamento de todos os equipamentos.
2.2 Acondicionamento do local	Realizada	Durante todos os dias a equipe responsável chegava com antecedência ao local do curso e arrumava as carteiras e fazia os demais ajustes necessários.
3. CAFÉ		
3.1 Servir café no intervalo	Realizada	Durante todos os dias, momentos antes do início do intervalo, um membro da equipe preparava o local onde eram servidos o café, leite e bolachas.
3.2 Servir lanche ao final	Realizada	Durante todos os dias, momentos antes da finalização da última atividade, um membro da equipe preparava o local onde era servido o lanche.
3.3 Recolher e organizar os utensílios e materiais.	Realizada	Ao final do lanche, os utensílios eram lavados e guardados para serem utilizados novamente posteriormente.
4. RECEBIMENTO DOS PARTICIPANTES PRIMEIRO DIA E ENQUETE INICIAL		
4.1 Recebimento	Realizada	Os participantes foram recebidos na entrada da EMATER no primeiro dia de curso pelos responsáveis do mesmo.
4.2 Aplicar enquête	Realizada	As enquetes foram aplicadas assim que os participantes chegavam. Foi explicado a eles que era um procedimento para inscrição no curso. As enquetes foram guardadas em uma pasta.
5. INICIO DO CURSO- PRIMEIRO DIA (11/11/2008)	NÃO REALIZADO	
O início do curso não começou no dia em que estava programado, pois os participantes não compareceram ao local marcado nesse dia. Por isso, o cronograma idealizado para o curso não pode ser cumprido e teve de ser ajustado. Isso gerou alguns resultados negativos quanto ao planejado no curso. Mesmo com o curso se iniciando mais cedo nos dois dias seguintes, não houve tempo para a apresentação da aula sobre o documento da OIT. O curso teve início no dia 12 de novembro as 16 horas.		
5. INICIO DO CURSO- PRIMEIRO DIA (12/11/2008)		
5.1. Boas Vindas e Apresentação da equipe e dos participantes	Realizada	Primeiro a equipe se apresentou e depois os participantes
5.2 Apresentação do curso	Realizada	Foram explicados aos participantes os objetivos, temas, mecânica e o cronograma do curso aos participantes. Foi discutida a mudança do cronograma.

5.3 Reparto das pastas com a apostila, cadernos e canetas	Realizada	_____
5.4 Observar a apostila junto com eles	Realizada	A apostila foi apresentada aos participantes s foi sugerida aos mesmos a forma de uso desse material.
5.5 Explicação o uso das xícaras	Realizada	_____
5.6 Convidar a um intervalo onde oferecemos o café	Realizada	O intervalo teve duração de 15 minutos.
5.7 Passar lista de presença	Realizada	A lista de presença foi passada antes do início da primeira aula. Assim que preenchida a lista foi guardada.
5.8 Ministrar a aula 1- Recursos pesqueiros	Realizada	A primeira aula teve duração de 50 minutos.
5.9 Perguntas e comentários sobre a aula	Parcialmente Realizada	A discussão estimulada ao final da primeira aula teve grande participação dos pescadores, entretanto em alguns momentos a discussão fugiu do tema apresentado em aula.
5.10 Servir lanche e bebidas	Realizada	Antes no final da aula, foi preparado o local onde o lanche seria servido. Durante o lanche houve grande interação entre a equipe e os participantes. Aos poucos os participantes iam deixando o local do curso e se despediam da equipe.
5.11 Acondicionar o local e levar coisas para o CEM	Realizada	O espaço cedido pela EMATER foi limpo e organizado ao final do primeiro dia de curso. O material da equipe responsável pelo curso foi organizado e levado novamente ao Labsoc.
6. SEGUNDO DIA (13/11/2008)		
6.1 Ministrar Aula 2. Situação da Pesca artesanal.	Realizada	A aula teve início às 15h15min. e teve duração de aproximadamente 1 horas.
6.2 Perguntas e comentários sobre a aula	Realizada	A discussão no final da aula novamente contou com a participação e interesse da maioria dos participantes. A discussão teve duração de aproximadamente 30 minutos e precisou ser encerrada pela equipe responsável pelo curso, pois já havia cedido o tempo programado.
6.3 Intervalo onde oferecemos o café	Realizada	O intervalo teve duração de 15 minutos.
6.4 Passar lista de presença	Realizada	A lista foi passada na volta do intervalo
6.5 Ministrar Aula 3. O Código de Conduta para a pesca responsável.	Realizada	A aula teve início às 17h e teve duração de aproximadamente 1h e 15 minutos
6.6 Perguntas e comentários sobre a aula	Realizada	A discussão sobre o tema dessa aula foi bem produtiva e teve duração de aproximadamente 35 minutos.
6.7 Ministrar Aula 4. Convênio sobre o trabalho no setor pesqueiro	Não Realizada	Nesse momento do curso a maioria dos pescadores já se mostrava cansada. Alguns participantes pediram que a aula fosse apresentada naquele dia, outros pediram que fosse ministrada em outra oportunidade, por isso decidiu-se que essa aula não seria apresentada no presente curso.
6.8 Servir lanche e bebidas	Realizada	_____

6.9 Acondicionar o local e levar coisas para o CEM	Realizada	
7. TERCEIRO DIA (14/11/2008)		
7.1 Ministrar a aula 5. A gestão pesqueira	Realizada	Essa aula começou a ser ministrada às 15h20min. e teve duração de aproximadamente 1h10min.
7.2 Perguntas e comentários sobre a aula	Não realizada	Como a aula já havia se prolongado além do tempo previsto e, durante a apresentação da mesma, várias discussões já haviam ocorrido sobre o seu conteúdo, optou-se por não abrir o espaço para discussões ao final da mesma para não comprometer o desenvolvimento das oficinas.
7.3 Primeira parte da Oficina	Realizada	Essa atividade teve duração de aproximadamente 1h.
7.4 Convidar a um intervalo onde oferecemos o café	Realizada	O intervalo teve duração de 15 minutos.
7.5 Passar lista de presença	Realizada	A lista foi passada na volta do intervalo
7.6 Segunda Parte da Oficina	Realizada	Essa parte teve duração de aproximadamente 1h e 50min.
7.7 Terceira Parte da Oficina	Realizada	A última parte da oficina teve duração de aproximadamente 35 minutos.
7.8 Enquête final de avaliação	Realizada	O questionário final foi aplicado assim que encerrada a terceira parte da oficina. Os questionários foram guardados em uma pasta específica assim que preenchidos pelos participantes.
7.9 Entrega de certificados	Realizada	
7.10 Servir lanche e bebidas	Parcialmente Realizada	Como o tempo para a realização da última parte da oficina era curto, o lanche foi oferecido entre a realização das segunda e terceira parte da oficina e não ao final de todas as atividade. O tempo para o lanche também foi controlado e teve duração de aproximadamente 15 minutos.
7.11 Acondicionar o local e levar coisas para o CEM	Realizada	Ao final do curso, o espaço cedido pela EMATER foi devidamente limpo e ordenado. Os equipamentos e materiais da equipe de execução do curso foram levados novamente ao Labsoc.